Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Letras

Ana Paula Araujo Silva

Prefixos, prefixóides ou elementos de composição? Uma análise crítico-comparativa dos prefixos registrados no *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa* e no *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*

Rio de Janeiro
2009

Ana Paula Araujo Silva

Prefixos, prefixóides ou elementos de composição? Uma análise crítico-comparativa dos prefixos registrados no *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa* e no *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área da concentração: Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Claudio Cezar Henriques

Rio de Janeiro
2009

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEHB

S586 Silva, Ana Paula Araujo.
Prefixos, prefixóides ou elementos de composição ? Uma análise crítico-comparativa dos prefixos registrados no Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa e no Dicionário Houaiss da língua portuguesa / Ana Paula Araujo Silva. – 2009.
196 f.

Orientador: Claudio Cezar Henriques.
Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Língua portuguesa – Sufixos e prefixos – Teses. 2. Língua portuguesa – Morfologia – Teses. 3. Gramática comparada e geral – Formação de palavras – Teses. 4. Gramática comparada e geral – Morfologia – Teses. I. Henriques, Claudio Cezar. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 806.90-541.11

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese.

_____ _____

Assinatura Data

Ana Paula Araujo Silva

Prefixos, prefixóides ou elementos de composição? Uma análise crítico-comparativa dos prefixos registrados no *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa* e no *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área da concentração: Língua Portuguesa.

Aprovada com distinção em 24 de março de 2009.

Banca examinadora:

_____
Prof. Dr. Claudio Cezar Henriques (Orientador)
Instituto de Letras da UERJ

_____
Prof. Dr. José Carlos Santos de Azeredo
Instituto de Letras da UERJ

_____
Prof.ª Dr.ª Nícia de Andrade Verdini Clare
Instituto de Letras da UERJ

_____
Prof.ª Dr.ª Andréa Rodrigues Naylor
Curso de Letras da UNESA

_____
Prof.ª Dr.ª Lúcia Helena Martins Gouvêa
Faculdade de Letras da UFRJ

Rio de Janeiro
2009

DEDICATÓRIA

À minha família

AGRADECIMENTOS

A Deus.

Ao Professor Claudio Cezar Henriques, por sua amizade e pela orientação segura, incentivadora e sempre presente.

Aos Professores José Carlos Santos de Azeredo e Nícia de Andrade Verdini Clare, pelas contribuições no Exame de Qualificação.

À Marinha do Brasil, pelo afastamento temporário concedido para a realização deste trabalho.

Aos professores, funcionários e alunos do Instituto de Letras da UERJ, que tornaram o percurso da Graduação ao Doutorado construtivo e inesquecível.

Science is full of unsolved problems.
(Peter Hugoe Matthews)

As palavras se propõem aos homens como coisas a decifrar.
(Michael Foucault)

Penetra surdamente no reino das palavras; elas têm mil faces secretas.
(Carlos Drummond de Andrade)

RESUMO

SILVA, Ana Paula Araujo. *Prefixos, prefixóides ou elementos de composição?* Uma análise crítico-comparativa dos prefixos registrados no Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa e no Dicionário Houaiss da língua portuguesa. 2009. 196 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

Esta tese examina os critérios utilizados para a definição e identificação dos prefixos em gramáticas tradicionais e modernas, estudos lingüísticos e dicionários. Discute as diferenças entre os processos de derivação e composição, o tratamento dado à prefixação por diferentes autores, a terminologia empregada na análise mórfica, algumas propostas para distinguir os prefixos dos radicais, bem como o conceito de *prefixóide* (ou *pseudoprefixo*). Apresenta ainda uma análise das semelhanças e divergências entre os prefixos registrados nas versões eletrônicas do *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa* (FERREIRA, 2004) e do *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (HOUAISS, 2001), a fim de contribuir para uma descrição mais coerente dos elementos prefixais do português.

Palavras-chave: Derivação. Composição. Prefixação. Análise mórfica. Prefixo. Prefixóide. Pseudoprefixo. Dicionários.

ABSTRACT

This thesis examines the criteria used for the definition and identification of prefixes in traditional and modern grammars, linguistic studies and dictionaries. It discusses the differences between the processes of derivation and compounding, the treatment given to prefixation by different authors, the terminology used in morphemic analysis, some proposals to distinguish prefixes from stems, as well as the concept of *prefixoid* (or *pseudoprefix*). It also presents an analysis of the similarities and divergences between the prefixes registered in the electronic versions of *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 2004) and *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS, 2001), in order to contribute to a more coherent description of the prefixal elements in Portuguese.

Keywords: Derivation. Compounding. Prefixation. Morphemic analysis. Prefix. Prefixoid. Pseudoprefix. Dictionaries.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Classificação de cinco elementos mórficos em obras distintas 12
Quadro 2 – Preposições latinas 22
Quadro 3 – Tratamento dado à prefixação em quatorze gramáticas 47
Quadro 4 – Prefixos de origem latina citados por Câmara Jr. (1975) 65
Quadro 5 – Pseudoprefixos (IORDAN; MANOLIU, 1972; LI CHING, 1973; CUNHA; CINTRA, 1985) 90
Quadro 6 – Prefixos, formas equivalentes e variantes do *DA* 97
Quadro 7 – Prefixos, formas equivalentes e variantes do *DH* 102
Quadro 8 – Prefixos do *DA* 107
Quadro 9 – Prefixos do *DH* 110
Quadro 10 – Classificação dos prefixos do *DA* no *DH* 114
Tabela 1 – Resultados da análise da classificação dos prefixos do *DA* no *DH* .. 118
Gráfico 1 – Classificação dos prefixos do *DA* no *DH* 118
Quadro 11 – Classificação dos prefixos do *DH* no *DA* 119
Tabela 2 – Resultados da análise da classificação dos prefixos do *DH* no *DA* .. 122
Gráfico 2 – Classificação dos prefixos do *DH* no *DA* 122
Quadro 12 – Elementos que formam múltiplos e submúltiplos das unidades de medida 125
Quadro 13 – Prefixos no *DA* e elementos de composição no *DH* 129
Quadro 14 – Prefixos no *DH* e elementos de composição no *DA* 129
Quadro 15 – Elementos registrados em apenas uma das obras 130
Quadro 16 – Prefixos registrados no *DA* e no *DH* 131

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AE21	*Dicionário Aurélio eletrônico – século XXI* (FERREIRA, 1999)
DA	*Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa* (FERREIRA, 2004)
DH	*Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (HOUAISS, 2001)
DM	determinado
DT	determinante
NGB	Nomenclatura Gramatical Brasileira
RAE	regra de análise estrutural
RFP	regra de formação de palavras
SI	Sistema Internacional de Unidades
VOLP	*Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* (2004)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 12

1 A FORMAÇÃO DE PALAVRAS NA GRAMATICOGRAFIA PORTUGUESA 15

1.1 Compêndios gramaticais pré-NGB 15

1.1.1 A *Grammatica da lingoagem portuguesa*, de Fernão de Oliveira 16

1.1.2 A *Grammatica da lingua portuguesa*, de João de Barros 18

1.1.3 A *Grammatica philosophica da lingua portugueza*, de Jeronymo Soares Barbosa 19

1.1.4 A formação de palavras nas gramáticas brasileiras do século XIX 26

1.1.5 A formação de palavras nas gramáticas brasileiras da primeira metade do século XX 31

1.2 Compêndios gramaticais pós-NGB 36

1.2.1 Gramáticas de orientação tradicional 36

1.2.2 Gramáticas recentes 48

2 OUTRAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO DOS PREFIXOS DO PORTUGUÊS 57

2.1 As análises estruturalistas 57

2.1.1 A análise de Pottier 62

2.1.2 As idéias de Câmara Jr. 65

2.1.3 A proposta de Monteiro 70

2.2 A influência do Gerativismo 74

2.2.1 A análise de Sandmann 78

2.2.2 As considerações de Rocha 81

3 OS PSEUDOPREFIXOS OU PREFIXÓIDES 85

4 ANÁLISE DO *CORPUS* 95

4.1 *Corpus* 97

4.2 Cotejo das listas de prefixos 114

4.2.1 Elementos que formam termos empregados na química 123

4.2.2 Elementos que entram na formação de termos que designam unidades de medida 124

4.2.3 Elementos que correspondem a advérbios e preposições do português ... 127

CONSIDERAÇÕES FINAIS 128
REFERÊNCIAS 137
ANEXO A – Prefixos, formas equivalentes e variantes do *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa* (FERREIRA, 2004) 144
ANEXO B – Prefixos, formas equivalentes e variantes do *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (HOUAISS, 2001) 164

INTRODUÇÃO

O último capítulo de nossa dissertação de Mestrado (SILVA, 2004: 64-201) traz a análise de 13.514 (treze mil quinhentos e quatorze) verbetes do *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (HOUAISS, 2001), a fim de verificar a relação entre a vogal átona final dos substantivos e seu gênero. Com o intuito de fazermos uma análise mais precisa, optamos, naquele trabalho, por eliminar os substantivos compostos, as locuções e os estrangeirismos. Entretanto, ao iniciarmos o levantamento dos vocábulos compostos, constatamos a dificuldade de encontrar critérios que estabelecessem uma linha de separação nítida entre afixos e elementos de composição e a conseqüente divergência na classificação de certos elementos mórficos.

Observemos, abaixo, um resumido quadro comparativo baseado nas notas de rodapé de Silva (2004):

Quadro 1
Classificação de cinco elementos mórficos em obras distintas

	DH [1]	*AE21* [2]	Bechara (1999)	Lima (2002)
ab- [3]	elemento de composição	prefixo	____	____
ambi-	prefixo	elemento de composição	prefixo	prefixo
arqui-	elemento de composição [4]	prefixo	prefixo	prefixo
-rana	elemento de composição [5]	sufixo	____	sufixo
-óide	elemento de composição	sufixo	elemento de composição	elemento de composição

[1] *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (HOUAISS, 2001).

[2] *Dicionário Aurélio eletrônico – século XXI* (FERREIRA, 1999).

[3] De *abvolt* e *abampere*.

[4] O verbete *arqu(e/i)-*, registrado como elemento de composição no *DH*, reúne os elementos *arque-* (*arquegônico*), *arqueo-* (*arqueologia*) e *arqui-* (*arquiabade*).

[5] No *DH, -rana* é classificado como elemento de composição. Apesar disso, na etimologia de certos vocábulos registrados na obra, como *batatarana* e *cupurana*, lê-se que *-rana* é um sufixo.

Diante desse quadro, torna-se nítida a dificuldade de analisarmos determinados vocábulos como simples ou compostos. Assim, o que seria apenas um passo da análise do *corpus* de nossa dissertação sobre gênero revelou-se assunto rico o bastante para uma nova pesquisa.

Trabalhar com prefixos e sufixos ao mesmo tempo dificultaria uma análise mais aprofundada do assunto. Esse foi o motivo de dedicar esta pesquisa aos prefixos, elementos que há muito vêm sendo alvo de discussão entre os estudiosos.

O primeiro capítulo deste trabalho apresenta um cotejo do tratamento dado aos elementos mórficos, em especial aos prefixos, e aos processos de formação de palavras em obras referenciais da gramaticografia portuguesa. A seleção baseia-se nos trabalhos de Nascentes (1939), Elia (1975), Clare (2002) e Cavalieri (2003), incluindo publicações que apresentam relevante contribuição ao assunto pesquisado.

No segundo capítulo, buscamos outros critérios para a identificação e conceituação dos prefixos nos estudos da lingüística moderna. Na vertente estruturalista, destacamos os trabalhos de Pottier (1962, 1973), Câmara Jr. (1964, 1975, 1977) e Monteiro (2002); dentre as propostas de autores cujos estudos sofrem a influência das teorias gerativas, analisamos as contribuições de Sandmann (1989, 1991b, 1992) e Rocha (1998).

O terceiro capítulo trata de outro tema que não está de todo assente entre os estudiosos – o conceito de *pseudoprefixo* (também *prefixóide* ou *semiprefixo*), acolhido por Cunha e Cintra (1985). Nele, confrontamos os diversos parâmetros utilizados para a identificação de tal elemento, bem como os exemplos citados, com base nas obras de Maurer Jr. (1951), Iordan e Manoliu (1972), Li Ching (1973), Carvalho (1974), Duarte (1999a e 1999b), Sandmann (1989) e Rocha (1998). Nosso objetivo é verificar se há critérios bem estabelecidos para a formulação de tal conceito e sua necessidade, visto que nos parece possível classificar os elementos arrolados nesses estudos como prefixos ou radicais.

Quais são os critérios adotados em um dicionário para elencar os prefixos de nossa língua? Consegue-se estabelecer uma linha divisória nítida entre os elementos mórficos classificados como prefixos e os considerados elementos de composição? As listas de prefixos apresentadas em dois diferentes dicionários incluem os mesmos elementos? Como são analisados os elementos que correspondem a preposições e advérbios de nossa língua? A fim de tentarmos

responder a tais questionamentos, procederemos, no quarto capítulo, a uma análise crítico-comparativa dos prefixos registrados nas versões eletrônicas de duas conceituadas obras da lexicografia portuguesa – o *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa* (FERREIRA, 2004) e o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (HOUAISS, 2001). A opção de trabalhar com um *corpus* extraído de dicionários surgiu do interesse em verificar o tratamento dado aos prefixos em obras que servem de consulta e referência para milhares de usuários da língua, bem como do intuito de fazer um levantamento que possa contribuir para novos estudos e para a reavaliação dos elementos considerados prefixos nas compilações analisadas.

Acreditamos que as listas de prefixos dos dois dicionários reflitam os mesmos problemas encontrados nas demais obras analisadas, como a inclusão de elementos que só podem ser identificados se recorrermos à diacronia no rol dos prefixos do português e diferentes classificações para constituintes semelhantes, a exemplo de *bi-* e *tri-*. Esperamos encontrar também novos itens dentre os prefixos, ou seja, elementos que não figuram nas listas das gramáticas, devido à tentativa de dar conta do maior número possível de vocábulos e elementos de nossa língua nos dicionários. Assim, a suposição é que o cotejo das duas obras revele divergências e incoerências no tratamento dado aos prefixos, reafirmando a necessidade de novas pesquisas sobre o assunto e de uma revisão na classificação dos elementos mórficos apresentada nos dicionários.

1. A FORMAÇÃO DE PALAVRAS NA GRAMATICOGRAFIA PORTUGUESA

O estudo dos processos de formação de palavras é um tema abrangente e controverso. Um dos pontos que não é consensual entre os estudiosos é a análise das formações com prefixos. Se nos estudos atuais constatamos uma acentuada tendência para se incluir a prefixação nos mecanismos de derivação, a tradição greco-latina tratava prefixação e sufixação como processos distintos, situados, respectivamente, na composição e na derivação. É notável a influência da tradição clássica nas gramáticas mais antigas.

Neste capítulo, procederemos a um levantamento do tratamento dado aos elementos mórficos, em especial aos prefixos, e aos processos de formação de palavras em compêndios gramaticais anteriores e posteriores ao advento da Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB). O breve histórico está organizado em ordem cronológica, de acordo com o ano da primeira edição das obras (indicado entre parênteses após o título). Nas citações e nas referências, indicaremos os dados das edições consultadas. Para não tornar a análise repetitiva e por demais extensa, procuramos selecionar obras que representam importante contribuição ao assunto pesquisado, baseando-nos em Nascentes (1939), Elia (1975), Clare (2002) e Cavalieri (2003), que apresentam publicações referenciais da gramaticografia portuguesa.

1.1 Compêndios gramaticais pré-NGB

A periodização dos estudos filológicos no Brasil feita por Nascentes (1939) norteia diversos trabalhos posteriores sobre o tema. O autor estabelece três períodos, a saber: 1º) **embrionário** (do início da cultura brasileira até 1834, quando Pereira Coruja publica o *Compêndio da gramática da língua nacional*); 2º) **empírico** (até a publicação da *Grammatica portugueza*, de Julio Ribeiro, em 1881) e 3º) **gramatical** (de 1881 a 1939, ano da fundação da Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil). Elia (1975) simplifica a divisão de Nascentes, estabelecendo dois períodos. O primeiro, **vernaculista**, tem início em 1820, data aproximada de nossa independência política, e vai até 1880; o segundo, **científico**, começa com a

publicação da gramática de Julio Ribeiro e termina em 1960. Já Cavalieri estende a periodização de Nascentes para dar conta também dos estudos lingüísticos a partir da quarta década do século XX, distinguindo os quatro períodos a seguir: 1º) **embrionário** (de 1595, data da publicação de *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*, de José de Anchieta, até 1806, quando Antonio Moraes Silva publica o *Epitome da grammatica portugueza*); 2º) **racionalista** (de 1806 a 1881); 3º) **científico** (de 1881 a 1941) e 4º) **lingüístico** (a partir de 1941, com a publicação de *Princípios de lingüística geral*, de Câmara Jr.).

Buscando oferecer um panorama do tratamento dado à estrutura e à formação das palavras em gramáticas anteriores à NGB, a seleção aqui apresentada inclui, além de obras publicadas ao longo dos períodos dos estudos filológicos no Brasil, três compêndios lusitanos dos séculos XVI e XIX. Iniciemos, pois, com a análise da primeira gramática do português.

1.1.1 A *Grammatica da lingoagem portuguesa*, de Fernão de Oliveira

A *Grammatica da lingoagem portuguesa* (1536) é a primeira gramática da nossa língua. Nela, dez capítulos (XXX-XXXIX) são dedicados aos tipos de **dicções** – termo usado como sinônimo de vocábulos e palavras. O autor apresenta uma minuciosa divisão das dicções em **nossas**, **alheias** e **comuns**; **velhas**, **novas** e **usadas**; **próprias** e **mudadas; apartadas** e **juntas**; **primeiras** e **tiradas**, definindo-as, citando exemplos e, vez por outra, mencionando a classificação correspondente em latim. Para verificarmos o tratamento dado às formações com prefixos e sufixos, interessam-nos os quatro últimos tipos de dicções.

As **dicções apartadas** correspondem às chamadas pelos latinos de simples ou singelas. São divisíveis somente em sílabas e letras ou formadas por uma só letra. Abrangem, conforme aponta o autor, muitas conjunções, preposições, advérbios e outras palavras que se declinam, como os artigos, ou não.

A definição das **dicções juntas**, chamadas de compostas pelos latinos, é um tanto confusa, visto que aponta para três possibilidades: palavras cujas partes separadas têm significado próprio e funcionam como “dicções” ou parte delas (*contrafazer*, por exemplo), compostos em que apenas uma parte tem significado próprio (como *refazer* e *desfazer*) e ainda palavras cujas partes separadas não

tenham significado, a exemplo de *então*, *algures* e *tamalavez* (advérbio de uso arcaico que significa “um tanto”, “de algum modo”, “dificilmente”, resultante da contração da expressão “tão a la vez”, segundo o *DH*), dentre outras. Consciente da dificuldade da análise de algumas palavras ditas compostas, Oliveira (1933: 72) ressalta que “nem sempre podemos alcançar de onde vêm as partes deste ajuntamento e também nas dicções derivadas ou tiradas de onde algumas são tiradas é dificultoso saber”.

Apesar de não utilizar o termo *prefixo*, o autor destaca que “algumas partes ou vozes” não possuem significado próprio e não ocorrem independentemente na língua – como *re-* e *des-*. Chama também a atenção do leitor para a existência de palavras que parecem compostas, mas não são, contrastando os grupos *apanhar*, *arranhar*, *açoutar*, *abertura*, *abastança* e *acerto*, de palavras simples, e *acorrer*, *aparecer* e *aconselhar*, em que o *a-* se junta aos verbos *correr*, *parecer* e *conselhar*, formando **dicções juntas**. Menciona ainda a ocorrência de formações com “mais de duas partes”, ou seja, palavras com mais de um prefixo como *desencolher* (< *encolher* < *colher*), e a possibilidade de alterações fonéticas (“mudanças das partes e letras”) que, segundo ele, devem ser estudadas pela ortografia (OLIVEIRA, 1933: 73-4).

O último parágrafo do capítulo dedicado às **dicções juntas** traz breves apreciações sobre os significados que os prefixos acrescentam, formando palavras de sentido semelhante (*torvar* e *estorvar*), próximo (*guardar* e *resguardar*), diferente (*podar* e *apodar*) ou até mesmo contrário (*fazer* e *desfazer*) em relação à palavra a que se adjungem. O autor chega a comentar os valores de alguns prefixos como *re-, des-* e *com-*, mas não se estende sobre o assunto.

As **dicções primeiras**, “cujo nascimento não procede doutra parte mais que da vontade livre daquele que as primeiro pôs”, opõem-se às **tiradas**, “cujos nascimentos vêm doutras algumas dicções donde estas são tiradas” (OLIVEIRA, 1933: 81). São denominadas, respectivamente, primitivas e derivadas pelos latinos. Os exemplos de **dicções tiradas** são de formações sufixais (*tinteiro*, *velhice* e *honrada*). O autor não faz menção aos significados atribuídos pelos sufixos, mas reflete sobre a motivação para formarmos palavras derivadas: a necessidade de nomear o desconhecido ou renomear o que já se conhece. Ao empregar um vocábulo derivado, palavras semelhantes são usadas para nomear coisas que guardam semelhanças entre si. Outros exemplos de palavras formadas por

sufixação são citados nos capítulos dedicados às declinações, inspirados nos ensinamentos do gramático latino Varrão.

1.1.2 A *Grammatica da lingua portuguesa*, de João de Barros

A *Grammatica da lingua portuguesa* (1540), de João de Barros, apresenta quatro partes principais, que tratam, respectivamente, “da letra”, “da sílaba”, “da dicção” e “da construção”. Esta divisão baseia-se, conforme explica o autor, no modelo dos latinos, que “partem a sua Gramática” em Ortografia, Prosódia, Etimologia e Sintaxe (BARROS, 1957: 2).

No início da terceira parte da obra, são apresentados os acidentes dos nomes, a saber: qualidade, espécie, figura, gênero, número e declinação. Interessam-nos os acidentes de espécie e figura.

Em relação à espécie, Barros (1957: 8-11) divide os nomes em **primitivos** e **derivados**. Vocábulos formados por sufixação (*luterano*, *criancinha*, *mulherão* etc.) e derivação regressiva (*suspiro*, *choro*) figuram entre os exemplos de **nomes derivados** citados pelo autor, que os subdivide em **patronímicos**, **possessivos**, **diminutivos**, **aumentativos**, **comparativos**, **verbais**, **participiais** e **adverbiais**.

Ao tratar das figuras dos nomes, Barros estabelece as diferenças entre nomes **simples** (que não fazem sentido se divididos) e **compostos** (formados por duas partes significativas) bem como algumas possibilidades de composições em nossa língua (nome + nome, verbo + nome, verbo + verbo, verbo + advérbio e preposição + nome). O autor assinala, equivocadamente, o fato de, diferente dos latinos e gregos, fazermos composições com apenas dois elementos em português, como mostra o trecho a seguir:

> Nesta maneira de compor uma parte com outra têm os Gregos grande facilidade e é a eles tão comum e fácil, que às vezes compõem uma dicção de quatro significados com que fazem a sua língua muito elegante.
> Os Latinos também fazem suas composições, mas não passam de três partes.
> Nós fazemos a nossa composição de duas e, compondo um nome com outro, dizemos *redefole*, de *rede* e *fole*; *arquibanco*, de *arca* e *banco*.
> Compondo verbo e nome, dizemos *torcicolo*, de *torcer* e *colo*.
> Compondo um verbo com outro, dizemos *mordefuge*, de *morder* e *fugir*.
> Compondo verbo com advérbio, dizemos *puxavante*, de *puxar* e *avante*.
> Compondo nome com preposição, dizemos *traspé*, de *trás* e *pé*.
>
> (BARROS, 1957: 11)

Diversos vocábulos de nossa língua, como *malmequer*, *bem-me-quer* e *capitão-de-mar-e-guerra*, dentre outros, contrariam a afirmação do autor.

Ao buscarmos exemplos de formações com prefixos, verificamos que Barros (1957: 28) analisa a prefixação como um processo de composição, citando *desconheço* como um verbo "composto, que se compôs desta dicção *des* e *conheço*". Antes de partimos para a análise de outra obra, há de se mencionar o fato de os prefixos serem tratados como preposições pelo autor, mesmo que não correspondam formalmente a uma preposição, a exemplo da partícula *re-*, conforme visto no trecho abaixo:

> A preposição não tem espécie como o advérbio, mas tem figura *singela* e *dobrada.*
> [...]
> E, muitas vezes, quando as juntamos por composição ao verbo, mudam a significação dele, e as que se ajuntam são estas: *a, com*, *des*, *re*, como *acordar* (do qual não temos o simples), *concordar*, *desacordar*, *recordar*, *aprazer*, *comprazer*, *desprazer* e muitos outros a que se estas ajuntam. (BARROS, 1957: 40-1)

1.1.3 A *Grammatica philosophica da lingua portugueza*, de Jeronymo Soares Barbosa

Em sua *Grammatica philosophica da lingua portugueza* (1822)[6], Jeronymo Soares Barbosa descreve a gramática como "a arte que ensina a pronunciar, escrever e falar corretamente qualquer língua" e "um sistema metódico de regras, que resultam das observações feitas sobre os usos e fatos das línguas" (BARBOSA, 1866: XI), dividindo-a em duas partes principais, a saber: uma mecânica, em que as palavras são consideradas meros vocábulos e sons articulados, sujeitos às leis físicas; outra lógica, em que as palavras são vistas como sinais artificiais das idéias, sujeitos às leis psicológicas[7]. À primeira parte pertencem a Ortoepia e a Ortografia; à segunda, a Etimologia e a Sintaxe.

---

[6] A 1ª edição, póstuma, foi publicada em 1822, mas a Introdução da obra data de 24 de junho de 1803.

[7] Na descrição do autor, o termo *vocábulo* corresponde ao que a lingüística moderna chama de *significante*, enquanto a *palavra*, analisada na sua totalidade, equivale ao *signo* (*significante* + *significado*).

Cabe lembrar que os dois termos são, na maioria das vezes, usados como sinônimos, posição adotada neste trabalho. Alguns autores, entretanto, consideram *palavras* somente os vocábulos que apresentam um significado lexical (os demais seriam *instrumentos gramaticais*); outros optam por utilizar *palavra* como um termo geral e reservar *vocábulo* para a forma concreta com que cada palavra ocorre nos enunciados (cf. MONTEIRO, 2002: 12-3; AZEREDO, 2002: 67-9).

Herdeiro do Iluminismo, Barbosa critica as obras que seguem o modelo latino e propõe-se a ir além de meras observações práticas em sua gramática. Daí chamá-la de "filosófica e razoada", em oposição a uma gramática "prática e rudimentar".

No capítulo dedicado à Etimologia, as palavras são divididas em **interjectivas** (ou **exclamativas**) e **discursivas** (ou **analíticas)**. À primeira classe pertencem somente as interjeições, "partículas desligadas do contexto da oração, exclamativas e pela maior parte monossílabas e aspiradas" (BARBOSA, 1866: 67). A segunda classe reúne palavras **nominativas** (**nome substantivo** e **nome adjetivo**) e **combinatórias** (**verbo substantivo**[8], **preposição** e **conjunção**). Para o autor, pronomes, artigos e particípios são da mesma espécie que os adjetivos, e os advérbios devem se reduzir às preposições. Assim, estabelecem-se as seis partes elementares da oração portuguesa: três variáveis (substantivos, adjetivos e verbos) e três invariáveis (preposição, conjunção e interjeição).

O autor não trata separadamente dos elementos que constituem as palavras e nem apresenta listas de afixos e seus significados, mas aborda alguns deles ao discorrer sobre os **substantivos comuns derivados**. Estes são divididos em **aumentativos**, **diminutivos**, **coletivos**, **verbais** e **compostos**. Os critérios para tal divisão, que apresenta algumas incoerências, não são explicitados. Ao tratar dos nomes coletivos, por exemplo, o autor cita substantivos primitivos como *nação* e *povo*, dentre outros. O tratamento dado aos sufixos indicativos de grau é mais cuidadoso, visto que se busca estabelecer suas diferentes nuanças significativas, ainda que de maneira limitada, e também seu valor depreciativo ou elogioso. Os substantivos derivados verbais são aqueles formados por sufixação a partir de verbos, como *andarejo*, *andarilho*, *andança* etc. Sob a denominação de derivados compostos, Barbosa (1866: 81) agrupa palavras formadas por justaposição, aglutinação e prefixação, na classificação tradicional, definindo-os como apelativos "que se compõem de duas ou três palavras portuguesas, ou inteiras ou alteradas com algumas mudanças". São citados exemplos de palavras formadas por dois substantivos (*arquibanco*, *mestre-sala*), substantivo e adjetivo (*boquirroto*), adjetivo e substantivo (*salvo-conduto*), verbo e nome (*girassol*), verbo e advérbio (*passavante*), preposição e nome (*contramestre, entrecasco*), dois verbos (*vaivém*) e, finalmente, três palavras (*fidalgo*, *malmequer*).

[8] Barbosa (1866: 126-207) distingue três espécies de verbo que são o **verbo substantivo** (*ser*), os **verbos auxiliares** (*haver*, *estar* e *ter*) e os **verbos adjetivos** (os demais verbos como *amar*, *entender*, *aplaudir* etc.).

Dentre os substantivos derivados mencionados, não há nenhum exemplo de palavras com prefixos que funcionem como meras partículas. Tais formações só aparecem nos exemplos de verbos compostos. Algumas divergências chamam a atenção no trecho que trata do assunto.

O autor considera simples verbos como *aproveitar*, *apedrejar*, *anoitecer*, *engrandecer*, *emagrecer* etc., por não serem formados pela anteposição de uma partícula a um verbo simples, conforme mostra o parágrafo seguinte:

> *Verbos simples* são os que não tem se não uma parte elementar da oração, como: *dizer*, *falar*, *ouvir*, etc. A esta classe pertencem todos os verbos da nossa Língua derivados de nomes com o aditamento do *a* ou *em* no princípio, como são: de *pronto*, *aprontar*; de *manso*, *amansar*; de *pedra*, *apedrejar*; de *noite*, *anoitecer*; de *proveito*, *aproveitar*; de *puro*, *apurar*; de *magro*, *emagrecer*; de *grande*, *engrandecer*, etc. Os quais todos são simples, e não compostos. Porque a verdadeira composição é quando se junta a preposição a um verbo simples, o que não há nestes: pois não há *proveitar*, nem *magrecer*, para se dizer que se compõem com a preposição *a* por *ad*, ou *em* por *in*. (BARBOSA, 1866: 160)

Entre os verbos compostos propriamente ditos, Barbosa enumera os formados pela anteposição de um nome, advérbio, preposição ou da partícula *des-* a um verbo simples, sendo ambos os elementos da língua portuguesa (*manobrar*, *menosprezar*, *sobressair*, *desfazer* etc.). O autor recorre à diacronia para dar conta de verbos como *afligir*, *afeiçoar* e *exortar,* considerando-os compostos impróprios por terem vindo da língua latina "inteiros, e compostos já com as preposições da mesma língua" (BARBOSA, 1866: 161). No mesmo grupo, entram verbos como *retalhar*, *retornar*, *transplantar e transtornar,* formados, segundo o autor, por uma preposição puramente latina e um verbo simples português. Cabe ressaltar o equívoco de tal afirmação, uma vez que a partícula *re-* não era preposição em latim. Era prevérbio, indicando "movimento para trás", "repetição", como em *recēdo* ("caminhar para trás"), *regredĭor* ("regredir") e *recĭdo* ("cair de novo").

Antes de começarmos a análise de compêndios gramaticais brasileiros, vejamos um quadro que reúne as preposições latinas[9]:

[9] As explicações e os exemplos têm como base as gramáticas de Coelho e Silva (1999: 171-8), Faria (1958: 255-65) e Valente (1949: 102-12).

Quadro 2
Preposições latinas

Preposições que regem o acusativo

Ad: indica movimento em direção a, lugar ("junto de"), fim, tempo, conformidade. Ex.: *ad urbem venire* ("vir à cidade"); *ad Tiberim* ("junto ao Tibre"); *quae ad bellum pertinent* ("o que é necessário para a guerra"); *ad senectutem* ("até a velhice").

Adversus, *adversum*: "em frente de", "contra", "para com" (exprime sentimento hostil ou benévolo). Ex.: *castra adversus urbem ponere* ("pôr o acampamento em frente da cidade"); *gratus, pius adversus deos* ("grato, pio para com os deuses").

Ante: "diante de", "antes". Ex.: *ante portas* ("diante das portas"); *ante Roman condĭtam* ("antes da fundação de Roma").

Apud: emprega-se geralmente com nome de pessoa e significa "em casa de", "junto de", "diante de". Ex.: *apud Caesărem* ("em casa de César"); *apud Platōnem* ("em Platão").

Circa, *circum*: "ao redor de", "na vizinhança de", "cerca de". Ex.: *templa circum forum* ("os templos ao redor do foro"); *oppĭda circa septuaginta* ("cerca de setenta cidadelas").

Cis (o contrário de *trans*), *citra* (o contrário de *ultra*): "aquém de", "para cá", "deste lado". Ex.: *cis Taurum* ("aquém do Tauro"); *citra Rhenum* ("pra cá do Reno").

Contra: "em frente de", "contra" (em sentido hostil). Ex.: *contra Galliam* ("em frente da Gália"); *rem publĭcam contra imprŏbos civis defendĕre* ("defender o Estado contra os maus cidadãos").

Erga: "em frente de", "na direção de", "para com". Ex.: *erga aedem sese habet* ("mora em frente ao templo"); *meus erga te amor* ("meu amor para contigo").

Extra: "fora de", "exceto", "sem". Ex.: *extra viem* ("fora do caminho"); *extra culpa esse* ("ser inocente", "sem culpa").

Infra: "abaixo de", "debaixo de", "posterior". Ex.: *infra oppĭdum* ("abaixo da cidade"); *infra mensam* ("debaixo da mesa"); *Homerus non infra Lycugum fuit* ("Homero não foi posterior a Licurgo").

Inter: "entre", "no meio de", "durante". Ex.: *inter urbem et Tiberim* ("entre a cidade e o Tibre"); *inter hostes* ("no meio dos inimigos"); *inter cenam* ("durante a ceia").

Intra: "dentro de", "em menos de". Ex.: *intra muros* ("dentro dos muros"); *intra decimum die* ("em menos de dez dias").

Iuxta: "ao lado de", "perto de", "logo depois", "conforme". Ex.: *iuxta viam Áppiam sepultus est* ("foi sepultado ao lado da via Ápia"); *iuxta murum* ("perto da muralha"); *iuxta necessitatem* ("conforme a necessidade").

Ob: “diante de”, “por causa de”. Ex.: *mors ob óculos mihi versatur* (“está-me diante dos olhos a morte”); *ob eam rem* (“por este motivo”).

Penes: “em poder de”, “nas mãos de”, “junto de”. Ex.: *penes quem est potestas* (“em cujas mãos está o poder”); *decem dies penes amicum fui* (“estive dez dias junto do amigo”).

Per: “por”, “durante”, “através de”, “por meio de”. Ex.: *per decem annos* (“por dez anos”); *per membrānas oculōrum cernĕre* (“ver através da membrana dos olhos”); *per legatos* (“por meio dos embaixadores”).

Post: “depois de”, “após”, “atrás de”. Ex.: *post urbem condĭtam* (“depois de fundada a cidade”); *primus post regem* (“o primeiro depois/abaixo do rei”); *post septem annos* (“após sete anos”); *post tergum* (“atrás das costas”).

Praeter: “diante de”, “ao longo de”, “além de”, “exceto”, “contra”. Ex.: *praeter castra Caesăris suas copias traduxit* (“fez passar suas tropas diante do acampamento de César”); *praeter modus* (“além da medida”); *omnibus sententiis praeter unam* (“por todos os votos exceto um”); *praeter opinionem* (“contra a opinião”).

Prope: “perto de”, “ao lado de”. Ex.: *prope oppĭdum* (“perto da cidade”); *prope me* (“ao meu lado”).

Propter: “perto de”, “ao lado de”, “por causa de”. Ex.: *propter Platōnis statuam* (“perto/ao lado da estátua de Platão”); *propter metum* (“por causa do medo”).

Secundum: “ao longo de”, “imediatamente/ logo depois”, “depois de”, “segundo”, “conforme”. Ex.: *secundum flumen Elaver* (“ao longo do rio Élavere”); *secundum vindemiam* (“logo depois da vindima”); *secundum naturum vivere* (“viver em conformidade com a natureza”).

Supra: “sobre”, “acima de”, além/ mais de”, “antes de” (sentido temporal). Ex.: *supra leges* (“acima das leis”); *supra viginti* (“mais de vinte”); *supra hanc memoriam* (“antes de nosso tempo”).

Trans: “do outro lado de”, “para lá de”, “além de”. Ex.: *trans Rhenum* (“para lá/ além do Reno”).

Ultra: “para lá de”, “além de”, “mais de”. Ex.: *paulo ultra eum locum* (“um pouco para lá do referido lugar”); *ultra vires* (“além das forças”); *ultra quinquaginta viros* (“mais de cinqüenta homens”).

Usque (na prosa clássica, é exclusivamente advérbio): “até” (sentido local e temporal). Ex.: *usque Sicŭlum mare* (“até o mar da Sicília”); *usque tempŏra Alexandri* (“até os tempos de Alexandre”).

Versus: “para”, “em direção a”. Ex.: *Roman versus* (“em direção a Roma”).

Preposições que regem o ablativo

Ab, *abs*, *a*: "de" (indica afastamento de um lugar, ponto de partida ou origem, procedência), "desde" (lugar ou tempo), "da parte de", "a favor de" etc. Ex.: *a signo Vortumni in Circum Maximum venīre* ("vir da estátua de Vertumno ao Circo Máximo"); *a Caesari accepi* ("recebi de César"); *a paruŭlis* ("desde pequeninos"); *ab reo dicĕre* ("falar em favor do réu"); *a materno genére* ("do lado materno").

Coram: "diante de", "em presença de" (pessoas). Ex.: *coram amicis* ("diante de amigos").

Cum: "com", "em companhia de". Ex.: *habitatque cum Balbo* ("mora com Balbo"); *bellum genere cum aliquo* ("guerrear com alguém"); *multa cum diligentia* ("com muita aplicação").

De: "de", "do alto de", "durante", "sobre", "a respeito de", "conforme". Ex.: *de industria* ("de propósito"); *alĭquis de nostris hominĭbus* ("alguém de nossos homens"); *Lucretius et Attius de muro se deiecerunt* ("Lucrécio e Átio se lançaram do alto da muralha"); *de tertia vigilia* ("durante a terceira vigília"); *scribere de aliqua re* ("escrever sobre alguma coisa"); *de more* ("conforme o costume").

Ex, *e*: "de" (diversas noções como origem, matéria, causa etc.), "fora de", "de cima de", "desde", "conforme", "em virtude de", "em conseqüência de". Ex.: *venio ex urbe* ("venho da cidade"); *statua ex aere facta* ("estátua feita de bronze"); *ex volnĕre aeger* ("doente de um ferimento"); *ex muro pacem petiverunt* ("de cima do muro pediram a paz"); *ex illo die* ("desde aquele dia"); *ex composito* ("conforme a combinação").

Prae: "diante de", "por causa de", "em comparação a". Ex.: *prae se agĕre* ("levar diante de si"); *nec loqui prae maerōre potuit* ("nem pôde falar por causa da dor"); *tu prae nobis beātus es* ("em comparação a nós, tu és feliz").

Pro: "diante de", "por", "por causa de", "segundo", "conforme". Ex.: *pro castris* ("diante do acampamento"); *dulce et decorum est pro patria mori* ("é doce e belo morrer pela pátria"); *pro suffragĭo* ("por causa do sufrágio"); *pro viribus* ("segundo suas forças").

Sine: "sem". Ex.: *sine ulla spe* ("sem nenhuma esperança").

Tenus (também usado com o genitivo): "até" (sentido local e temporal). Ex.: *Tauro tenus* ("até o [monte] Tauro"); *Cantabrico tenus bello* ("até a guerra dos Cântabros").

Preposições que regem o acusativo e o ablativo

In:
- com acusativo: “a”, “para”, “para com”, “por”, “contra”, “segundo”. Ex.: *in Italiam profisci* (“partir para a Itália”); in Latinum convertere (“traduzir para o latim”); *amor in patriam* (“amor para com a pátria”); *oratio in Catilinam* (“discurso contra Catilina”); *in meam sententiam factum* (“feito segundo o meu parecer”);

- com ablativo (sem idéia de movimento): “em”, “sobre”, “durante”. Ex.: *in urbe* (“na cidade”); *in flumĭne pons erat* (“havia uma ponte sobre o rio”); *bis in die* (“duas vezes num/ao dia”); *in consulatu* (“durante o consulado”).

Sub:
- com acusativo: “por baixo de”, “sob” (idéia de movimento), “logo depois”. Ex.: *sub iugum mittĕre* (“passar sob o jugo”); *sub lucem* (“ao raiar do dia”); *sub noctem* (“ao cair da noite”); *statim recitātae sunt tuae* (“logo depois desta carta, foi lida a tua”);

- com ablativo: “sob” (sem idéia de movimento), “debaixo de”, “ao pé de”, “pelo tempo de”, “no momento de”. Ex.: *sub rege* (“sob o governo de um rei”); *sub terra habitāre* (“habitar debaixo da terra”); *sub monte* (“ao pé do monte”); *sub bruma* (“no momento do solstício do inverno”).

Subter:
- com acusativo (uso mais comum): “debaixo de”, “abaixo de”. Ex.: *cupidiāttem subter praecordia locavit* (“localizou o desejo abaixo do diagragma”);

- com ablativo: “sob”. Ex.: *subter densa testudĭne* (“sob a espessa concha da tartaruga”).

Super:
- com acusativo: “sobre”, “em cima de”, “além de”, “mais de”, “durante”. Ex.: *super aspĭdem adsidĕre* (“sentar-se sobre uma serpente”); *super decem milia* (“mais de dez mil”); *super cenam* (“durante a ceia”);

- com ablativo: “sobre”, “a respeito de”. Ex.: *super alĭqua re scribere* (“escrever sobre alguma coisa”).

1.1.4 A formação de palavras nas gramáticas brasileiras do século XIX

A publicação da *Grammatica portugueza* (1881)[10], de Julio Ribeiro, dá início ao período denominado **gramatical** ou **científico** dos estudos filológicos no Brasil. Influenciado pelo método histórico-comparativo europeu, o autor busca utilizar um método de investigação científica para analisar os fatos gramaticais e expor com clareza suas leis, afastando-se da gramática filosófica.

A obra divide-se em duas partes principais: Lexiologia e Sintaxe. A primeira subdivide-se em Fonologia (Fonética, Prosódia e Ortografia) e Morfologia (Taxeonomia, Campenomia e Etimologia); a segunda, em Sintaxe Léxica, Sintaxe Lógica e Regras de Sintaxe. Vejamos o que é apresentado sobre a formação de palavras.

Na seção dedicada à Campenomia, antes de discorrer sobre a flexão nominal e a flexão verbal, o autor distingue dois elementos principais nas palavras variáveis, tema (ou radical) e terminação (ou desinência), diferenciando o primeiro da raiz, "elemento primo da palavra, o som que encerra a idéia matriz, conservada pura através das migrações etimológicas" (RIBEIRO, 1891: 83). Menciona ainda que o tema pode ser constituído pela raiz em sua pureza (como *ger*, de *gerir*), formado pela raiz modificada por um prefixo (a exemplo de *inger*, de *ingerir*) ou construído com a alteração da raiz (como *sab*, de *saber*; raíz alterada *sab* e raiz primitiva *sap*).

Na seção sobre Etimologia, o autor observa que as palavras da língua portuguesa se derivam de palavras da língua latina, considerada mãe, de outras palavras do português ou de palavras de línguas estrangeiras antigas e modernas. Ao tratar dos substantivos do segundo grupo, define o afixo inconvencionalmente como "**a palavra** [grifo nosso] que, ajuntada a uma palavra já existente ou ao seu tema, modifica-lhe a significação por meio de uma idéia acessória que lhe acrescenta", dividindo-o em prefixos e sufixos, de acordo com sua posição em relação ao tema (RIBEIRO, 1891: 151). Falta clareza na definição dos afixos como palavras, e não como elementos mórficos, bem como no uso do termo **derivadas-compostas**[11] para nomear as formações com esses elementos.

---

[10] Elia (1975: 121) alerta que a forma definitiva da obra de Julio Ribeiro é a da segunda edição, de 1884.

[11] "As palavras formadas de outras por meio de afixos chamam-se *derivadas-compostas*." (RIBEIRO, 1891: 152)

Nota-se que tal termo é deixado de lado quando o autor trata da formação dos verbos portugueses, separando os processos de derivação e composição. Os verbos com sufixos são considerados derivados (*damejar*, *poetizar*, *escrevinhar* etc.) e as formações do tipo "prefixo + verbo" são incluídas na composição (*dispor*, *repor*, *compor* etc.).

Publicada na mesma década que a gramática de Julio Ribeiro, a *Grammatica portugueza* (1887), de João Ribeiro, apresenta uma abordagem mais coesa dos processos de formações de palavras. A obra inicia-se pelo estudo da classificação do vocábulo (Taxionomia) e de suas formas e variações de forma (Morfologia). Os capítulos seguintes são dedicados ao estudo da proposição (Sintaxe) e dos sons (Fonologia).

Ao definir os elementos morfológicos (tema, terminação ou desinência, raiz e afixo), o autor busca diferenciar prefixos e sufixos não apenas por serem antepostos ou pospostos à "palavra principal", observando que "o *prefixo* tem uma noção definida e mais positiva do que o *sufixo*" (RIBEIRO, 1923: 49). Os prefixos *pre-* e *sub-*, por exemplo, denotam sempre, ou quase sempre, "antecipação" e "lugar inferior", respectivamente; já o sufixo *-eiro* tem várias acepções (indica o continente em *tinteiro*, o agente da ação em *cavaleiro*, a árvore em *pinheiro* etc.). Ademais, o prefixo é considerado um "elemento de composição" (RIBEIRO, 1923: 50).

Em nota sobre a relação entre o sentido das palavras e seus elementos mórficos, o autor parece sensível aos estudos sincrônicos ao reconhecer a perda da noção individual de elementos outrora significativos com a evolução fonética de certas palavras, a exemplo de *marmota* (*murem-montis*, rato dos montes), e a falta de consciência dos usuários da língua sobre o sentido dos termos que formam vocábulos como *guardanapo* e *malas-artes*, dentre outros. No entanto, também se refere a tais palavras como compostas.

A obra traz dois capítulos específicos sobre os processos de formação das palavras. Neles, o autor trata da composição (por justaposição, por aglutinação e por prefixação), da derivação própria (com o acréscimo de sufixos) e da derivação imprópria (que se faz sem sufixo), advertindo que a última não é uma derivação, "é, sim, apenas mudança de categoria ou de classe" (RIBEIRO, 1923: 128). Menciona também, sem utilizar o termo parassíntese, verbos derivados formados com acréscimo simultâneo de um prefixo e um sufixo, como *embarcar*, *alinhar*, *desasnar*, *empobrecer*, *enriquecer* etc. Um último comentário a se fazer sobre a obra de João

Ribeiro é o fato de suas listas de prefixos e sufixos incluírem radicais gregos e latinos como *philo*, *tele*, *cida* e *cracia*.

O caráter historicista e evolucionista dos *Serões grammaticaes* (1890) é revelado já no prólogo da primeira edição, em que Ernesto Carneiro Ribeiro classifica como incompleto "[...] todo o estudo da gramática a que não acompanham as observações sobre a história da língua em sua evolução progressiva, como um organismo vivo [...]" (RIBEIRO, 1950: [7]). Contrastando as duas direções dadas pelos escritores ao estudo da ciência da linguagem – ênfase no sentido das palavras, na sua função e no seu valor lógico (a exemplo dos gregos e latinos) ou nos elementos mórficos das palavras, considerando-as sob seu aspecto material (como os gramáticos da Índia) –, o autor aponta a necessidade de um estudo da gramática que aproxime essas duas orientações, fazendo com que se completem.

No início da seção dedicada à Lexicologia, a tendência de seguir a segunda direção é acentuada. A Morfologia é definida como a "parte da *lexicologia* que estuda a palavra em sua forma e estrutura, isto é, como um todo composto de órgãos" (RIBEIRO, 1950: 101). Esses órgãos ou elementos morfológicos correspondem aos morfemas. A princípio, apenas a raiz, o radical ou tema e os afixos são apresentados como partes dos vocábulos; no decorrer da explanação, no entanto, as desinências são definidas e contrastadas com os sufixos, configurando-se, assim, dois tipos de terminações: as acidentais ou puramente gramaticais (que indicam as variações de gênero, número, modo, tempo e pessoa) e as específicas (que modificam o sentido do radical da palavra).

Os termos radical e tema são tratados como sinônimos. O autor procura diferenciá-los da raiz tanto pela forma quanto pelo sentido no trecho abaixo:

> Entre os termos *raiz* e *radical* ou *tema* faz-se a distinção seguinte: a *raiz* é o elemento geralmente monossilábico, irredutível, comum às palavras que ela forma, pode constar apenas de um grupo consonântico, exprime uma idéia geral e vaga, sem a idéia acessória de tempo, lugar, pessoa ou número; o *radical* ou *tema*, porém, tem por si mesmo uma significação; é uma palavra mais ou menos completa; é o que fica intacto e invariável, quando ao vocábulo se tiram as letras ou sílabas que denotam os acidentes dos nomes, pronomes, adjetivos e verbos.
>
> (RIBEIRO, 1950: 102)

Observa, porém, que os três termos muitas vezes são considerados sinônimos. Seguindo o caráter histórico da obra, o autor ocupa-se do estudo das raízes, dividindo-as em dois tipos (**atributivas**, **predicativas** ou **nocionais** e **pronominais**, **demonstrativas** ou **relacionais**) e citando várias famílias derivativas

que agrupam palavras cuja relação semântica se perdeu ao longo do tempo, como mostra o exemplo a seguir:

> **Fac, faz, fec, fei, fic, fact, feit, fect** – Da raiz *fac* e suas variantes procedem os vocábulos seguintes: *fazer, fazendo, facto, fazedor, feito, leitura, feição, feitor, feitoria, factura, fazenda, affeito, refeito, desfeito, confeito, confeição, faculdade, bemfazejo, bemfeitor, bemfeitura, beneficio, edificio, edificar, reedificar, beneficiar, affeição, beneficencia, contrafeito, contrafazer, defeito, affectar, affectado, facil, facilidade, difficil, difficuldade, facilitar, facticio, defectivo, coefficiente, deficiente, confecção, defecção, refeição, effeito, efficaz, efficiente, inefficaz, malfeito, maleficio, malfeitor, indefectivel, infecto, desinfectado, infectar, officio, official, officina, officiar, officioso, officiante, prefeito, prefeitura, perfazer, perfeito, perfeição, facção, efficazmente, perfeitamente, sufficiente, insufficientemente, sufficiencia, deficiencia, insufficiencia, satisfazer, satisfactorio, fac-simile, fac-totum, prefacio, prefacção, trafico, traficante, factivel* e todas as palavras em que entra o suffixo *ficar* [...].[12]
>
> (RIBEIRO, 1950: 111)

Como diversos outros estudiosos, E. C. Ribeiro diferencia prefixos e sufixos[13] pela posição que ocupam quando se apõem ao radical e pelo tipo de palavra que formam, compostas e derivadas, respectivamente. Em certos trechos de sua obra, no entanto, os dois tipos de afixo são chamados de "elementos derivativos" (cf. RIBEIRO, 1950: 110).

Ao tratar das palavras compostas, o autor admite a dificuldade de se deduzir o significado dos elementos mórficos que constituem vocábulos como *morcego* – do latim *murem* (rato) e *coecum* (cego) – e *avestruz* de *avis struthio*, mas não cogita a hipótese de considerá-los simples em português, observando que há uma *composição propriamente dita* quando os "elementos se ajuntam e aproximam, modificando-se mais ou menos profundamente" (RIBEIRO, 1950: 106). Apesar de contrapor prefixação e justaposição como dois tipos distintos de composição[14], os exemplos apresentados refutam tal oposição, visto que dentre os justapostos estão vocábulos como *sobreposse*, *antesala*, *malcriado* etc., cujos primeiros elementos são citados nas listas de prefixos da obra. Dentre os exemplos de compostos por prefixação, registram-se os vocábulos *antepor*, *benfeitor*, *depor*, *transluzir*, *recorrer* etc. São mencionados também compostos irregulares como onomatopéias (*zum-zum*, *tique-taque*, *zás-trás*) e certas locuções "em que entram várias categorias gramaticais e que freqüentemente ocorrem no falar chulo e familiar", a exemplo de

[12] Optamos por manter a grafia original do trecho para melhor ilustrar a raiz e suas variantes citadas pelo autor.

[13] O autor menciona ainda os infixos, ressaltando que só ocorrem em português nos casos em que há mesóclise como em *dir-te-ei*, *dil-o-ei* etc. (RIBEIRO, 1950: 102)

[14] "Quando as palavras *compostas* se formam [...] pelo ajuntamento, em um só todo, de dois ou mais elementos gramaticais, dizem-se formadas por **justaposição**; quando, porém, se efeitua a composição pela adição de um prefixo à palavra simples, dizem-se as palavras *compostas* por **prefixação**." (Ibid., p. 105-6)

ao Deus dará, *um dize tu direi eu* (uma disputa), *Maria-das-pernas-compridas* (chuva), *não vale dez reis de mel coado* etc. (RIBEIRO, 1950: 107).

Ao analisarmos as listas de prefixos e sufixos apresentadas na obra, mais contradições são encontradas. Nelas, figuram diversos elementos gregos que participam da formação de compostos eruditos como *zoo* (prefixo), *logia* (sufixo) e *bio* (prefixo ou sufixo), dentre outros. Assim, uma palavra como *biologia* seria formada por um prefixo e um sufixo, ou seja, não teria radical. E qual seria o seu processo de formação? Se vários elementos são ora prefixos ora sufixos, de acordo com a posição que ocupam em um vocábulo, o que justificaria o tratamento da prefixação e da sufixação como processos distintos situados, respectivamente, na composição e na derivação?

E. C. Ribeiro trata ainda dos derivados que se formam sem sufixos (*compra*, *venda*, *choro*, *gasto* etc.) e dos vocábulos em que prefixos e sufixos se combinam com a "palavra principal ou tema" (*enterramento*, *desanimar*, *empobrecer*, *insistente*). Os últimos recebem a designação de **parassintéticos** (RIBEIRO, 1950: 110).

Com a *Grammatica Descriptiva* (1894), de Maximino Maciel, finalizamos as obras anteriores ao século XX apresentadas neste capítulo. Em seu prólogo, o autor afirma que a obra terá uma orientação inteiramente diferente do que se publicava sobre gramática portuguesa. Não é o que, em geral, verificamos no que concerne à formação das palavras.

As análises dos constituintes dos vocábulos apresentadas pelo autor são de cunho diacrônico. Os afixos são definidos sem muita precisão como "elementos acessórios que, aglutinando-se à raiz, lhe modificam mais ou menos a significação geral" (MACIEL, 1918: 79). Utilizando ora o critério da significação, ora o da grafia, o autor divide os prefixos em **expletivos** (*a*presentar, *em*barcar, *es*cola), **inexpletivos** (*re*fazer, *com*bater, *ex*pugnar), **assimilados** (*col* + legio, *ap* + parecer, *sup* + portar) e **justapostos** (*ex*-chefe, *sub*-diretor, *vice*-rei), recorrendo à estrutura latina em muitos dos exemplos. Em relação aos sufixos, Maciel enfatiza seu papel muitas vezes determinante na categoria gramatical dos vocábulos. Cita também os infixos, elementos com função conectiva que aparecem em palavras como doc-*u*-mento, sent-*i*-mento, flor-*z*-inha, dour-*a*-dor etc.

Ao lado da **derivação própria** (ou **orgânica**) e da **imprópria** (ou **inorgânica**), o autor inclui a **espontânea** (ou **popular**), que dá origem a vocábulos formados

apenas por influência popular, de maneira intuitiva, como as onomatopéias. Tal inclusão, no entanto, não leva em conta a estrutura das palavras formadas.

Na obra, a **composição** é dividada em três tipos, a saber: **por justaposição**, **por aglutinação** e **por locução**. Inserida nos processos de composição, a prefixação é apontada como "a modalidade mais importante da aglutinação" (MACIEL, 1918: 222), apesar de o autor ter-se referido a prefixos justapostos, conforme comentado acima. Há também menção à **parassíntese** (em que coincidem os processos de prefixação e sufixação, como em *envelhecer* e *adocicar*) e ao **hibridismo**, sem que este seja apontado como um processo distinto de formação de palavras.

1.1.5 A formação de palavras nas gramáticas brasileiras da primeira metade do século XX

No capítulo sobre Etimologia de sua *Gramática expositiva* (1907), Eduardo Carlos Pereira propõe-se a analisar apenas os processos de derivação e composição, uma vez que o estudo da origem e evolução dos vocábulos pertence à gramática histórica. Esclarece também escapar ao domínio da gramática expositiva um estudo mais aprofundado dos elementos morfológicos das palavras, optando por descrever tema, radical e raiz como "parte central da palavra não só quanto à *forma material*, mas ainda quanto à *idéia* ou *significação*" (PEREIRA, 1940: 176) e acrescentar uma observação sobre o caráter histórico do estudo da raiz.

Suas considerações sobre os processos de formação de palavras seguem, em geral, a tradição. Suas definições não esclarecem as diferenças entre os dois principais processos, pois conceituam a derivação como o "processo pelo qual de umas palavras se originam outras chamadas DERIVADAS" e a composição como o "processo pelo qual se formam palavras novas com a união de dois ou mais elementos, como, p. ex.: *re* + *fazer*, *couve* + *flor*, *água* + *ardente* = *refazer*, *couve-flor*, *aguardente*" (PEREIRA, 1940: 177; 187). Os exemplos apresentados mostram que as formações com prefixos são consideradas palavras compostas.

O autor observa que o sufixo tem valor significativo, mas que este só se revela junto ao tema. Já o prefixo pode ser **expletivo** (quando não agrega idéia nenhuma ao tema) ou **inexpletivo** (significante) e **separável** (empregado

separadamente na frase como *com*, *contra* e *bem*) ou **inseparável** (partícula que não aparece isoladamente nas frases como *in*, *re* e *circum*).

Na seção dedicada à composição, Pereira (1940: 198-9) trata também do hibridismo, "composição de palavras com elementos de línguas diversas, como *monóculo* (gr. *monos*, lat. *óculos*)", e das palavras parassintéticas (*empoçar*, *exorbitar*, *injustiça*, *interoceânico*), formadas com três elementos justapostos – prefixo, tema e sufixo. Os exemplos de vocábulos parassintéticos citados revelam que, para o autor, o acréscimo dos afixos não precisa ser simultâneo para que haja parassíntese.

Ao contrário de Pereira, José Oiticica não segue a tradição no tratamento dado à estrutura e à formação das palavras em seu *Manual de análise* (1919). O autor propõe o uso do termo **morfoses** para designar os elementos mórficos. Alega julgar tal termo necessário, mas não revela por quê. O quadro geral das **morfoses** apresentado por Oiticica é extenso, incluindo a raiz, o radical, os morfemas (vogal prostética, prefixo, infixo[15], sufixo, desinência, vogal epitética[16] e consoante epitética[17]), o tema e a terminação. Em alguns momentos, sua análise baseia-se em critérios diacrônicos; em outros, não conseguimos perceber a fundamentação do autor.

Sem falar especificamente em derivação ou composição, Oiticica (1953: 72) define os afixos como "as morfoses significativas que se prendem à raiz", dividindo-os em prefixos e sufixos. Em seguida, o autor apresenta os termos **palavras-prefixos** e **palavras-sufixos** para designar palavras que se antepõem ou pospõem ao radical, "inalteradamente ou não", como *contra-* e *-mente*. Reconhece, no entanto, a existência de vocábulos compostos somente de uma palavra-prefixo e outra sufixo (*benefício*, *malévolo*), com prefixo no lugar da raiz (*como* de *comédo*) e até com "dois prefixos e dois morfemas adjetivais (*re-c*-i-*pro-co*)". Afirma também

[15] Para Oiticica (1953: 73-4), são *infixos* a *vogal eufônica*, a *consoante eufônica* e a *vogal de ligação*. Os dois primeiros tipos facilitam a pronúncia, intercalando-se no radical ou entre o radical e um afixo, como em *g*-a-*rupa* (de *kruppa*) e *cha*-l-*eira*. Sob a designação de *vogal de ligação*, elemento que une duas morfoses, o autor reúne um grupo heterogêneo que compreende as vogais que indicam a conjugação dos verbos (*am-a-r*, *perd-e-r*, *part-i-r*), que ligam dois radicais latinos (*alv-i-negro*) ou gregos (*morf-o-logia*) e a vogal *u* do antigo particípio passado, que se mantém em *te-ú-do*, *conte-ú-do* etc.

[16] "*Vogal epitética*, em português, é o *e* acrescentado a palavras terminadas em consoantes não finais; ex.: *bond-E*, *club-E*." (Ibid., p. 74)

[17] "*Consoantes epitéticas* são as que se acrescentam a certos radicais terminados em vogal. Isso se faz, em geral, por analogia com outras palavras. A consoante epitética em português é *s*; ex.: *ante-s* de *ante*; *Marica-s*; um *fole-s*, etc." (Ibid., p. 74)

que as palavras-prefixos, “como aliás todo prefixo ou sufixo”, têm uma raiz (OITICICA, 1953: 73). Constata-se, assim, que, além de não tratar da distinção entre os processos de formação de palavras, o autor não consegue estabelecer claramente as diferenças estruturais e semânticas entre *palavras*, *radicais* e *afixos.*

Mais adiante, depois de listar os prefixos latinos e gregos, Oiticica (1953: 121) menciona a existência de palavras gregas “que têm assumido, em português, a função de prefixos ou radicais e a que poderemos chamar palavras-prefixos ou palavras-radicais”, referindo-se aos radicais de compostos eruditos. As noções de **palavras-prefixos**, **palavras-radicais** e **palavras-sufixos** introduzidas pelo autor parecem uma antevisão dos conceitos de *prefixóides* e *sufixóides*, que surgirão posteriormente nos estudos dos elementos mórficos e aos quais dedicaremos o terceiro capítulo deste trabalho.

Enquanto Oiticica deixa de lado as diferenças entre composição e derivação, na introdução aos capítulos dedicados à formação de palavras de sua *Gramática histórica da língua portuguesa* (1931)[18], Manuel Said Ali reconhece que há controvérsia sobre o sentido e o domínio lingüístico dos dois processos. O primeiro consiste “em criar palavras novas combinando vocábulos já existentes”; o segundo, em acrescentar “certos elementos formativos” a palavras existentes, fazendo com que adquiram um sentido novo, “referido contudo ao significado da palavra primitiva” (ALI, 2001: 172).

Incluindo prefixos e sufixos no âmbito da derivação[19], o autor os diferencia por se colocarem antes do vocábulo derivante ou no fim deste. Admite, no entanto, que a fronteira entre a derivação prefixal e a composição não está bem demarcada, uma vez que grande parte dos prefixos são “preposições e advérbios, isto é, vocábulos de existência independente” (ALI, 2001: 172). Para justificar o estudo da prefixação na derivação, argumenta que certos prefixos, como *des*-, *re*- e *in*-, não são usados como palavras independentes e que, às vezes, é difícil determinar também a linha

[18] A *Gramática histórica* reúne as obras *Lexeologia do português histórico* (1921) e *Formação de palavras e sintaxe do português histórico* (1923), com algumas alterações.

[19] Conforme aponta Henriques (2007: 19), na *Gramática secundária da língua portuguesa*, cuja primeira edição data de 1923, Ali inclui os prefixos latinos na derivação e os gregos na composição. Na *Gramática histórica* (1931), a listagem de prefixos, que só é apresentada na derivação, exclui alguns prefixos latinos citados na obra anterior (como *a-*/*ad-*, *ab-*/*abs-* e *ultra-*) e inclui apenas um prefixo grego (*anti-*), englobando os seguintes elementos: *con-*/*com-*/*co-, in-*/*im-*, *des-*, *ex-*, r*e-, soto-*/*sota-*, *suso-*, *sobre-*/*super-*/*supra-*, *ante-*, *anti-*, *circum-*, *cis-*, *vice-*/*viso-*/*vis-*, *bis-*, *pre-*/pro-/*per-*, *contra-*, *entre-*/*inter-*, *so-*/*sub-* e *trans-*.

demarcatória entre derivação sufixal e composição, como no caso dos advérbios em *-mente*[20].

Em suas obras, o pioneiro Ali apresenta concepções inovadoras com sólida argumentação e embasamento teórico. Clare (2002: 18) observa que o trabalho do autor "só se tornou reconhecido após a década de 60, com os novos estudos lingüísticos já valorizados". Em relação à formação vocabular, merecem destaque também outras duas posições tomadas pelo autor, a saber:

- a preocupação em estabelecer a diferença entre as análises diacrônica e sincrônica da formação de palavras, considerando primitivos verbos como *esquecer*, *receber*, *vingar*, *julgar*, *resistir* etc. (antigos verbos derivados) e palavra simples o substantivo *vinagre*;
- a exclusão da chamada "derivação imprópria" (emprego de um vocábulo em uma classe gramatical diferente), alegando caber à semântica, e não à derivação, o estudo da mudança de sentido e de função que sofrem as palavras. Os processos de derivação apresentados pelo autor são, além da prefixação e da sufixação, a derivação parassintética (emprego simultâneo de prefixo e sufixo) e a regressiva (obtenção de palavra nova por subtração de elemento formativo).

Finalizemos a análise dos compêndios gramaticais que antecedem a NGB com uma obra publicada pouco mais de uma década antes da portaria, a *Gramática normativa da língua portuguesa* (1944), de Francisco da Silveira Bueno.

O autor distingue os termos radical e raiz, mas considera tema e radical sinônimos. Divide os afixos em prefixos, infixos[21] e sufixos. Apresenta a divisão dos prefixos em **expletivos** e **inexpletivos**, como outros autores anteriormente citados aqui. Em relação à forma, divide-os em **justapostos** (que permanecem intactos quando se unem à raiz, ao tema ou ao radical: *sub* + *delegado*, *contra* + *dizer*) e

[20] O sufixo adverbial *-mente* origina-se do substantivo latino *mens, mentis* ("espírito, alma, razão, sabedoria"), que aparecia em formações como *bona mente* ("de boa vontade"), junto a um adjetivo adequado à sua significação. Com o passar do tempo, o vocábulo *mente* sofreu um esvaziamento de significação e perdeu também seu valor de substantivo, passando a atuar como forma presa em inúmeros advérbios como *rapidamente*, *recentemente* etc.

[21] Os infixos têm em Bueno um de seus grandes defensores. O autor considera infixos a vogal *e* de certos verbos (*esbofetear*, *balancear*) e as consoantes eufônicas *z*, *l* e *t* (*paizinho, chaleira e cafeteira*). Os termos vogal temática e vogal de ligação são utilizados para designar o som que serve de ligação entre o tema e a terminação ou o sufixo, como a vogal *i* das formações latinas (*plen-i-lúnio*), a vogal *o* das formações gregas (*anf-o-donte*) e as vogais das conjugações verbais (BUENO, 1968: 86-7).

aglutinados ou **assimilados** (que se modificam de acordo com a fonética como em *sopapo* de *sob+ papo*).

Bueno (1968: 77; 87-90) considera as formações com duas palavras (*guarda-civil*, *madrepérola*, *cronômetro* etc.) semelhantes às formações com prefixos, congregando-as na composição, visto que, em ambos os casos, o elemento principal encerra a idéia de maior importância e o elemento secundário modifica o primeiro, particularizando-lhe o significado. A diferença residiria no fato de não possuírem os prefixos uma significação quando isolados, enquanto aquelas palavras conservam significado próprio quando separadas. Nessas afirmações do autor, podemos apontar três lacunas: ao mencionar a mudança no significado da palavra primitiva, esquece-se dos prefixos expletivos; ao tratar os prefixos como partículas sem significado autônomo, não leva em conta elementos como *contra-*, *entre-* etc.; deixa de lado ainda o fato de os sufixos também acrescentarem uma idéia acessória, o que não justificaria a separação dos afixos em processos de formação de palavras distintos.

Os sufixos também são descritos por Bueno (1968: 81-2) como partículas que nada significam isoladamente, mas acrescentam um novo significado ao tema da palavra ou mudam sua classe gramatical. O autor faz questão de frisar a diferença entre os sufixos, usados para formar novas palavras, por derivação, e as simples terminações que indicam gênero e plural, por exemplo.

Segundo Bueno (1968: 88), as palavras que apresentam mais de um prefixo, como *desinfeliz e desinquieto*, são casos de *prefixação composta*. Quando há mais de um sufixo (*amadorismo*, *molengueiramente*), o autor prefere falar em *derivação dupla* ou *tripla*. Trata também da formação parassintética, da derivação imprópria e da derivação regressiva.

Verificamos, nas obras até aqui analisadas, grande diversidade na terminologia utilizada. Muitas vezes as classificações apresentadas carecem de argumentos consistentes e de coerência. Dentre os problemas relativos à estrutura e à formação das palavras, podemos citar os seguintes: inúmeros exemplos remontam ao latim, deixando de refletir o que ocorre na língua portuguesa; a caracterização dos afixos não é satisfatória; a inclusão das formações com prefixos na composição ou na derivação não costuma ser justificada pelos autores e o cotejo das listas de prefixos de diferentes obras revela várias divergências.

1.2 Compêndios gramaticais pós-NGB

A Nomenclatura Gramatical Brasileira data de 28 de janeiro de 1959[22]. Surge com o intuito de apresentar "uma terminologia simples, adequada e uniforme". Muitos são os autores que adotam os termos propostos pela NGB, mas não deixam de apontar as lacunas e falhas do projeto, que não conseguiu satisfazer plenamente as expectativas quanto a uma uniformização terminológica.

A NGB divide a gramática nas três seguintes partes: Fonética, Morfologia e Sintaxe. Em seu texto, lê-se que a Morfologia trata da estrutura e formação das palavras, de suas flexões e de sua classificação[23]. Os constituintes vocabulares listados são raiz, radical, tema, afixo (prefixo e sufixo), desinência (nominal e verbal), vogal temática, vogal e consoante de ligação. No item sobre formação das palavras, estão os processos de derivação e composição de um lado e o hibridismo de outro, posição incompatível com a "exatidão científica" buscada pelos autores, uma vez que os vocábulos híbridos são ou compostos ou derivados, e a origem de seus componentes cabe a uma investigação diacrônica.

Analisemos agora o tratamento dado aos elementos mórficos e, em especial, aos processos de formação de palavras em alguns compêndios publicados após o advento da NGB.

1.2.1 Gramáticas de orientação tradicional

Iniciemos nossa análise pelo conteúdo da *Moderna gramática portuguesa* (1961), de Evanildo Bechara, antes da revisão e ampliação pelas quais a obra passou em 1999. As contribuições ao estudo das formações de palavras da 37ª edição serão comentadas no próximo item deste trabalho, sobre as gramáticas recentes.

Bechara apresenta os conceitos de **vocábulo**, menor forma livre da enunciação, e **morfema**, menor unidade de significação. Acrescenta que os vocábulos podem ser constituídos de um ou mais morfemas e que estes apresentam

[22] Anexa à Portaria nº 36, do Ministério da Educação e Cultura (1959).

[23] Cabe ressaltar que a classificação das palavras é, na verdade, um tema fronteiriço entre a Morfologia, a Sintaxe e a Semântica. (cf. BASÍLIO, 1995: 48-59; CÂMARA JR., 1996: 77-80).

significação externa ou interna. O autor busca inserir informações importantes para a análise mórfica, como o conceito de constituintes imediatos, alomorfia, neutralização, subtração, acumulação e suplementação.

Na obra, são descritos os elementos mórficos listados na NGB. Bechara (1989: 169) afirma que "o que se costuma apontar como *infixos* não interessa à gramática descritiva portuguesa" e ressalta que os elementos de ligação, vogais e consoantes, não devem ser confundidos com infixos por serem facilitadores da pronúncia desprovidos de significado.

Ao tratar dos afixos, o autor define os sufixos como formas presas, em geral de múltiplas acepções, cuja função é formar um vocábulo novo a partir de outro a que se junta, emprestando-lhe uma idéia acessória e marcando a classe a que pertence. Já os prefixos podem aparecer como formas livres[24], emprestam ao radical uma nova significação, mas não determinam uma nova classe de vocábulos. Bechara reconhece que os prefixos têm "mais força significativa" que os sufixos, o que leva diversos autores (antigos e modernos) a fazerem da prefixação um processo de composição, mas esta não é a posição adotada pelo autor.

Para ele, o significado da palavra composta depende da significação de seus elementos, visão divergente da dos autores que apresentaremos a seguir. Uma contradição presente na obra é a inclusão de formações com *bem* (*benquerença*, *benquisto*, *bem-querer*) tanto nos exemplos de compostos, ao lado das formações com *mal* e *sempre*, quanto na lista de vocábulos com "prefixos e elementos latinos" (*bendizer*, *benfazejo*). Outra, que ocorre também em algumas das demais gramáticas que serão aqui analisadas, é a presença de formações com elementos considerados prefixos, como *ex-* e *vice-*, dentre os vocábulos que exemplificam as regras de plural dos nomes compostos, apesar de a prefixação ser tratada como um tipo de derivação (cf. BECHARA, 1989: 81; CUNHA; CINTRA, 1985: 181; LIMA, 1972: 77).[25]

Bechara explica ainda os seguintes processos que não foram agasalhados na NGB: derivação parassintética (*anoitecer*, *endurecer*)[26], formação regressiva (*atraso*

[24] Silveira (1962; 1996: 63-4) observa que, a rigor, "não existe o prefixo como forma livre; mantemos na língua, isto sim, formas livres homônimas de certos prefixos."

[25] Tais contradições permanecem na 37ª edição da *Moderna gramática portuguesa* (1999).

[26] Como aponta Bechara (1999: 342-3), os estudiosos divergem em relação ao conceito de derivação parassintética (ou circunfixação). Para alguns, basta haver prefixo e sufixo no derivado para que ele seja considerado parassintético (como em *descobrimento*). Para outros, o acréscimo de afixos deve ser simultâneo,

de *atrasar*), abreviação (*foto* por *fotografia*), reduplicação (*tique-taque*, *reco-reco*) e conversão (o *porquê* da questão). O termo “derivação imprópria” é considerado inexpressivo pelo autor.

Seguindo os ensinamentos de Vendryès, Gladstone Chaves de Melo inicia a parte dedicada à Morfologia na *Gramática fundamental da língua portuguesa* (1967) com considerações sobre os conceitos de signo lingüístico, significação externa e interna, semantema e morfema. Nas classes das palavras, distingue os instrumentos gramaticais das palavras lexicográficas. Apresenta ainda a distinção **vocábulo** (elemento material) x **palavra** (vocábulo visto como portador de significação) para, então, definir os constituintes dos vocábulos: raiz (ou base), radical, afixos, desinências, vogal temática (preferindo ater-se à dos verbos), terminação (último fonema do vocábulo, quando destacável da raiz), tema (raiz + vogal característica da conjugação) e fonema de ligação (vogal e consoante de ligação).

Os afixos são definidos como segmentos fônicos com uma idéia acessória que modifica a idéia fundamental da raiz, dividindo-se em prefixos, quando antecedem a raiz, e sufixos, quando a seguem. Para o autor, a prefixação não deve ser considerada um tipo de composição porque os prefixos são elementos sem vida própria na língua e formam palavras com clara relação de parentesco com o termo derivante. A essência da composição estaria na combinação de elementos preexistentes, de vocábulos com vida autônoma na língua, formando um composto com sentido novo em relação aos componentes. O autor não explicita o que entende por vida própria ou autônoma dos elementos que formam palavras compostas, esquecendo-se dos radicais presos.

Melo diverge da NGB ao apresentar três principais processos de formação de palavras, colocando a **mudança de classe**, fenômeno ligado à semântica, no mesmo plano da **derivação** e da **composição**. Admite ter dúvidas sobre poder considerar a derivação regressiva um dos processos formadores de palavra, uma vez que seria preciso apelar para a diacronia para compreender como se deu a formação, mas opta por incluí-la ao lado da derivação sufixal (ou progressiva), da

---

de tal modo que não haverá na língua a forma somente com prefixo ou sufixo, como ocorre em *entardecer* (não existem as formas **entarde* nem **tardecer*). Bechara (1999: 343) sugere ainda a possibilidade de se considerar a parassíntese inexistente, “se partirmos do fato de que, numa cadeia de novas formações, não poucas vezes ocorre o pulo de etapa do processo, de modo que só virtualmente no sistema exista a forma primitiva. Assim, para se chegar a *farmacolando*, parte-se de um virtual **farmacolar* (à semelhança de *doutorar* em relação com *doutorando*), ou, para *prefeitável*, de um virtual **prefeitar* [...]”.

A segunda análise parece-nos ser a mais adequada, uma vez que a primeira não leva em conta a noção dos constituintes imediatos, e a terceira lida com formas teóricas.

derivação prefixal e da parassíntese. Ao tratar da composição, o autor apresenta a complexa subdivisão dos compostos em **perfeitos** e **imperfeitos**, **aglutinativos** e **flexivos**, **justapostos** e **elíticos**, **coordenativos** e **subordinativos**, **analíticos** e **sintéticos**. A distinção entre a composição perfeita e a imperfeita leva em conta a autonomia fonética dos componentes, correspondendo à tradicional divisão entre aglutinação e justaposição. Caso a integridade morfológica do primeiro elemento se mantenha, a composição é aglutinativa, a exemplo de *guarda-roupa*; se houver desgaste é flexiva, como em *pernilongo*. Os demais tipos não são explicados pelo autor.

O autor menciona ainda a existência de "processos de *formação vernácula* difíceis ou impossíveis de sistematizar", oriundos de "obscuras analogias, intuição poética, espírito chistoso, vivacidade de imaginação" (MELO, 1978: 56). Palavras como *maçaroca*, *serelepe*, *bagunça*, *ranzinza*, *fuzuê* e *borocochô* são citadas como exemplos de formações que não seguem as normas habituais. A **onomatopéia** é apontada como um processo bastante fecundo e perfeitamente caracterizável dentre esses processos assistemáticos.

De maneira geral, o autor segue uma abordagem sincrônica, reconhecendo a dificuldade do estudo dos prefixos e dos sufixos, bem como a divergência entre sincronia e diacronia na análise dos elementos constituintes da palavra, sem se aprofundar nesses e em outros assuntos polêmicos para não fugir de sua proposta de uma "gramática elementar" (MELO, 1978: 50).

A 1ª edição da *Gramática normativa da língua portuguesa*, de Carlos Henrique da Rocha Lima, é de 1957, mas incluiremos a obra nos compêndios posteriores à NGB, tecendo comentários referentes à 15ª edição, refundida, de 1972[27]. No capítulo sobre a estrutura das palavras, o autor lista os morfemas – menores unidades de significação que podem figurar numa palavra – e procede à explicação de cada um deles (raiz, radical, desinência, vogal temática, tema e afixo). Apresenta também outras terminologias utilizadas: **semantema**, **lexema** ou **morfema lexical** para radical, **sufixo flexional** para desinência e **sufixo derivacional** para sufixo. O autor considera que a identificação da raiz requer conhecimentos especializados e profundos das línguas indo-européias, sugerindo o radical como ponto de partida da análise elementar das estruturas das palavras. Ao

[27] O texto do capítulo sobre formação de palavras da edição de 1957 sofre alterações mínimas na de 1972. No capítulo sobre a estrutura das palavras, o conceito de *morfema* é introduzido e o termo *infixo* é omitido.

tratar dos radicais, no entanto, apresenta uma análise que só pode ser compreendida por quem conhece a história da língua, visto que cita *fácil*, *infecto*, *difícil* e *perfeito* como palavras que possuem o mesmo radical de *fazer*. Nesse capítulo, os afixos são definidos resumidamente como "morfemas destinados à formação de derivados" e subdivididos em prefixos e sufixos. As vogais e consoantes de ligação são consideradas elementos insignificativos, ou seja, "não-morfemas", que surgem para facilitar a pronúncia das palavras ou por motivos analógicos.

Para Lima, enquanto na derivação a palavra formada por meio da agregação de certos elementos que lhe alteram o sentido remete ao significado da palavra primitiva, na composição a reunião de dois ou mais elementos vocabulares de significação própria dá origem a um todo com significação nova. O autor cita a polêmica em torno da inclusão da prefixação na composição ou na derivação, adotando a última posição sem explicitar os motivos. Divide, então, a derivação em prefixal, sufixal, parassintética e regressiva (ou deverbal).

Lima (1972: 173-4) afirma que a derivação forma palavras cujo sentido é sempre ligado à significação da palavra primitiva e que os prefixos, devido à correspondência com preposições e advérbios, têm, em geral, "um *sentido* mais ou menos preciso". Reconhece, entretanto, a existência de dois tipos de palavras derivadas que contrariam as afirmações anteriores:

> - aquelas em que não estão presentes com clareza nem a idéia da palavra primitiva nem a significação dos prefixos, a exemplo de *exceder*, *preceder*, *proceder*; e
> - aquelas que não se relacionam com palavras primitivas que tenham existência autônoma na língua como *aduzir*, *deduzir*, *induzir*, *produzir* e *reduzir* (do radical de *ducere*).

O tratamento dado aos sufixos na obra também é insatisfatório, uma vez que o autor deixa de lado os significados a eles atribuídos. Segundo Lima, esses afixos são elementos vazios de significação que têm por finalidade formar séries da mesma classe gramatical. O papel do sufixo *-ez*, por exemplo, é criar substantivos abstratos a partir de adjetivos (*altivo* - *altivez*).

Em versões posteriores de sua obra, Lima (2002: 225) esclarece que hibridismos são "**palavras compostas**, **ou derivadas**, constituídas por elementos de

procedências diferentes" [grifo nosso]. Cita ainda, como tipos subsidiários dos processos de formação de palavras, a abreviação, a onomatopéia, a sigla, os hipocorísticos e a braquissemia. Os dois últimos processos referem-se à alteração do prenome, nascida em âmbito familiar (*Fafá* < Fabiana) ou resultante de próclise antes de nome de família (*Fernão* < Fernando), respectivamente.

Em sua *Moderna gramática brasileira* (1976), Celso Pedro Luft busca aliar as teorias do estruturalismo e do transformacionalismo à linha tradicional seguida por outros gramáticos. Nas seções dedicadas à Morfologia e à Sintaxe, por exemplo, o autor utiliza com freqüência diagramas-árvore para ilustrar a estrutura das palavras e das frases.

As palavras são definidas por Luft (1976: 89) como "organismos significantes, signos que integram o plano associativo da língua". Os afixos são colocados ao lado da raiz como os constituintes nocionais das palavras[28]; vogal temática e desinências são os constituintes gramaticais. Os morfemas são divididos também em nuclear (raiz) e periféricos (afixos, vogal temática e desinências).

Assim como Bechara, Luft trabalha com a noção de constituintes imediatos. A anexação sucessiva de afixos ao radical primário, morfema que se confunde com a raiz, dá origem aos radicais secundário, ternário, quaternário etc., conforme ilustra o exemplo abaixo, com a família lexical do verbo *amar*:

> 1) Raiz da família: *AM-*;
> 2) Radical primário: *am*-ar;
> 3) radical secundário: *amor*, *amor*-es;
> 4) radical ternário: *amorável*, *amoráve*-is; *enamor*-ar;
> 5) radical quaternário: *amorabilíssim*-o, (e)*namorad*-o;
> 6) radical quinário: *desamorabilíssim*-o
>
> (LUFT, 1976: 94)

A posição dos dois estudiosos em relação aos infixos também é a mesma. Citando os ensinamentos de Câmara Jr. (1956), Luft (1976: 94) observa que a vogal e a consoante de ligação, fonemas que "aparecem no interior dos vocábulos apenas para facilitar a pronúncia", não devem ser confundidas com os infixos, morfemas inexistentes no português.

---

[28] Em *Éléments de linguistique générale* (1960), Martinet inclui raízes/radicais e afixos em um mesmo grupo, considerando-os **lexemas** (unidades mínimas significativas lexicais). Para o lingüista francês, os afixos também pertencem a uma série aberta, a um grupo que pode vir a aumentar. Admitindo, entretanto, que o critério da não-limitação dos inventários é "sem dúvida pouco rígido", Martinet busca diferenciar os afixos e as modalidades (determinantes gramaticais como os artigos e os morfemas que indicam número), concluindo que, semanticamente, "o carácter dos afixos é mais central, menos marginal, que o das modalidades, donde decorre como corolário, no plano formal, que no grupo formado de lexema, afixos e modalidades, os afixos são geralmente mais centrais (quer dizer: contactam com o lexema) e as modalidades mais periféricas (isto é, separadas dos lexemas pelos afixos)." (MARTINET, 1978: 139).

Após a divisão dos afixos em prefixos e sufixos, são enumeradas as três seguintes funções que podem ter:

1) mudar o sentido da raiz ou do radical;

2) introduzir uma idéia secundária ou

3) incluir a raiz, ou o radical, em uma classe de palavras.

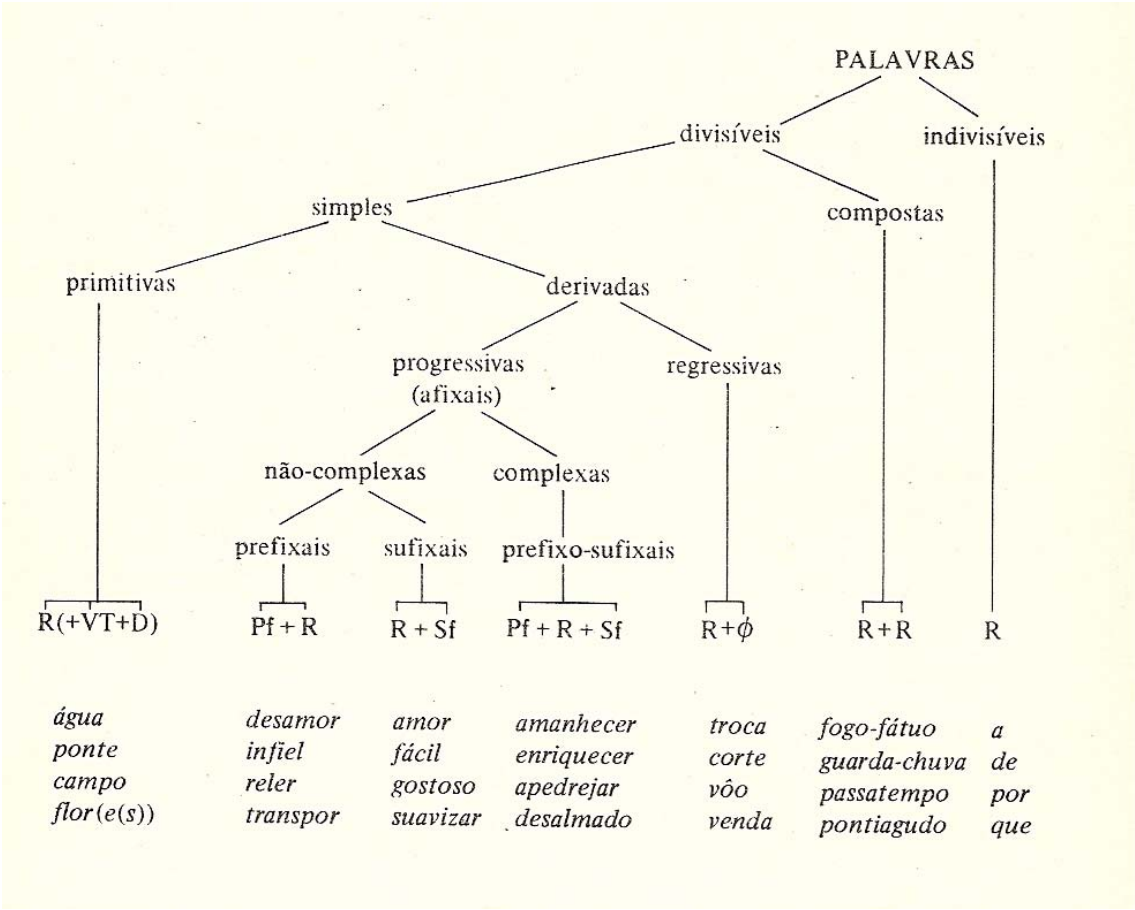
Prefixos e sufixos são incluídos na derivação, dividida em quatro espécies: sufixal, prefixal, prefixo-sufixal (ou parassintética) e regressiva. Ao tratar da parassíntese, o autor observa que prefixo e sufixo traduzem um só significado nas formações parassintéticas, constituindo, assim, um único morfema – "um morfema descontínuo", a exemplo de *a...ejar* em *apedrejar*.

Para Luft (1976: 95), a diferença essencial entre os dois principais processos de formação "está em que na derivação se joga com uma só palavra (*ameno*: *amenizar*; *leal*: *desleal*), ao passo que na composição se combinam duas ou mais palavras (*guarda-chuva*, *boquiaberto*, *buco-maxilo-facial*)." O autor comenta a discordância dos gramáticos a respeito da prefixação, considerada composição por alguns e derivação por outros, devido ao fato de certos prefixos, a exemplo de *sobre-* e *com-*, confundirem-se com preposições, "portanto palavras – ao menos originariamente" (LUFT, 1976: 96). Prefere, no entanto, seguir a posição de Said Ali, considerando didaticamente melhor associar sufixação e prefixação. Como não há listagens de afixos na obra, não fica claro quais elementos são considerados prefixos pelo autor.

O hibridismo também é citado por Luft (1976: 98), sendo definido como "palavra derivada ou composta integrada por elementos de línguas diversas", a exemplo de *autoclave* (grego + latim), *decímetro* (latim + grego), *televisão* (grego + português), *goiabeira* (tupi + português), dentre outros. Em sua gramática, no entanto, não há ênfase na investigação histórica da formação dos vocábulos e da origem de seus elementos. Em vários trechos da obra, ratifica-se a importância do critério funcional, sincrônico, na classificação de palavras como **primitivas** ou **derivadas** e **simples** ou **compostas**. É preciso que haja "consciência atual" da derivação e da composição. Os seguintes parágrafos resumem a posição do autor em relação à questão:

> Ora, o único ponto de vista válido em Gramática é o do estado atual, do funcionamento contemporâneo da língua. A perspectiva histórica transcende o âmbito gramatical. Palavras como *esquecer*, *cônsul*, *imbecil*, *admirar*, *resistir*, *julgar*, *vingar*, etc. são hoje percebidas como primitivas. Só a história e a etimologia podem demonstrar que eram derivadas.
> Também para a classificação das palavras como simples ou compostas, é preciso seguir o critério funcional, sincrônico. Deve haver consciência de duas palavras fundidas numa só, para se falar em palavra composta. Não servem de exemplo palavras como *fidalgo* e *freguês*. Ninguém, a não ser o especialista, dirá que *freguês* é o 'filho da igreja' – FILIU ECCLESIAE – 'paroquiano' (embora *freguesia* ainda possa ser 'paróquia'), ou que *fidalgo* seja 'filho de algo'. (LUFT, 1976: 99)

O diagrama reproduzido a seguir, que representa a classificação das palavras quanto à sua estrutura, encerra as seções dedicadas à estrutura e à formação de palavras na obra de Luft (1976: 100):



Dentre as gramáticas de orientação tradicional posteriores ao advento da NGB, destaca-se também a *Nova gramática do português contemporâneo* (1985), de Celso Cunha e Lindley Cintra. Os capítulos sobre estrutura e formação de palavras da obra têm como base o texto da *Gramática do português contemporâneo* (CUNHA, 1970), enriquecido de novos conceitos e observações. Uma das novidades

é a noção de morfema. Voltemos nossa atenção, no entanto, ao tratamento dado à derivação e à composição pelos autores.

Para Cunha e Cintra, por terem-se originado de preposições e advérbios, os prefixos são mais independentes que os sufixos. Distinguem-se dois tipos de formações prefixais: aquelas com prefixos que atuam como meras partículas, sem existência independente na língua, e outras de que participam prefixos que costumam atuar também como palavras independentes. Os autores ressaltam que haveria, no primeiro caso, derivação e, no segundo, "seria justo falar-se em COMPOSIÇÃO" (CUNHA; CINTRA, 1985: 84). Apesar de tal constatação, preferem considerar derivadas as palavras formadas com prefixos. Argumentam que nem sempre é fácil estabelecer a distinção em relação à autonomia da forma, posição semelhante à de Ali (2001). Além disso, consideram que o produto semântico do emprego tanto de prefixos quanto de sufixos se relaciona diretamente ao radical derivante, enquanto o significado das palavras compostas é freqüentemente dissociado do sentido dos radicais componentes, como afirmam Melo (1978) e Lima (1972).

Se, por um lado, os autores alegam que a "palavra composta representa sempre uma idéia única e autônoma" (CUNHA; CINTRA, 1985: 104) como *criado-mudo* e *vitória-régia*, cuja noção não remete a seus componentes; por outro, não deixam de classificar os elementos de uma palavra composta, quanto ao sentido, em **determinados**, que contêm a idéia geral, e **determinantes**, que carregam a noção particular. Assim, em *salário-família*, o termo *salário* é o determinado, e *família*, o determinante. Como as demais obras até aqui analisadas, a *Nova gramática do português contemporâneo* (1985) não trata da complexidade dos vocábulos compostos em relação à forma e ao sentido.

Não poderíamos deixar de mencionar, na obra de Cunha e Cintra (1985: 111-3), a referência ao fenômeno da recomposição[29], em que alguns radicais gregos e latinos assumem o sentido global dos vocábulos de que faziam parte, dando origem a formações em série como *auto*-, de *automóvel*, que passa a ter este significado em

[29] Martinet (1978: 136-7) sugere o termo **recomposição** para designar formações em que o elemento *tele*- se comporta "como afixo", combinando-se com vocábulos autônomos. O lingüista cita *televisão* e *teleguiado* como exemplos. Bessa (1978: 154-7) desenvolve a idéia sugerida por Martinet, usando o termo nos mesmos moldes que Cunha e Cintra (1985). Ele divide o processamento semântico-lexical que dá origem a vocábulos como *telecurso* e *fotonovela* em dois estádios. O primeiro, denominado **decomposição**, consiste na redução do vocábulo a uma das bases, que assume o significado da palavra de que fazia parte, tornando-se apta a entrar em novos contextos (*televisão* → *tele*/ *fotografia* → *foto*). O segundo estágio, a **recomposição**, é a combinação das bases supérstites com outras, de estatuto autônomo (*tele* + *curso* → *telecurso*/ *foto* + *novela* → *fotonovela*).

diversos novos compostos (*auto-estrada*, *autódromo* etc.). Citando a influência de Iordan e Manoliu (1972), Li Ching (1973) e Carvalho (1974), os autores denominam esses elementos **pseudoprefixos** ou **prefixóides**. Além da característica já citada, ingressarem em outras formações com sentido diverso do etimológico, os **pseudoprefixos** apresentam um acentuado grau de independência, possuem "uma significação mais ou menos delimitada e presente à consciência dos falantes, de tal modo que o significado do todo a que pertencem se aproxima de um conceito complexo, e portanto de um sintagma" (CARVALHO, 1974: 554) e têm, de modo geral, menor rendimento do que os prefixos propriamente ditos. Cabe ressaltar, entretanto, que o conceito de **pseudoprefixos** não é assim tão homogêneo como fazem parecer os autores. Devido à complexidade do tema e à sua importância no estudo dos prefixos, analisaremos, no terceiro capítulo, a conceituação desses elementos em diversas obras.

Ainda no capítulo sobre formação de palavras, tratam os autores dos seguintes processos e formações: derivação parassintética, derivação regressiva, derivação imprópria, hibridismo, onomatopéia, abreviação vocabular e siglas. Ressalvam, com propriedade, que a derivação imprópria não deve, a rigor, ser incluída entre os processos de formação de palavras, uma vez que pertence à área da semântica.

Finalizemos a análise das gramáticas de orientação tradicional publicadas após a NGB com a *Gramática da língua portuguesa* (1991), de Walmirio Macedo. Nela, o autor alia o Estruturalismo Funcional à tradição gramatical e busca "apresentar um estudo sistemático dos elementos constitutivos da língua: sons, formas, palavras, construção" (MACEDO, 1991: 21).

No capítulo sobre a **Estrutura do vocábulo***,* Macedo (1991: 115-7) divide os nomes em **temáticos** (terminados em vogal átona) e **atemáticos** (terminados em consoante ou vogal tônica). Após tratar das vogais temáticas nominais, o autor diferencia os termos **lexema** e **morfema**. O primeiro é definido como a "parte que suporta a idéia central da palavra; parte que apresenta o sentido básico da palavra; núcleo da palavra"; o segundo, como a "parte que acrescenta ao lexema uma idéia secundária; parte que acrescenta ao lexema um acidente gramatical, gênero, número, pessoa, tempo, etc.; elemento de periferia, isto é, posto antes ou depois do lexema". Os morfemas são, então, subdivididos em **presos** (que se ligam ao lexema e formam com estes um vocábulo gráfico) e **livres** (vocábulos independentes).

Analisando as palavras *infeliz* e *animalejo*, Macedo mostra que prefixos (a exemplo de *in-*) e sufixos (como *-ejo*) são morfemas (elementos periféricos) que, respectivamente, se antepõem ou pospõem ao lexema.

Em obra anterior, intitulada *Elementos para uma estrutura da língua portuguesa* (1976), o autor defende o estudo dos interfixos, elementos sem valor significativo, "estranhos" na estrutura do vocábulo. Em muitos vocábulos, o interfixo é apenas uma vogal (como em gas*ô*metro) ou uma consoante (como em cha*l*eira), daí receber tradicionalmente o nome de vogal ou consoante de ligação. O autor considera a nomenclatura tradicional inadequada por não dar conta dos casos em que o interfixo é bifonemático (como em fort*al*eza e prat*el*eira). Rejeita também a possibilidade de recorrer ao termo infixo, uma vez que os elementos em questão não se inserem em um "corpo estritamente unido" (MACEDO, 1976: 71). Na *Gramática da língua portuguesa* (1991), entretanto, não há referência à questão dos interfixos.

No capítulo sobre **Formação de palavras**, a derivação é definida como "o processo de formação de palavras por meio de prefixos e sufixos" (MACEDO, 1991: 118). O autor enfatiza que os afixos são formas presas e, ao tratar da derivação prefixal, cita apenas formações com prefixos que atuam como meras partículas (*desgosto*, *infeliz*).

A composição, união de duas ou mais palavras, é dividida em três tipos: justaposição, aglutinação e locução. O critério utilizado pelo autor é apenas formal, baseando-se na presença ou ausência de hífen e preposição. Vejamos abaixo como Macedo (1991: 119) identifica cada um dos tipos de composição:

> Justaposição: vocábulos ligados por hífen: couve-flor.
> Aglutinação: vocábulos que se unem como se fossem um só, sem hífen: planalto.
> Locução: vocábulos unidos por hífen e preposição: pé-de-moleque.

Macedo (1991: 120) trata também da derivação regressiva e da derivação imprópria. O autor não menciona a parassíntese.

Como podemos observar, alguns dos problemas encontrados nos compêndios gramaticais anteriores à NGB permanecem nas obras publicadas após a portaria. Uma mudança positiva é a maior preocupação em caracterizar os elementos mórficos. Em relação aos afixos, os autores buscam diferenciar prefixos e sufixos não só pela posição que ocupam quando se adjungem a uma palavra, mas também por suas características semânticas e pela possibilidade de mudar a palavra

de classe ou não. As formações com prefixos, antes consideradas palavras compostas pela maioria dos autores, passam a ser incluídas na derivação com freqüência, como mostra o quadro a seguir, que reúne a posição dos autores das gramáticas brasileiras até aqui analisadas:

Quadro 3
Tratamento dado à prefixação em quatorze gramáticas

Autor (obra, ano da 1ª edição)	**Processo em que as palavras formadas por prefixação são incluídas**
Julio Ribeiro (*Grammatica portugueza*, 1881)	Composição
João Ribeiro (*Grammatica portugueza*, 1887)	Composição
Ernesto Carneiro Ribeiro (*Serões grammaticaes*, 1890)	Composição
Maximino Maciel (*Grammatica Descriptiva*, 1894)	Composição
Eduardo Carlos Pereira (*Gramática expositiva,* 1907)	Composição
José Oiticica (*Manual de análise*, 1919)	-----
Manuel Said Ali (*Gramática histórica da língua portuguesa*, 1931)	Derivação
Francisco da Silveira Bueno (*Gramática normativa da língua portuguesa*, 1944)	Composição
Carlos Henrique da Rocha Lima (*Gramática normativa da língua portuguesa*, 1957[30])	Derivação
Evanildo Bechara (*Moderna gramática portuguesa*, 1961)	Derivação
Gladstone Chaves de Melo (*Gramática fundamental da língua portuguesa*, 1967)	Derivação
Celso Pedro Luft (*Moderna gramática brasileira,* 1976)	Derivação
Celso Cunha e Lindley Cintra (*Nova gramática do português contemporâneo*, 1985)	Derivação
Walmirio Macedo (*Gramática da língua portuguesa*, 1991)	Derivação

[30] Cabe lembrar que optamos por incluir a obra nos compêndios posteriores à NGB, tecendo comentários referentes à 15ª edição, refundida, de 1972.

A nosso ver, prefixos e sufixos não devem ser incluídos em processos distintos. Assim, consideramos derivadas as palavras formadas pela adjunção de um afixo (ou de afixos) a um radical (*infeliz*, *felizmente*, *desalmado*) e compostas as que se formam pela união de dois ou mais radicais (*pernilongo*, *guarda-chuva*, *espada-de-são-jorge*).

Nas gramáticas publicadas a partir da segunda metade do século XX, a distinção entre derivação e composição tende a ser feita com base não só na natureza dos constituintes, mas também na relação entre seu significado e o da palavra resultante. Não encontramos, no entanto, um aprofundamento nos matizes semânticos de compostos e derivados. Além disso, as divergências nas listas de afixos e radicais continuam. *Ambi-*, por exemplo, é considerado prefixo por Melo (1978) e Lima (1972), mas Cunha e Cintra (1985) consideram este elemento um radical. *Poli-* e *tele-* figuram como prefixos na gramática do primeiro autor, co-radicais na do segundo e pseudoprefixos na dos últimos.

Vejamos agora o tratamento dado à estrutura das palavras e à sua formação em compêndios gramaticais que não seguem uma orientação tradicional.

1.2.2 Gramáticas recentes

Após trinta e seis edições, Evanildo Bechara revisou e ampliou sua *Moderna gramática portuguesa*, inserindo diversos conceitos colhidos na lingüística moderna e dando a lume um novo livro, como reconhece o próprio autor no prefácio da 37ª edição (1999). O estudo da estrutura e da formação das palavras tem lugar de destaque na nova versão da obra. São dedicadas mais de setenta páginas ao assunto, dividido em cinco seções intituladas, respectivamente, **Estrutura das palavras**, **Formação de palavras do ponto de vista constitucional**, **Estudo estrutural do léxico: a lexemática**, **Formação de palavras do ponto de vista do conteúdo** e **Alterações semânticas**.

Na primeira seção, além das questões já abordadas nas versões anteriores, o autor trata dos tipos de morfemas (**aditivos**, **subtrativos**, **modificativos** e **morfema zero**) e do contraste entre **palavra** (termo que pode ser analisado de acordo com seu aspecto material, fônico, sua significação gramatical e sua significação lexical) e **vocábulo** (expressão material da palavra). Introduz também os conceitos de

interfixos e de **base léxica**. Os interfixos, denominação adotada por Malkiel (1958), são elementos átonos sem função gramatical e significativa que servem de ligação entre a base léxica (unidade léxica que entra na constituição de uma forma derivada ou flexionada) e o sufixo. Em *glorificar*, por exemplo, o interfixo *-ific* se interpõe entre a base *glória* e o sufixo verbal *-ar*; em *fogaréu*, o interfixo *-ar* se insere entre a base *fogo* e o sufixo nominal *-éu*. Bechara acrescenta, entretanto, que alguns estudiosos não adotam a noção de interfixo, considerando-o como integrante de um conglomerado de sufixos (*-ificar* e *-aréu*) ou como resultado de um alongamento de sufixo, a exemplo da formação *ridicularizar* (de *ridículo*), em vez de *ridiculizar*.

Na seção **Formação de palavras do ponto de vista constitucional**, Bechara (1999: 351-2) distingue a **composição**, "junção de dois elementos identificáveis pelo falante numa unidade nova de significado único e constante", **da lexia complexa**[31], "formada de sintagmas complexos que podem ser constituídos de mais de dois elementos". *Papel-moeda*, *boquiaberto* e *planalto* são exemplos de compostos; *negócio da China* e *pé-de-chinelo*, de lexias complexas. O autor reconhece a dificuldade de se traçarem limites rígidos entre os dois processos, mas prefere distingui-los, assim como Benveniste (1989). O lingüista francês chama a lexia complexa de **sinapsia** – em grego 'junção', 'conexão', 'coleção de coisas juntas' – e enumera suas características, citadas por Bechara (1999: 352) no trecho a seguir:

> a) a natureza sintática (não morfológica) da ligação dos elementos, o que muitas vezes torna difícil verificar se houve ou não lexicalização do conjunto;
> b) o emprego de transpositores (preposições);
> c) a ordem fixa determinado + determinante;
> d) sua forma lexical plena, e a livre escolha de qualquer substantivo ou adjetivo;
> e) a ausência de artigo antes do determinante, pois a presença do artigo romperia a unidade do conjunto como se pode ver em *ar de família* / *ar da família*; *casa de pensão* / *casa da pensão*;
> f) a possibilidade de expansão tanto do determinado quanto do determinante, *pouco ar de família* / *ar de boa família*, pois seu significado, apesar da expansão, é único e constante;
> g) o caráter único e constante do significado.

Não nos estenderemos aqui nas discussões sobre as diferenças entre locuções e compostos, uma vez que o assunto foge ao tema deste trabalho. Cabe ressaltar, entretanto, a complexidade da questão, para a qual autores como Câmara Jr. (1970), Pottier (1970), Carvalho (1974) e Macambira (1978), dentre outros, propõem soluções diversas.

---

[31] O termo **lexia complexa** foi cunhado por Pottier (1970) para designar uma seqüência mais ou menos estereotipada situada em nível superior ao da **lexia composta** (palavra com mais de um lexema) e inferior ao da **lexia textual** (provérbios).

Bechara também se apóia nas lições de Benveniste (1989) para explicar a composição como a transformação de uma construção sintática em expressão nominal. Assim, o composto *papel-moeda* é a transformação da oração "papel que é moeda", *peixe-espada* se prende à oração "peixe que se assemelha a uma espada" etc.

Aos processos de formação de palavras mencionados nas versões anteriores da *Moderna gramática* (derivação prefixal, derivação sufixal, parassíntese, composição, formação regressiva, abreviação, reduplicação e conversão[32]), Bechara acrescenta a combinação. O processo, comum na linguagem jocosa, é um caso especial de composição em que a nova unidade resulta da combinação de parte de cada um dos termos constituintes (*português* + *espanhol*: *portunhol*; *aborrecer* + *adolescente*: *aborrecente*).

As três últimas seções dão ênfase à abordagem do aspecto semântico no estudo das palavras. A seção 3 é dedicada à **lexemática** (ou **semântica estrutural**), que consiste no estudo do significado léxico, das relações de significação. Na seção 4, Bechara segue as lições de Coseriu (1978), dividindo os procedimentos formativos em três tipos fundamentais, do ponto de vista do conteúdo, a saber: a **modificação**, o **desenvolvimento** e a **composição**. Na modificação, a categoria da palavra formada é sempre a mesma da base, ou seja, substantivos produzem substantivos, adjetivos dão origem a adjetivos e assim por diante. As formações diminutivas (*cavalo* → *cavalinho*), os coletivos (*hino* → *hinário*) e os verbos formados com prefixos (*ver* → *prever*) são alguns exemplos de modificação. O desenvolvimento implica sempre a mudança da categoria da base (belo + função predicativa → *beleza*; *inverno* + função atributiva → *invernal*). A composição consiste na união de dois elementos básicos, quase sempre por uma relação de recção, e pode ser de dois tipos, a saber:

> a) *prolexemática*: se um dos dois elementos da base é um "prolexema", isto é, um elemento de natureza pronominal, não identificável com um lexema existente na língua, como ocorre em "elemento substantivo-pronominal" [do tipo "alguém" ou "algo"] + *ler* → *leitor*; o mesmo elemento + *despertar* → *despertador*. Em lugar desse tipo genérico "alguém ou algo" pode ser um arquilexema de ordem muito geral [por exemplo, agente + ler → leitor] ou também um arquilexema (ou lexema) de um campo particular [por exemplo, "árvore", "comerciante": "árvore" + *limão* → *limoeiro*; "comerciante" + *leite* → *leiteiro*].

[32] Apesar de incluir a conversão entre os processos de formação de palavras, Bechara (1999: 372) faz o seguinte comentário: "Como a conversão não repercute na estrutura do significante de base, muitos estudiosos, com razão, não a incluem como processo especial de formação de palavras [...]".

> b) *lexemática*: em que os dois elementos implicados são lexemas e a categoria verbal dos compostos é sempre a dos elementos "determinados" na composição; são exemplos de compostos lexemáticos: *tira-teima*, *guarda-chuva*.
> (BECHARA, 1999: 393-4)

Na nova classificação proposta pelo autor, o primeiro tipo de composição corresponde ao que tradicionalmente se chama "derivação", e o segundo, ao que se conhece tradicionalmente como "composição".

Na seção 5, explicam-se algumas causas que motivam a mudança de significação das palavras (como a **metáfora**, a **metonímia**, a **catacrese**, a **braquilogia**, o **eufemismo** etc.), as espécies de alteração semântica (**extensão**, **enobrecimento** e **enfraquecimento do significado**) e outros aspectos semânticos (**polissemia**, **homonímia**, **sinonímia**, **antonímia** e **paronímia**).

Assim como Bechara, antes de definir cada um dos elementos mórficos, José Carlos de Azeredo, nos *Fundamentos da gramática* (2000), também explica os conceitos de **palavra**, **vocábulo** e **morfema**, resumindo as três noções no trecho abaixo:

> [...] **palavra** é um termo geral, que adotamos para dar nome à unidade mínima autônoma dotada de significado e que vem registrada em ordem alfabética nos dicionários. Existem **palavras lexicais** (ou **lexemas**) – como os substantivos, os adjetivos e os verbos – e **palavras gramaticais** – como os artigos e as preposições. **Vocábulo** é a forma concreta com que cada palavra, seja ela lexical ou gramatical, ocorre nas frases. **Morfema** é a menor unidade dotada de significado.
> (AZEREDO, 2002: 69)

Divide, então, os morfemas em **lexical** (o radical, que serve de base à estrutura da palavra) e **gramaticais** (afixos ou morfemas derivacionais, vogais temáticas e desinências ou morfemas flexionais). O autor observa as seguintes diferenças entre radicais e afixos: a posição na palavra, o número extremamente maior de radicais (bem como a impossibilidade de listar todos) e o fato de sufixos não funcionarem como unidades autônomas (com exceção de *zinho* – "indivíduo sem expressão, sem importância")[33]. Azeredo (2002: 70) lembra também que alguns prefixos podem ocorrer como forma abreviada de uma palavra, a exemplo de *pré* por *pré-vestibular* e *extra* por *extraordinário*.

Após definir os dois processos fundamentais de formação de palavras, Azeredo aborda a dificuldade de se decidir se uma palavra é divisível ou não. De acordo com a certeza da possibilidade de divisão ou da indivisibilidade da palavra,

[33] Podemos citar também o caso do sufixo *-ismo*, empregado como vocábulo formal em frases como *Precisamos estudar todos os ismos citados pelo professor* e *Levei muito tempo para entender o futurismo, o modernismo, o dadaísmo e outros ismos*.

dizemos que ela apresenta um alto grau de transparência (como *infeliz* e *guarda-roupa*) ou que é opaca (a exemplo de *feliz* e *cabide*). Se existe dúvida é porque o grau de transparência é baixo (como em *proferir*). Em seguida, o autor distingue as **regras de análise estrutural** (RAEs) das **regras de formação de palavras** (RFPs). As primeiras são necessárias para reconhecer os morfemas e interpretar sua contribuição para o significado da palavra; as últimas explicam a produção e a compreensão de palavras novas. As RAEs e as RFPs fazem parte de nossa *competência lexical* (conhecimento que o falante tem do léxico da língua). Palavras como *penitência*, *penitente*, *construir* e *destruir*, que não provêm de outras, só podem ser analisadas em unidades menores (*penit+ência*, *penit+ente*, *con+struir* e *de(s)+struir*) segundo as RAEs. Azeredo também recorre às RAEs para considerar derivadas por prefixação palavras como *transferir* e *permanecer* (herdadas do latim) assim como *transportar* e *perfazer* (formadas na atual sincronia do português), alegando que

> Considerar derivadas por prefixação somente as duas últimas formas é passar ao largo da complexidade do modo próprio de estruturação do léxico, deixando sem explicação o fato de muitos falantes intuírem, em face dessas quatro formas, por força dos segmentos *trans-* e *per-*, respectivamente, os significados "movimento para além" e "processo que se estende". (AZEREDO, 2002: 81)

A derivação é dividida pelo autor em prefixal, sufixal, regressiva, parassintética, imprópria (ou conversão) e por abreviação[34]. Vejamos algumas considerações feitas sobre os dois primeiros tipos.

Ao tratar da derivação prefixal, Azeredo (2002: 84-6) divide os prefixos em quatro grupos, de acordo com as noções que expressam e sua produtividade. No primeiro grupo, está a maior parte dos prefixos – aqueles que expressam idéias relacionadas com "localização" no espaço, no tempo ou em uma escala de valores (*ante-*, *arqui-*, *circum-*, *com-, entre-/inter-, ex-, extra-, hiper-*, dentre outros). Grande parte dos prefixos do segundo grupo, formado por elementos que expressam as noções afins de ausência, negação, situação/movimento contrário (*anti-*, *contra-*, *des-*, *in-*/*im-*/ *i-*), também é bastante produtiva. No terceiro grupo, estão os prefixos *a-*, *an-* e *dis-* (*di-*), que fazem parte do estoque lexical passivo. Elementos altamente

[34] Azeredo (2002: 97-8) distingue três principais modelos de abreviação: redução da forma complexa a um de seus elementos (*foto* por *fotografia, pré* por *pré-vestibular*); supressão de uma parte fonética sem significado próprio (*portuga* por *português*, *Bel* ou *Isa* por *Isabel*) e formação de siglas (*DETRAN = Departamento de Trânsito*).

produtivos, como *neo-*, *pseudo-*, *sem-*, *não-*, *auto-*, *bem-* e *mal-*, formam o heterogêneo quarto grupo de prefixos.

Em relação à derivação sufixal, o autor chama atenção para o fato de o processo não só contribuir para a ampliação do léxico, como a prefixação, mas também desempenhar um papel importante na construção sintática dos sintagmas, das orações e até mesmo do texto. A possibilidade de formar uma palavra de uma classe distinta da base por meio da sufixação permite, por exemplo, encurtar construções sintáticas (*Usar a cabeça para impulsionar a bola* / *cabecear a bola*) e condensar orações que, sob a forma de sintagmas nominais, podem ocorrer como parte de orações mais complexas (*Meus sapatos sumiram* / *o sumiço dos meus sapatos*).

Os sufixos são listados em grupos organizados de acordo com as classes de palavras a que se juntam e a que dão origem. O grupo B, por exemplo, reúne sufixos que derivam substantivos de adjetivos como *-dade/idade* (*bondade* de *bom*), *-ez/eza* (*palidez* de *pálido*) etc.

A composição é definida como a união de dois ou mais lexemas, de que resulta uma nova unidade fixa com características gramaticais e semânticas que a diferem de combinações regulares de lexemas como *funcionário público*, *noite de lua* etc. Gramaticalmente, uma palavra composta é vista como uma estrutura fixa, cujos elementos não sofrem elipse ("pode se dizer *Este carro tem um amplo porta-luvas e um minúsculo porta-malas*, mas não *Este carro tem um amplo porta-luvas e um minúsculo malas*") e nem podem ser adjetivados de modo independente ("qualquer adjetivo só pode se referir ao conjunto – *pé-de-vento/arrasador*, e não *pé-de-/vento arrasador*"). Semanticamente, o significado da palavra formada pode ser entendido como a soma do significado dos seus constituintes (a exemplo de *navio-escola* e *socioeconômico*) ou ser bem distinto das noções expressas por seus lexemas componentes. No último caso, estão as criações de natureza metafórica, baseadas nas relações de semelhança, como *espada-de-são-jorge*, *bem-te-vi* etc.

Após comentar a tradicional diferença entre aglutinação e justaposição, Azeredo (2002: 100-2) concentra-se nos aspectos semânticos dos compostos. Distingue os compostos cujo significado resulta da coordenação dos significados particulares dos lexemas que os integram (*infanto-juvenil*, *rádio-gravador*) daqueles em que um lexema figura como base do significado e outro exprime uma especificação qualquer (ordem B+E: *peça-chave*; ordem E+B: *apicultura*). Aponta

também que as palavras podem se referir às entidades que designam por dois modos principais: metonímia (entidade identificada por sua utilidade, como *saca-rolha*, ou qualquer característica tipificadora, a exemplo de *mão-aberta*) e metáfora (por relação de semelhança, como *olho-de-sogra*).

Como Cunha e Cintra (1985), Azeredo faz referência à recomposição. Menciona ainda a duplicação (usual nas formações de uso coloquial e popular, a exemplo das formas de uso afetivo-familiar como *papai, dodói* etc. e das onomatopéias), o amálgama lexical ou cruzamento vocabular (composição em que a união dos lexemas ocorre de forma arbitrária e imprevista como em *showmício* = *show* + *comício* e *Francineide* = *Francisco* + *Neide*) e a oneonímia (criação de marcas industriais ou artigos comerciais por derivação ou composição). São exemplos de oneônimos a formas derivada *Dietil* (*diet(a)* + *il*) e o composto *Limppano* (*limpar* + *pano*).

A breve análise apresentada mostra que as gramáticas de Bechara (1999) e Azeredo (2002) abordam não só a estrutura das palavras, mas também a produtividade dos processos de formação vocabular, a motivação das criações e o seu aspecto semântico. Em ambas as obras os prefixos são definidos, de maneira geral, como morfemas gramaticais que se antepõem a um radical (ou a uma base), dando origem a uma palavra derivada. Podem também ocorrer como forma abreviada de uma palavra (*pré* por *pré-vestibular*, *extra* por *extraordinário*, *ex* por *ex-marido* etc.). Há, no entanto, divergências nas listagens de afixos iniciais apresentadas – os elementos *auto-* (“si mesmo”, “si próprio”) e *pseudo-* (“falso”), por exemplo, são classificados como radicais por Bechara (1999: 374-80), mas considerados prefixos por Azeredo (2002: 86). Não é possível, entretanto, traçarmos um quadro comparativo que contenha todos os elementos considerados prefixos pelos autores, uma vez que Bechara divide sua listagem em dois grupos intitulados ambiguamente **Prefixos e elementos latinos** e **Prefixos e elementos gregos**[35], deixando dúvidas sobre quais morfemas considera realmente prefixos, e Azeredo não se propõe a apresentar uma lista que inclua todos os prefixos de nossa língua.

O último compêndio gramatical que comentaremos aqui é a *Gramática de usos do português* (2000), de Maria Helena de Moura Neves. Para mostrar as regras

[35] *Poli-* (“multiplicidade”: *politeísmo*, *polígono*) e *tele-* (“distância”: *telégrafo*, *telefone*), por exemplo, figuram tanto na lista de “prefixos e elementos gregos” quanto entre os “principais radicais gregos usados em português” (cf. BECHARA, 1999: 368-80).

que regem o funcionamento dos itens lexicais e gramaticais, a obra parte dos próprios itens, mostrando seu uso em textos reais e as regras que regem o seu funcionamento em diferentes níveis, desde o sintagma até o texto. Assim, busca "prover uma descrição do uso efetivo dos itens da língua, compondo uma gramática referencial do português" (NEVES, 2000: 14).

Na *Gramática de usos*, não há seções dedicadas à descrição dos elementos mórficos e à formação de palavras. Há, entretanto, menção à subdivisão morfológica dos substantivos, bem como de todas as palavras lexicais da língua, em **primitivos** ("que não derivam de nenhuma outra palavra da língua"), **derivados** ("que derivam de outra palavra da língua"), **simples** ("formados de apenas um radical") e **compostos** ("formados de mais de um radical") (NEVES, 2000: 76).

Dentre os exemplos de substantivos derivados, figuram principalmente formações com sufixos (*bolada*, *cafezal*, *pedreiro*, dentre outras), mas também são citadas palavras só com prefixo ou com ambos os afixos (*desânimo*, *descoramento*, *desagregação*, *emagrecimento*). Em seguida, a autora enumera as estruturas mais comuns dos substantivos compostos, a saber:

a) substantivo + substantivo: *caneta-tinteiro*;

b) substantivo + adjetivo: *batata-doce*;

c) adjetivo + substantivo: *bom-humor*;

d) substantivo + preposição + substantivo sem artigo: *café-com-leite*;

e) substantivo + preposição *de* + substantivo com artigo: *bicho-da-seda*;

f) substantivo + sintagma preposicionado: *bola-ao-cesto*;

g) forma verbal + substantivo (singular ou plural): *bate-bola*, *abre-alas*;

h) forma verbal + mesma forma verbal (que pode ser negada): *corre-corre*, *conta-não-conta*;

i) advérbio + sintagma preposicionado: *fora-da-lei*.

Neves (2000: 81) acrescenta que os modos de composição podem combinar-se (como em *cipó-rabo-de-macaco*) e que, na verdade, qualquer seqüência pode ser empregada como substantivo, a exemplo das formações grifadas na seguinte frase: *Bom, em último caso tenho aqui esses cinco contos de "**LÁ VAI CHUMBO**" e esse birro-de-quina, esse pedaço de "**DEUS-ME-PERDOE**"*. Trata ainda do plural dos compostos, citando exemplos que nos chamam atenção como *fidalgos* (palavra considerada simples no estágio atual da língua por muitos

estudiosos), *ex-diretores* e *vice-presidentes* (formações cujos primeiros elementos são, em geral, classificados como prefixos). A ausência de considerações sobre as características de afixos e radicais e de uma listagem desses elementos não nos permite saber se a autora não inclui *ex-* e *vice-* dentre os prefixos de nossa língua ou se distingue dois tipos de prefixos, os *composicionais* e os *derivacionais*.

No próximo capítulo, buscaremos outros critérios e parâmetros para a definição e identificação dos prefixos em estudos da lingüística moderna.

2. OUTRAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO DOS PREFIXOS DO PORTUGUÊS

Dedicaremos este capítulo à contribuição dos lingüistas no estudo dos prefixos da língua portuguesa. Ele está dividido em duas partes. Na primeira, apresentaremos as análises dos estruturalistas; na segunda, as propostas de autores cujos estudos sofrem a influência das teorias gerativas.

A análise das obras neste capítulo não segue uma ordem cronológica rigorosa como no capítulo anterior. Além disso, nem sempre citaremos o ano da primeira edição dos trabalhos mencionados; no entanto, sempre que o fizermos, ele virá logo após o título.

2.1 As análises estruturalistas

Nos estudos lingüísticos, a morfologia derivacional[36] destacou-se no período estruturalista, cujo marco inicial é a publicação de *Cours de linguistique générale* (1916), do lingüista suíço Ferdinand de Saussure. Os principais mentores do estruturalismo na vertente norte-americana foram Edward Sapir (*Language*, 1921) e Leonard Bloomfield (*Language*, 1933).

No Estruturalismo, a Morfologia baseia-se no conceito de morfema, sua unidade básica, sendo vista como a parte da gramática que descreve os morfemas da língua e seus padrões de arranjo nas palavras. No modelo estruturalista, que ficou conhecido como **Elemento e Arranjo** (ou **Item e Arranjo**), a análise mórfica preocupa-se em fazer a segmentação dos morfemas e classificá-los. Para identificá-los, utiliza-se o **método da comutação**, que consiste na substituição de elementos

[36] "Na gramática tradicional, assim como no estruturalismo, a morfologia derivacional é definida como a parte da gramática de uma língua que descreve a formação e estrutura das palavras. Numa abordagem gerativa, podemos dizer que a morfologia derivacional é a parte da gramática que dá conta da competência do falante nativo no léxico de sua língua." (BASÍLIO, 1980: 7)

a partir da qual resulta um novo vocábulo[37]. Câmara Jr. (1996: 72-3) exemplifica a comutação com o vocábulo *falamos*:

> A primeira comutação que ocorre é um zero (∅), que nos dá o vocábulo *fala*. Como passa então a se tratar de outra pessoa gramatical (a 3ª pessoa do singular), concluímos que *-mos* é que é o morfema da 1ª pessoa do plural, ou 4ª pessoa gramatical. Por outro lado, a comparação de *falamos*, como *falávamos*, *faláramos*, *falaremos* e *falaríamos*, indica um presente e um pretérito com morfema zero e dois outros pretéritos, com morfemas *-va-* e *-ra-*, respectivamente, e com dois futuros, respectivamente, de morfemas *-re-* (tônico) e *-ria-* (com tonicidade no /i/). Finalmente, a diferença de *falamos* com *bebemos* e *partimos* mostra que os verbos portugueses se distribuem em três classes mórficas (as tradicionais «conjugações»), caracterizadas sucessivamente pelas vogais /a/, /e/, /i/. O primeiro elemento indivisível, comum a todas as formas de cada um dos verbos, é o morfema lexical, em que se concentra a significação específica do ato que o verbo expressa: *fal-*, em *falamos*, referente a uma atividade vocal distinta da de *cantamos* (morfema lexical *cant-*), ou da de *gritamos* (morfema lexical *grit-*) [...].

É necessário associar à comutação o critério semântico para, por exemplo, verificar se um segmento fônico corresponde, realmente, a um morfema. Em *onipotente* (*oni-* + *potente*), *onisciente* (*oni-* + *ciente*), *onipresente* (*oni-* + *presente*) e *onívoro* (*oni-* + *-voro*), por exemplo, *oni-* é um morfema lexical. Em *ônibus*, no entanto, é apenas uma seqüência de fonemas, uma vez que *ônibus* é uma palavra simples. No estágio atual da língua não há como pensar em uma divisão *ôni-* + *-bus*. O vocábulo *bus*[38] até existe em português, mas em nada se relaciona com *ônibus*. O critério semântico é importante também para o reconhecimento da homonímia em pares como *caso* – *casa*. A homonímia pode abranger todos os morfemas de uma palavra como em *canto* ("ângulo") e *canto* ("ato de cantar"). No último caso,

---

[37] Conforme apontamos em nossa dissertação de Mestrado (SILVA, 2004: 15-6), há morfemas não-comutáveis diretamente. Reproduzimos a seguir o trecho em que tratamos do assunto:

"As vogais temáticas nominais e verbais não podem ser depreendidas diretamente pelo método da comutação, visto que da troca de uma vogal temática por outra resulta, na maioria das vezes, uma forma inexistente (*mes/a*, **mes/o*, **mes/e*; *grit/a/r*, **grit/e/r*, **grit/i/r*). Como demonstrar, então, que as vogais temáticas são morfemas?

O primeiro passo é mostrar que a vogal temática é independente dos demais morfemas de um determinado vocábulo. O segundo, admitir que *uma seqüência fônica compreendida entre dois morfemas é, ela própria, um morfema*. Observemos os seguintes exemplos:

Exemplo 1:	**Exemplo 2:**
montes (subst. masc. plural)	*cantamos* (P4 do pres. ind.)
mont- <--> *vales, peixes...*	*cant-* <--> *falamos, lavamos…*
-s <--> *monteØ*	*-mos* <--> *cantas*

Uma vez demonstrado que os morfemas *mont-* e *-s* existem (exemplo 1), comprova-se a existência de uma fronteira morfológica entre estes e qualquer segmento fônico compreendido entre eles. O mesmo ocorre com *cant-* e *-mos* em relação ao segmento *-a*. Logo, admitindo que uma seqüência fônica compreendida entre dois morfemas é, ela própria, um morfema, confirma-se que *-e* e *-a* são morfemas."

[38] O *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa* (FERREIRA, 2004) classifica o vocábulo "bus" como substantivo masculino ("coisa nenhuma") e pronome indefinido ("nada"). Reconheçamos, porém, o uso popular de "bus", isoladamente, como sinônimo de "ônibus", o que pode ser explicado como um caso de abreviação ou mesmo como uma incorporação da forma inglesa – a despeito de o empréstimo ter origem no francês (*voiture omnibus*), segundo o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (HOUAISS, 2001).

conforme explica Câmara Jr. (1977: 95), “é o contexto ou a situação que identifica a forma (cf. ‘a cadeira estava num canto’, ‘aprecio o canto de Gigli’)”.

O modelo **Elemento e Arranjo** opõe-se ao modelo desenvolvido pelos gregos, denominado por Hockett (1966) **Palavra e Paradigma,** que prevaleceu por séculos no Ocidente. No modelo da tradição clássica, as palavras são consideradas as unidades mínimas na análise lingüística; o termo “paradigma” refere-se ao esquema de variações acidentais de forma que as classes de palavras apresentam (como as declinações nominais e as conjugações verbais).

Como vimos no capítulo anterior, muitas gramáticas publicadas após a NGB sofrem a influência das idéias estruturalistas, dando destaque ao estudo dos morfemas. No entanto, a conceituação e a nomenclatura das formas mínimas não são unívocas entre os estruturalistas. Algumas diferenças terminológicas são, inclusive, comentadas por autores como Lima (1972), conforme já citado neste trabalho. As unidades mínimas da primeira articulação[39] são denominadas **monemas** por Martinet (1974: 13), que diz: “monema é o menor segmento de discurso ao qual se pode atribuir um sentido”. A segunda, unidades distintivas (os fonemas). O lingüista francês reservou a denominação de **morfemas** para as unidades mínimas significativas gramaticais. As lexicais foram designadas **lexemas**. Pottier (1968: 53-4) usa o termo **morfema** como genérico; emprega também a designação de **lexemas**, mas chama de **gramemas** os morfemas gramaticais. Na obra *Princípios de lingüística geral* (1941) e no *Dicionário de fatos gramaticais* (1956), Câmara Jr. adota a nomenclatura de Vendryès (*Le langage*, 1921), que chama de **semantemas** as formas mínimas de valor lexical e de **morfemas** as de valor gramatical. A partir da 2ª edição do dicionário, publicada em 1964 e intitulada *Dicionário de filologia e gramática*[40], o lingüista brasileiro usa, na obra, o termo **morfema lexical** para se referir ao sufixo derivacional, segmento que se une à raiz para criar palavras novas[41]. Em trabalhos posteriores, entretanto, o autor passa a

[39] Uma das características da linguagem humana é o que Martinet (1974: 11) chamou de **dupla articulação**: “A linguagem humana é não somente articulada, mas duplamente articulada em dois planos, aquele em que, para usar os termos do falar cotidiano, os enunciados se articulam em palavras, e aquele em que as palavras se articulam em sons.”

[40] Atualmente, a obra é publicada com o título *Dicionário de lingüística e gramática*.

[41] “As aplicações dos semantemas se multiplicam por meio do tipo de morfema chamado lexical, cuja adjunção à raiz cria novas palavras, especializando ou ampliando o valor do semantema. Em português esses morfemas lexicais são fundamentalmente segmentos fônicos que se seguem à raiz, isto é, sufixos.” (CÂMARA JR., 1964: 308-9, v. semantema)

utilizar os termos **morfema lexical** e **semantema** como sinônimos, conforme vemos no trecho a seguir:

> Há uma primeira classe de formas mínimas que se reporta diretamente à experiência do mundo bio-social que nos envolve e serve de assunto à comunicação lingüística. São o núcleo de cada vocábulo, ou, em termos de estruturação mórfica, a sua «raiz». São portanto «morfemas lexicais» como essência da palavra (gr. *léxis*) em que se encontram. Noutra terminologia, são os «lexemas» (Martinet), ou, noutra ainda, os «semantemas», porque encerram em cada vocábulo o elemento semântico básico (Vendryes).
> [...] O morfema lexical, ou semantema, combina-se com outros – os «morfemas gramaticais» ou «morfemas» *stricto sensu*. (CÂMARA JR., 1969: 47-8)

Como mostram as definições acima, é comum o valor significativo dos morfemas, tanto lexicais quanto gramaticais, ser enfatizado. Câmara Jr. (1964: 313) afirma que os primeiros apresentam uma **significação externa** e os últimos, uma **significação interna**:

> Ao lado da significação dos semantemas, dita significação externa, há para considerar a significação interna, ou gramatical, que se refere aos morfemas e pode ser categórica (indicativa de uma categoria gramatical) ou relacional (quanto à função do morfema como conectivo).

Coseriu (1978) define cinco tipos de significado – **léxico**, **categorial**, **instrumental**, **estrutural** e **ôntico**. O **significado léxico** é o correspondente, como a própria denominação evidencia, aos morfemas lexicais:

> O *significado léxico*, que corresponde ao quê da apreensão do mundo extralingüístico; por exemplo, o significado que é comum a todas as palavras de cada uma das séries: [...] *rico – riqueza – enriquecer*, *branco – brancura – branquear – brancamente*, e que, ao mesmo tempo, diferencia cada uma destas séries, como um todo, de outras séries do mesmo tipo. [42] (COSERIU, 1978: 136-7)

Já o significado dos morfemas gramaticais é denominado **instrumental** pelo autor:

> O *significado instrumental*, ou seja, o significado dos morfemas, e, este, independentemente de serem palavras ou não; assim, por exemplo, *o* em *o homem*, tem o significado «atualizador», e *–s*, em *mesa-s*, tem o significado «pluralizador». [43]
> (COSERIU, 1978: 137)

Para Lyons (1979: 208), entretanto, as considerações semânticas são irrelevantes na definição das unidades gramaticais. O lingüista inglês descreve os morfemas como as "unidades mínimas da análise gramatical, com as quais se

---

[42] "El *significado léxico*, que corresponde al qué de la aprehensión del mundo extralingüístico; por ejemplo, el significado que es común a todas las palabras de cada una de las series: [...] *rico – riqueza – enriquecer, blanco – blancura – blanquear – blancamente,* y que, al mismo tiempo, diferencia a cada una de estas series, como un todo, de otras series del mismo tipo." (COSERIU, 1978: 136-7)

[43] "El *significado instrumental*, es decir, el significado de los morfemas, y, ello, independientemente de si son palabras o no; así, por ejemplo, *el* en *el hombre*, tiene el significado «actualizador», y *-s*, en *mesa-s*, tiene el significado «pluralizador»." (Ibid., p. 137)

compõem as palavras," observando que eles não podem ser decompostos em unidades menores "distribucionalmente classificáveis." (LYONS, 1979: 178).

Pena (2000) também prefere definir o morfema como "unidade gramatical mínima", ou seja, que não pode ser decomposta em outras, mas sem ser, necessariamente, significativa ou distintiva. Segundo ele,

> [...] a definição do morfema como 'signo mínimo' ou 'unidade significativa mínima' resulta inadequada por ser demasiado restritiva e não poder assim caracterizar a totalidade das unidades obtidas na análise formal da palavra, relevantes em sua estrutura ou constituição morfológica.[44] (PENA, 2000: 4320)

O autor espanhol cita as vogais temáticas e os interfixos como exemplos de unidades carentes de significado, frisando ser preciso reconhecer que nem sempre o morfema é uma entidade de dupla face. Há morfema sem significante (morfema zero) e morfema sem significado.

A afirmação de que os morfemas são sempre significativos pode ser também questionada se relacionarmos o significado ao conteúdo que o emissor acredita estar vinculando e ao que o receptor entende. Ao dizer *cantávamos*, por exemplo, não faz parte do projeto de discurso comunicar que *cantar* é um verbo da primeira conjugação. Logo, a vogal temática verbal é um exemplo de morfema sem significado.

O que Câmara Jr. (1964) chama de **significação interna** e Coseriu (1978) de **significado instrumental** parece ser, na verdade, a **função** dos morfemas gramaticais. Comparemos, por exemplo, as conjunções integrantes *que* e *se* (morfemas gramaticais). Ambas têm a mesma função[45], todavia, a primeira é

---

[44] "[...] la definición del morfema como 'signo mínimo' o 'unidad significativa mínima' resulta inadecuada por ser demasiado restrictiva y no poder así caracterizar la totalidad de las unidades obtenidas en el análisis formal de la palabra, relevantes en su estructura o constitución morfológica." (PENA, 2000: 4320)

[45] As conjunções integrantes têm a função de introduzir uma oração que funciona como *sujeito*, *objeto*, *predicativo*, *complemento nominal* ou *aposto* de outra. São classificadas como morfemas relacionais em muitas análises, assim como as demais conjunções, as preposições, os verbos auxiliares e os pronomes relativos, que têm a função de conectar palavras e/ou orações. Essa não é, no entanto, a única proposta de análise desses vocábulos. Azeredo (2002), dentre outros, considera preposições, conjunções adverbiais e integrantes e pronomes relativos, bem como advérbios interrogativos, pronomes indefinidos e desinências aspectuais, transpositores. A transposição é definida pelo autor como o "processo pelo qual se formam sintagmas derivados de outras unidades, as quais podem ser sintagmas básicos ou orações" (AZEREDO, 2002: 211). Os sintagmas formados pelas preposições substituem ora os sintagmas adjetivais (*líquido sem cor / líquido incolor*) ora os adverbiais (*agiu com prudência / agiu prudentemente*). As orações introduzidas por conjunções integrantes (*Ele sabe que os meninos se escondem lá. / Ele sabe o esconderijo dos meninos.*), advérbios interrogativos (Vi *como ele chegou. / Vi sua chegada.*) e pronomes indefinidos (*Todos sabem quanto custou a casa. / Todos sabem o preço da casa.*) formam sintagmas nominais. As introduzidas por conjunções adverbiais formam sintagmas adverbiais (*Ele saiu quando ela ligou*). Já os pronomes relativos iniciam orações que funcionam como sintagmas adjetivais (*Não comprei a roupa que vi na loja. / Não comprei a roupa vista na loja.*). As desinências aspectuais *-r*, *-ndo* e *-do* formam, respectivamente, o infinitivo, o gerúndio e o particípio dos verbos (*cantar, cantando e cantado*).

semanticamente vazia enquanto a segunda expressa dúvida. Assim, pode-se afirmar que o morfema é a unidade mínima da língua que possui, em princípio – mas não obrigatoriamente –, significante e significado.

Voltemo-nos agora para o tratamento dado aos afixos iniciais do português nas análises estruturalistas, com destaque para os estudos de Pottier (1962, 1973), Câmara Jr. (1964, 1975, 1977) e Monteiro (2002).

2.1.1 A análise de Pottier

Bernard Pottier mostrou grande interesse pela descrição das línguas ibéricas. Em *Grammaire de l'espanhol* (1960)[46], o autor aplica suas teorias lingüísticas à língua espanhola. Mais tarde, tem como objeto a língua portuguesa, na obra *Estruturas lingüísticas do português* (1972), escrita com Albert Audubert e Cidmar Teodoro Pais. Examinemos agora o tratamento dado aos prefixos pelo lingüista francês.

Pottier (1962) distingue os **lexemas** dos **formantes**, incluindo os afixos dentre os últimos. A divisão do autor baseia-se na oposição inventário limitado x inventário ilimitado[47], conforme mostra o parágrafo a seguir:

[46] A versão espanhola da obra, *Gramática del español*, foi lançada em 1970.

[47] No capítulo anterior, comentamos que, em *Éléments de linguistique générale* (1960), Martinet considera os afixos lexemas (unidades mínimas significativas lexicais), baseando-se no mesmo critério que Pottier (1962). Segundo Martinet (1978: 138), estabelecer o caráter limitado ou ilimitado dos inventários de determinado tipo de monemas "não se trata de saber se é ou não possível contar exatamente os monemas susceptíveis de aparecerem em dado contexto, mas sim se o monema pertence a uma série aberta (que hoje talvez comporte um número reduzido de unidades, mas susceptível de aumentar) ou a uma série fechada tal que o número dos elementos que comporta não possa variar sem que daí resulte uma reorganização estrutural: não se procura saber quantos sufixos há em português susceptíveis, como *-inho*, de formar substantivos a partir de substantivos, porque eles constituem um sistema suficientemente elástico para a cada passo poder aparecer novo sufixo do mesmo tipo sem lhes afetar o valor nem os empregos. Inteiramente diverso é o caso de sistemas como os do número ou do artigo em português, em cada um dos quais há apenas duas unidades opostas, de modo que, em caso de necessidade, se tem forçosamente de escolher entre singular e plural, entre definido e indefinido. Num caso destes, qualquer unidade nova teria de arranjar lugar à custa das unidades tradicionais [...]. Parece pois haver interesse em ver nos afixos um tipo particular de lexemas". O caráter nocional de muitos afixos e o fato de se combinarem com os lexemas para formarem novas unidades do léxico os situam no domínio entre o léxico e a gramática; não nos parece convincente, entretanto, a afirmação do autor sobre a "elasticidade" do sistema de sufixos.

> Baseando-nos nas possibilidades combinatórias no interior de uma mesma classe de morfemas, distinguimos os *lexemas* ou morfemas que pertencem a uma categoria com um grande número de variáveis (p. ex.: a partir de 5000 em francês), e os *formantes* ou morfemas que pertencem a uma categoria com pequeno número de variáveis facilmente determinável (p. ex., abaixo de 100).[48] (POTTIER, 1962: 95)

Na obra sobre as estruturas de nossa língua, os termos **lexemas** e **formantes** são substituídos, respectivamente, por **morfemas lexicais** e **morfemas gramaticais**, como vemos no trecho abaixo:

> Em "*pens*-*e*", o elemento *pens*- pode comutar com um número muito elevado e não definido de outros morfemas: é um *morfema lexical*. Ao contrário, -*e* só pode comutar com um número restrito e definido de morfemas: é um *morfema gramatical*.
> [...]
> Os morfemas gramaticais podem ser obrigatoriamente ligados a um morfema lexical: -*inh*- (cas-*inh*-a), *re*- (*re*-por) ou ser livres: *muito*, *este*, *nem*.
> (POTTIER; AUDUBERT; PAIS, 1973: 29)

Após a distinção dos morfemas lexicais e gramaticais, os autores descrevem a estrutura das lexias[49] formadas de morfema lexical, estabelecendo a seguinte tipologia prefixal:

> Zona 1. – Morfemas gramaticais semi-autônomos. Quantitativos: *multi*-milionário, *super*-homem, *mini*-saia, *bi*-dimensional, *vice*-presidente
>
> Zona 2. – Morfemas gramaticais quantitativos integrados. *In*- em *in*descritível, *in*visível, *in*viável, *i*rrecuperável e *re*- (intensivo) em *re*fazer, *re*lembrar, etc.
>
> Zona 3. – Morfemas gramaticais qualitativos que correspondem aos relatores: *sobre*carregar, *en*caixar, *des*montar, *a*por.
> (POTTIER; AUDUBERT; PAIS, 1973: 29-30)

Mais adiante, veremos que muitos dos prefixos classificados acima como semi-autônomos são excluídos da listagem de prefixos, sendo considerados elementos de composição (em MONTEIRO, 2002: 139-42, por exemplo) ou pseudoprefixos (cf. o terceiro capítulo deste trabalho). Em relação aos morfemas da Zona 3, faltam esclarecimentos sobre a correspondência entre os prefixos e os relatores (preposições). Seria esta correspondência formal ou semântica? O prefixo de *desmontar* corresponde à preposição *de*? Em vocábulos como *superposição* e

---

[48] "En nous fondant sur les possibilités combinatoires à l'intérieur d'une même classe de morphèmes, nous distinguons les *lexèmes* ou morphèmes appartenant à une catégorie à grand nombre de variables (p. ex.: à partir de 5.000 en français), et les *formants* ou morphèmes appartenant à une catégorie à petit nombre de variables facilement déterminable (par ex., au-dessous de 100)." (POTTIER, 1962: 95)

[49] A lexia é definida por Pottier, Audubert e Pais (1973: 10) como "a unidade lexical memorizada". Os autores distinguem os seguintes tipos de lexias: **lexia simples** (como *árvore*, *saiu*, *entre* e *agora*), **lexia composta** (a exemplo de *primeiro-ministro*, *guarda-chuva* e *mata-borrão*), **lexia complexa estável** (*a punhaladas*, *ponte levadiça*, *estado de sítio*, *mesa-redonda*, *recém-nascido*, *mortalidade infantil*, *estação espacial*, *Cidade Universitária*) e **lexia textual** (como *quem tudo quer, tudo perde*). A nosso ver, a obra carece de explicações sobre a inclusão de *mesa-redonda* e *recém-nascido* no grupo das lexias complexas estáveis.

supercílio, o prefixo *super-* pertenceria à Zona 3 ou ainda seria considerado "quantitativo"?

Pottier, Audubert e Pais (1973: 30-1) distinguem mais quatro zonas. Na Zona 4 estão os morfemas lexicais. Ao tratarem destes morfemas, observam que algumas combinações, "de tanto serem realizadas; foram memorizadas, de modo que elas formam atualmente um todo indivisível (derivação "morta"): *embora*, *outrora*, *chuviscar*, *manifesto*, *cornucópia*, *manípulo*". Na Zona 5 estão os morfemas gramaticais de aspecto (os sufixos de vocábulos como harmoniz*ação*, ventila*dor*, livr*aria* e ferr*oso*) e formulação do processo (fal-*ava* e faz*ia*); na Zona 6, os morfemas gramaticais de grau; e, na Zona 7, os morfemas gramaticais de concordância (lind-*o*-*s*; lent-*a*-*mente*, fazia-*m*). O quadro a seguir ilustra a análise de vocábulos com base nas zonas estabelecidas pelos autores:

1	2	3	4	5	6	7
			amarel			o-s
			so		z-inh	o
	in		segur			o
		des	cob	ert		a-s
			tradu	tor		-es
			fal	ava		mos
		a	torment	ador		
			vergonh	os	íssim	a-s
	in		escrupul	os		o-s
super			abund	ante		

(POTTIER; AUDUBERT; PAIS, 1973: 31)

A nosso ver, a análise de cunho semântico-gramatical apresentada carece de outras explicações, além dos questionamentos já levantados sobre os prefixos. Por que reunir em um mesmo grupo sufixos que formam nomes e desinências modo-temporais? O que seria "aspecto" na visão dos autores? Por que o sufixo que dá origem a advérbios é considerado um morfema de concordância? Busquemos, então, um pouco mais sobre os processos de formação de palavras e os critérios para a caracterização dos prefixos em outros estudos estruturalistas.

2.1.2 As idéias de Câmara Jr.

Na obra *História e estrutura da língua portuguesa* (1975), Joaquim Mattoso Câmara Jr. divide os prefixos em três grupos, a saber:

A) os que também funcionam como preposições;

B) os que são variantes (em forma erudita) de preposições;

C) os que são exclusivamente prefixos.

Ao listá-los, o autor observa ainda que alguns provêm de advérbios latinos (e/ou correspondem a advérbios em português, a exemplo de *menos*), fato que não é mencionado na explicação dos três grupos dos afixos iniciais e nem levado em consideração na definição do prefixo como a "variante presa das formas dependentes[50] chamadas preposições" (CÂMARA JR., 1964: 281), registrada no *Dicionário de Filologia e Gramática*. O quadro a seguir reúne os prefixos de origem latina citados pelo autor:

Quadro 4

Prefixos de origem latina citados por Câmara Jr. (1975)

Grupo A
A-. Prep. *a*. Ex.: *apor*, *acalmar.*
ANTE-. Prep. *ante*. Ex.: *antebraço*; *antepor*.
EN-. Prep. *em*. Ex.: *enraizar*; *embandeirar* .
CON-. Prep. *com*. Ex.: *conviver*.Var.: *co-*. Ex.: *colaborar*, *corroer*, *coagir*.
CONTRA-. Prep. *contra*. Ex: *contradizer*.
DE-. Prep. *de.* Ex. *depor*.
ENTRE-. Prep. *entre*. Ex.: *entrever*.
SO-. Prep. *sob* na forma arcaica *so*. Ex. *sobraçar*.
SOBRE-. Prep. *sobre*. Ex.: *sobrescrito*.
MENOS-. ADV. *menos*. Ex.: *menosprezar*.

[50] Conforme estabelecido por Bloomfield (1933: 160), os morfemas podem ser formas livres (*free forms*) ou formas presas (*bound forms*). Os primeiros podem constituir um enunciado por si só (*lei*, *sim*), enquanto os últimos só aparecem associados a outros morfemas (o prefixo *re-* em *refazer* e *reescrever*, por exemplo). Câmara Jr. (1977: 87-9; 1996: 69-70) ampliou a divisão bipartida de Bloomfield ao introduzir o conceito de *forma dependente*, ou seja, um morfema que, isoladamente, não funciona como comunicação suficiente, mas que pode ser separado da forma livre a que se acha ligado pela intercalação de uma ou mais formas livres entre eles (***a*** *casa* ***de*** *Maria*/ ***a*** *nova casa* ***de*** *minha amiga Maria*) ou pela possibilidade de mudança de sua posição (*fala-****se***/ ***se*** *fala*).

Grupo B

AD-. Prep. lat. *ad* (port. *a*) Ex.: *adjungir*.

IN-. Prep. lat. *ĭn* (port. *em*). Ex.: *incorrer*. Var.: *i-*. Ex.: *ilustrar*, *irromper*.

INTER-. Prep. lat. *ĭnter* (port. *entre*). Ex.: *intervir*.

PRO-. Prep. lat. *pro* (port. *por*). Ex.: *propor*.

SUB-. Prep. lat. *sŭb* (port. *sob*). Ex.: *submeter*. Var.: *su-*. Ex. *supor*.

SUPER-. Prep. lat. *sŭper* (port. *sobre*) Ex: *superpor*.

Grupo C

AB- (Prep. lat. *ab* "proveniência, privação"). Ex.: *absorver*. Var.: *abs-.* Ex.: *abster-se*.

BIS- (Adv. lat. "duas vezes"). Ex.: *bisavó*. Var.: *bi-.* Ex.: *bidestro*.

CIRCUN- (Prep. lat. "em volta"). Ex.: *circunvalar*.

DES- (Combinação das preposições *de* e *ex* com a criação de um prefixo negativo de grande produtividade.). Ex. *desfazer*, *desigual*.

EX- (Prep. lat. *ex* "proveniência"). Indica "o que deixou de ser", noção de "fora" ou "para fora" (menos freqüentemente) e também enfatiza a intensidade de um movimento, com a grafia *es-*. Ex.: *ex-presidente*, *exposição*, *esforçar*. Var.: *e-* (em formações que já vêm do latim). Ex.: *emigrar*, *elaborar*.

EXTRA- (Prep. lat. *extra*, filiada a *ex*, "fora"). Ex.: *extravazar*.

IN- (Pref. lat. para a "negação", homônimo da prep. e pref. *in*, com a mesma morfofonêmica). Ex.: *inapto*, *irreal*, *ilegal*, *imaturo*.

INTRA- (Prep. lat., filiada à prep. *in*, "dentro"). Ex.: *intravenoso*.

INTRO- (Pref. lat. filiado à prep. *in* para a noção de movimento para dentro"). Ex.: *intrometer-se*.

INFRA- (Prep. lat. equivalente a *sub*). Ex.: *infravermelho*, *infra-som*.

JUSTA- (Prep. lat. "ao lado"). Ex.: *justalinear*.

PER- (Prep. lat. "através"). Ex.: *perpassar*.

PRE- (Prep. lat. *prae* "precedência"). Especialmente produtivo para indicar "fase prévia", com a manutenção do timbre aberto da vogal /e/. Ex. *prever*, *pré-romântico*, *pré-histórico*.

RE- (Pref. lat. "repetição"). Ex.: *retomar*, *reconsiderar*. Indica também movimento contrário ao do termo simples. Ex.: *reação*.

RETRO- (Pref. lat., filiado a *re*-, “movimento para trás”) . Ex.: *retroagir*.
SUPRA- (Prep. lat., filiada a *super*). Ex.: *supracitar*. É também usado como advérbio (*a frase supra*).
TRANS- (Prep. lat. “através”). Ex.: *transatlântico*. Var.: *tras*- e *tres*- (antigas e sem produtividade). Ex.: *traspassar*[51], *trespassar*.
ULTRA- (Adv. latino *além*). Ex.: *ultramar*.
VICE- (Ablativo adverbializado *uice*, do nome de que provém port. *vez*). Ex.: *vice-presidente*, *vice-rei*.

Câmara Jr. (1975: 234) menciona também os seguintes prefixos de origem grega que se destacam no português:

a- (“negação”). Ex.: *amoral*, *anormal*;
anti- (“oposição”). Ex.: *anticoncepcional*;
arqui- (“preeminência”). Ex.: *arquimilionário*;
hiper- (“excesso”). Ex.: *hipercorreto*;
meta- (“mudança”) Ex.: *metanálise*. Também com o sentido de “ultrapasse”. Ex.: *metalíngua*, *metafísica*;
para- (“ao lado”). Ex.: *paraestatal*;
proto- (“primeiro, primitivo”). Ex.: *protolíngua*;
tele- (“longe”). Ex.: *televisão*, *telecomunicação*.

Cabe observar que o lingüista considera a prefixação uma modalidade da composição. Segundo Câmara Jr. (1964: 281-2; 1977: 102), ao se associarem a um semantema principal, os prefixos introduzem no conjunto uma idéia subsidiária que modifica a significação primitiva da palavra, criando uma nova significação externa para ela. Os sufixos, por sua vez, formam palavras derivadas e servem para acrescentar uma idéia acessória ao semantema (como a de grau em *casinha*) e/ou para transpor uma palavra de uma classe para outra (como *formoso* de *forma*). Em *gotejar*, por exemplo, essas duas funções confluem, uma vez que, com o acréscimo de um sufixo, foi formado um verbo de aspecto iterativo a partir do substantivo *gota* (cf. CÂMARA JR., 1964: 330-1).

[51] O exemplo na edição consultada é o verbo *transmudar*, que não ilustra o uso da variante *tras*- (cf. CÂMARA JR., 1975: 232).

A polêmica em relação à inclusão das formações com prefixos dentre as formas derivadas ou compostas foi bastante discutida no primeiro capítulo deste trabalho. Após a análise de diversas obras, constatamos que as palavras com prefixos, antes consideradas compostas pela maioria dos autores, passaram a ser incluídas na derivação com freqüência. Também acreditamos que não há por que separar prefixos e sufixos com a alegação de que os últimos seriam entidades desprovidas de sentido ou menos providas de significado que os prefixos. Duarte (1998) critica a posição do lingüista, fazendo os seguintes questionamentos:

> [...] se as preposições são definidas como vocábulos que servem de morfemas de relação, conforme o verbete *Preposição*, no *Dicionário de Filologia e Gramática*, de que modo é possível identificar nos prefixos, cuja natureza seria a mesma da preposição, valor semantemático? Além disto, como é possível, numa teoria lingüística que pretende ser geral, dar-se conta de prefixos que ostentam comportamento gramatical? Estes não se acham presentes somente em línguas indo-européias, mas em outras, ditas exóticas, como o iorubá.

Discutiremos um pouco mais sobre o valor significativo dos prefixos ao comentarmos a proposta de Monteiro (2002). Agora, encerremos a análise do tratamento dado aos afixos iniciais por Câmara Jr. com suas considerações sobre a depreensão dos prefixos. Para o autor, é preciso considerar os três casos a seguir:

> 1) quando o radical a que se acrescenta constitui uma forma livre na língua (ex.: *predizer* = *pre* + *dizer*; *desconsolo* = *des* + *consolo*); 2) quando esse radical é forma livre numa estrutura variante (ex.: *permitir*, cf. *meter*); 3) quando esse radical só é forma presa, mas constitui a base de duas palavras, pelo menos, com prefixos distintos (ex.: *colisão*, *elisão*). (CÂMARA JR., 1964: 282)

A adoção desses critérios não é ponto pacífico entre os estudiosos da língua. Bechara (1999: 380-4), por exemplo, segue a lição de Câmara Jr. e considera o verbo *receber* derivado prefixal, uma vez que, embora não tenha curso independente na língua, a forma *-ceber* aparece em uma série de palavras portuguesas como *receber*, *perceber* e *conceber*. O autor cita ainda outros exemplos similares ao de *-ceber / receber*. Como as formas presas *-sistir* e *-ludir* ocorrem, respectivamente, nas séries *resistir*, *persistir*, *consistir*, *desistir*, *subsistir* e *iludir*, *aludir* e *preludir*, esses verbos também são considerados formados por prefixação.

Outros autores, entretanto, buscam uma análise que reflita melhor o estágio atual da língua. Para Silveira (1962; 1996: 68), só devem ser aceitos, “na língua sincronicamente descrita, os prefixos que se possam considerar membro de

sintagma lexical.” Este também é o ponto de vista explicitado por Freitas (1979: 102) no trecho a seguir:

> Para fazermos um inventário dos prefixos que desempenham uma função derivativa num dado momento da língua, é indispensável levarem-se em conta dois fundamentais aspectos:
> 1º) a formação sintagmática, com a depreensão sincrônica dos monemas componentes;
> 2º) a possibilidade de o segmento, como elemento significativo, estar à disposição dos sujeitos-falantes para formarem novos derivados.
> [...]
> Não se deve esquecer, portanto, que a produtividade na criação de termos prefixados pertence ao domínio do léxico e o que a determina é o fato de um afixo unir-se a uma base que funciona como termo autônomo no léxico. **A ausência de uma base autônoma implica critério histórico**. [grifo nosso]

Baseado nos dois critérios acima apresentados, Freitas (1979: 103-4) lista uma série de palavras que, sincronicamente, devem ser consideradas primitivas, tais como *abjeto*, *admitir*, *adquirir*, *aduzir*, *biscoito*, *conduzir*, *congregar*, *contribuir*, *conceber*, *concordar*, *comprimir*, *competir*, *conferir*, *consistir*, *excelente*, *interferir*, *introduzir*, *objeto*, *obstáculo*, *obstruir*, *obrigar*, *obturar*, *objeção*, *progredir*, *repetir*, *receber*, *substância*, *subsistir*, *traduzir*, *transferir*, *transgredir*, *transmitir* etc. Caso sejam aplicados os critérios propostos por Câmara Jr. (1964: 282), no entanto, depreenderemos prefixos em muitas dessas palavras.

Uma das críticas à proposta de Freitas é que a exigência de uma base autônoma para deprensão de prefixos não leva em conta os casos de alomorfia do radical, mesmo quando uma forma presa remete sem muita dificuldade ao significado e a forma de uma palavra da língua, a exemplo de *-berbe* e *barba* em *imberbe* (cf. MONTEIRO, 2002: 74). Freitas não trata diretamente do assunto; porém, em edição recente de *Princípios de Morfologia*, inclui *inepto* dentre as palavras formadas por prefixação, sob o aspecto sincrônico, apesar de *-epto* não ocorrer como forma livre na língua, sendo uma variante de *apto* (cf. FREITAS, 2007: 169-70; 222). Portanto, não nos parece adequado descartar a possibilidade de os prefixos unirem-se a formas presas, mas há de se considerar, na depreensão destes, não só a recorrência da presumida base, como também seu valor semântico. Sincronicamente, formas como *-ceber*, *-sistir* e *-ludir*, dentre outras, além de não ocorrerem como formas livres, não apresentam significado algum. Como, então, considerar *-ceb-*, *-sist-* e *-lud-* radicais se estes são, em geral, definidos como morfemas que trazem em si o significado básico da palavra? Além disso, muitas vezes os vocábulos que têm um mesmo radical de acordo com o terceiro critério de Câmara Jr., ou seja, que têm como elemento comum uma forma presa que constitui

a base de duas ou mais palavras com prefixos distintos, não apresentam semelhança semântica relevante. Para encontrarmos um elo semântico entre verbos como *conferir*, *deferir*, *preferir* e *referir*, precisamos recorrer à etimologia desses vocábulos. Assim, como afirma Ali (2001: 173), "a fórmula mais razoável para explicar *esquecer*, *receber*, *vingar*, *julgar*, *resistir* etc. seria declarar que são antigos verbos derivados que passaram a funcionar como verbos primitivos."

2.1.3 A proposta de Monteiro

José Lemos Monteiro elaborou o livro *Morfologia Portuguesa* (1986) com o objetivo de descrever a Morfologia de nossa língua, "seguindo a orientação teórica de Mattoso Câmara Jr." (MONTEIRO, 2002: 9); porém, em diversos pontos, discorda do estudioso cuja obra o orienta. Um dos pontos de discordância é o tratamento dado ao afixo. Monteiro (2002: 53) o define como "a parte da palavra que se combina com o semantema, sempre na qualidade de forma presa", ou seja, "uma forma agregada obrigatoriamente a uma base que constitui a entidade léxica". Distingue, então, os seguintes tipos de afixo:

a) prefixo – acrescenta-se antes de um vocábulo existente: *feliz* → ***in****-feliz*;

b) sufixo – aparece após o radical ou tema de uma palavra: *grato*-***s***; *grati*-***dão***;

c) interfixo – une uma raiz a um sufixo ou dois radicais de um composto: *grat*-***i***-*dão*, *pedr*-***eg***-*ulho*, *fil*-***ó***-*sofo*;

d) infixo – insere-se dentro de outro morfe, geralmente a raiz: *picar* → *p*-***in***-*icar*;

e) circunfixo – afixo descontínuo que se aplica no início e no fim de uma base: ***a***-*noit*-***ec***(***er***)

f) transfixo – insere-se em mais de um ponto da raiz, dividindo-a: em árabe ***r***-***s***-***m*** "desenhar" ***r***-*a*-***s***-*i*-***m*** (**-***un*) "que desenha";

g) confixo – combina-se com outro elemento, ambos nunca empregados como formas livres: ***poli***-***edro***.

Para o autor, o transfixo é o único desses morfes que não existe em português. Vejamos um pouco mais sobre os afixos de nossa língua, segundo Monteiro (2002), deixando o prefixo para o final.

O autor aponta o tratamento dado aos “compostos” gregos e latinos como uma das incoerências que as gramáticas costumam apresentar, uma vez que os componentes de vocábulos como *filósofo* e *xenófilo*, por exemplo, são classificados ora como **prefixos**, ora como **radicais**, ou ainda com o termo genérico **elementos**.

Conforme veremos no próximo capítulo, alguns lingüistas adotam o termo **prefixóide** para denominar esses morfemas que têm sua origem num nome grego ou latino e que formam palavras do vocabulário técnico ou científico de caráter internacional, podendo ser o primeiro ou o último componente do vocábulo (daí ser contraditório considerá-los simples prefixos). Monteiro (2002: 65) prefere, entretanto, adotar a proposta de Martinet (1985), admitindo a existência do confixo, “forma presa, de origem grega ou latina, que só aparece combinada com outra forma presa”, a exemplo dos elementos constituintes do vocábulo *poliedro*, que só existem combinados, como em *polígono* ou *tetraedro*. A opção do autor, contudo, não deixa de ser contraditória. Monteiro (2002: 66) admite que os confixos podem se combinar com formas livres, como em *polivalente* e *televisão*, acrescentando que, nesses casos, “eles devem ser interpretados de outra forma, talvez como radicais presos”. A nosso ver, não faz sentido classificar esses morfemas de maneira distinta, considerando apenas a natureza do elemento com que se combinam. Assim, parece mais coerente interpretarmos os “confixos” sempre como radicais presos. Voltaremos ao assunto no próximo capítulo.

Outro conceito que, em geral, não é adotado pelos gramáticos de nossa língua é o de circunfixo. Para Monteiro (2002: 64), a interpretação de que a parassíntese se opera mediante o emprego de um só afixo descontínuo, um circunfixo, resolve algumas questões que ainda não foram esclarecidas em relação a esse processo de formação de palavras. A noção de circunfixo como morfe único preserva a hipótese da ramificação binária (possibilidade de se aplicar apenas um afixo de cada vez para se formar uma nova palavra) e faz com que a base da derivação seja, em geral, “uma forma não apenas possível, mas também existente”, como no exemplo *pobre* + [*a...ec*(*er*)] → *empobrecer*.

Em relação aos infixos, Monteiro (2002: 62-4) aponta que há um consenso em torno de sua inexistência como mecanismo gramatical nas descrições atuais da língua portuguesa. Identifica, no entanto, casos que considera “exemplos legítimos de infixação” no português. Após destacar as características do infixo (morfema aditivo que contém um significado e aparece no interior de uma palavra), o autor

apresenta os casos abaixo, que, a seu ver, comprovam a ocorrência da infixação em nossa língua:

> a) o verbo *pinicar*, formado com o acréscimo do morfe [in], que traduz uma noção diminutiva ou freqüentativa, ao verbo *picar*: *picar* → *p-**in**-icar*;
>
> b) os diminutivos de vocábulos masculinos de tema em /a/, como *cinema*, *samba* e *problema*, formados com a inserção do morfe [inh].

No segundo exemplo, o autor comenta que, caso se tratasse de sufixação, teríamos os vocábulos **cineminho*, **sambinho* e **probleminho*, com a elisão da vogal do tema, que é átona. Monteiro observa ainda que o mesmo não ocorre com a variante sufixal [zinho] (*cinemazinho*, *problemazinho*), restringindo-se à formação dos diminutivos em [inh].

Monteiro adverte que o interfixo não deve ser confundido com o infixo. Malkiel (1958: 107) estabeleceu o conceito de interfixo, descrevendo-o como "o segmento, sempre átono e sem significado próprio, entre o radical e o sufixo de certos derivados"[52]. Apesar de sua alegada falta de significado, o lingüista ucraniano prefere considerá-lo um morfe autônomo, e não como parte integrante da base ou do afixo. Monteiro (2002: 60) concorda que não reconhecer os interfixos como um morfe segmentável aumentaria consideravelmente o número de alomorfes, "o que contraria o princípio da economia e simplicidade descritiva", mas questiona sua descrição como morfes sempre semanticamente vazios. Para o autor, em pares como *vend-á-vel* ("que se vende com facilidade") / *vend-í-vel* ("que pode ser vendido") e *vest-u-ário* ("traje") / *vest-i-ário* ("compartimento onde se troca de roupa"), a diferença de significado se deve ao segmento que antecede o sufixo.

Os sufixos são definidos por Monteiro (2002: 55) "como os elementos significativos que aparecem após a raiz de uma palavra". Dividem-se em **derivacionais** ou **lexicais**, que formam novas palavras (*livro* → *livr**aria***), e **flexionais**, que permitem que os nomes variem em gênero e número (*moç-**a**-**s***) e os verbos em modo, tempo, número e pessoa (*vence-**ria**-**s***).

Segundo Monteiro (2002: 54-5), ao contrário dos sufixos, os prefixos aparecem antes da raiz e costumam apresentar a seguintes características:

---

[52] "[...] el segmento, sempre átono y falto de significado propio, entre el radical y el sufijo de ciertos derivados [...]". (MALKIEL, 1958: 107)

a) destacam-se muito facilmente e, após o destaque, em geral sobra uma palavra inteira ([re] + atar, [des] + dizer, [com] + posição);
b) quase sempre alteram o significado do semantema[53] (a idéia de negação do elemento [in], por exemplo, forma um vocábulo semanticamente oposto à base, como *feliz* x *infeliz*);
c) não servem para indicar as funções gramaticais (como gênero, número, modo ou pessoa) nos vocábulos e
d) em geral, não mudam a classe gramatical das palavras.

O autor reflete ainda sobre o fato de alguns elementos considerados prefixos pelas gramáticas serem usados, às vezes, como formas livres ou dependentes, a exemplo de *contra* (*contradizer*), *extra* (*extraordinário*), *menos* (*menosprezar*), *com* (*combater*), *sobre* (*sobrevoar*), *entre* (*entrecruzar*) etc. Ressalta também serem bastante comuns construções braquilógicas do tipo "aula *extra*" (por *extraordinária*), "cursar o *pré*" (por *pré-vestibular*), "*inter* e extra-disciplinar". Isso não faz, entretanto, com que o autor defenda a inclusão dos prefixos na composição, como Câmara Jr. e outros estudiosos já citados neste trabalho. Monteiro considera a prefixação um tipo de derivação, mas acredita que muitos morfes incluídos no rol dos prefixos são hoje verdadeiras raízes e entram, conseqüentemente, na formação de compostos. O autor cita as preposições *sobre, contra* e *perante*, considerando-as "núcleos significativos", em oposição a outras preposições, como *de* e *a,* que parecem desprovidas de significado lexical. Além disso, alega que, se considerarmos *contra* como raiz, ninguém sentirá dificuldade em classificar como derivado o vocábulo *contrário* e como composto *contrapartida*, dentre outros[54]. Monteiro resume seu ponto vista no seguinte trecho:

[53] Para Monteiro (2002: 56), os sufixos não alteram fundamentalmente o significado do semantema, apenas o especializam.

[54] Essa opinião também é expressa por Margarida Basílio no artigo "Operacionalização do conceito de raiz" (1974), em que a autora, baseando-se nas idéias de Nida (1949) e Bloomfield (1966), comenta alguns problemas que surgem na segmentação das raízes de uma língua e busca estabelecer uma definição de raiz baseada em critério distribucional. Para Basílio (1974: 93-4), "se compararmos formas como contrário e oposto, não há motivo para considerar a existência de raiz na segunda e não na primeira. Assim, se contra ocorre isoladamente (no nível morfológico) e, quando em construções, pode ocorrer como raiz, não há motivo para considerá-lo como prefixo. [...] se contra é raiz, as palavras contrapor, contracenar, etc. deverão ser consideradas como palavras compostas."

> Em suma, entendemos que a prefixação é um tipo de derivação. Pensamos, todavia, que certos elementos, em geral analisados como prefixos, são em última análise verdadeiras raízes, já que potencialmente funcionam como formas livres ou dependentes. Nesse sentido, os constituintes que subsistem como preposições nocionais ou advérbios produzem vocábulos compostos (**menosprezar**, **sobrevoar**, **sobrecarregar**, **maldizer** etc.). Outros, que já não são advérbios nem preposições, servem ao mecanismo da derivação. (MONTEIRO, 2002: 141-2)

Lista, em seguida, "alguns dos principais verdadeiros prefixos vigentes no português atual":

Prefixos	**Significado**	**Exemplos**
[a-] ~ [ad-]	ao lado de	aposição, adnominal
[a-] ~ [an-]	falta	amoral, anarquia
[ab-] ~ [abs-]	afastamento	abuso, abster
[cis-]	aquém de	cisandino
[de-] ~ [des-]	para baixo	decrescer, descair
[des-]	oposição	desfazer, desgastar
[dis-] ~ [di-]	dualidade	disjunção, dígrafo
[ex-] ~ [es-] ~ [e-]	para fora	excêntrico, esforçar, emigrar
[em-] ~ [en-]	para dentro	engarrafar, embarcar
[in-] ~ [im-] ~ [i-]	negação, privação	impenitente, infeliz, ilegal
[ob-] ~ [o-]	em frente de	opor, obter
[re-]	repetição	refazer
[trans-] ~ [tras-] ~ [tra-] ~ [tre-]	além de, através	trespassar, traspassar, transcorrer

(MONTEIRO, 2002: 142)

A proposta do autor busca resolver de maneira objetiva a caracterização e a delimitação dos prefixos de nossa língua, tornando o grupo dos afixos iniciais mais homogêneo e a fronteira entre prefixação e composição mais nítida. Como pontos polêmicos, podemos citar a questão de certas preposições serem consideradas "verdadeiras raízes", "núcleos significativos" (MONTEIRO, 2002: 141), e o fato de alguns elementos apontados como "verdadeiros prefixos", a exemplo de *ab-*, *abs-* e *ob-*, *o-*, não serem produtivos em nossa língua atualmente.

2.2 A influência do Gerativismo

Na abordagem gerativa, o estudo dos morfemas é substituído por uma análise baseada na palavra, que "trata o material morfológico como relações (entre formas lexicais) ou processos (através dos quais uma forma lexical pode ser construída a partir de outra)"[55], como descreve Anderson (1992: 62). Esse modelo de análise

[55] "[...] treats morphological material as represented by relations (between word forms) or processes (by which one word form can be constructed from another)." (ANDERSON, 1992: 62)

lingüística é conhecido como **Elemento e Processo** (ou **Item e Processo**). Vejamos um pouco mais sobre essa teoria para entendermos o tratamento dado aos processos derivacionais.

Em *Aspects of the theory of syntax* (1965), Chomsky estabelece os dois tipos de estrutura que uma língua natural apresenta: a profunda e a superficial. Uma estrutura profunda, como *Maria comprou um vestido vermelho ontem*, corresponde a várias estruturas superficiais, a exemplo de *Ontem, Maria comprou um vestido vermelho*. / *Um vestido vermelho foi comprado por Maria ontem.* / *Maria comprou um vestido vermelho ontem*? etc. A passagem da estrutura profunda para a superficial é feita através de regras de transformação. O léxico, no modelo proposto por Chomsky (1965), é descrito como uma série de entradas lexicais não-ordenadas, ou conjuntos de traços fonológicos, sintáticos e semânticos que definem cada item lexical. Cada palavra é considerada como um todo, sem a análise dos seus constituintes. Na teoria gerativo-transformacional, a gramática não abriga um componente morfológico autônomo, estruturando-se nos componentes sintático, semântico e fonológico. Como aponta Basílio (1980: 26):

> Processos derivacionais gerais, tais como nominalizações, são levados em conta neste modelo, mas numa abordagem sintática. Assim, por exemplo, as sentenças "João não quer que Pedro participe da reunião" e "João não quer a participação de Pedro na reunião" seriam derivadas da mesma estrutura profunda, sendo que na derivação da segunda teríamos a operação de uma regra transformacional de nominalização.

Dentre os estudos que tratam da formação de palavras a partir de um enfoque gerativo-transformacional, podemos destacar a obra do lingüista francês Guilbert (1975). Para Basílio (1980: 26-7), a hipótese transformacionalista apresenta as seguintes vantagens:

a) evita a redundância na listagem de itens lexicais, pois as formas nominalizadas dos verbos são eliminadas do léxico;

b) é mais abrangente que modelos anteriores, uma vez que dá conta de relações semânticas entre sentenças verbais e sentenças nominais;

c) elimina problemas oriundos da análise em morfemas, como a questão de seu significado.

Por outro lado, a autora reconhece que o tratamento transformacional dos fenômenos derivacionais também apresenta problemas, uma vez que

a) dá conta apenas dos processos derivacionais gerais;

b) não explica casos em que o item nominal oriundo de verbos apresenta extensões de sentido;

c) leva ao estabelecimento de itens lexicais hipotéticos, que podem gerar predições falsas sobre o léxico de várias línguas.

Em *Competência Lexical*, Sandmann (1991a: 16-9) aponta ainda outras limitações da hipótese transformacionalista. Dentre elas está a impossilidade de explicar, pelo princípio de que palavras são formadas como sentenças, a existência de vazios assistemáticos nas regras de formação de palavras ("*estofar* – *estofador*, *cortar* – *cortador*, *roubar* – **roubador*; *peneira* – *peneirar*, *pincel* – *pincelar*, *faca* – **facar*") e a idiomatização ou lexicalização (*folhinha*, por exemplo, não é necessariamente uma folha pequena).

Mais tarde, Chomsky abandona o modelo gerativo-transformacional, apresentando a hipótese lexicalista, cujo advento levou ao desenvolvimento de estudos sobre a estrutura do léxico em uma abordagem gerativa. Em "Remarks on nominalization" (1970), o lingüista americano aponta para a possibilidade de independência da morfologia em face da sintaxe ao observar que formas nominais derivadas de verbos ("nominais derivados") são inseridas diretamente nas estruturas profundas sob nódulos de sintagmas nominais, sendo criadas por regras que operam dentro do componente lexical, e não por transformações. Matthews (1991: 7) comenta que "no final da década de 70, estava claro que não se podia comprimir tudo sobre uma língua em uma série de regras unidirecionais relacionando níveis sucessivos de estrutura"[56].

Para Chomsky (1970), as correspondências entre as formas verbais e nominalizadas poderiam ser expressas adequadamente se pudéssemos estabelecer entradas lexicais marcadas em relação a traços contextuais, mas livres de traços referentes às categorias lexicais. De acordo com essa proposta, teríamos uma entrada lexical única, correspondendo a pares Nome/Verbo, e regras morfológicas seriam responsáveis pelas diferentes formas fonológicas que uma determinada base

[56] "[...] by the end of the 1970s, it was clear that one could not cram everything about a language into a series of unidirectional rules relating successive levels of structure." (MATTHEWS, 1991: 7)

pode assumir quando ocorre como nome. Um dos problemas do tratamento que Chomsky propõe para as nominalizações é o fato de não ser levada em conta a possibilidade de um nome derivado de um verbo servir como base para derivações posteriores. Conforme aponta Basílio (1980: 30), as palavras *transformismo* e *transformista* (de *transformar*) e *transformacional* (de *transformação*) teriam a entrada lexical única /transforma/, no entanto, "se *transformação* é uma mera forma fonológica da entrada lexical *transforma*, como poderemos dar conta do fato de que *transformação* é a base para a formação do adjetivo transformacional?"

Apesar das suas limitações, a hipótese lexicalista de Chomsky (1970) trouxe importantes conseqüências para o desenvolvimento da morfologia baseada na palavra. Segundo Scalise (1984: 20 *apud* ROCHA, 1998: 33),

> a) costuma-se dizer que "Remarks..." não foi revolucionário em si mesmo, mas desencadeou uma série de revoluções: de fato, não só o componente de base foi afetado, mas também o componente transformacional sofreu modificações;
> b) em "Remarks...", Chomsky sugeriu, pela primeira vez, que o "poder" da gramática não precisa estar concentrado necessariamente no componente transformacional;
> c) finalmente, "Remarks..." criou um espaço técnico para um componente morfológico autônomo, uma possibilidade que foi excluída explicitamente dos primeiros trabalhos da gramática gerativa transformacional.

Autores como Halle (1973), Jackendoff (1975) e Aronoff (1976) desenvolveram estudos sobre a estrutura do léxico a partir da hipótese lexicalista, buscando construir um modelo para representar a competência de um falante nativo no léxico de sua língua. Suas propostas norteiam o trabalho de diversos estudiosos do português que optam pela abordagem gerativa no tratamento das estruturas lexicais. No Brasil, destaca-se a obra *Estruturas lexicais do português* (1980), em que Basílio desenvolve o quadro teórico apresentado por Aronoff (1976), propondo um modelo para a morfologia derivacional em que as regras de formação de palavras (RFPs) são distintas das regras de análise estrutural (RAEs) para dar conta tanto de criações novas quanto de formações já existentes no léxico. No primeiro capítulo, vimos que Azeredo (2002) é um dos autores que adotam a distinção feita pela autora. Basílio (1980: 71) resume sua proposta nos seis itens a seguir:

> a) Todas as regras de produção de palavras apresentam, automaticamente, contrapartes de análise estrutural;
> b) Além das contrapartes de análise estrutural das regras produtivas de formação de palavras, há regras de análise estrutural que analisam a estrutura de palavras morfologicamente complexas dentro da língua;
> c) A aplicabilidade de qualquer regra de análise estrutural a uma dada forma depende das condições de isolabilidade dos elementos envolvidos na construção em questão, entre as quais o papel das relações paradigmáticas é crucial;

> d) Novas palavras são formadas sobretudo de palavras já existentes, mas podem também ser formadas diretamente de radicais presos;
> e) A possibilidade de formação de novas palavras diretamente na base de radicais presos e a criação de formações regressivas é relacionada ao nível de transparência das regras e sistematicidade dos paradigmas envolvidos;
> f) Finalmente, os mesmos processos são envolvidos tanto na morfologia flexional quanto na morfologia derivacional, sendo que a principal diferença entre as duas é o fato de que as regras flexionais são tipicamente produtivas e as regras derivacionais são tipicamente semiprodutivas.

Para não nos distanciarmos do tema de nossa pesquisa, não nos deteremos aqui na análise geral da abordagem gerativa dos processos de formação de palavras. Buscaremos o tratamento dado aos prefixos do português por Sandmann (1989, 1991b, 1992) e Rocha (1998), autores cujas obras sofrem a influência das teorias gerativas.

2.2.1 A análise de Sandmann

Em *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo* (1989), Antônio José Sandmann resume a diferença entre os principais processos de formação de palavras nos seguintes termos:

> Se ambos os elementos constituintes podem ocorrer livremente na frase, o processo de formação de palavras chama-se composição: **deus-dinheiro**. Se um dos elementos constituintes não ocorre livremente e é utilizado para a formação de palavras em série, o processo de formação de palavras se chama derivação ou afixação: **autofinanciável** (prefixação), **malufiano** (sufixação).
> (SANDMANN, 1989: 10)

Os critérios acima apresentados, entretanto, nem sempre são suficientes para distinguir radicais e afixos, como reconhece o próprio autor, que cita diversas formações com bases presas e enumera, em suas obras, outras características desses elementos. Interessam-nos, em especial, as considerações do autor sobre os afixos iniciais na obra supracitada, em *Morfologia Geral* (1991) e em *Morfologia Lexical* (1992). Segundo Sandmann, além de serem elementos normalmente presos que expressam uma idéia geral, prestando-se à formação em série, assim como os sufixos, os prefixos apresentam os seguintes traços:

- precedem a base (como o próprio elemento *pre-* da palavra *prefixo*);
- têm função primordialmente semântica (*des-*, por exemplo, indica “reversão” em *desatrelar*);

- identificam-se mais com os adjetivos (*superpacote*), advérbios (*hiperativo*) e preposições (*antianúncio*);
- constituem o adjunto, o determinante (DT) da palavra derivada;
- não mudam a classe de palavra da base (tanto *atrelar* quanto *desatrelar* são verbos).

A propósito da última característica apontada pelo autor, cabe observar que, apesar de a função de mudança de classe gramatical ser geralmente associada ao sufixo, há casos em que o prefixo também altera a categoria da palavra a que se adjunge. O *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* (2004), doravante *VOLP*, registra os adjetivos *antichoque*, *antidroga, antifurto* e *antitanque*, dentre outros. Alves (1990: 24-5) aduz exemplos de passagem de substantivo para adjetivo com outros prefixos, além de *anti-*. Vejamos alguns deles a seguir:

> "Um acontecimento extrapauta concentra as atenções dos bispos: o agravamento da doença do presidente eleito, T. Neves, [...]" (Folha de São Paulo, 14-04-85:16, c. 5).
>
> "Não é só fazer com que o transporte inter-bairros seja mais freqüente e atenda melhor à população, [...]" (O Globo, 20-11-88: 22, c. 3).
>
> "Nos comícios pré-plebiscito, [...] ele compareceu, cuidadosamente vestido com sua indumentária de civil, [...]" (Isto É, 12-10-88: 63, c. 3).
>
> "Manifestação pró-hidrelétrica reúne dez mil em Altamira" (tít.) (Folha de São Paulo, 21-02-89, c. 3).
>
> "[...] chegando-se ao cúmulo de divulgar notícias pós-pacto, que na realidade não existiram [...]" (O Globo, 13- 11-88: 41, c. 1).

Sandmann (1992: 36-8) observa que uma das diferenças entre os compostos vernáculos e os vocábulos derivados por prefixação é sua estrutura sintático-semântica. A seqüência típica dos constituintes nos primeiros é DM-DT, ou seja, o elemento determinado vem antes do determinante, como em *cidade-pólo* e *sessão-festa*, enquanto nos últimos é DT-DM (*rearrumação* e *megatendência*). Ressalta, entretanto, que os compostos formados segundo o modelo clássico ou estrangeiro, denominados neoclássicos, têm estrutura igual à das prefixações, a exemplo de *videolocadora* e *motogincana*.

Reconhecendo que nem sempre a divisão entre prefixação e composição é nítida, Sandmann admite, em *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo* (1989), a existência de casos intermediários: as formações com **prefixóides** (*além*, *bem*, *contra*, *mal*, *não*, *pró*, *sem* e *sobre*), de que trataremos no

próximo capítulo. Aponta também as dificuldades de classificar elementos como *auto-* e *pseudo-*, optando por considerá-los prefixos, assim como outros elementos de origem estrangeira que se integraram ao português e se prestam para formações em série. O elemento *filo-*, por exemplo, é considerado prefixo em *filonipônico* e sufixo em *germanófilo*. Após essas considerações, o autor apresenta uma lista de prefixos encontrados em formações não-dicionarizadas publicadas em quarenta e dois exemplares de três jornais diários brasileiros no ano de 1984. A listagem inclui os seguintes elementos: *a-* (*an-*), *anti-*, *arqui-*, *auto-* ("mesmo, próprio"), *bi-*, *co-*, *des-*, *dis-*, *ex-*, *extra-*, *extro-*, *fil*(*o*)-, *hiper-*, *in-*[57], *inter-*, *intra-*, *macro-*, *maxi-*, *mega-*, *micro-*, *mini-*, *multi-*, *neo-*, *para-*, *poli-*, *pós-*, *pré-*, *pseudo-*, *re-*, *recém-*, *retro-*, *semi-*, *sub-*, *super-*, *supra-*, *tele-*, *trans-*, *ultra-* e *uni-*. Em *Morfologia Geral* (1991) e em *Morfologia Lexical* (1992), o autor abandona o conceito de prefixóide, citando dentre as formações com prefixos vocábulos como *não-oficial* e *sem-vergonha*.

Ao contrário de Sandmann, preferimos considerar a possibilidade de ocupar mais de uma posição no vocábulo (mobilidade distribucional) uma característica dos radicais. Assim, acreditamos que o elemento *filo-* é um radical preso. Voltaremos ao assunto no próximo capítulo.

A utilização do critério da produtividade para distinguir os radicais dos afixos também precisa ser revista. Para Bessa (1986: 225), ele é um meio auxiliar, que serve para aferir a vitalidade das RFPs, mas não para identificar a natureza lexical de um elemento, conforme explicitado no seguinte parágrafo:

> O critério da produtividade, em nosso entendimento, se presta, por exemplo, para aferir a vitalidade das regras de formação de palavras, sendo essa vitalidade refletida pela freqüência dos elementos formativos nos outputs das regras. Adotando-se o critério da produtividade, poderíamos, igualmente, dizer que o elemento porta-, em porta-bandeira, se comporta como prefixo, porque recorre em número razoável de palavras do mesmo tipo. Esse exemplo poderá parecer absurdo, como, para nós, parece absurdo aferir a natureza lexical de um elemento por sua produtividade, mas serve para evidenciar a inadequação de um critério, que revela características exteriores às propriedades estruturais dos elementos lingüísticos.

Basílio (1991: 73) também critica o critério das formações em série para considerar determinado elemento um prefixo, como vemos no trecho a seguir:

---

[57] O *corpus* selecionado por Sandmann (1989: 21) só registra exemplos do prefixo *in-* com significação negativa, mas o autor comenta que, em português, "existem dois prefixos **in-** homônimos, um com significação negativa (**incomum**) e outro com o significado de 'em, para dentro' (**incluir**), o qual ocorre também sob a forma **en-** e é muitas vezes usado para formar derivações parassintéticas (**enterrar**). Com o significado 'em, para dentro', a forma *in-* provavelmente não é mais usada hoje para formação de palavras novas."

> É importante ressaltar [...] que aspectos como produtividade — refletidos em critérios como a ocorrência numa lista fixa de elementos disponíveis ou a alternativa da possibilidade de "formação em série" — não servem para decidir a questão prefixo/forma de composição, já que qualquer formação regular tem potencial indeterminado de recorrência e a freqüência de uso, portanto, não pode se constituir em critério sólido de caracterização de unidades e fronteiras lexicais.

Busquemos, então, outros critérios para a identificação do prefixo.

2.2.2 As considerações de Rocha

Em *Estruturas morfológicas do português* (1998), Luiz C. de Assis Rocha sugere que existem apenas três processos produtivos de formação de palavras no português contemporâneo, a saber: a derivação, a composição e a onomatopéia. Assim, os neologismos que surgem dentro do sistema da língua portuguesa são formados por um dos três processos. O autor segue o pensamento de Alves (1990: 5), que afirma que "o neologismo pode ser formado por mecanismos oriundos da própria língua, os processos autóctones, ou por itens léxicos provenientes de outros sistemas lingüísticos". No segundo caso, temos os estrangeirismos ou empréstimos. O autor pretende dar conta somente dos mecanismos oriundos de nossa língua. Não se preocupa também com os casos de "geração espontânea", "criações a partir do nada", como *tcham*, *escambau*, *serelepe*, *fuzuê*, dentre outros (ROCHA, 1998: 97-9).

O lingüista divide a derivação nos seis seguintes tipos:

a) sufixal – anexação de um sufixo a uma base;

b) prefixal – acréscimo de um prefixo a uma base;

c) parassintética – acréscimo simultâneo de um prefixo e um sufixo a uma base;

d) conversiva (ou conversão) – emprego de uma palavra de uma determinada classe lexical em outra classe;

e) siglada (ou acronímia) – formação de um lexema simples pelos grafemas e sílabas iniciais do lexema composto que constitui a base;

f) truncada (ou abreviação vocabular, truncamento, truncação) – corte de um elemento estrutural da palavra (derivação truncada estrutural) ou de uma parte aleatória (derivação truncada não-estrutural), resultando daí um vocábulo como *portuga* (< *português*) e *cine* (< *cinema*).

Vejamos as considerações do autor sobre o segundo tipo. De acordo com Rocha (1998: 152), o prefixo apresenta as seguintes características:

> - é uma seqüência fônica recorrente
> - não é uma base
> - coloca-se à esquerda de uma base
> - tem como objetivo formar novas palavras, ou seja, a presença do prefixo caracteriza uma palavra derivada
> - apresenta uma identidade fonética, uma identidade semântica e uma identidade funcional
> - é sempre uma forma presa

O autor também discute a polêmica sobre a prefixação ser um processo de derivação ou de composição de palavras. Dois argumentos o levam a considerar formações como *sobreviver*, *conviver*, *entressafra* e *contradizer* derivadas, assim como *reler*, *pré-eleitoral*, *decompor*, *infeliz*, *postônico* e *transpor*, a saber:

> - os lexemas compostos se caracterizam pelo fato de apresentarem mais de uma raiz, "morfema comum a várias palavras de um mesmo grupo lexical, portador da significação básica desse grupo de palavras" (ROCHA, 1998: 102); *sobre*, *com*, *entre* e *contra* apesar de serem palavras, são formas dependentes, não apresentam raiz. Assim, *sobreviver*, por exemplo, não é um vocábulo composto, uma vez que só apresenta uma raiz;
> - elementos como *con-* e *com*, *sobre-* e *sobre* são itens lexicais distintos que apresentam funções diferentes (cf. as sentenças *Ela não pode conviver com os pais.* e *Ele sobrevive andando sobre as águas.*). Os dicionários, por exemplo, registram essas formas em verbetes separados (ROCHA, 1998: 152-3).

A base, por sua vez, é definida como "uma seqüência fônica recorrente, a partir da qual se forma uma nova palavra ou através da qual se constata que uma palavra é morfologicamente complexa" (ROCHA, 1998: 100). Pode ser uma palavra da língua (uma forma livre como em *anti-**aéreo***) ou uma forma presa (como em *pro**gredir***). Já vimos que alguns autores, como Freitas (1979: 102), não consideram haver prefixo em formações cuja base não apresente autonomia vocabular. Rocha (1998: 159-62), entretanto, prefere seguir a lição de Basílio (1980: 54), que diz: "se a base de uma dada forma não tem condições ideais de isolabilidade e a RAE é opaca, então temos que ver se o léxico fornece condições outras para o isolamento da base". Assim, apesar de o elemento *-trair* não apresentar valor significativo para o falante, uma vez que nada tem a ver com *trair* (= *atraiçoar*), Rocha o considera uma

base por combinar-se com mais de um prefixo (*extrair*, *atrair*, *retrair*, *contrair*, *abstrair* e *subtrair*), e seu núcleo /tra/ ser recorrente em grupos como *extrair*, *extração*, *extrativo* e *atrair*, *atração*, *atrativo*. A posição do autor é semelhante à de Câmara Jr. (1964: 282).

Rocha (1998: 153-6) comenta também a diferença entre prefixos e bases presas. Para ele, os prefixos equivalem a preposições e advérbios. Assim, devem ser consideradas bases elementos que equivalem, semanticamente, a substantivos, adjetivos e verbos. Vejamos alguns exemplos citados pelo autor:

a) *antropologia*	*antropo* – base presa substantiva (‘homem’)
	log(*ia*) – base presa substantiva (‘tratado, ciência’)
b) *arborícola*	*arbori* – alomorfe da base livre substantiva *árvore*
	cola – base presa verbal (‘que cultiva ou habita’)
c) *megaempresário*	*mega* – base presa adjetiva (‘grande’)
	empresário – base livre substantiva
d) *bianual*	*bi* – base presa adjetiva (‘dois’)
	anual – base livre adjetiva
e) *ambidestro*	*ambi* – base presa adjetiva (‘dois’)
	destro – base livre adjetiva
f) *justaposição*	*justa-* – prefixo (‘ao lado’)
	posição – base livre substantiva
g) *cisplatino*	*cis-* – prefixo (‘aquém’)
	platino – base livre adjetiva

Para Rocha (1998: 163-4), há de se considerar ainda a possibilidade de prefixação com uma basóide, elemento que “só existe em uma formação do português” (ROCHA, 1998: 122). Em *periferia* e *trasladar*, por exemplo, não existem condições de isolamento da base pelo critério da recorrência, mas os prefixos *peri-* e *tras-* podem ser depreendidos, de acordo com o autor, por aparecerem em outros vocábulos. O autor menciona que as basóides só existem na língua em função de um determinado prefixo (ou sufixo) e são bases vazias, destituídas de significação própria. Cabe observar, entretanto, que apesar de o verbo *roborar* (“revigorar”, “confirmar”) existir em nossa língua, *corroborar* figura dentre as formações com basóides citadas pelo lingüista.

Encerrando o capítulo sobre derivação prefixal, Rocha (1998: 164-6) explica os conceitos de prefixóides, prefixos homófonos e prefixos concorrentes. Os primeiros são definidos como "prefixos" que aparecem em uma só palavra, como ***ob**ter*, ***su**por* e ***man**ter*. No próximo capítulo deste trabalho, veremos que o termo prefixóide tem diferentes acepções em outros estudos. Prefixos homófonos são aqueles que apresentam a mesma identidade fonológica, mas significados diferentes, como *in*[1]- ('negação') em *infeliz* e *in*[2]- ('movimento para dentro') em *ingerir*. Prefixos concorrentes são os que podem ocupar o mesmo lugar em determinada estrutura da língua como *anti-* e *contra-*, que entram em concorrência nas formações com base substantiva, expressando a idéia de oposição (*antifurto*, *antídoto* / *contraveneno*, *contramão*).

As considerações sobre prefixos homófonos e concorrentes são alguns dos pontos positivos na análise de Rocha. Discordamos do autor em outras questões concernentes, por exemplo, ao reconhecimento de prefixóides e formações prefixais com basóides. Além disso, a proposta apresentada para a distinção das bases presas e dos prefixos esbarra no problema da "equivalência semântica". Rocha (1998: 156) cita os vocábulos *pós-guerra* e *pré-teste* como exemplos de formações cujos primeiros elementos não equivalem a substantivos, adjetivos e verbos, mas faz as seguintes correspondências: *pós-* e *posterioridade*, *pré-* e *anterioridade*. Os elementos em questão podem ainda ser associados aos adjetivos *posterior* e *anterior*, respectivamente. E qual seria o tratamento dado a *hiper-*, que corresponde ao advérbio *muito* em *hipersensível* e ao adjetivo *grande* em *hipermercado*? Assim, o critério da equivalência semântica não se mostra completamente satisfatório para distinguirmos bases presas e prefixos.

Neste capítulo, vimos que os lingüistas tentam resolver alguns pontos controversos no estudo dos prefixos. Nas obras analisadas, constatamos uma acentuada tendência para se considerar a prefixação um tipo de derivação. As divergências nos critérios apresentados para a caracterização e depreensão dos afixos iniciais tornam patente a dificuldade de estabelecermos quais elementos devem ser considerados prefixos. No quarto capítulo, examinaremos as concordâncias e diferenças entre as listas de prefixos de dois dicionários da língua portuguesa. Antes, porém, procederemos à análise da noção de pseudoprefixo ou prefixóide para verificarmos se a postulação desta entidade contribui ou não para a análise e classificação dos elementos mórficos.

3. OS PSEUDOPREFIXOS OU PREFIXÓIDES

Os termos **pseudoprefixo** (“falso prefixo”) e **prefixóide** (“semelhante ao prefixo”, “que tem forma de prefixo”), que não estão registrados no *VOLP*, são usados por alguns autores para designar elementos que outros consideram prefixos ou radicais. O termo **semiprefixo** também é empregado como sinônimo desses vocábulos. No primeiro capítulo deste trabalho, vimos que Cunha e Cintra (1985) citam a influência de Iordan e Manoliu (1972), Li Ching (1973) e Carvalho (1974) para reconhecerem a existência dos pseudoprefixos, caracterizá-los e listá-los. A análise das obras que servem de referência para os autores nos revela, entretanto, divergências tanto na definição desses elementos quanto na sua exemplificação, levando-nos a questionar a contribuição de tal conceito para o estudo da formação de palavras.

Maurer Jr. (1951) já fala em pseudoprefixos. Não deixa claro, no entanto, quais elementos devem ser assim classificados. Após enumerar alguns prefixos de origem latina que apresentam traços mais nítidos de sua origem vulgar antiga,[58] o autor observa que “a maioria dos prefixos que se empregam modernamente são devidos à imitação do latim literário” e passa a examiná-los, “**incluindo** [grifo nosso] alguns de formação recente, cujo caráter de prefixo nem sempre está definitivamente estabelecido”, que podem ser chamados de *pseudoprefixos* (MAURER JR., 1951: 123). Elenca, então, os seguintes elementos: *ante-*, *anti-*, *archi-*, *bis-* (*bi-*), *circum-*, *com-* (*con-* e *co-*), *contra-*, *ex-* (indicando pessoa que exerceu um cargo, mas já não o exerce), *extra-*, *in-* (idéia de negação), *inter-*, *per-*, *post-*, *prae-* (= *pre-*, *pré-*), *pro-*, *sub-*, *super-*, *ultra-* e *vice-*. Refere-se à maioria deles simplesmente como prefixos, mencionando o termo pseudoprefixo apenas nos três casos comentados a seguir:

a) *archi-*: Maurer Jr. (1951: 124) afirma que o elemento grego “acabou por naturalizar-se um verdadeiro prefixo”, mas observa, em nota de rodapé, que “alguns” lhe chamam pseudoprefixo. Não cita, porém, quais autores consideram *archi-* um pseudoprefixo nem por quê;

[58] *Ad-*, *dis-*, *ex-* (em formações que remetem ao latim como *exportar*, *excluir*, *excomungar* etc.), *re-* e *in-* (em latinismos como *invadir*, *imigrar*, *impor* etc.) (cf. MAURER JR., 1951: 121-3).

b) *bis-*: o autor comenta que, apesar de ser empregado, às vezes, como verdadeiro prefixo, pode ser considerado simplesmente como pseudoprefixo. No entanto, não menciona em que vocábulos *bis-* é usado como verdadeiro prefixo nem a razão de preferir não tratá-lo assim;
c) *vice-*: Maurer Jr. (1951: 133) define o elemento como "um prefixo, ou se quiserem, pseudoprefixo, que significa 'em lugar de', e.g., *vice-presidente*".

Os comentários acima mostram que há contradições no tratamento dado aos elementos prefixais por Maurer Jr. (1951). Se, por um lado, o autor reconhece a existência dos pseudoprefixos; por outro, não os enumera claramente e nem consegue determinar as características que os distinguem dos prefixos.

Para Iordan e Manoliu (1972), prefixos e pseudoprefixos apresentam semelhanças – ambos se antepõem a uma palavra simples, dando origem a uma nova palavra cujo sentido se refere ao de seus constituintes –, mas principalmente diferenças. Pseudoprefixos provêm de preposições, adjetivos, substantivos etc., e não somente de advérbios e preposições como os prefixos. Enquanto estes imprimem às palavras que formam um sentido preciso, aqueles dão margem a vacilações (*auto-*, por exemplo, tem significados distintos em *autocrítica* e *autopista* ou *auto-estrada.*). Os elementos também se distinguem pela origem e cronologia – segundo os autores, todos os pseudoprefixos são gregos ou latinos e relativamente recentes. De caráter culto e neológico, são encontrados quase exclusivamente em termos técnicos e científicos usados para designar descobrimentos, invenções etc. Além disso, os autores afirmam que os pseudoprefixos não têm, em geral, grande rendimento, argumentando que, muitas vezes, estes elementos entram na formação de palavras que não designam uma invenção ou um descobrimento novo[59]. Outros estudos, no entanto, destacam a produtividade de certos elementos considerados pseudoprefixos. Ademais, o fato de não se referir a algo totalmente novo não faz com que uma palavra deixe de ser considerada um novo termo.

[59] "Otra característica de los seudoprefijos es que, generalmente, no se destacan por su gran rendimiento. Las invenciones, igual que las ideas, son, habitualmente, únicas: de ella sólo se imponen las que corresponden a una necesidad hondamente sentida, las otras desaparecen, y con ellas también su nombre. Cuando la situación se presenta de otra manera, se trata de meras apariencias engañosas. Tal es, por ejemplo, el caso del seudoprefijo rumano *aero-* (= subst. *aer* 'aire'), que se encontra em numerosos compuestos [...]. No hay que creer [...] que cada una de estas palavras designa una invención o un descubrimiento nuevo. Tenemos, en realidad, una sola invención, la del 'aeroplano', que, una vez realizada se ha difundido en multitud de aplicaciones en la vida práctica. Con este fin práctico se procedió a la organización de los transportes aéreos, con sus estaciones para salida y regreso de naves (*aeropuerto*, *aeródromo*), con sus ingenios para transportar mercancías (*aeronave*), con una rama técnica destinada a la nueva actividad (*aeronáutica*), etc." (IORDAN; MANOLIU, 1972: 45)

Baseados nas diferenças acima citadas, os lingüistas romenos separam as formações com prefixos das com pseudoprefixos, afirmando serem as últimas mais semelhantes às palavras compostas, principalmente nos casos em que os elementos constitutivos existem como palavras independentes, a exemplo de *radionovela*. Não podemos deixar de observar, no entanto, que esta não é uma regra que possa ser generalizada em relação aos pseudoprefixos e que elementos analisados como verdadeiros prefixos pelos autores (*bem-*, *contra-*, *entre-*, *extra-*, *mal-*, dentre outros) também funcionam como vocábulos isoladamente[60]. Observando outros exemplos dados, podemos inferir mais uma característica de alguns pseudoprefixos citados por Iordan e Manoliu: a mobilidade distribucional, ou seja, eles não se restringem à posição inicial das palavras como os prefixos, podendo também aparecer como último elemento das formações, a exemplo de *filo-,* que é o primeiro elemento de *filantropo,* mas ocupa a posição final em *francófilo.* Conforme comentamos no capítulo anterior, preferimos considerar a possibilidade de ocupar mais de uma posição no vocábulo uma característica dos radicais.

Assim como Iordan e Manoliu (1972), Li Ching (1973) faz alusão à origem e à cronologia dos pseudoprefixos, bem como ao fato de serem utilizados nas novas formações do campo técnico-científico. O lingüista chinês afirma que a maioria dos pseudoprefixos "derivam da língua grega por volta do final do século XIX ou do princípio do século XX e devem a sua popularidade e vitalidade aos progressos das ciências e técnicas destes últimos anos" (LI CHING, 1973: 79). Assinala ainda que muitos têm a terminação *-o* (*aéro-*, *foto-*, *geo-*, *micro-*, *mono-*, *rádio-* etc.) e que alguns podem ter também função atributiva (*condutor-auto*, *silo-auto*, *antena-rádio*, *sinais-rádio*[61]). O autor chama a atenção para a produtividade de certos pseudoprefixos, como *mini-*, ao contrário do que afirmam os lingüistas romenos.

A fim de comprovar que o quadro teórico inconsistente leva a discordâncias classificatórias, tornando duvidosa e desnecessária uma distinção entre prefixos e pseudoprefixos, Bessa (1986) elaborou a seguinte tabela com os elementos classificados por Iordan e Manoliu (1972) e Li Ching (1973):

---

[60] Iordan e Manoliu poderiam ter acrescentado que alguns pseudoprefixos existem isoladamente como **substantivos**, o que os diferenciaria de prefixos como *contra-*, *entre-*, *bem-*, *mal-* etc., que correspondem a preposições e advérbios.

[61] Os termos não estão registrados no *VOLP*.

PREFIXOS			PSEUDOPREFIXOS	
LI CHING		IORDAN e MANOLIU	LI CHING	IORDAN e MANOLIU
01.	a-	-	-	-
02.	-	-	aéro-	aero-
03.	-	-	agro-	-
04.	-	ante-	-	-
05.	anti-	[anti-]	-	-
06.	arqui-	-	-	arqui-
07.	-	-	astro-	-
08.	auto-	-	-	auto-
09.	-	bem- ~ ben- ~ bene-	-	-
10.	bi-	-	-	-
11.	-	-	bio-	-
12.	-	-	cine-	-
13.	circum-	-	-	-
14.	co-	-	-	-
15.	contra-	contra-	-	-
16.	-	-	-	demo-
17.	des-	des-	-	-
18.	-	-	electro-	electro-
19.	-	em- ~ en-	-	-
20.	-	entre-	-	-
21.	ex-	-	-	-
22.	extra-	extra-	-	-
23.	-	-	-	filo-
24.	-	-	fono-	-
25.	-	-	foto-	foto-
26.	-	-	geo-	-
27.	-	-	heli-	-
28.	-	-	hetero-	-
29.	-	-	hidro-	hidro-
30.	hiper-	-	-	-
31.	hipo-	-	-	-
32.	-	-	horto-	-
33.	in-	im- ~ in- ~ i-	-	-
34.	infra	-	-	-
35.	inter-	inter-	-	-
36.	-	-	macro-	-
37.	-	mal- ~ male-	-	-
38.	-	-	máxi-	-
39.	meio-	-	-	-
40.	-	[menos-]	-	-
41.	-	-	micro-	micro-

PREFIXOS			PSEUDOPREFIXOS	
	LI CHING	IORDAN e MANOLIU	LI CHING	IORDAN e MANOLIU
42.	-	-	mini-	-
43.	-	-	mono-	mono-
44.	-	-	moto-	moto-
45.	multi-	-	-	multi-
46.	não-	-	-	-
47.	neo-	-	-	-
48.	-	-	omni-	-
49.	pan-	-	-	-
50.	para-	-	-	-
51.	pluri-	-	-	-
52.	poli-	-	-	poli-
53.	pós-	-	-	-
54.	pré-	-	-	-
55.	pró-	-	-	-
56.	-	-	proto-	proto-
57.	pseudo-	-	-	pseudo-
58.	quadri-	-	-	-
59.	quase-	-	-	-
60.	-	-	radar-	-
61.	-	-	rádio-	rádio-
62.	re-	re-	-	-
63.	recém-	-	-	-
64.	-	-	retro-	-
65.	semi-	-	-	semi-
66.	sobre-	[sobre-]	-	-
67.	sub-	[sub-]	-	-
68.	-	subtus-	-	-
69.	super-	super-	-	-
70.	supra-	supra-	-	-
71.	sur-	[sur-]	-	-
72.	-	-	tele-	tele-
73.	-	-	termo-	termo-
74.	trans-	-	-	
75.	tri-	-	-	tri-
76.	-	-	turbo-	-
77.	ultra-	-	-	-
78.	uni-	-	-	-
79.	vice-	-	-	-
80.	-	-	-	zoo-

(BESSA, 1986: 97-9)

Há de se assinalar, na tabela, a omissão do elemento *auto-* (= *automóvel*) dentre os pseudoprefixos listados por Li Ching (1973: 83). Nos exemplos em que *auto-* significa “próprio”, “por si mesmo”, o lingüista o classifica como prefixo. Já Iordan e Manoliu (1972: 46-8) consideram *auto-* sempre um pseudoprefixo. Assim, a lista do lingüista chinês reúne 28 (vinte e oito) pseudoprefixos; a dos lingüistas romenos, 21 (vinte e um). Apenas 12 (doze) elementos são considerados pseudoprefixos nos dois estudos, a saber: *aero-*, *auto-*, *electro-*, *foto-*, *hidro-*, *micro-*, *mono-*, *moto-*, *proto-*, *rádio-*, *tele-* e *termo-*.

Ao observarmos a lista de pseudoprefixos de Cunha e Cintra (1985: 112-3), vemos que ela reúne praticamente todos os elementos assim classificados por Iordan e Manoliu (1972) e Li Ching (1973), com exceção de *filo-*, *heli-*, *horto-*, *omni-*, *radar-*, *tri-*, *turbo-* e *zoo-*. Os autores da gramática portuguesa acrescentam ainda *inter-* e *pluri-* ao rol dos pseudoprefixos, conforme ilustrado no quadro comparativo a seguir:

Quadro 5

Pseudoprefixos (IORDAN; MANOLIU, 1972; LI CHING, 1973; CUNHA; CINTRA, 1985)

PSEUDOPREFIXOS			
	Iordan e Manoliu (1972)	Li Ching (1973)	Cunha e Cintra (1985)
01.	aero-	aéro-	aero-
02.	-	agro-	agro-
03.	arqui-	-	arqui-
04.	-	astro-	astro-
05.	auto-	auto-	auto-
06.	-	bio-	bio-
07.	-	cine-	cine-
08.	demo-	-	demo-
09.	electro-	electro-	electro-
10.	filo-	-	-
11.	-	fono-	fono-
12.	foto-	foto-	foto-
13.	-	geo-	geo-
14.	-	heli-	-
15.	-	hetero-	hetero-
16.	hidro-	hidro-	hidro-
17.	-	horto-	-

PSEUDOPREFIXOS			
	Iordan e Manoliu (1972)	Li Ching (1973)	Cunha e Cintra (1985)
18.	-	-	inter-
19.	-	macro-	macro-
20.	-	máxi-	maxi-
21.	micro-	micro-	micro-
22.	-	mini-	mini-
23.	mono-	mono-	mono-
24.	moto-	moto-	moto-
25.	multi-	-	multi-
26.	-	omni-	-
27.	-	-	pluri-
28.	poli-	-	poli-
29.	proto-	proto-	proto-
30.	pseudo-	-	pseudo-
21.	-	radar-	-
32.	rádio-	rádio-	radio-
33.	-	retro-	retro-
34.	semi-	-	semi-
35.	tele-	tele-	tele-
36.	termo-	termo-	termo-
37.	tri-	-	-
38.	-	turbo-	-
39.	zoo-	-	-

Carvalho (1974) também considera *inter-* e *pluri-* prefixóides, ao lado de *sobre-*, *contra-*, *recém-*, *inter-*, *super-*, dentre outros. O autor distingue esses elementos dos demais morfemas prefixais por um fato de ordem fonológica e por outro de ordem semântica. Eles apresentam um certo grau de independência acentual, formando palavras que “têm como que dois acentos e, por conseguinte, um esquema acentual análogo, embora não talvez idêntico, ao de sintagmas fônicos” (CARVALHO, 1974: 548) e possuem “uma significação mais ou menos delimitada e presente à consciência dos falantes, de tal modo que o significado do todo a que pertencem se aproxima de um conceito complexo, e portanto de um sintagma” (CARVALHO, 1974: 554). Pelos mesmos motivos, o autor sugere a

separação de *-mente* e *-zinho* dos sufixos propriamente ditos, designando-os *sufixóides*.

Sobre os critérios apresentados pelo autor, não podemos negar a relevância do primeiro. A autonomia de elementos como *super-*, *mini-*, *extra-* etc. faz com que os usuários da língua os percebam, muitas vezes, como palavras independentes, escrevendo-os separados da base por espaço em branco ou com o uso indiscriminado do hífen. O segundo critério, no entanto, é impreciso e válido também para os demais prefixos.

Duarte (1999a) acrescenta que alguns elementos de pauta acentual secundária se relacionam com um tipo de braquissemia (emprego de parte de um vocábulo pelo vocábulo inteiro), a derivação truncada estrutural[62], conforme ilustram os empregos de *múlti* por *multinacional*, *vice* por *vice-presidente*, *ex* por *ex-marido*, *micro* por *microcomputador*, *pré* por *pré-vestibular*, *pós* por *pós-graduação*, *homo* por *homossexual*, *hetero* por *heterossexual* e *hiper* por *hiperinflação*. Este tipo de braquissemia é um processo de substantivação, e os elementos empregados braquissemicamente podem, assim como os substantivos, sofrer flexão (*as múltis*, *os vices*) e dar origem a derivados[63] (*supermicros*, *supermínis*[64], *micreiro*). Há também a possibilidade de recomposição (lexema: *televisão*/ forma reduzida: *tele*/ recomposição: *telecurso*).

O autor relaciona ainda o pseudoprefixo a um outro tipo de braquissemia, de natureza contextual, como ocorre em *O lingüista estuda a pré- e a pós-posição do sujeito*. Neste caso, a base é subtraída em virtude de ser empregada no vocábulo seguinte, assemelhando-se à braquissemia contextual das formações em *-mente* (*suave e delicadamente* < *suavemente e delicadamente*). No caso dos pseudoprefixos, pode ocorrer a ausência da base na segunda formação (*a macroestrutura e a micro*). Alguns desses elementos se ligam também a adjetivos como *micro* em *micro e pequena empresa* e *ex* em *o atual marido e o ex* (DUARTE, 1999b).

---

[62] Na derivação truncada estrutural, dá-se o corte de um elemento estrutural da palavra (um sufixo ou uma das bases de um vocábulo composto) como em *responsa* (< *responsabilidade*) e *odonto* (< *odontologia*). Na derivação truncada não-estrutural, o corte é aleatório, a exemplo de *cerva* (< *cerveja*) e *cine* (< *cinema*). (ROCHA, 1998: 182-5)

[63] O autor chama de **derivados** formações com prefixos, prefixóides e sufixos, mas admite que uma análise mais refinada levaria à inclusão dos prefixóides em um processo distinto da derivação. (DUARTE, 1999a: 174)

[64] Os exemplos *supermicros* (< *supermicrocomputadores*) e *supermínis* (< *superminicomputadores*) são de Alves (1990: 26).

A análise de outros estudos nos afasta ainda mais de um consenso sobre quais elementos devem ser considerados pseudoprefixos ou prefixóides. Vejamos o que dizem mais dois autores sobre o tema.

Sandmann (1989: 105-15) alega que os afixóides ou semi-afixos não podem ser simplesmente incluídos na derivação ou na composição, uma vez que se prestam à formação em série e têm um correspondente que ocorre livremente na frase. Reconhece, entretanto, serem necessários outros aspectos fonológicos, sintáticos ou semânticos para distinguir a semiderivação da composição, porquanto palavras autônomas também podem aparecer com o mesmo significado em muitas palavras compostas, como *chave* em *figura-chave*, *elemento-chave*, *peça-chave*, *questão-chave*, *palavra-chave* etc.

O autor considera as palavras do grego ou latim que não têm curso livre na língua radicais eruditos presos. Caso esses elementos participem de formações em série, como *tele-* e *filo-*, eles passam à categoria dos afixos. Assim, sua lista de prefixóides se resume aos oito elementos a seguir: *além*, *bem*, *contra*, *mal*, *não*, *pró*, *sem* e *sobre*. Nenhum dos pseudoprefixos de Iordan e Manoliu (1972), Li Ching (1973) e Cunha e Cintra (1985) recebe esta classificação em Sandmann (1989). O único sufixóide citado pelo autor é *mania*[65] (*jazzmania*, *videomania*).

A noção de prefixóide apresentada por Rocha (1998: 164) diverge ainda mais das mencionadas até agora. Segundo ele, esses elementos aparecem em uma só palavra, acrescentando às bases um sentido único. As palavras *obter*, *supor*, *descrever*, *contracenar*, *resguardar* e *manter* são citadas como exemplos de formações com prefixóides. Os vocábulos *contracheque* (*contra-* + *cheque*), *contrabaixo* (do italiano *contrabbasso*) e *contradança* (do francês *contredanse*[66]) ilustram a ocorrência de prefixóides homófonos, ou seja, que apresentam a mesma identidade fonológica, mas significações distintas. Na verdade, o sentido "único", "exclusivo" e "especial" dos elementos a que se refere o autor é, muitas vezes, difícil de precisar, visto que alguns fazem parte de palavras que podem ser consideradas simples por apresentarem um significado indecomponível à luz da análise sincrônica.

---

[65] Clare (2004: 94-5; 272) também destaca a produtividade do elemento *mania* (*fracassomania*, *sucessomania, Ronaldinhomania*), mas o considera um radical.

[66] O *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (HOUAISS, 2001) registra que o vocábulo francês *contredanse* é uma adaptação, por etimologia popular, do inglês *country-dance*, "dança nativa inglesa, ger. campestre, em que os participantes postam-se face a face, em fila" (cf. *DH*, v. contradança).

O cotejo dos estudos sobre pseudoprefixos deixa clara a disparidade dos parâmetros utilizados para sua conceituação. Que condições um elemento deve preencher para ser assim classificado? Ter um bom ou um baixo rendimento? Ter mobilidade distribucional ou ocupar somente a posição inicial? Corresponder a uma forma livre? Uma vez que não há critérios bem definidos para o estabelecimento da noção de pseudoprefixos, a postulação desta entidade não contribui para a classificação e análise dos elementos mórficos, trazendo, pelo contrário, ainda mais problemas taxonômicos.

Assim, parece-nos mais adequado classificar os elementos que se antepõem a uma base para a formação de novos vocábulos como radicais (elementos de composição) ou prefixos (afixos que formam palavras derivadas). Reconhecendo as dificuldades e controvérsias na distinção desses elementos, optamos por considerar prefixos do português as formas homônimas de preposições de nossa língua (*sobre-* em *sobrevir*, *contra-* em *contrapor*, *entre-* em *entreabrir*, *sem-* em *sem-terra* etc.), as variantes das preposições (a exemplo de *sub-* em *subnutrido*, *super-* em *superpor* e *inter-* em *interestadual* etc.) e os prefixos provenientes do latim e do grego que permaneceram produtivos ou recorrentes em nosso idioma (como *re-* em *refazer*, *in-* em *infeliz*, *pré-* em *pré-vestibular*, *anti-* em *antiaéreo, a-* em *amoral*, dentre outros). Em geral, os prefixos formam palavras da mesma classe gramatical que a da base a que se adjungem e expressam noções relacionadas com oposição, negação, separação, ausência ou localização (movimento ou posição no tempo, no espaço, numa escala de valores).

4. ANÁLISE DO *CORPUS*

Nos capítulos anteriores, vimos que não há consenso no estabelecimento de critérios para a caracterização dos prefixos, o que gera divergências acerca de quais elementos devem ser assim classificados. Na feitura de um dicionário, um dos muitos desafios enfrentados pelos lexicógrafos é a classificação dos vocábulos e elementos de uma língua. Neste capítulo, procederemos a uma análise crítico-comparativa dos prefixos registrados nas versões eletrônicas de duas conceituadas obras da lexicografia portuguesa – o *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa* (FERREIRA, 2004), doravante *DA,* e o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (HOUAISS, 2001), doravante *DH*.

Vejamos o verbete *prefixo* nos dois dicionários analisados:

prefixo
(cs) [Do lat. *praefixu*.]
Adjetivo.
1.Fixado ou determinado antes; prefixado.
2.Preciso, exato:
"Nada mais fácil em aritmética do que calcular desde já o prazo prefixo em que.... chegaremos fatalmente a ter de pagar tanto de juros quanto o que cobramos de receita." (Ramalho Ortigão, *As Farpas*, IV, p. 170).
Substantivo masculino.
3.E. Ling. Afixo que antecede a raiz, como *re-* em *rever*, ou *in-*, em *inútil*.
4.Bras. Conjunto de letras e/ou números com que se identificam estações de rádio, aeronaves, embarcações, localização de telefones, etc.
5.Bras. Frase ou trecho musical, ou ruído, empregado como característica de programa de rádio ou de televisão, e que sempre se faz ouvir no início e/ou no fim do programa.

(*DA*, v. prefixo)

► **prefixo**
Acepções
■ adjetivo
1 fixado anteriormente; prefixado, preestabelecido, predeterminado
2 fixado na parte dianteira (de algo)
3 feito com rigor; exato, preciso
■ substantivo masculino
4 Rubrica: termo aeronáutico.
conjunto de letras e/ou números pintado nas laterais de aeronaves que serve para identificá-las
5 (1858) Rubrica: gramática, lingüística.
afixo que vem antes da raiz (semantema); p.ex., em *previdente* temos os morfemas *pre-* + *vid-* + *-ente*, onde *vid-* é a raiz e *pre-* é o prefixo; em *imprevidente* temos dois prefixos, *im-* e *pre-*
6 Rubrica: radiofonia, televisão. Regionalismo: Brasil.
vinheta característica de um programa ou de uma emissora de rádio ou TV, transmitida regularmente na abertura do programa ou da programação diária da emissora
Obs.: cf. *abertura*
7 Rubrica: telecomunicações.
identificação em código alfanumérico, internacionalmente convencionada, de cada emissora de radiodifusão (TV ou rádio) ou estação transmissora de radiofreqüência em aeronave, embarcação, equipamento de radioamador etc.

(*DH*, v. prefixo)

No *DA*, interessa-nos a acepção 3, a saber: “Afixo que antecede a raiz, como *re-* em *rever*, ou *in-*, em *inútil*.” Nesta obra, o substantivo *afixo* é definido simplesmente como “Designação comum aos prefixos, sufixos e infixos” (*DA*, v. afixo), mas há menção também às locuções *afixo derivacional* e *afixo flexional*. O *DH* registra, na acepção 5, da área de gramática e lingüística, que o prefixo é um “afixo que vem antes da raiz (semantema); p.ex., em *previdente* temos os morfemas *pre-* + *vid-* + *-ente*, onde *vid-* é a raiz e *pre-* é o prefixo; em *imprevidente* temos dois prefixos, *im-* e *pre-*”. Uma das acepções de afixo apresentada no *DH* é “cada um dos morfemas não autônomos (prefixos, sufixos e infixos), us. na derivação de palavras (p.ex.: *casar*: *casamento, feliz*: *infeliz* etc.), ou para flexioná-las em número, gênero, tempo, caso, etc.” (*DH*, v. afixo). Assim, as definições citadas revelam que ambos os dicionários incluem os prefixos na derivação, diferenciando-os dos elementos de composição. Uma vez que as obras não adotam o conceito de pseudoprefixo ou prefixóide, discutido no capítulo anterior, os elementos antepositivos que entram na formação das palavras são classificados como prefixos ou elementos de composição[67].

Após apresentarmos o levantamento do *corpus* a ser analisado, verificaremos as divergências entre o rol de prefixos das duas obras (elementos presentes em apenas uma das obras ou classificados como prefixos em um dos dicionários e elemento de composição no outro, por exemplo). Apontaremos, também, a interferência dos critérios etimológico e ortográfico na identificação dos prefixos e de suas variantes, além de algumas incoerências encontradas nas obras, como classificações diferentes para elementos semelhantes. Buscaremos, ainda, investigar se as diferenças entre os dois dicionários são mais freqüentes em elementos que entram na formação de vocábulos empregados em determinada área

---

[67] Há de se apontar um pequeno equívoco encontrado na explicação da estrutura dos verbetes do *DA*. No tópico de **Ajuda** (**Verbete** - **Entenda sua estrutura** / **cabeça do verbete**), lê-se a seguinte explicação:

> **Cabeça do verbete**
> A cabeça do verbete, ou simplesmente cabeça, sempre em **preto e em negrito**, identifica o verbete. Além das palavras vernáculas registradas, há ainda três tipos de cabeças de verbete que não são palavras da língua portuguesa. Cada tipo é identificado por um sinal especial:
> ➔ Indica palavra ou expressão em língua estrangeira (estrangeirismo);
> Δ Indica elemento de composição: prefixo, sufixo, infixo;
> ▫ Indica símbolo, abreviação, sigla, etc.

A explicação revela-se incoerente com a posição adotada no dicionário, que registra, inclusive, a locução *derivação prefixal* como “derivação pela adjunção de prefixo, a exemplo de ler > reler” (*DA*, v. derivação).

Na verdade, o símbolo Δ indica elemento de composição, prefixo, sufixo ou infixo.

do conhecimento e o tratamento dado aos elementos que correspondem a preposições e advérbios de nossa língua.

4.1 *Corpus*

No levantamento do *corpus* deste trabalho, buscamos listar, primeiramente, todos os prefixos, suas formas equivalentes e variantes registrados no *DA* e no *DH*. Serviram-nos de auxílio as ferramentas de pesquisa dos dicionários. Nos anexos, apresentamos os verbetes analisados.

O *DA* registra 179 (cento e setenta e nove) elementos, entre *prefixos*, *formas equivalentes* e *variantes*[68], como nos mostra o quadro seguir:

Quadro 6
Prefixos, formas equivalentes e variantes do *DA*

Prefixos, formas equivalentes e variantes do *DA*	
1	[1]a-
2	[2]a-
3	[3]a-
4	[4]a-
5	[5]a-
6	[1]ab-
7	[2]ab-
8	abs-

[68] No *DA*, a indicação de verbetes homônimos é feita com o uso de um número sobrescrito após o verbete, como nos mostram os exemplos a seguir:

> Δ **a-[1]**
> [Do lat. *a-, ab-, abs-* < *a, ab, abs*, prep. de abl.]
> Prefixo.
> 1.= 'afastamento', 'separação'; 'privação'; 'excesso', 'intensidade': *amovível*. [Equiv.: *ab-*[1], *abs-* (sempre antes de *c* e *t*): *abaxial*; *abscesso* (< lat.), *abster* (< lat.).]
>
> Δ **a-[2]**
> [Do lat. *ad-* < *ad*, prep. de acus.]
> Prefixo.
> 1.= 'aproximação', 'direção'; 'aumento', 'acrescentamento'; 'mudança de estado', 'transformação', etc.: *abeirar, achegar*; *apodrecer, amedrontar*. [Equiv.: *ad-*, *ar-*[1], *as-*[1] (*ar-* e *as-* vêm sempre antes de *r* e *s*): *advogado* (< lat.), *adventício* (< lat.); *adoperar*; *arrostar*, *arribar*; *assimilar* (< lat.). A f. *a-* é, algumas vezes, conseqüência da assimilação do *d* à consoante seguinte e simplificação da consoante geminada: *aglutinar* (< lat.).]

Dois motivos, entretanto, levaram-nos a optar por indicar formas homônimas com o uso de um número sobrescrito antes dos elementos analisados, a saber: 1) diferenciação entre os homônimos e as notas, já indicadas após os vocábulos e 2) padronização, uma vez que, no *DH*, utiliza-se o número sobrescrito antes dos verbetes. Nos anexos e nas citações, reproduzimos a forma utilizada nos dicionários.

Prefixos, formas equivalentes e variantes do *DA*	
9	ad-
10	alfa-
11	an-
12	an(a)-
13	anfi-
14	ant(e)-
15	anti-
16	ant(i)-
17	ap(o)-
18	[1]ar-
19	[2]ar-
20	[3]ar-
21	[4]ar-
22	arc(a)-
23	arce-
24	[1]arci-
25	arqui-
26	[1]as-
27	[2]as-
28	[3]as-
29	atto-
30	bem-
31	ben-
32	beta-
33	[1]bi-
34	[2]bi-
35	bis-
36	-bis-
37	but-
38	cata-
39	[2]centi-
40	circu(m)-
41	circun-
42	[1]cis-
43	[2]cis-
44	[1]co-
45	com-
46	con-
47	de-
48	[2]dec(a)-
49	deci-
50	delta-
51	des-
52	[2]di-
53	di(a)-
54	-di(a)-

Prefixos, formas equivalentes e variantes do *DA*	
55	[1]dis-
56	[2]dis-
57	-dis-
58	[1]e-
59	[2]e-
60	[3]e-
61	ec-
62	ecto-
63	[1]em-
64	[2]em-
65	-em-
66	[1]en-
67	[2]en-
68	endo-
69	end(o)-
70	ent(o)-
71	[2]-ent(o)-
72	entr(e)-
73	ep(i)-
74	es-
75	-es-
76	eso-
77	et-
78	-et-
79	eu-
80	ev-
81	[1]ex-
82	[2]ex-
83	exa-
84	exo-
85	ex(o)-
86	extra-
87	giga-
88	hiper-
89	-(h)iper-
90	[1]hip(o)-
91	-(h)ip(o)-
92	[1]i-
93	[2]i-
94	[1]im-
95	[2]im-
96	[1]in-
97	[2]in-
98	infra-
99	inter-
100	intra-

Prefixos, formas equivalentes e variantes do *DA*	
101	intro-
102	int(u)-
103	intu(s)-
104	[1]ir-
105	[2]ir-
106	justa-
107	m-
108	mega-
109	met-
110	meta-
111	met(a)-
112	[2]micr(o)-
113	[1]mili-
114	[2]miri(a)-
115	n-
116	nano-
117	nonil-
118	nor-
119	[1]o-
120	ob-
121	omeg(a)-
122	p-
123	para-
124	par(a)-
125	per-
126	peri-
127	peta-
128	pico-
129	pos-
130	pós-
131	pre-
132	pré-
133	[1]pro-
134	[2]pro-
135	pró-
136	-pro-
137	prop-
138	pros-
139	[3]quilo-
140	re-
141	-re-
142	retr(o)-
143	[1]s-
144	[2]s-
145	sec-
146	[1]sim-

Prefixos, formas equivalentes e variantes do *DA*	
147	[2]sim-
148	[1]sin-
149	[2]sin-
150	-sin-
151	so-
152	-so-
153	sob-
154	sobr(e)-
155	stat-
156	su-
157	sub-
158	super-
159	supra-
160	sus-
161	t-
162	tera-
163	terc-
164	tra-
165	-tra-
166	trans-
167	tras-
168	tre(s)-
169	tri(s)-
170	ultra-
171	um-
172	-um-
173	un-
174	-un-
175	yocto-
176	yotta-
177	z-
178	zepto-
179	zetta-

No *DH*, há 144 (cento e quarenta e quatro) verbetes que recebem a classificação de *prefixo*, listados a seguir:

Quadro 7
Prefixos, formas equivalentes e variantes do *DH*

Prefixos, formas equivalentes e variantes do *DH*	
1	[1]ab-
2	abs-
3	ad-
4	af-
5	al-
6	além-
7	alfa-
8	amb(i)-
9	a(n)-
10	an(a)-
11	anf(i)-
12	anfis-
13	anfo-
14	ant(i)-
15	ante-
16	ap(o)-
17	aquém-
18	[1]ar-
19	[2]ar-
20	ato-
21	atto-
22	bi-
23	bi(s)-
24	carbamoil-
25	carbonil-
26	carbox(i)-
27	cata-
28	centi-
29	circo-
30	circum-
31	circun-
32	cis-
33	cloril-
34	co-
35	col-
36	com-
37	[1]con-
38	contro-
39	[1]cor-

Prefixos, formas equivalentes e variantes do *DH*	
40	[1]cos-
41	de-
42	de(s)-
43	deci-
44	des-
45	[1]di-
46	[2]di-
47	di(a)-
48	-dia-
49	[1]dis-
50	[2]dis-
51	[3]dis-
52	ec-
53	ecto-
54	ef-
55	em-
56	[1]en-
57	[2]en-
58	end(o)-
59	entre-
60	ep(i)-
61	es-
62	eu-
63	ev-
64	ex-
65	exa-
66	[1]exo-
67	extra-
68	femto-
69	fento-
70	giga-
71	hal(o)-
72	hidrazino-
73	[1]hip(o)-
74	hipo-
75	hiper-
76	[1]i-
77	ig-
78	im-
79	in-
80	infra-
81	int(us)-
82	inter-
83	intra-
84	intro-
85	ir-

Prefixos, formas equivalentes e variantes do *DH*	
86	just(a)-
87	[1]mega-
88	met(a)-
89	[1]micr(o)-
90	[1]mili-
91	miria-
92	nano-
93	nuper-
94	[1]o-
95	ob-
96	oc-
97	os-
98	pam-
99	pan-
100	pant-
101	panto-
102	par(a)-
103	[1]per-
104	peri-
105	peta-
106	[1]pico-
107	pós-
108	[1]post-
109	pre-
110	pré-
111	preter-
112	[1]pro-
113	[2]pro-
114	pró-
115	pros-
116	[1]quilo-
117	re-
118	res-
119	retro-
120	[1]se-
121	semi-
122	[1]si-
123	sim-
124	[1]sin-
125	sine-
126	sis-
127	so-
128	sob-
129	sobre-
130	sota-
131	soto-

Prefixos, formas equivalentes e variantes do *DH*	
132	sub-
133	subter-
134	super-
135	supra-
136	tera-
137	tra-
138	trans-
139	tras-
140	tres-
141	u-
142	ultra-
143	ve-
144	vice-

Uma breve análise das listas apresentadas nos revela a presença de "elementos não-iniciais". Ambos os dicionários registram, por exemplo, *-dia-* ou *-di(a)-* como equivalentes do prefixo *di(a)-*. Vejamos o que se lê no *DA*:

> Δ **-di(a)-**
> 1. Equiv. de *di(a)-*.
>
> Δ **di(a)-**
> [Do gr. *dia-* < gr. *diá*.]
> Prefixo.
> 1.= 'separação'; 'através': *diacáustico*, *diacronia*, *diurese*. [Equiv.: *-di(a)-*: *epidiascópio*, *paradiafonia*.]

No *DH*, encontramos as seguintes definições:

> ► **-dia-**
> ■ prefixo
> culto, us. interpositivamente, ver *in fine* de *di(a)-*
>
> ► **di(a)-**
> ■ prefixo
> culto, do adv. prep. gr. *diá* 'através; através de, ao longo de, durante, por meio de, por, por causa de'; ocorre em grande número de voc. já orign. gregos, já formados, subseqüentemente, segundo o padrão clássico; na composição em vern., reveste as acp. de: **1)** 'separação, dissociação, dispersão': *dialética*, *diálise*, *diérese*; **2)** 'movimento ou passagem através de': *diacústico*, *diáfano*, *diafragma*, *diâmetro*; **3)** 'relação entre pessoas': *dialogar*, *diálogo*; **4)** 'negação': *dialétrico*, *diamagnético*; ocorre interpositivamente em vocábulos como *acristalodiafania*, *eletrodiafania*, *eletrodiagnóstico*, *eletrodiálise*, *eletrodialítico*, *eletrodiapasão*

A análise dos constituintes imediatos de alguns exemplos citados nas obras mostra-nos que, na verdade, não deveria haver verbetes distintos para tais elementos. *Dia-* não está na posição inicial em palavras como *eletrodiafonia* e *paradiafonia* por ser prefixo de *diafonia*, que serve de base para a formação desses

vocábulos. Outra particularidade que nos chama atenção é o fato de, no *DA*, alguns desses "elementos não-iniciais" serem classificados como *infixos* [*sic*], a exemplo de *-bis-* (em *azobisisobutironitrila*) e *-et-* (em *azetidina*), conforme mostram os verbetes a seguir:

> Δ **-bis-**
> 1. V. *bis-*.
>
> Δ **bis-**
> [Do lat. *bis*, adv.]
> Prefixo.
> 1.= 'repetição', 'duas vezes'; 'dois': *bisneto*, *bisavô*. [Em Quím., indica, numa molécula, a existência de dois grupos (ger. formados por muitos átomos) iguais: *bis(dimetilamino)naftaleno*. Ocorre, tb., como infixo: *azobisisobutironitrila*.] [Equiv.: *bi-*[1] (exceto em quím.): *bibico, bicampeão*, *bimilenário*, *bimotor*.]
>
> Δ **-et-**
> V. *et-*.
>
> Δ **et-**
> [Do lat. *aether* < gr. *aithér*.] Quím.
> Prefixo.
> 1.Indica cadeia de 2 átomos de carbono, em grupamento ou substância: *etil*, *etano*. [Ocorre, tb., como infixo: *-et-*: *azetidina*.]

Nota-se também que, enquanto o *DA* registra 5 (cinco) prefixos homônimos *a-*, o *DH* não apresenta nenhum. Ao buscarmos o verbete *a-* na última obra, encontramos as seguintes informações:

> ► **a-**
> ■ elemento de composição
> antepositivo, como el. analisável, ocorre em port. nas segg. situações: **1)** como morfema protético, em palavras como *baixar*:*abaixar*, *levantar*:*alevantar*, *recuar*:*arrecuar*, *ruinar*:*arruinar*, *sentar*:*assentar*, ou em pal. que incorporam o art. *a*, como *amora*, *abantesma*, ambas as ordens, de natureza popular, não raro anteriores ao sXVI; **2)** como pref. de orig. lat. com a acp. de 'aproximação', ver ***ad-***; **3)** como pref. do art.ár. *al*, ver ***al-***; **4)** como pref. de orig. lat. com a acp. de 'afastamento', ver [1]***ab-***; **5)** como pref. de orig. gr. com a acp. de 'privação, negação', ver ***a(n)-***

A citação acima revela que, apesar de ter sido classificado como "elemento de composição", o elemento *a-* é, na verdade, tratado como um prefixo no *DH*. Diante das questões comentadas, excluiremos os "elementos não-iniciais" nas próximas etapas de nossa pesquisa e incluiremos o elemento *a-*, entre parentêses, na lista de prefixos do *DH*. É importante ressaltar que a inclusão não acarretará alterações nos resultados estatísticos da pesquisa, uma vez que este elemento aparecerá sempre junto a outros classificados como prefixos na obra.

Antes do cotejo das listas dos dicionários, agruparemos os prefixos e suas variantes, citando exemplos de sua ocorrência. Os exemplos foram escolhidos,

preferencialmente, dentre os mencionados no verbete do prefixo ou variante em cada dicionário. Em geral, reunimos as variantes de acordo com as indicações do *DA*. A única exceção foi o tratamento dado ao elemento *supra-*, que na obra aparece como forma equivalente de *super-* e aqui foi analisada separadamente.

Na elaboração da lista referente ao *DA,* verificamos que a obra não registra exemplos de vocábulos com certos elementos considerados prefixos, como nos mostra o quadro a seguir:

Quadro 8
Prefixos do *DA*

Prefixos do *DA*		
	Verbetes	Exemplos
1	[1]a-, [1]ab-, abs-	*amovível, abaxial, abster*
2	[2]a-, ad-, [1]ar-, [1]as-	*achegar, adoperar, arrostar, assimilar*
3	[3]a-, an-, [3]ar-, [3]as-	*amoral, anencefalia, arreísmo, assexual*
4	[4]a-, [2]ar-, [2]as-	*alevantar, arruído, assentar*
5	[5]a-, [4]ar-	*amora, arruda*
6	[2]ab-	*abvolt*
7	alfa-	*alfa-aminoácido*
8	an(a)-	*anacrônico, anabatista*
9	anfi-	*anfípode, anfigonia*
10	ant(e)-	*anteato*
11	ant(i)-	*antiácido, antidemocrático*
12	anti-	*anti-benzaldoxima*
13	ap(o)-	*apófase*
14	arqui-, arc(a), arce-, [1]arci-	*arquidiocese, arcanjo, arcebispo, arcipreste*
15	atto-	*attofarad*
16	bem-, ben-	*bem-aventurança*, *benfeitor*
17	beta-	*beta-hidroxi-carboxílico, beta-ionona*
18	[2]bi-	*bicarbonato*
19	bis-, [1]bi-	*bisavô*, *bicampeão*
20	but-	*butil, butanol*
21	cata-	*catamnese, catabatista*
22	[2]centi-	*centímetro*
23	circu(m)-, circun-	*circumpolar*, *circunvizinho*
24	[1]cis-	*cisandino*
25	[2]cis-	*cis-butenodióico*
26	[1]co-, com-, con-	*co-aluno*, *compactuar*, *conchegar*
27	de-	*deborcar, decompor*
28	[2]dec(a)-	*decagrama*
29	deci-	*decímetro*
30	delta-	*delta-ceto-carboxílico, delta-lactona*
31	des-	*desfazer, desumano, desinfeliz*

Prefixos do *DA*		
32	[2]di-, [1]dis-	*difração, discolor*
33	di(a)-	*diacronia, diurese*
34	[2]dis-	*disopia*
35	[1]e-, [1]em-, [1]en-	*embrião, enantese*
36	[2]e-, es-, [1]ex-	*eglanduloso, esfolhar, expropriar, ex-combatente*
37	ec-, [2]ex-	*ectipografia, exarticular*
38	ecto-	*ectoparasito*
39	[2]em-, [3]e-, [2]en-, [1]i-, [1]im-, [1]in-, [1]ir-	*embarcar*, *emaranhar*, *engarrafar*, *ilutar*, *implantar*, *infiltar*, *irromper*
40	endo-	*endo-diciclopentadieno, endoperóxido*
41	end(o)-	*endoérgico, endartério*
42	ent(o)-	*entoptoscopia*
43	ep(i)-	*epicarpo, epigenia*
44	eso-	*esoderma*
45	et-	*etil, etano*
46	eu-, ev-	*eucinesia, euquinina, evemia, evangelho*
47	exa-	*exâmetro*
48	exo-	*exo-diciclopentadieno*
49	ex(o)-	*exógamo*
50	extra-	*extramural*, *extra-uterino*
51	giga-	*gigâmetro, gigabyte*
52	hiper-	*hiperemia, hiperstílico*
53	[1]hip(o)-	*hipoderme, hipacusia, hipoclorito*
54	[2]in-, [2]i-, [2]im-, [2]ir-	*inigualável*, *ilimitável*, *impalpável*, *irredutível*
55	infra-	*infra-hepático, infravermelho*
56	inter-, entr(e)-	*interação, entrededo*
57	intra-	*intrapulmonar*
58	intro-	*introduzir, introverter-se*
59	intu(s)-, int(u)-	*intuspectivo, intina*
60	justa-	*justapor*
61	mega-	*megahertz, megabyte*
62	met-	*metil*, *metanol*
63	meta-, m-	*meta-xileno, m-xileno, metafosfórico*
64	met(a)-	*metamórfico, metacronismo, metapsíquico*
65	[2]micr(o)-	*micrômetro*
66	[1]mili-	*milímetro*
67	[2]miri(a)-	*miriâmetro*
68	n-	*n-butano*
69	nano-	*nanômetro*
70	nonil-	---
71	nor-	*norpinano*
72	[1]o-, ob-	*opor, obstar*
73	omeg(a)-	*ômega-aminoácido*
74	para-, p-	*para-xileno, p-xileno, paraformaldeído*

Prefixos do *DA*		
75	par(a)-	*paramilitar*, *parageusia*, *paragênese*, *paradoxo*
76	per-	*perpassar, perdurar, peridrofenantreno, perclórico*
77	peri-	*pericôndrio*
78	peta-	*petahertz*, *petabyte*
79	pico-	*picofarad, picornavírus*
80	pos-, pós-	*posfácio*, *pós-glacial*
81	pre-, pré-	*preexistir, pré-história*
82	[1]pro-	*próclise*
83	[2]pro-	*progresso*
84	pró-	*pró-socialista*
85	prop-	*propil*, *propanol*
86	pros-	*prosênquima, prosônimo*
87	[3]quilo-	*quiloton*, *quilobyte*
88	re-	*recomeçar, rebrilhar, revezar*
89	retr(o)-	*retroversão*
90	[1]s-, sec-	*s-butanol*
91	[2]s-	---
92	[2]sim-	*sim-butenodióico*
93	[1]sin-, [1]sim-	*sinestesia, simbléfaro*
94	[2]sin-	*sin-benzaldoxima*
95	stat-	---
96	sub-, so-, sob-, su-, sus-	*subnutrição, sublevar, sobraçar*, *sobgrave*, *sufixo*, *suspender*
97	super-, sobr(e)-,	*superdotado, superpor, sobrecarga*
98	supra-	*supra-renal, supra-sensível*
99	t-, terc-	*t-pentanol*
100	tera-	*terabyte*
101	trans-, tra-, tras-, tre(s)-	*transfazer*, *tramontar, traspassar*; *tresnoitar, trans-butenodióico*
102	tri(s)-	*tris(hidroximetil)aminometano*
103	ultra-	*ultramar*, *ultra-sensível*
104	un-, um-	*uniléxico, umbiúnio*
105	yocto-	*yoctograma*
106	yotta-	*yottahertz*
107	Z-	---
108	zepto-	*zeptocoulomb*
109	zetta-	*zettajoule*

Ao selecionarmos os exemplos no *DH*, verificamos alguns casos em que um vocábulo é citado no verbete de um determinado prefixo, mas a estrutura apresentada no verbete do vocábulo nos remete a um elemento distinto. Vejamos duas ocorrências deste problema:

– *halotano* é um dos exemplos de vocábulos com o prefixo *hal(o)-* ("em química, indicando a presença ou referência a um halogênio"); no entanto, de acordo com a etimologia registrada no *DH*, apresenta a seguinte estrutura: *hal(i/o)-* (elemento de composição do gr. *háls,halós* "mar; sal, salina, salmoura") + *(e)tano*;

– *micrômetro* figura dentre os exemplos de formações com o prefixo *[1]micr(o)-* ("equivalente a um multiplicador 10^{-6}"); em sua etimologia, porém, lê-se "*[2]micr(o)-* + *-metro*; f.hist. 1836 *micrometro*, 1858 *micrómetro"*, estando *[2]micr(o)-* registrado, no *DH*, como elemento de composição que significa "pequeno, curto".

O quadro a seguir reúne os elementos classificados como prefixos no *DH* e alguns exemplos citados nos verbetes:

Quadro 9

Prefixos do *DH*

Prefixos do *DH*		
	Verbetes	Exemplos
1	(a-), [1]ar-	*alevantar, arrecuar, amora, arruda*
2	[1]ab-, abs-, (a-)	*abdicar*, *abstrair*, *amover*
3	ad-, (a-), [1]ar-	*adnome*, *anexo*, *arrogante*
4	al-, (a-), [2]ar-	*alfanje*, *acelga*, *arrabil*
5	além-	*além-mar*
6	alfa-	*alfa-hemoglobina*
7	amb(i)-	*ambidestro, ambages*
8	a(n)-	*amoral, anestesia*
9	an(a)-	*anádromo, anacrônico, anabastia, analogia*
10	anf(i)-, anfis-	*anfiteatro, anfíbio, anfísdromo*
11	anfo-	*anfodiplopia*
12	ant(i)-	*anticapitalismo, antigripal,*
13	ante-	*antecâmara*
14	ap(o)-, af-	*apócope, apomorfina, aférese*
15	aquém-	*aquém-mar*
16	atto-, ato-	*attômetro*, *atossegundo*

Prefixos do *DH*		
17	bi-	*bicarbonato*
18	bi(s)-	*bisavô, bilíngüe*
19	carbamoil-	*carbamoilmaleâmico*
20	carbonil-	*carbonilemoglobina*
21	carbox(i)-	*carboxamida*, *carboximetilcelulose*
22	cata-	*catáfora, catádromo, catálogo*
23	centi-	*centiare*
24	circum-, circun-, circo-	*circumpolaridade, circuncírculo, circoterrestre*
25	cis-	*cisplatino*
26	cloril-	*clorileno*
27	co-, com-, [1]con-, col-, [1]cor-, [1]cos-	*coabitação*, *compassageiro*, *concunhado, coligar, correlação, cossecante*
28	contro-	*controvérsia*
29	de-	*defluxo*, *demover*, *decompor*
30	de(s)-	*deaminação, desoxirribonucléico*
31	deci-	*decigrama*
32	des-	*desamor, desenterrar, desinfeliz*
33	[1]di-	*difásico, dígrafo*
34	di(a)-	*diafragma, diamagnético, diérese*
35	[1]dis-, [2]di-,[3]dis-	*dispor, distorção, difração, difícil*[69]
36	[2]dis-	*dispnéia, disbulia*
37	ec-, ex-	*ecdêmico*, *exarticular*
38	ecto-	*ectozoário*
39	em-, [1]en-	*embonecar, empobrecer, encaixar, encarar*
40	[2]en-	*enzima*
41	end(o)-	*endoderme, endartéria*
42	ep(i)-, ef-	*epiderme, epêntese, efêmero*
43	es-, ex-	*espraiar, esfriar, esfiapar, exportar, ex-marido*

[69] Nos verbetes *[1]dis-* e *[2]di-*, há alguns exemplos iguais, o que nos levou a agrupá-los. O *DH* registra ainda o elemento *[3]dis-* que, a nosso ver, deveria ser excluído. Vejamos os três verbetes abaixo:

► **[1]dis-**
■ prefixo
culto, do lat. *dis-* (partícula us. apenas como primeiro termo de der.); reveste as noções de: **1)** 'separação, disjunção': *discernir*, *dissidência*, *dissolver*; **2)** 'dispersão': *difluir*, *difração*, *difundir*, *dimanar*, *discorrer*, *dissipar*, *distender*, *divulgar*; **3)** 'negação, oposição': *difamar*, *difícil*, *discordar*, *díspar*, *dissentir*, *dissociar*, *díssono*, *dissuasão*; **4)** 'intensidade, aumento, reforço': *disquisição*, *dissimular*, *dissolver*, *distenso*; **5)** 'ordem, arranjo, seriação': *dispor*, *distribuir*; observar que o *-s-* sofre síncope diante de consoante que não *c*, *j*, *p*, *q*, *s* e *t*, e sonoriza-se (rotacismo, fenômeno ocorrente no próprio lat.) diante de vogal ou *h*: *dirigir*, *dirimir*; o pref. *dis-* é tb. fonte, pelo vulg., de ***des-*** (ver)

► **[2]di-**
■ prefixo
do vocabulário comum, presente em numerosos e antigos cultismos tomados do lat., em que é mais integrado com a base (*diverso*, *disputa*, *divórcio* etc.), mas que intervém tb. na form. de alguns cultismos (*difração*, *distorção*, *distratado* etc.), em que se mantém o valor dos pref. lat. *di-*, *dif-*, *dis-*, que marcam em geral a separação (*dissuasão*) ou, às vezes, a negação (*difícil* < lat. *difficìlis,e*)

► **[3]dis-**
■ prefixo
ver [2]***di-***

Prefixos do *DH*		
44	eu-, ev-	*eugenesia*, *eutanásia*, *evangelho*
45	exa-	*exagrama*
46	[1]exo-	*exocrânio*
47	extra-	*extrajudicial, extraduro*
48	femto-, fento-	*femtômetro, fentossegundo*
49	giga-	*gigagrama*
50	hal(o)-	*haloidrina*
51	hidrazino-	*1-hidrazinoftalazina*
52	[1]hip(o)-	*hipogástrio*
53	hipo-	*hipocloroso*
54	hiper-	*hipersensível*
55	[1]i-	*i-2,3-butanodiol*
56	in-, ig-, im-, ir-, [1]i-	*infeliz, ignóbil, imperdoável, irredutível, ilícito, inspirar, imigrar*[70]
57	infra-	*infravioleta*
58	int(us)-	*intestino, intuspecção*
59	inter-, entre-	*intercâmbio, entreforro, entreabrir*
60	intra-	*intracardíaco*
61	intro-	*introdução, introvertido*
62	just(a)-	*justalinear*
63	[1]mega-	*megagrama*
64	met(a)-	*metamorfose*, *metabórico*
65	[1]micr(o)-	*micrograma*
66	[1]mili-	*miligrama*
67	miria-	*miriagrama*
68	nano-	*nanograma*
69	nuper-	*nuper-falecido*
70	ob-, [1]o-, oc-, os-	*obstar, opor, occipício, ostentar*
71	pan-, pam-, pant-, panto-	*pancontinental, pampsiquismo, panteísmo, pantogamia*
72	par(a)-	*paratireóide*, *paradoxo*, *parapsicologia*, *parafasia*
73	[1]per-	*percorrer, pernoitar, persentir, peróxido*
74	peri-	*perissístole, pericárdio, perífrase*
75	peta-	*petagrama*
76	[1]pico-	*picossegundo*
77	pós-, [1]post-	*pós-diluviano*, *pospor*, *postorbital*
78	pré-, pre-	*pré-clássico, pretônico*
79	preter-	*preterdoloso*
80	[1]pro-	*progredir, provir, pronome*

[70] Apesar de registrar fontes distintas para os prefixos de *infeliz, ilícito* (“do pref. lat. *in-* 'privação, negação'”) e *infiltar*, *imigrar* (“do pref. e prep.lat. *in-* 'em, a, sobre; superposição; aproximação; transformação', de uma raiz i.-e. **en* 'no interior; em'”), o *DH* os reúne em um só verbete (cf. Anexo B, v. *in-*). Além disso, há neste verbete referência ao prefixo [2]*en-* (“culto, do gr. *en*, prep. e adv. 'em, dentro'”), em vez da menção correta ao prefixo [1]*en-* (“var. vern. *en-* do pref. *in-* (lat.) 'em, a, sobre; superposição; aproximação; introdução; transformação etc.', este, da raiz indo-européia **en-* 'no interior de; em'”).

Prefixos do *DH*		
81	[2]pro-	*prognóstico*, *próclise*
82	pró-	*pró-homem, pró-americano*
83	pros-	*prosélito, próstese*
84	[1]quilo-	*quilograma*
85	re-, res-	*regredir, remorder, reagir, realçar, resguardar*
86	retro-	*retroagir*
87	[1]se-	*separar, seguro*
88	semi-	*semilimpo*
89	[1]sin-, [1]si-, sim-, sis-	*sinergia*, *silepse*, *simbiose*, *sissomia*
90	sine-	*sinecura*
91	sota-, soto-	*sota-capitão*, *sotopor*
92	sub-, sob-, so-	*sublevar*, *subchefe, sobpor*, *soterrar*
93	subter-	*subterfúgio*
94	super-, sobre-	*supercílio*, *super-homem, sobreabundância*
95	supra-	*supracitado*, *supramundano*
96	tera-	*teragrama*
97	trans-, tra-, tras-, tres-	*transatlântico, traduzir, traspassar, trespassar, de-trans-1cloro-2metilciclopropano*
98	u-	*utopia*
99	ultra-	*ultrapassar*, *ultracompetente*
100	ve-	*veemente*
101	vice-	*vice-almirante*

Em ambos os dicionários, há vários casos de interferência dos critérios etimológico e ortográfico na depreensão dos prefixos e de suas variantes. O *DH*, por exemplo, registra como prefixo o elemento *al-* (*alambique*, *alarde*, *albanil*, *albornoz*, *alfanje*, *alfavaca*, *alguazil*), que provém do artigo árabe *al* (v. Anexo B), sofrendo assimilação diante das consoantes *r*, *z*, *c* e *d*, como em *arrabil*, *azeite*, *acelga* e *aduana*. Assim, *al-* não é um prefixo em árabe e, a nosso ver, nem em português. Cremos também que a depreensão de prefixos em vocábulos como *amora*, *abantesma*, *arruda, seguro* e *veemente* (cf. *DH*, v. *[1]ar-, se-* e *ve-*; *DA*, v. *[5]a-* e *[4]ar-*) só é válida em uma análise diacrônica.

Convém ainda observar o registro de entradas para formas como *[1]ar-* (*arrecuar*), *[1]cor-* (*correlação*), *[1]cos-* (*cossecante*), *ir-* (*irredutível*) e *sis-* (*sissomia*) no *DH*, com base nas regras de ortografia[71]. O "elemento" *as-* (*assentar*), que ocorre em situações semelhantes, é classificado como elemento de composição no *DH*, conforme mostra a citação a seguir:

[71] O *DH* registra também *col-*, em referência a formas históricas como *colligar* (< *colligāre,* do latim).

► **as-**
■ elemento de composição
antepositivo, como em *assentar* 'protético', como em *assimilação* 'aproximativo', ou como em *asséptico* 'privativo grego', ver *a-* e os lugares lá referidos

O *DA* registra várias formas homônimas *ar-*, *as-* e *ir-* como variantes de prefixos (v. Anexo A). Acreditamos que não deveria haver entradas para essas formas nos dicionários. Em vocábulos como *arruído*, *assexual* e *irredutível*, temos, respectivamente, *a-* (elemento protético) + *ruído, a-* ("privação", "negação") + *sexual* e *i-* ("negação") + *redutível*. Notas sobre as regras de ortografia poderiam ser registradas nos verbetes dos vocábulos.

Para tabularmos os resultados no próximo passo da análise, consideraremos um prefixo e suas variantes como apenas um elemento. Assim, confrontaremos 109 (cento e nove) prefixos do *DA* com 101 (cento e um) do *DH*.

4.2 Cotejo das listas de prefixos

As listas de prefixos das obras analisadas apresentam semelhanças e divergências. Verificaremos, neste item do trabalho, os prefixos presentes nos dois dicionários, os elementos incluídos em somente uma das obras e os classificados como prefixos em um dos dicionários e elementos de composição no outro.

Analisemos, primeiro, a classificação que os prefixos do *DA* recebem no *DH*:

Quadro 10
Classificação dos prefixos do *DA* no *DH*

	Prefixos do *DA*	**Classificação no *DH***
1	[1]a- [1]ab-, abs-	Prefixo
2	[2]a-, ad-, [1]ar-, [1]as-	Prefixo
3	[3]a-, an-, [3]ar-, [3]as-	Prefixo
4	[4]a-, [2]ar-, [2]as-	Prefixo[72]
5	[5]a-, [4]ar-	Prefixo
6	[2]ab-	Elemento de composição
7	alfa-	Prefixo
8	an(a)-	Prefixo
9	anfi-	Prefixo

[72] Na análise dos elementos *[4]a-*, *[2]ar-*, *[2]as-* (*alevantar, arruído, assentar*) e *[5]a-*, *[4]ar-* (*amora*, *arruda*), levamos em consideração o registro do elemento *[1]ar-* (*arrecuar*, *arremedar, arruda*, *arruela*) como prefixo no *DH* (v. Anexos A e B).

Prefixos do *DA*		Classificação no *DH*
10	ant(e)-	Prefixo
11	ant(i)-	Prefixo
12	anti-	—
13	ap(o)-	Prefixo
14	arqua-, arc(a), arce-, [1]arbi-	Elemento de composição[73]
15	atto-	Prefixo
16	bem-, ben-	Elemento de composição
17	beta-	Elemento de composição[74]
18	[2]bi-	Prefixo
19	bis-, [1]bi-	Prefixo
20	but-	—
21	cata-	Prefixo
22	[2]centi-	Prefixo
23	circu(m)-, circun-	Prefixo
24	[1]cis-	Prefixo
25	[2]cis-	—
26	[1]co-, com-, con-	Prefixo
27	de-	Prefixo
28	[2]dec(a)-	Elemento de composição
29	deci-	Prefixo
30	delta-	—

[73] O *DH* reúne os elementos *arque-* (*arquegônico*), *arqueo-* (em *arqueologia*) e *arqui-* (em *arquiabade*) em um único verbete *arqu(e/i)-*, considerado elemento de composição, conforme vemos a seguir:

> **► arqu(e/i)-**
> ■ elemento de composição
> antepositivo, do gr. *arkhê,ês* 'o que está na frente, donde começo, origem, princípio; ponto de partida, donde extremidade (de uma coisa); ponto de partida de um entroncamento; *fig.* princípio, fundamento', e ainda 'poder, autoridade, daí cargo, magistratura; o que é submetido a uma autoridade, donde império, reino, país governado', quer, em gr., nessa f. (*arkhégenês* 'que é a primeira causa de'), quer na f. *arkhi-* (*arkhitektonikós* 'que diz respeito à arquitetura ou aos arquitetos; arquiteto, *p.ext.* qualquer pessoa que detém a fundo uma arte ou ciência e dirige outras pessoas'), quer na f. *arkhaio-* (*arkhaiología* 'arqueologia, origem antiga'), as quais, através de latinizações, chegaram ao port. em formas como *arc-* (*arcângelo*), *arce-* (*arcebispo*), *arci-* (*arcipreste*); a cognação vern. inclui **1)** *arquebiose*, *arquebiótico*, *arquebúlico*, *arquegônico*, *arquegonossauro*, *arqueogeografia*, *arqueografia*, *arqueologia*, *arqueoplasma*, *arquétipo* etc.; **2)** *arquiabade*, *arquiavô*, *arquibancada*, *arquichanceler*, *arquipélago* (e mais cerca de 200 voc., merecendo realce importante o fato de que nessa f. esse el. tem enorme fecundidade moderna como verdadeiro morfema prefixal hiperbolizante ou superlativizante, não raro em pal. *ad hoc* como *arquibagunça*, *arquibela*, *arquienfadonho*, *arquimaculado*, *arquimultitudinário*, *arqui-romântico*, *arqui-solene* etc. - para *arquitetura* e der. ver *tecto-*); **3)** *arcangelante*, *arcangélia*, *arcangélica*, *arcangélico*, *arcangelino*, *arcângelo*, *arcângeo*; **4)** *arcebispado*, *arcebispal*, *arcebispo*, *arcediaconado*, *arcediácono*, *arcediagado*, *arcediago*; **5)** *arcipélago*/*arquipélago*, *arcipotente*, *arciprestádego*, *arciprestado*, *arciprestal*, *arcipreste*, *arcitenente*

O *DA* os registra separadamente com as seguintes explicações: *arque-* ("gr. *arché-*") e *arqueo-* ("gr. *archaîos, a, on"*) são elementos de composição e significam, respectivamente, "princípio, origem, comando, autoridade" (*arqueano, arquegônio*) e "antigo, antiguidade" (*arqueologia* e *arqueozóico*); *arqui-* ("b.-lat. *archi-*< gr. *archi-*") é um prefixo que indica "primazia, proeminência, superioridade" (*arquidiocese*; *arquiconfraria*; *arquiprior*). Diversos estudiosos também incluem *arqui-* ("primazia", "superioridade") no rol de prefixos, como Goes (1937: 25-6), Cunha e Cintra (1985: 87), Bechara (1999: 368) e Lima (2002: 206), dentre outros.

[74] Cabe notar que o tratamento dado aos elementos *alfa-* e *beta-* no *DH* é contraditório, uma vez que o primeiro é considerado prefixo e o segundo, elemento de composição. No *DA*, ambos estão registrados como prefixos (cf. Anexo A). A nosso ver, não devem ser incluídos no rol de prefixos elementos que correspondem a substantivos.

Prefixos do *DA*		Classificação no *DH*
31	des-	Prefixo
32	[2]di-, [1]dis-	Prefixo
33	di(a)-	Prefixo
34	[2]dis-	Prefixo
35	[1]e-, [1]em-, [1]en-	Prefixo
36	[2]e-, es-, [1]ex-	Prefixo
37	ec-, [2]ex-	Prefixo
38	ecto-	Prefixo
39	[2]em-, [3]e-, [2]en-, [1]i-, [1]im-, [1]in-, [1]ir-	Prefixo
40	endo-	Elemento de composição
41	end(o)-	Prefixo
42	ent(o)-	Elemento de composição
43	ep(i)-	Prefixo
44	eso-	Elemento de composição
45	et-	Elemento de composição
46	eu-, ev-	Prefixo
47	exa-	Prefixo
48	exo-	Elemento de composição
49	ex(o)-	Prefixo
50	extra-	Prefixo
51	giga-	Prefixo
52	hiper-	Prefixo
53	[1]hip(o)-	Prefixo
54	[2]in-, [2]i-, [2]im-, [2]ir-	Prefixo
55	infra-	Prefixo
56	inter-, entr(e)-	Prefixo
57	intra-	Prefixo
58	intro-	Prefixo
59	intu(s)-, int(u)-	Prefixo
60	justa-	Prefixo
61	mega-	Prefixo
62	met-	Elemento de composição
63	meta-, m-	—
64	met(a)-	Prefixo
65	[2]micr(o)-	Prefixo
66	[1]mili-	Prefixo
67	[2]miri(a)-	Prefixo
68	n-	—
69	nano-	Prefixo
70	nonil-	—
71	nor-	Elemento de composição
72	[1]o-, ob-	Prefixo
73	omeg(a)-	—
74	para-, p-	—
75	par(a)-	Prefixo
76	per-	Prefixo

Prefixos do *DA*		Classificação no *DH*
77	peri-	Prefixo
78	peta-	Prefixo
79	pico-	Prefixo[75]
80	pos-, pós-	Prefixo
81	pre-, pré-	Prefixo
82	[1]pro-	Prefixo
83	[2]pro-	Prefixo
84	pró-	Prefixo
85	prop-	—
86	pros-	Prefixo
87	[3]quilo-	Prefixo
88	re-	Prefixo
89	retr(o)-	Prefixo
90	[1]s-, sec-	—
91	[2]s-	—
92	[2]sim-	—
93	[1]sin-, [1]sim-	Prefixo
94	[2]sin-	—
95	stat-	Elemento de composição
96	sub-, so-, sob-, su-, sus-	Prefixo
97	super-, sobr(e)-,	Prefixo
98	supra-	Prefixo
99	t-, terc-	—
100	tera-	Prefixo
101	trans-, tra-, tras-, tre(s)-	Prefixo
102	tri(s)-	—
103	ultra-	Prefixo
104	un-, um-	—
105	yocto-	—
106	yotta-	—
107	Z-	—
108	zepto-	—
109	zetta-	—[76]

[75] O *DA* registra duas acepções para *pico*-, a saber:

> Δ **pico-**
> [Do V.C.I. *pico*-, poss. do it. *piccolo*, 'pequeno', ou do esp. *pico*, 'pequena quantidade', ambos de uma raiz expressiva.]
> Prefixo.
> 1.Anteposto ao nome de uma unidade, forma o nome de uma unidade derivada 10^{-12} vezes a primeira [símb.: *p*]. Ex.: *picofarad*.
> 2.Ocorre tb. em voc. científicos com a noção de 'pequeno', 'ínfimo': *picornavírus*.

O *DH* registra apenas a primeira acepção (cf. Anexo B, v. *[1]pico*-), mas há referência a este prefixo na etimologia do verbete *picornavírus* ("*[1]pico*- + *RNA* + *vírus*").

[76] Apesar de o prefixo *zetta*- não estar registrado em uma entrada separada no *DH*, encontra-se na obra a seguinte explicação sobre a etimologia do vocábulo *zettajoule*: "pref. *zetta*- (indica um aumento de 10^{21} vezes da unidade de medida que lhe é posposto) + *joule*" (cf. *DH*, v. *zettajoule*).

Esse quadro revela que, dos 109 (cento e nove) prefixos do *DA*, 74 (setenta e quatro) recebem a mesma classificação no *DH*, 13 (treze) são considerados elementos de composição e 22 (vinte e dois) não estão registrados no *DH*. Observemos, agora, uma tabela com os resultados obtidos:

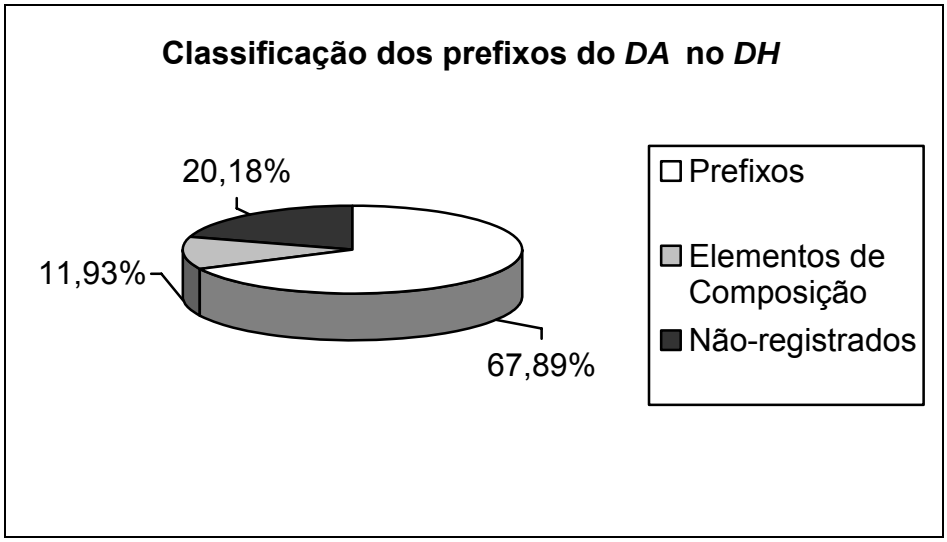
Tabela 1

Resultados da análise da classificação dos prefixos do *DA* no *DH*

Prefixos do *DA*:	**109 (100%)**
Prefixos também no *DH*:	**74 (67,89%)**
Elementos de Composição no *DH*:	**13 (11,93%)**
Não-registrados no *DH*:	**22 (20,18%)**

O gráfico a seguir representa a análise dos prefixos do *DA* no *DH*:

Gráfico 1



Vejamos a classificação que os elementos registrados como prefixos no *DH* recebem no *DA*:

Quadro 11

Classificação dos prefixos do *DH* no *D*A

Prefixos do *DH*		**Classificação no *DA***
1	(a-), [1]ar-	Prefixo
2	[1]ab-, abs-, (a-)	Prefixo
3	ad-, (a-), [1]ar-	Prefixo
4	al-, (a-), [2]ar-	—
5	além-	Elemento de composição
6	alfa-	Prefixo
7	amb(i)-	Elemento de composição
8	a(n)-	Prefixo
9	an(a)-	Prefixo
10	anf(i)-, anfis-	Prefixo
11	anfo-	Elemento de composição
12	ant(i)-	Prefixo
13	ante-	Prefixo
14	ap(o)-, af-	Prefixo
15	aquém-	Elemento de composição[77]
16	atto-, ato-	Prefixo
17	bi-	Prefixo
18	bi(s)-	Prefixo[78]
19	carbamoil-	—
20	carbonil-	—
21	carbox(i)-	Elemento de composição
22	cata-	Prefixo
23	centi-	Prefixo
24	circum-, circun-, circo-	Prefixo
25	cis-	Prefixo
26	cloril-	—
27	co-, com-, [1]con-, col-, [1]cor-, [1]cos-	Prefixo
28	contro-	—[79]
29	de-	Prefixo
30	de(s)-	—
31	deci-	Prefixo
32	des-	Prefixo

[77] O *DA* registra apenas os verbetes *aquém* (advérbio) e *aquém-mar* (advérbio e substantivo masculino). Como o elemento *além-* (de *além-mar*) está registrado como elemento de composição, optamos por repetir esta classificação para seu antônimo.

[78] A nosso ver, é contraditório registrar *bi(s)-* (*bicampeão*, *bisneto*) como prefixo e *tri(s)-* (*tricampeão*, *trisanual*) como elemento de composição, o que ocorre em ambas as obras.

[79] No *DH*, lê-se que o elemento de composição *contra-* ocorre também sob a forma *contro-*, apesar de este ser classificado como prefixo. O *DA* também registra *contra-* como elemento de composição, mas não menciona nenhuma forma variante.

Prefixos do *DH*		Classificação no *DA*
33	[1]di-	Elemento de composição
34	di(a)-	Prefixo
35	[1]dis-, [2]di-,[3]dis-	Prefixo
36	[2]dis-	Prefixo
37	ec-, ex-	Prefixo
38	ecto-	Prefixo
39	em-, [1]en-	Prefixo
40	[2]en-	Prefixo
41	end(o)-	Prefixo
42	ep(i)-, ef-	Prefixo
43	es-, ex-	Prefixo
44	eu-, ev-	Prefixo
45	exa-	Prefixo
46	[1]exo-	Prefixo
47	extra-	Prefixo
48	femto-, fento-	Elemento de composição
49	giga-	Prefixo
50	hal(o)-	Elemento de composição
51	hidrazino-	—
52	[1]hip(o)-	Prefixo
53	hipo-	Prefixo
54	hiper-	Prefixo
55	[1]i-	—
56	in-, ig-, im-, ir-	Prefixo
57	infra-	Prefixo
58	int(us)-	Prefixo
59	inter-, entre-	Prefixo
60	intra-	Prefixo
61	intro-	Prefixo
62	just(a)-	Prefixo
63	[1]mega-	Prefixo
64	met(a)-	Prefixo
65	[1]micr(o)-	Prefixo
66	[1]mili-	Prefixo
67	miria-	Prefixo
68	nano-	Prefixo
69	nuper-	—[80]
70	ob-, [1]o-, oc-, os-	Prefixo
71	pan-, pam-, pant-, panto-	Elemento de composição
72	par(a)-	Prefixo
73	[1]per-	Prefixo
74	peri-	Prefixo
75	peta-	Prefixo

[80] O *DA* registra os adjetivos *nuper-falecido*, *nuper-publicado* e *nupérrimo*. No *DH*, além desses vocábulos, consta o adjetivo *núpero* (“sucedido há pouco tempo; recente”), também registrado no *VOLP* .

Prefixos do *DH*		Classificação no *DA*
76	[1]pico-	Prefixo
77	pós-, [1]post-	Prefixo
78	pré-, pre-	Prefixo
79	preter-	Elemento de composição
80	[1]pro-	Prefixo
81	[2]pro-	Prefixo
82	pró-	Prefixo
83	pros-	Prefixo
84	[1]quilo-	Prefixo
85	re-, res-	Prefixo
86	retro-	Prefixo
87	[1]se-	—
88	semi-	Elemento de composição
89	[1]sin-, [1]si-, sim-, sis-	Prefixo
90	sine-	—[81]
91	sota-, soto-	Elemento de composição
92	sub-, sob-, so-	Prefixo
93	subter-	—[82]
94	super-, sobre-	Prefixo
95	supra-	Prefixo
96	tera-	Prefixo
97	trans-, tra-, tras-, tres-	Prefixo
98	u-	—
99	ultra-	Prefixo
100	ve-	—
101	vice-	Elemento de composição

No cotejo das listas de prefixos dos dois dicionários, nota-se que os elementos *[4]a-* (“protético: *alevantar, avergar*”) e *[5]a-* (“protético resultante da aglutinação do artigo a certos substantivos: *abantesma, amora*”) do *DA* estão reunidos em um único verbete no *DH* (v. *a-*, acepção 1). Por outro lado, enquanto o *DA* registra somente um prefixo *hip(o)-* (do grego, indica “posição inferior”, “escassez”), ressaltando seu emprego também em vocábulos da área da química (v. Anexo A), encontramos no *DH* entradas distintas para os prefixos *[1]hip(o)-* (do grego, com as idéias de “estar sob” e “subordinação”) e *hipo-* (“us. na terminologia química para designar composto onde o átomo central possui menor número de oxidação ou

[81] Estão registrados no *DA* os vocábulos *sinecura* (“emprego ou função que não obriga ou quase não obriga a trabalho; prebenda, veniaga”), *sinecurismo* e *sinecurista*, além das expressões latinas *sine data, sine die*, *sine ira et studio*, *sine loco*, *sine nomine* e *sine qua non*.

[82] O *DA* registra os vocábulos *subterfúgio* e *subterfugir*, que são citados, no *DH*, como exemplos de palavras formadas com o elemento *subter-*.

está ligado a menos átomos de oxigênio [...]"), v. Anexo B[83]. Desse modo, dos 101 (cento e um) prefixos do *DH*, 74 (setenta e quatro) recebem a mesma classificação no *DA*, 13 (treze) são considerados elementos de composição e 14 (quatorze) não estão registrados no *DA*. Observemos uma tabela com os dados obtidos:

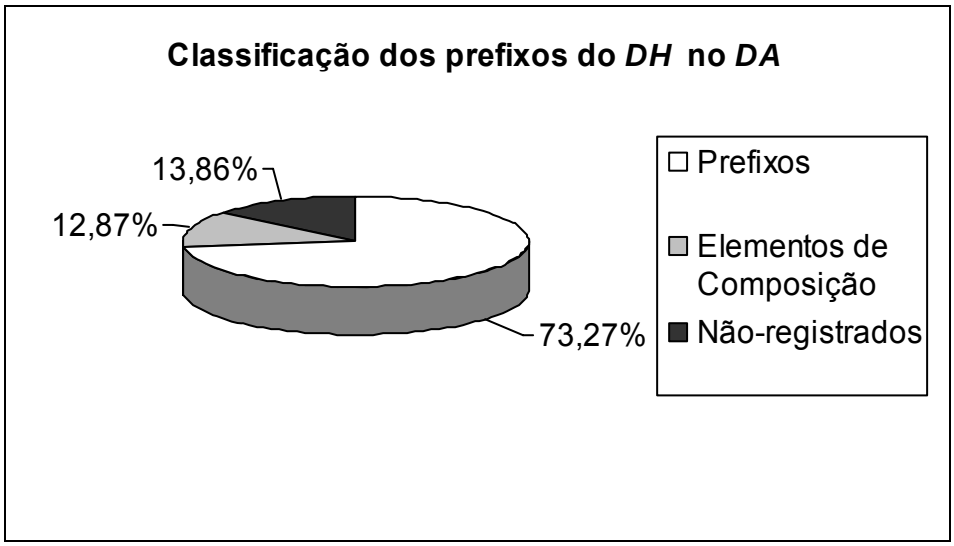
Tabela 2

Resultados da análise da classificação dos prefixos do *DH* no *DA*

Prefixos do *DH*:	**101 (100%)**
Prefixos também no *DA*:	**74 (73,27%)**
Elementos de Composição no *DA*:	**13 (12,87%)**
Não-registrados no *DA*:	**14 (13,86%)**

O gráfico a seguir representa a análise dos prefixos do *DH* no *DA*:

Gráfico 2



Os resultados obtidos na pesquisa e os comentários feitos até aqui revelam que muitas são as divergências e incoerências encontradas no cotejo das listas de prefixos do *DH* e do *DA*. Cientes de que não é possível dar conta de todas elas aqui, optamos por finalizar nossa análise com observações sobre três grupos distintos de elementos registrados como prefixos nas obras.

[83] Ambos os dicionários registram também o elemento de composição [2]*hip(o)*- (do grego, 'cavalo').

4.2.1 Elementos que formam termos empregados na química

Nota-se que a maioria dos elementos registrados em apenas uma das obras (*anti-*, *but-*, *[2]cis-*, *delta-*, *meta-*/*m-*, *omeg(a)-*, *para-*/*p-*, *prop-*, *[1]s-*/*sec-*, *[2]s-*, *[2]sim-*, *[2]sin-*, *t-/terc-*, *tri(s)-*, *un-/um-* e *Z-* no *DA*; *carbamoil-*, *carbonil-*, *cloril-*, *de(s)-*, *hidrazino-* e *[1]i-* no *DH*) e alguns que recebem classificações distintas nos dois dicionários analisados (*beta-*, *endo-*, *et-*, *exo-*, *met-* e *nor-*, prefixos no *DA* e elementos de composição no *DH*; *carbox(i)-* e *hal(o)-*, prefixos no *DH* e elementos de composição no *DA*) entram na formação de termos empregados na química. Percebe-se ainda uma oscilação na organização dos verbetes relacionados a essa área do conhecimento. O emprego dos prefixos *per-* e *trans-* em vocábulos dessa área, por exemplo, está registrado juntamente com suas demais acepções em ambas as obras; o de *bi-*, separadamente. Algumas vezes há diferenças nos dois dicionários, como no caso de *hipo-*, comentado acima, e no de *hal(o)-*. O *DH* registra o último como prefixo usado em química para indicar "halogênio" e apresenta também o elemento de composição *halo-* ou *hal(i/o)-*, antepositivo do grego que significa "mar, sal, salina, salmoura". Entretanto, o vocábulo *haloidrina* figura dentre os exemplos em ambos os verbetes, citados abaixo:

> ► **hal(i/o)**
> ■ elemento de composição
> antepositivo, do gr. *háls,halós* 'mar; sal, salina, salmoura'; ocorre em voc. já orign. gregos como *halieto* (*haliáetos*) e *haliplo* (*halíplous*), já em cultismos da terminologia científica do sXIX para cá, entre os quais: *halicolimbo*, *halifagia*, *haliote*, *haliótida*, *haliotídeo*, *haliótis, haliplancto*/*haliplâncton*, *haliquero*, *halisterese*, *halisterético*, *halitério*, *halóbato, halobionte*, *halobiôntico*, *halocromismo*, *halofílico*, *halófilo*, *halofita*, *halofítico*, *halofitismo*, *halofórmio*, *halogenar*, *halogeneto*, *halogênio*, *halógeno*, *halóide*, *haloidrina*, *halolímnico*, *halomancia*, *halomórfico*, *halomorfo*, *halorragácea*, *halorragáceo*, *halossáurida*, *halossáurio*, *halossauro*, *halotecnia*, *halótrice*/*halótrique*, *halotriquita*, *halurgia*; ver ***halieu-***; para contraste, ver tb. ***al(o)-***
>
> ► **hal(o)-**
> ■ prefixo
> em química, indicando a presença ou referência a um halogênio: *haloidrina*, *halotano*

No *DA*, os dois empregos estão reunidos em um único verbete, *hal(o)-*, considerado elemento de composição, como vemos a seguir:

> Δ **hal(o)-**
> [Do gr. *háls, halós*.]
> Elemento de composição.
> 1.= 'sal'; 'mar': *halófito*, *halóide*; 'de, ou relacionado a um sal' (*halocromismo*). [Em Quím., 'halogênio, ou que o contém': *haloalcano*.] [Equiv.: *-(h)al(o)-*: *isoalina*.]

Cabe mencionar também que a inclusão de determinados elementos dentre os prefixos vai de encontro à definição destes como “afixos que antecedem a raiz”, registrada nos próprios dicionários. Não é nosso objetivo discutir aqui a formação de vocábulos da terminologia científica; as questões abordadas, no entanto, deixam patente a necessidade de revisão do tratamento dado nos dicionários a diversos elementos empregados na formação de termos da química.

4.2.2 Elementos que entram na formação de termos que designam unidades de medida

No item anterior, vimos que um dos desafios enfrentados pelos lexicógrafos é a classificação de elementos que entram na formação de termos técnico-científicos. Além dos elementos empregados em vocábulos da área da química, chama-nos atenção, nas listas de prefixos dos dicionários analisados, o grupo formado por elementos que se unem a vocábulos que designam unidades de medida (*grama*, *litro*, *metro* etc.), a fim de exprimir diferentes valores de grandeza[84], a exemplo de *centi-* (equivale a um multiplicador 10^{-2}, ou seja, forma o nome de uma medida cem vezes menor que a denominada pela base, como *centímetro*). Constam como prefixos, em pelo menos uma das obras, os seguintes elementos[85]:

[84] Em conferências internacionais, os seguintes elementos foram adotados como prefixos para a denominação dos múltiplos e submúltiplos das unidades de medida do Sistema Internacional de Unidades (SI): *deca-*, *hecto-*, *quilo-*, *mega-*, *giga-*, *tera-*, *peta-*, *exa-*, *zetta-*, *yotta-*, *deci-*, *centi-*, *mili-*, *micro-*, *nano-*, *pico-*, *femto-*, *atto-*, *zepto-* e *yocto-* (cf. BUREAU INTERNATIONAL DES POIDS ET MEASURES, 2006).

[85] Unem-se também a vocábulos que designam unidades de medida, mas com propósitos distintos do acima comentado (v. Anexo A), os elementos *^{2}ab-* (*abvolt*, *abampere*) e *stat-* (*statvolt*, *statcoulomb*). Ambos são considerados prefixos no *DA* e elementos de composição no *DH*.

Quadro 12
Elementos que formam múltiplos e submúltiplos das unidades de medida

	Equivalente a um multiplicador	***DA***	***DH***
atto-, ato	10^{-18}	Prefixo	Prefixo
centi-	10^{-2}	Prefixo	Prefixo
deca-	10^{1}	Prefixo	Elemento de composição
deci-	10^{-1}	Prefixo	Prefixo
exa-	10^{18}	Prefixo	Prefixo
femto, fento-	10^{-15}	Elemento de composição	Prefixo
giga-	10^{9}	Prefixo	Prefixo
mega-	10^{6}	Prefixo	Prefixo
micro-	10^{-6}	Prefixo	Prefixo
mili-	10^{-3}	Prefixo	Prefixo
miria-	10^{4}	Prefixo	Prefixo
nano-	10^{-9}	Prefixo	Prefixo
peta-	10^{15}	Prefixo	Prefixo
pico-	10^{-12}	Prefixo	Prefixo
quilo-	10^{3}	Prefixo	Prefixo
tera-	10^{12}	Prefixo	Prefixo
yocto-	10^{-24}	Prefixo	—
yotta-	10^{24}	Prefixo	—
zepto-	10^{-21}	Prefixo	—
zetta-	10^{21}	Prefixo	—

Esse quadro nos mostra que, apesar de grande parte dos elementos acima serem considerados prefixos nos dicionários analisados, constam como elementos de composição *femto-* (*femtossegundo*), no *DA*, e *deca-* (*decagrama*), no *DH*. Encontramos ainda, nos dois dicionários, o registro de *hecto-* (equivalente a um multiplicador 10^{2}) como elemento de composição. Esses elementos deveriam receber tratamento uniforme. É incoerente considerar, por exemplo, os elementos iniciais de *centilitro* e *attossegundo* prefixos e os de *hectolitro* e *femtossegundo* elementos de composição. Uma das causas das divergências classificatórias é o fato de os dicionários ora registrarem o emprego desses elementos em vocábulos que designam unidades de medida separadamente, ora junto a outra acepção, como vemos a seguir no *DA*:

> Δ **centi-**[1]
> [Do lat. *centum*.]
> Elemento de composição.
> 1.= 'cento', 'cem': *centímano* (< lat.).
>
> Δ **centi-**[2]
> Prefixo.
> 1.Anteposto ao nome de uma unidade de medida, forma o nome de uma unidade derivada igual a 100 vezes menor que a primeira: *centímetro*, *centilitro*. [Abrev.: *c*.]

Δ **dec(a)-**[1]
[Do gr. *déka*.]
Elemento de composição.
1.= 'dez': *decatlo*.

Δ **dec(a)-**[2]
Prefixo.
1.Anteposto ao nome duma unidade de medida, forma o nome de uma unidade derivada 10 vezes maior que a primeira [símb.: *da*]. Ex.: *decagrama*, *decalitro*.

Δ **hect(o)-**
[Do V.C.I. < gr. *hekatón*]
Elemento de composição.
1.= 'cem': *hectocótilo*. [Anteposto ao nome de uma unidade de medida, forma o nome de outra derivada cem vezes a primeira: *hectare*, *hectolitro*. Símb.: *h*.]

Os verbetes do *DH* citados abaixo também ilustram a falta de uniformidade comentada:

► **cent(i)-**
■ elemento de composição
antepositivo, do lat. *centum* 'cem, cento' - conexo com *centi-*, ver; já em voc. latinos, já formados à sua feição, em geral do sXIX em diante, ocorre em palavras como *centafolho*, *centanário*, *centavo*, *centena*, *centenar* [...]

► **centi-**
■ prefixo
do lat. *centum*, adotado em 1793 como equiv. a 'centésima parte' no SI, por proposta de Claude Antoine Prieur-Duvernois (1763-1832) - símbolo *c* e valor 10^{-2}; cumpre notar que *centi-*, do SI, foi deduzido do fr. *centime* 'centésima parte do franco', segundo o modelo de *décime* 'décima parte do franco', segundo o padrão do lat. *decìmus* 'décimo'; ver [1]***mili-***; ver tb. ***cent(i)-***

► **deca-**
■ elemento de composição
1) com valor prefixal, do SI, simbolizado por *da* (para contrastar com o *d* de ***deci-***, ver), do gr. *dekás,ádos* 'grupo de dez, dezena', tal como aparece normalmente em gr.cl. como antepositivo *deka-*, adotado na França por lei de 7 de abril de 1795 e no Brasil, por lei de 1833 e de 1862, equivalente a um multiplicador 10^1, seja, *dez*; ocorre em *decalitro*, *decagrama*, *decâmetro*, *decamétrico*, *decare* (= *decaare*), *decasteno*, *decastere*, *decastéreo*; **2)** como el.comp. antepositivo, com o mesmo valor de 'dez', ora em f. orign. gregas, ora em formas da terminologia científica em geral (mas não vinculadas ao SI), ocorre em palavras de fins do sXVIII em diante: *decabráquido*, *decabrismo*, *decacampeonato*, *decacanto*, *decácero*, *decacordo* [...]

► [1]**hect(o)-**
■ elemento de composição
antepositivo, f.braq. não etimológica do gr. *hekatón* 'cem'; ocorre em cultismos do sXIX em diante, ligados ao SI, simbolizado por *h* e adotado arbitrariamente na f. *hect(o)-* por lei de 7 de abril de 1795 na França, e no Brasil pela lei nº 1833 de 1862, equiv. a um multiplicador 10^2, ou seja, cem: *hectare*, *hectográfico*, *hectógrafo*, *hectograma*, *hectolitro* [...]

O *DA* registra ainda o emprego de alguns desses elementos na área da informática com acepções distintas das mencionadas no Quadro 12 (cf. *DA*, v. *giga-*, *mega-*, *peta-*,[3]*quilo-* e *tera-*). Essa informação não consta no *DH*.

Em geral, esses elementos não estão registrados como prefixos nas gramáticas. Cunha e Cintra (1985: 108-9), por exemplo, incluem *deca-* (*decaedro*,

decalitro), *miria-* (*miriâmetro*, *miríade*) e *quilo-* (*quilograma*, *quilômetro*) dentre os radicais gregos.

4.2.3 Elementos que correspondem a advérbios e preposições do português

Nos dicionários analisados, não há consenso sobre a classificação dos elementos que correspondem a advérbios de nossa língua. *Além-* e *aquém-* estão registrados no *DH* como prefixos; *não-*, *bem-*, *mal-* e *sempre-*, dentre outros, como elementos de composição. No *DA*, apenas *bem-* figura dentre os prefixos. No primeiro capítulo, vimos que, em geral, o tratamento dado às formações com advérbios é contraditório também nas gramáticas, que ora incluem essas palavras dentre as compostas, ora dentre as derivadas por prefixação. Para alguns estudiosos, os advérbios são palavras lexemáticas, assim como os substantivos, adjetivos e verbos (cf. BECHARA, 1999: 112; HENRIQUES, 2007: 79-91); logo, uma possível solução para essa controvérsia seria excluí-los do rol de prefixos do português.

Os dicionários também incluem no rol de prefixos diversos elementos que correspondem a preposições, como *sobre-* (*sobrepor*, *sobrecarga*), *entre-* (*entreabrir*, *entrelinha*) e *sob-* (*sobpor*, *sob-roda*). Nota-se, entretanto, a ausência de *contra-* (*contrapor*, *contra-ataque*) e *sem-* (*sem-fim*, *sem-terra*) dentre eles. No *DH*, há ainda outro problema: *contro-* (variante de *contra-*) e *sine-* (do latim, “sem”), que não constam no *DA*, estão registrados como prefixos, apesar de *contra-* e *sem-* serem considerados elementos de composição.

A análise das divergências e incoerências encontradas no cotejo do rol de prefixos do *DA* e do *DH* revela-nos que muitos desses problemas seriam resolvidos se elementos semelhantes não recebessem tratamentos distintos em uma mesma obra. É necessária também a reavaliação da inclusão dentre os prefixos de alguns elementos empregados na formação de termos da química e de elementos que só podem ser depreendidos se recorrermos a uma análise diacrônica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, discutimos o estudo dos processos de formação de palavras e a análise dos elementos mórficos. Focalizamos, principalmente, o tratamento dado aos prefixos em compêndios referenciais da gramaticografia portuguesa e obras que apresentam as propostas dos lingüistas, antes de procedermos ao cotejo das listas desses elementos no *Novo dicionário Aurélio* da *língua portuguesa* (FERREIRA, 2004), *DA*, e no *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (HOUAISS, 2001), *DH*.

Analisamos também o conceito de *pseudoprefixo ou prefixóide*, verificando divergências tanto na conceituação desse elemento quanto na sua exemplificação. Uma vez que os parâmetros utilizados por diferentes autores para definir e delimitar os pseudoprefixos são díspares, concluímos que a postulação desta entidade não contribui para a análise mórfica, trazendo, pelo contrário, ainda mais problemas taxonômicos.

Na revisão crítica das diferentes abordagens das formações com prefixos, ficaram patentes as dificuldades e incoerências encontradas na sua descrição. A primeira polêmica sobre a prefixação é se esta deve ser considerada um tipo de derivação ou de composição. Nossa análise constatou que, enquanto as formações com prefixos são, geralmente, tratadas como palavras compostas em obras mais antigas, nos estudos recentes predomina a tendência a considerá-las derivadas. Concordamos que os prefixos devem ser incluídos no âmbito da derivação, assim como os sufixos. Nas obras analisadas, há também diferença nos critérios adotados para a conceituação e identificação dos prefixos, o que acarreta divergências entre os elementos arrolados como afixos iniciais.

Na análise crítico-comparativa dos elementos registrados como prefixos em duas conceituadas obras da lexicografia portuguesa, o *DA* e o *DH*, diferenças e incoerências também foram encontradas, confirmando a hipótese levantada no início deste estudo. Reunimos a seguir os elementos com classificação divergente nos dicionários e os registrados em apenas um deles:

Quadro 13
Prefixos no *DA* e elementos de composição no *DH*

	Prefixos no *DA* e Elementos de Composição no *DH*	
	Verbetes	**Exemplos**
1	**[2]ab-**	*abvolt*
2	**arqui-, arc(a), arce-, [1]arci-**	*arquidiocese, arcanjo, arcebispo, arcipreste*
3	**bem-, ben-**	*bem-aventurança*, *benfeitor*
4	**beta-**	*beta-hidroxi-carboxílico, beta-ionona*
5	**[2]dec(a)-**	*decagrama*
6	**endo-**	*endo-diciclopentadieno, endoperóxido*
7	**ent(o)-**	*entoptoscopia*
8	**eso-**	*esoderma*
9	**et-**	*etil, etano*
10	**exo-**	*exo-diciclopentadieno*
11	**met-**	*metil*, *metanol*
12	**nor-**	*norpinano*
13	**stat-**	*statcouloumb* (registrado no *DH*)

Quadro 14
Prefixos no *DH* e elementos de composição no *DA*

	Prefixos no *DH* e Elementos de Composição no *DA*	
	Verbetes	**Exemplos**
1	**além-**	*além-mar*
2	**amb(i)-**	*ambidestro, ambages*
3	**anfo-**	*anfodiplopia*
4	**aquém-**	*aquém-mar*
5	**carbox(i)-**	*carboxamida*, *carboximetilcelulose*
6	**[1]di-**	*difásico, dígrafo*
7	**femto-, fento-**	*femtômetro, fentossegundo*
8	**hal(o)-**	*haloidrina*
9	**pan-, pam-, pant-, panto-**	*pancontinental, pampsiquismo, panteísmo, pantogamia*
10	**preter-**	*preterdoloso*
11	**semi-**	*semilimpo*
12	**sota-, soto-**	*sota-capitão*, *sotopor*
13	**vice-**	*vice-almirante*

Quadro 15
Elementos registrados em apenas uma das obras

	Elementos registrados em apenas uma das obras			
	Prefixos do *DA*		**Prefixos do *DH***	
	Verbetes	**Exemplos**	**Verbetes**	**Exemplos**
1	**anti-**	*anti-benzaldoxima*	**al-, a-, ^{2}ar-**	*alfanje*, *acelga*, *arrabil*
2	**but-**	*butil*	**carbamoil-**	*carbamoilmaleâmico*
3	**^{2}cis-**	*cis-butenodióico*	**carbonil-**	*carbonilemoglobina*
4	**delta-**	*delta-lactona*	**cloril-**	*clorileno*
5	**meta-, m-**	*meta-xileno, m-xileno*	**contro-**	*controvérsia*
6	**n-**	*n-butano*	**de(s)-**	*desoxirribonucléico*
7	**nonil-**	---	**hidrazino-**	*1-hidrazinoftalazina*
8	**omeg(a)-**	*ômega-aminoácido*	**^{1}i-**	*i-2,3-butanodiol*
9	**para-, p-**	*para-xileno, p-xileno*	**nuper-**	*nuper-falecido*
10	**prop-**	*propil*	**^{1}se-**	*separar, seguro*
11	**^{1}s-, sec-**	*s-butanol*	**sine-**	*sinecura*
12	**^{2}s-**	---	**subter-**	*subterfúgio*
13	**^{2}sim-**	*sim-butenodióico*	**u-**	*utopia*
14	**^{2}sin-**	*sin-benzaldoxima*	**ve-**	*veemente*
15	**t-, terc-**	*t-pentanol*		
16	**tri(s)-**	*tris(hidroximetil)aminometano*		
17	**un-, um-**	*uniléxico, umbiúnio*		
18	**yocto-**	*yoctograma*		
19	**yotta-**	*yottahertz*		
20	**Z-**	---		
21	**zepto-**	*zeptocoulomb*		
22	**zetta-**	*zettajoule*		

Ao analisarmos esses resultados, concluímos que a maioria dos elementos registrados em apenas uma das obras (*anti-*, *but-*, *^{2}cis-*, *delta-*, *meta-*/*m-*, *omeg(a)-*, *para-*/*p-*, *prop-*, *^{1}s-*/*sec-*, *^{2}s-*, *^{2}sim-*, *^{2}sin-*, *t-*/*terc-*, *tri(s)-*, *un-*/ *um-* e *Z-* no *DA*; *carbamoil-*, *carbonil-*, *cloril-*, *de(s)-*, *hidrazino-* e *^{1}i-* no *DH*) e alguns que recebem classificações distintas nos dois dicionários (*beta-*, *endo-*, *et-*, *exo-*, *met-* e *nor-*, prefixos no *DA* e elementos de composição no *DH*; *carbox(i)-* e *hal(o)-*, prefixos no *DH* e elementos de composição no *DA*) entram na formação de termos empregados na química. Há de se notar também que a presença de alguns desses elementos dentre os prefixos vai de encontro à definição destes como “afixos que antecedem a raiz”, registrada nos próprios dicionários. Não nos detivemos aqui na discussão sobre a formação de vocábulos da terminologia científica, assunto que foge ao

escopo deste trabalho; no entanto, as divergências comentadas tornam nítida a necessidade de reavaliação da inclusão dentre os prefixos de alguns elementos empregados na formação de termos da química.

Antes de mais alguns comentários, é importante apresentarmos os prefixos registrados nos dois dicionários. O quadro abaixo reúne esses elementos, algumas de suas acepções incluídas em ambos os compêndios e exemplos:

Quadro 16
Prefixos registrados no *DA* e no *DH*

	Verbetes do *DA*	**Verbetes do *DH***	**Acepções e Exemplos**
1	**[1]a-, [1]ab-, abs-**	**[1]ab-, abs-, (a-)**	afastamento, separação: *abdicar*, *abstrair*, *amovível*
2	**[2]a-, ad-, [1]ar-, [1]as-**	**ad-, [1]ar-, (a-)**	aproximação: *adnome*, *anexo*, *arrogante, assimilar*
3	**[3]a-, an-, [3]ar-, [3]as-**	**a(n)-**	privação, negação: *amoral, anencefalia, arreísmo, assexual*
4	**[4]a-, [2]ar-, [2]as-**	**(a-), [1]ar-**	protético: *alevantar, arruído, assentar*
5	**[5]a-, [4]ar-**		protético resultante da aglutinação do artigo a certos substantivos: *amora, arruda*
6	**alfa-**	**alfa-**	noção de “primeiro”, com diferentes empregos na terminologia científica, principalmente em química: *alfa-hemoglobina* (*DH*), *alfa-aminoácido* (*DA*)
7	**an(a)-**	**an(a)-**	ação ou movimento contrário, movimento de baixo para cima, ausência: *anacrônico*, *anádromo*
8	**anfi-**	**anf(i)-, anfis-**	ao redor de, de ambos os lados: *anfiteatro, anfísdromo*
9	**ant(e)-**	**ante-**	anterioridade: *anteato*
10	**ant(i)-**	**ant(i)-**	oposição, ação contrária: *anticapitalismo*, *antiácido*
11	**ap(o)-**	**ap(o)-, af-**	afastamento, separação: *apócope, aférese*
12	**atto-**	**atto-, ato-**	equivalente a um multiplicador 10^{-18}: *attofarad*, *atossegundo*
13	**[2]bi-**	**bi-**	proporção duas vezes maior ou presença de um hidrogênio ácido remanescente: *bicarbonato*
14	**bis-, [1]bi-**	**bi(s)-**	duas vezes: *bicampeão, bisavô*

	Verbetes do *DA*	Verbetes do *DH*	Acepções e Exemplos
15	**cata-**	**cata-**	do alto para baixo, contra: *catádromo, catabatista*
16	**[2]centi-**	**centi-**	equivalente a um multiplicador 10^{-2}: *centímetro*
17	**circu(m)-, circun-**	**circum-, circun-, circo-**	em volta de, ao redor: *circumpolar, circunvizinho, circoterrestre* (*DH*)
18	**[1]cis-**	**cis-**	aquém: *cisandino*
19	**[1]co-, com-, con-**	**co-, com-, [1]con-, col-, [1]cor-, [1]cos-**	contigüidade, companhia: *coabitação*, *compactuar*, *concunhado, coligar, correlação, cossecante*
20	**de-**	**de-**	movimento de cima para baixo, oposição: *defluxo, decompor*
21	**deci-**	**deci-**	equivalente a um multiplicador 10^{-1}: *decímetro*
22	**des-**	**des-**	ação contrária, reforço: *desfazer, desinfeliz*
23	**[2]di-, [1]dis-**	**[1]dis-, [2]di-,[3]dis-**	separação, movimento para diversos lados, negação: *distorção, difração, difícil*
24	**di(a)-**	**di(a)-**	através, separação: *diacronia, diérese*
25	**[2]dis-**	**[2]dis-**	dificuldade, mau estado: *disopia*
26	**[1]e-, [1]em-, [1]en-**	**[2]en-**	dentro: *embrião, enzima*
27	**[2]e-, es-, [1]ex-**	**es-, ex-**	movimento para fora, negação, separação, indica o que alguém deixou de ser (*ex-*): *eglanduloso*, *esfolhar*, *exportar*, *ex-marido*
28	**ec-, [2]ex-**	**ec-, ex-**	movimento para fora: *ectipografia, exarticular*
29	**ecto-**	**ecto-**	fora, exterior: *ectoparasito*
30	**[2]em-, [3]e-, [2]en-, [1]i-, [1]im-, [1]in-, [1]ir-**	**em-, [1]en-**	movimento para dentro, transformação, revestimento: *embarcar*, *emaranhar*, *engarrafar*, *ilutar*, *implantar*, *infiltrar*, *irromper*
31	**end(o)-**	**end(o)-**	movimento para dentro, posição interior: *endoérgico, endartéria*
32	**ep(i)-**	**ep(i)-, ef-**	posição superior, sobre, movimento para, posterioridade: *epiderme*, *epigenia, epêntese, efêmero*
33	**eu-, ev-**	**eu-, ev-**	bem, bom: *eucinesia*, *evangelho*
34	**exa-**	**exa-**	equivalente a um multiplicador 10^{18}: *exâmetro*
35	**ex(o)-**	**[1]exo-**	fora, para fora: *exocrânio*

	Verbetes do *DA*	Verbetes do *DH*	Acepções e Exemplos
36	**extra-**	**extra-**	posição exterior, além de: *extra-uterino, extraduro*
37	**giga-**	**giga-**	equivalente a um multiplicador 10^9: *gigâmetro*
38	**hiper-**	**hiper-**	posição superior, excesso: *hiperstílico, hiperemia, hipersensível*
39	**[1]hip(o)-**	**[1]hip(o)-** **hipo-**	posição inferior, escassez: *hipoderme, hipacusia* empregado também em química: *hipocloroso, hipoclorito*
40	**[2]in-, [2]i-, [2]im-, [2]ir-**	**in-, ig-, im-, ir-, [1]i-**	negação, privação: *infeliz*, *ilimitável*, *impalpável*, *irredutível, ignóbil*
41	**infra-**	**infra-**	posição inferior: *infra-hepático*
42	**inter-, entr(e)-**	**inter-, entre-**	posição intermediária, reciprocidade: *interação, entreforro, entreabrir*
43	**intra-**	**intra-**	posição interior: *intracardíaco*
44	**intro-**	**intro-**	movimento para dentro: *introduzir, introvertido*
45	**intu(s)-, int(u)-**	**int(us)-**	movimento para dentro, posição interior: *intuspecção intestino*
46	**justa-**	**just(a)-**	posição ao lado: *justapor*
47	**mega-**	**[1]mega-**	equivalente a um multiplicador 10^6: *megagrama*
48	**met(a)-**	**met(a)-**	mudança, posterioridade, transcendência: *metamorfose*, *metacronismo*, *metapsíquico*
49	**[2]micr(o)-**	**[1]micr(o)-**	equivalente a um multiplicador 10^{-6}: *micrômetro*
50	**[1]mili-**	**[1]mili-**	equivalente a um multiplicador 10^{-3}: *milímetro*
51	**[2]miri(a)-**	**miria-**	equivalente a um multiplicador 10^4: *miriâmetro*
52	**nano-**	**nano-**	equivalente a um multiplicador 10^9: *nanômetro*
53	**[1]o-, ob-**	**ob-, [1]o-, oc-, os-**	posição em frente, oposição: *obstar, opor, occipício, ostentar*
54	**par(a)-**	**par(a)-**	proximidade, semelhança, para além de, defeito; oposição: *paratireóide, paragênese*, *parapsicologia, parafasia*, *paradoxo*

	Verbetes do *DA*	Verbetes do *DH*	Acepções e Exemplos
55	**per-**	**[1]per-**	movimento através, duração, intensidade, totalidade: *percorrer*, *pernoitar, persentir, perfazer* em química, indica saturação, o mais alto grau, valência máxima: *peróxido, perclórico*
56	**peri-**	**peri-**	em torno de: *pericárdio*, *perífrase*
57	**peta-**	**peta-**	equivalente a um multiplicador 10^{15}: *petagrama*
58	**pico-**	**[1]pico-**	equivalente a um multiplicador 10^{-12}: *picossegundo*
59	**pos-, pós-**	**pós-, [1]post-**	posterioridade: *pós-diluviano*, *pospor*, *postorbital*
60	**pre-, pré-**	**pré-, pre-**	anterioridade: *preexistir*, *pré-clássico*
61	**[1]pro-**	**[2]pro-**	anterioridade, movimento para frente: *prognóstico*, *próclise*
62	**[2]pro-**	**[1]pro-**	movimento para frente: *progresso*
63	**pró-**	**pró-**	a favor de: *pró-socialista*
64	**pros-**	**pros-**	proximidade, acréscimo, movimento para: *prosônimo, próstese, prosélito*
65	**[3]quilo-**	**[1]quilo-**	equivalente a um multiplicador 10^{3}: *quilograma*
66	**re-**	**re-, res-**	movimento para trás, repetição, intensidade: *regredir*, *recomeçar*, *realçar*, *resguardar*
67	**retr(o)-**	**retro-**	movimento para trás: *retroagir*
68	**[1]sin-, [1]sim-**	**[1]sin-, [1]si-, sim-, sis-**	simultaneidade, companhia: *sinestesia*, *silepse*, *simbiose*, *sissomia*
69	**sub-, so-, sob-, su-, sus-**	**sub-, sob-, so-**	em baixo de, abaixo de, movimento de baixo para cima, subordinação: *sublevar, subchefe, soterrar*, *sobgrave*, *sufixo*, *suspender*
70	**super-, sobr(e)-,**	**super-, sobre-**	posição em cima ou acima, superioridade, abundância, excesso: *superpor, supercílio, super-homem, sobrecarga*
71	**supra-**	**supra-**	posição acima, superioridade, excesso: *supracitado*, *supramundano, supra-sensível*
72	**tera-**	**tera-**	equivalente a um multiplicador 10^{12}: *teragrama*

	Verbetes do *DA*	Verbetes do *DH*	Acepções e Exemplos
73	**trans-, tra-, tras-, tre(s)-**	**trans-, tra-, tras-, tres-**	movimento ou posição para além de, através de: *transatlântico, traduzir, traspassar, tresnoitar* em química, indica um tipo de isômero: *trans-butenodióico* (*DA*), *de-trans-1cloro-2metilciclopropano* (*DH*)
74	**ultra-**	**ultra-**	além de, extremamente: *ultramar*, *ultra-sensível*

Nessa lista, destacamos a presença de elementos da terminologia técnico-científica que, em geral, não estão registrados como prefixos nas gramáticas, a exemplo de *alfa-* (empregado principalmente em química) e diversos elementos que se unem a vocábulos que designam unidades de medida para formar seus múltiplos e submúltiplos (*atto-*, *centi-*, *deci-*, *exa-*, *miria-*, *quilo-* etc.).

O exame do rol de prefixos dos dicionários e também dos exemplos citados nos verbetes confirmou nossa hipótese sobre a interferência de critérios etimológicos na classificação dos elementos mórficos nos dicionários. A depreensão de prefixos em vocábulos como *amora*, *abantesma* e *arruda* (cf. *DH*, v. *a-*, *[1]ar-; DA*, v. *[5]a-* e *[4]ar-*), por exemplo, só é possível em uma análise diacrônica. Em ambas as obras, observamos também o registro de entradas para formas como *ar-* (*arruído*) e *ir-* (*irredutível*), dentre outras, com base nas regras de ortografia.

A interferência dos critérios etimológico e ortográfico pareceu-nos mais forte no *DH*, que consigna dentre os prefixos formas como *al-* (*alfanje*), *ig-* (*ignóbil*), *ve-* (*veemente*), *se-* (*seguro*), *col-* (*coligar*, de *col-* + *ligāre*), *[1]cor-* (*correlação*), *[1]cos-* (*cossecante*) etc. Registramos ainda, no *DH*, formas homônimas em um só verbete (cf. *DH*, v. *a-* e *in-*) e alguns casos em que um vocábulo é citado como exemplo de formação com um determinado prefixo, mas a estrutura apresentada no verbete do vocábulo nos remete a um elemento distinto (*micrômetro*, por exemplo, figura dentre as formações com o prefixo *[1]micr(o)-*; porém, de acordo com a etimologia registrada na obra, é formado com o elemento de composição *[2]micr(o)-*, que significa “pequeno, curto”).

O estudo realizado mostrou que uma das causas das divergências e incoerências encontradas é o fato de elementos semelhantes receberem tratamentos distintos em uma mesma obra. O *DA* e o *DH* consignam, por exemplo,

bi-, de *bicampeão*, como prefixo e *tri-*, de *tricampeão*, como elemento de composição. Destacamos, ainda, a falta de uniformidade na classificação dos elementos que correspondem a advérbios do português. No *DH*, registram-se *além-* e *aquém-* como prefixos; no *DA*, apenas *bem-*. Em geral, o tratamento dado às formações com advérbios é contraditório também nas gramáticas, que ora as incluem dentre as palavras compostas, ora dentre as derivadas por prefixação. Considerando que, para alguns estudiosos, os advérbios são palavras lexemáticas, assim como os substantivos, adjetivos e verbos (cf. BECHARA, 1999: 112; HENRIQUES, 2007: 79-91), sugerimos que uma possível solução para essa controvérsia seria excluí-los do rol de prefixos. Diante das dificuldades inerentes à descrição de uma língua, é importante que o especialista busque manter a coerência em sua análise.

De maneira geral, não são claros os parâmetros utilizados para classificar determinado elemento como prefixo no *DA* e no *DH*. Além disso, as propostas para a identificação dos afixos iniciais apresentadas em outras obras são, muitas vezes, divergentes.

Nossa tese confirma, destarte, a necessidade de novas pesquisas sobre os critérios utilizados para a caracterização e delimitação dos prefixos do português e de uma reavaliação do tratamento dado aos elementos mórficos nos obras analisadas. Por fim, esperamos que as observações aqui feitas e as conclusões obtidas sirvam de subsídios para a revisão dos elementos registrados como prefixos nos dicionários bem como para futuros trabalhos na área da Morfologia e da Lexicografia.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 4 ed. Rio de Janeiro: Imprinta, 2004. Disponível em: <http://www.academia.org.br/>. Acesso em: 2 jun. 2008.

ALI, Manuel Said. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 8 ed. São Paulo: Melhoramentos, 2001.

_____. *Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Universidade de Brasília, 1964.

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo*. São Paulo: Ática, 1990.

ANDERSON, Stephen R. *A-morphous morphology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

ARONOFF, Mark. *Word formation in generative grammar*. Cambridge: MIT Press, 1976.

AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de gramática do português*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

BARBOSA, Jeronymo Soares. *Grammatica philosophica da lingua portuguesa*. 4 ed. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1866.

BARROS, João de. *Gramática da língua portuguesa*. 3 ed. Organização de José Pedro Machado. Lisboa: [s.n.], 1957.

BASÍLIO, Margarida. *Estruturas lexicais do português*: uma abordagem gerativa. Petrópolis: Vozes, 1980.

_____. Operacionalização do conceito de raiz. In: *Estudos de lingüísticas e língua portuguesa I*. Rio de Janeiro: Cadernos da PUC-RJ, 1974. p. 89-94.

_____. Produtividade, função e fronteiras lexicais. *Anais do V encontro da ANPOLL*. Porto Alegre, 1991. p. 70-3.

_____. *Teoria lexical*. 4 ed. São Paulo: Ática, 1995.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 3 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1989.

_____. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BENVENISTE, Emile. *Problemas de lingüística geral*. v. II. Campinas: Pontes, 1989.

BESSA, José Rogério Fontenele. *A composição nominal e a adjetival*: problemas e métodos. Faculdade de Letras da UFRJ, Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, 1986.

_____. *Para um estudo sobre nomes compostos no português atual*. Faculdade de Letras da UFRJ. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, 1978.

BLOOMFIELD, Leonard. A set of postulates for the science of language. In: JOOS, Martin (ed.). *Readings in linguistics*. v. I. 4 ed. Chicago: University of Chicago Press, 1966. p. 26-31.

_____. *Language*. New York: Henry Holt, 1933.

BUENO, Francisco da Silveira. *Gramática normativa da língua portuguesa*: curso superior. 7 ed. São Paulo: Saraiva, 1968.

BUREAU INTERNATIONAL DES POIDS ET MEASURES. *Résumé de la Brochure sur le système international d'unités, le SI*. 2006. Disponível em: <http://www.bipm.org/utils/common/pdf/si_summary_fr.pdf>. Acesso em 2 dez. 2008.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Dicionário de fatos gramaticais*. Rio de Janeiro: MEC/Casa de Rui Barbosa, 1956.

_____. *Dicionário de filologia e gramática*. 2 ed. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1964.

_____. *Dicionário de lingüística e gramática.* 24 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

_____. *Estrutura da língua portuguesa*. 25 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

_____. *Princípios de lingüística geral*. 5 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

_____. *Problemas de lingüística descritiva*. Petrópolis: Vozes, 1969.

CARVALHO, José G. Herculano de. *Teoria da Linguagem*. t.II. Coimbra: Atlântida, 1974.

CAVALIERI, Ricardo. Uma proposta de periodização dos estudos lingüísticos no Brasil. In: HENRIQUES, Claudio Cezar (org.). *Linguagem, Conhecimento e Aplicação*. Rio de Janeiro: Europa, 2003. p. 322-37.

CHOMSKY, Noam. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge: MIT Press, 1965.

_____. Remarks on nominalization. In: JACOBS, R. A.; ROSENBAUM, P. S. (eds). *Readings in English transformational grammar*. Walthan: Ginn and Co., 1970.

CLARE, Nícia de A. Verdini. *A linguagem da política*: inovações lingüísticas no português contemporâneo. Rio de Janeiro: N. Andrade Verdini Clare, 2004.

_____. *Ensino de língua portuguesa*: teorias, reflexões e prática. Faculdade de Letras da UFF. Tese de Doutorado. Niterói, 2002.

COELHO, Flora Simonetti; SILVA, Milton Affonso da. *Gramática latina*. Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 1999.

COSERIU, Eugenio. *Gramática, semántica, universales*: estudios de lingüística funcional. Madrid: Gredos, 1978.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Bernardo Álvares, 1970.

_____; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DUARTE, Paulo Mosânio Teixeira. A identificação do prefixo em diversas abordagens lingüísticas. *DELTA*. São Paulo: Fev 1998, vol.14, n.1, p.141-68. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 4 jul. 2008.

_____. Conceito de prefixóide em morfologia. *Palavra*. Organização de Margarida Basílio. Rio de Janeiro: Grypho, vol. 5, 1999a. p. 164-74.

_____. Contribuição para o estudo do pseudoprefixo em português. *DELTA*. São Paulo, v. 15, n. 2, 1999b, p.343-53. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 4 jul. 2008.

ELIA, Silvio. Os estudos filológicos no Brasil. In: _____. *Ensaios de filologia e lingüística*. 2 ed. Rio de Janeiro: Grifo/MEC, 1975. p.117-76.

FARIA, Ernesto. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Dicionário Aurélio eletrônico – século XXI*. Versão 3.0. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. CD-ROM.

_____. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Versão 5.0. Rio de Janeiro: Positivo, 2004. CD-ROM.

FREITAS, Horácio Rolim de. *Princípios de morfologia*. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

_____. *Princípios de morfologia*. 5 ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

GOES, Carlos. *Diccionario de affixos e desinencias*. 3 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1937.

GUILBERT, Louis. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975.

HALLE, Morris. Prolegomena to a theory of word formation. *Linguistic inquiry*, v. 4, n.1, p. 3-16, 1973.

HENRIQUES, Claudio Cezar. *Morfologia*: estudos lexicais em perspectiva sincrônica. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

_____. Quarenta anos de Nomenclatura Gramatical Brasileira In: *Cadernos de Língua Portuguesa*, 4: p. 20-33. Rio de Janeiro: Instituto de Letras – UERJ, 1999.

HOCKETT, Charles F. Two models of grammatical description. In: JOOS, Martin (ed.). *Readings in linguistics*. v. I. 4 ed. Chicago: University of Chicago Press, 1966. p.386-99.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. CD-ROM.

IORDAN, Iorgu; MANOLIU, Maria. *Manual de lingüística románica*. Revisão, reelaboração e notas por Manuel Alvar. Madrid: Gredos, 1972.

JACKENDOFF, Ray. Morphological and semantic regularities in the lexicon. *Language*, v. 51, n.3, p. 639-71, 1975.

LI CHING. Sobre a formação de palavras com prefixos em português actual. In: *Boletim de Filologia* (separata). t. XXII. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1973.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia., 1957.

_____. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 15 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

_____. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 42 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. Porto Alegre: Globo, 1976.

LYONS, John. *Introdução à lingüística teórica*. São Paulo: Nacional/EDUSP, 1979.

MACAMBIRA, José Rebouças. *Português estrutural*. São Paulo: Pioneira, 1978.

MACEDO, Walmirio. *Elementos para uma estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1976.

_____. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1991.

MACIEL, Maximino. *Grammatica descriptiva*. 7 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1918.

MALKIEL, Yakov. Los interfijos hispánicos: problema de lingüística histórica y estructural. In: CATALÁN, Diego (ed). *Estructuralismo e historia:* Miscelánea homenaje a André Martinet. La Laguna: Universidade de la Laguna, 1958. t II, p. 107-99.

MARTINET, André. *A lingüística sincrônica*: estudos e pesquisas. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1974. Tradução de Lílian Arantes.

_____. *Elementos de lingüística geral*. 8 ed. Tradução e adaptação de Jorge Morais-Barbosa. Lisboa: Sá da Costa, 1978.

_____. *Sintaxe générale*. Paris: Armand Colin, 1985.

MATTHEWS, Peter H. *Morphology*: an introduction to the theory of word-structure. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

MAURER Jr., Theodoro Henrique. *A unidade da România Ocidental*. São Paulo: Acadêmica, 1951.

MELO, Gladstone Chaves de. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA (Brasil). *Nomenclatura Gramatical Brasileira*. Portaria nº 36, de 28 de janeiro 1959. Recomenda a adoção da NGB no ensino programático da Língua Portuguesa e nas atividades que visem à verificação do aprendizado nos estabelecimentos de ensino.

MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa*. 4 ed. Campinas: Pontes, 2002.

NASCENTES, Antenor. *Estudos filológicos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1939.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

NIDA, Eugene. *Morphology*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1949.

OITICICA, José. *Manual de análise (léxica e sintática)*. 10 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1953.

OLIVEIRA, Fernão de. *Grammatica da lingoagem portuguesa*. 3 ed. Lisboa: José Fernandes Junior, 1933.

PENA, Jésus. Partes de la morfologia. Las unidades del análisis morfológico. In: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta (org). *Gramática descriptiva de la lengua española*. v.3. Madrid: Espassa Calpe, 2000. p.4305-65.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática expositiva*: curso superior. 54 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

POTTIER, Bernard. *Gramática del español*. Madrid: Alcalá, 1970.

_____. *Presentación de la lingüística*: fundamentos de una teoría. Tradução de Antonio Quilis. Madrid: Alcalá, 1968.

_____. *Systématique des éléments de relation*. Paris: Klincksieck, 1962.

_____; AUDUBERT, Albert; PAIS, Cidmar T. *Estruturas lingüísticas do português*. 2 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973.

RIBEIRO, Ernesto Carneiro. *Serões gramaticais*. 5 ed. Salvador: Progresso/Aguiar & Souza, 1950.

RIBEIRO, João. *Grammatica portugueza*. 20 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1923.

RIBEIRO, Julio. *Grammatica portugueza*. 3 ed. São Paulo: Teixeira & Irmão, 1891.

ROCHA, Luiz C. de Assis. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

SANDMANN, Antônio José. *Competência lexical*: produtividade restrições e bloqueio. Curitiba: UFPR, 1991a.

_____. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Scientia et Labor/ Ícone Editora, 1989.

_____. *Morfologia geral*. São Paulo: Contexto, 1991b.

_____. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1992.

SAPIR, Edward. *A linguagem*: introdução ao estudo da fala. Tradução e Apêndice de J. Mattoso Câmara Jr. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1969.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. 4 ed. Org. por Charles Bally e Albert Sechehaye com a col. de Albert Riedlinger. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1972.

SCALISE, Sergio. *Generative morphology*. Dordrecht: Foris, 1984.

SILVA, Ana Paula Araujo. *Repensando a descrição do gênero em português*. Instituto de Letras da UERJ. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, 2004.

SILVEIRA, Olmar Guterres da. *A obra de Olmar Guterres da Silveira*. Organização de Horácio Rolim de Freitas. Rio de Janeiro: H. Rolim de Freitas/Metáfora, 1996.

_____. *Prefixos e não-prefixos portugueses*. Tese apresentada à Colenda Congregação da F.F.C.L. da Universidade do Estado da Guanabara para concorrer à Cadeira de Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, 1962.

VALENTE, Milton Luis. *Gramática latina*: para as 4 séries do ginásio. 21 ed. Porto Alegre: Selbach, 1949.

VENDRYÈS, Joseph. *Le langage*: introduction linguistique a l'histoire. [?] ed. Paris: Albin Michel, 1978.

ANEXO A - PREFIXOS, FORMAS EQUIVALENTES E VARIANTES DO *NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO DA LÍNGUA PORTUGUESA* (FERREIRA, 2004)

1) **a-**[1]
[Do lat. *a-, ab-, abs-* < *a, ab, abs*, prep. de abl.]
Prefixo.
1.= 'afastamento', 'separação'; 'privação'; 'excesso', 'intensidade': *amovível*. [Equiv.: *ab-*[1], *abs-* (sempre antes de *c* e *t*): *abaxial*; *abscesso* (< lat.), *abster* (< lat.).]

2) **a-**[2]
[Do lat. *ad-* < *ad*, prep. de acus.]
Prefixo.
1.= 'aproximação', 'direção'; 'aumento', 'acrescentamento'; 'mudança de estado', 'transformação', etc.: *abeirar, achegar*; *apodrecer, amedrontar*. [Equiv.: *ad-*, *ar-*[1], *as-*[1] (*ar-* e *as-* vêm sempre antes de *r* e *s*): *advogado* (< lat.), *adventício* (< lat.); *adoperar*; *arrostar*, *arribar*; *assimilar* (< lat.). A f. *a-* é, algumas vezes, conseqüência da assimilação do *d* à consoante seguinte e simplificação da consoante geminada: *aglutinar* (< lat.).]

3) **a-**[3]
[Do gr. *a-* ou *an-*.]
Prefixo.
1.= 'privação', 'negação': *acálice*, *amoral*. [Equiv.: *-a-*[2]: *baragnose*; *an-*, que vem sempre antes de vogal: *anencefalia*, *analgia*; *as-*[3]: *assepsia*, *assexual*; *ar-*[3]: *arreísmo*.]

4) **a-**[4]
Prefixo.
1.protético: *alevantar, avergar*. [Equiv.: *ar-*[2] e *as-*[2], que vêm sempre antes de *r* e *s*: *arruído; assentar*.]

5) **a-**[5]
Prefixo.
1.protético resultante da aglutinação do artigo a certos substantivos: *abantesma, amora*. [Equiv.: *ar-*[4], que vem sempre antes de *r*: *arruda*.]

6) **ab-**[1]
1. V. *a-*[1].

7) **ab-**[2]
1. No sistema c.g.s. eletromagnético, pref. que, anteposto ao nome de uma unidade do S.I. correspondente, designa a unidade de medida elétrica. Ex.: *abvolt*.

8) **abs-**
1. V. *a-*[1].

9) **ad-**
1. V. *a-*[2].

10) **alfa-**
Quím.
Prefixo.
1.Indica, numa molécula, átomo ou grupo alfa (5): *alfa-aminoácido*.
2.Designa, segundo critérios mais ou menos arbitrários, uma entre várias substâncias relacionadas: *alfa-ionona*.
3.Indica uma estrutura alfa (7): *alfa-(D)-glicopiranose*.
4.Indica, em lactona ou lactama, anel de três átomos: *alfa-lactona*. [Em todos os casos, tb. é us. a letra grega a.]

11) **an-**
1. V. *a*-[3].

12) **an(a)-**
[Do gr. *aná*.]
Prefixo.
1.= 'ação ou movimento contrário'; 'movimento de baixo para cima'; 'repetição'; 'intensidade'; 'ausência', 'privação': *anacrônico; anacatártico* (< gr.); *anabatista; anafilaxia; anacolia.*

13) **anfi-**
[Do gr. *amphí*.]
Prefixo.
1.= 'de um e outro lado', 'ao redor': *anfípode*, *anfigonia*.

14) **ant(e)-**
[Do lat. *ante*.]
Prefixo.
1.= 'anterioridade': *anteato*, *antolhos*.

15) **anti-**
Prefixo.
1.Quím. Indica 'um isômero anti': *anti-benzaldoxima*. [Neste caso, sempre us. com hífen posposto.]
2.Significa 'do, ou pelo lado oposto, ou face oposta'.

16) **ant(i)-**
[Do gr. *antí*.]
Prefixo.
1.Com os significados de: 'em frente', 'de encontro a', 'ação contrária', 'oposição', 'contrariedade', 'contra': *antiácido*, *anticlerical*, *antidemocrático*, *antífen*.
2.É us. diante de nome de partícula elementar para designar outra partícula com algumas propriedades físicas ou simétricas, ou distintas.

17) **ap(o)-**
[Do gr. *apó*.]
Prefixo.
1.= 'afastamento', 'separação'; oposição'; e, p. ext., 'aversão': *apoastro*; *apófase*; *apandria*.

18) **ar-[1]**
1. V. *a-*[2].

19) **ar-[2]**
1. V. *a-*[4].

20) **ar-[3]**
1. V. *a-*[3].

21) **ar-[4]**
1. Equiv. de *a-*[5].

22) **arc(a)-**
1. V. *arqui-*.

23) **arce-**
1. V. *arqui-*.

24) **arci-[1]**
1. V. *arqui-*.

25) **arqui-**
[Do b.-lat. *archi-* < gr. *archi-*.]
Prefixo.
1.= ‘primazia’; ‘proeminência’; ‘superioridade’: *arquidiocese*; *arquiconfraria*; *arquiprior*. [Equiv.: *arc(a)-*, *arce-*, *arci-*[1]: *arcanjo*; *arcebispo*; *arcipreste*.]

26) **as-[1]**
1. V. *a-*[2].

27) **as-[2]**
1. V. *a-*[4].

28) **as-[3]**
1. V. *a-*[3].

29) **atto-**
Mat.
Prefixo.
1.que, anteposto ao nome duma unidade de medida, forma o de outra 10^{-18} vezes menor: *attofarad.* [Símb.: *a*.]

30) **bem-**
[Do lat. *bene*.]
Prefixo.
1.= ‘bem’, ‘excelentemente’; ‘felizmente’; ‘agradavelmente’; ‘com sensatez’; ‘abundantemente’: *bem-falante*; *bem-fadado*; *bem-agradecido*; *bem-avisado*; *bem-aventurança*. [Equiv.: *ben-*: *benfazejo*, *benquerença*.]

31) **ben-**
1. Equiv. de *bem-*.

32) **beta-**
Quím.
Prefixo.
1.Indica, numa molécula, átomo ou grupo beta[1] (4): *ácido beta-hidroxi-carboxílico.*
2.Designa, segundo critérios mais ou menos arbitrários, uma entre várias moléculas relacionadas: *beta-ionona.*
3.Indica uma configuração beta[1] (5): *beta-(D)-glicopiranose.*
4.Indica, em lactona ou lactama, anel de quatro átomos: *beta-lactona.* [Em todos os casos, tb. é us. a letra grega, ß.]

33) **bi-[1]**
[Do lat. *bi-* < lat. *bis*, adv.]
1. Equiv. de *bis-*.

34) **bi-[2]**
[Do V.C.I.] Quím.
Prefixo.
1.Indica, em uma substância, proporção duas vezes maior (do que aquela que seria a us. para reação completa) de um componente; no caso de sal de um ácido diprótico, corresponde à presença de um hidrogênio ácido remanescente: *bicarbonato*. [*Hidrogeno-* é us. como el. comp. alternativo, com o mesmo fim: *hidrogenocarbonato*.]

35) **bis-**
[Do lat. *bis*, adv.]
Prefixo.
1.= 'repetição', 'duas vezes'; 'dois': *bisneto*, *bisavô*. [Em Quím., indica, numa molécula, a existência de dois grupos (ger. formados por muitos átomos) iguais: *bis(dimetilamino)naftaleno*. Ocorre, tb., como infixo: *azobisisobutironitrila*.] [Equiv.: *bi-*[1] (exceto em quím.): *bibico, bicampeão*, *bimilenário*, *bimotor*.]

36) **-bis-**
1. V. *bis-*.

37) **but-**
Quím.
Prefixo.
1.Indica cadeia de quatro átomos de carbono, em grupamento ou substância: *butil*, *butanol.*

38) **cata-**
[Do gr. *kata-* < gr. *katá*, adv. e prep.]
Prefixo.
1.= 'do alto para baixo', 'abaixo'; *p. ext.,* 'no mesmo sentido de', 'em seguimento a', 'contra', 'em relação', 'em conformidade com': *catamnese*; *catabatista*; *catadióptrica*.

39) **centi-**[2]
Prefixo.
1.Anteposto ao nome de uma unidade de medida, forma o nome de uma unidade derivada igual a 100 vezes menor que a primeira: *centímetro*, *centilitro*. [Abrev.: *c*.]

40) **circu(m)-**
[Do lat. *circum-* < lat. *circum*.]
Prefixo.
1.= 'em redor', 'em volta'; 'perto de'; 'movimento ou situação em torno': *circum-adjacente*, *circumpolar*, *circumurado*. [Equiv.: *circun-*: *circunvizinho*.]

41) **circun-**
1. Equiv. de *circu(m)-*.

42) **cis-**[1]
[Do lat. *cis-* < lat. *cis*.]
Prefixo.
1.= '(posição) aquém'; 'no limite de': *cisandino*, *cisbordo*.

43) **cis-**[2]
Quím.
Prefixo.
1.Indica isômero *cis*: *cis-butenodióico*. [Sempre us. seguido de hífen.]
2.Us. na formação de nomes de compostos que são isômeros do tipo cis: *ácido cis-butenodióico*. [Nesta acepç., usa-se ger. seguido de hífen.]

44) **co-**[1]
Do lat. *cum*.]
Prefixo.
1.= 'contigüidade', 'companhia': *co-aluno*, *correlação*. [Equiv.: *com-*, *con-*: *compactuar*; *conchegar*.]

45) **com-**
1. V. *co-*[1].

46) **con-**
1. V. *co-*[1].

47) **de-**
[Do lat. *de*.]
Prefixo.
1.= 'movimento de cima para baixo'; 'origem, procedência'; 'afastamento'; 'extração'; 'intensidade'; 'significação contrária': *deborcar*; *decompor*; *depenar*; *defedação*; *decifrar*; *defibrilar*.

48) **dec(a)-**[2]
Prefixo.
1.Anteposto ao nome duma unidade de medida, forma o nome de uma unidade derivada 10 vezes maior que a primeira [símb.: *da*]. Ex.: *decagrama*, *decalitro*.

49) **deci-**
[Do lat. *decĭmus, a, um*.]
Prefixo.
1.Anteposto ao nome duma unidade de medida, forma o nome de uma unidade derivada 10 vezes menor que a primeira [símb.: *d*]. Ex.: *decigrama*, *decímetro*.

50) **delta-**
Quím.
Prefixo.
1.Indica, numa molécula, átomo ou grupo delta: *ácido delta-ceto-carboxílico*.
2.Designa, segundo critérios mais ou menos arbitrários, uma entre várias moléculas relacionadas: *delta-caroteno*.
3.Indica, em lactona ou lactama, anel de seis átomos: *delta-lactona*. [Tb. é us. a letra grega Δ.]

51) **des-**
[De or. controvertida; da junção das prep. latinas *de* (v. *de-*) e *ex* (v. *ex-*[1]), ou da romanização do pref. *dis-* (v. *di-*[2]).]
Prefixo.
1.= ‘separação’; ‘transformação’; ‘intensidade’; ‘ação contrária’; ‘negação’, ‘privação’: *despedaçar*, *desfazer*, *dessangrar*, *desumano*, *desacordo*, *deslavrar*. [Assume, às vezes, caráter reforçativo: *desafastar*, *desalhear*, *desalijar*, *desaliviar*, *desapagar*, *desapartar*, *desapear*, *desborcar*, *desenxabido*, *desfear*, *desinfelicidade*, *desinfeliz*, *desinquietar*, *desinquieto*, *deslisar*, *desnudez*, *despelar*; e, em um caso (pelo menos), reiterativo: *deslavrar*.]

52) **di-[2]**
[Do lat. *di* e *dis*.]
Prefixo.
1.= ‘separação’; ‘movimento para diversos lados’; ‘negação’: *difração*. [Equiv.: *dis-*[1]: *discolor*. Cf. *des-*.]

53) **di(a)-**
[Do gr. *dia-* < gr. *diá*.]
Prefixo.
1.= ‘separação’; ‘através’: *diacáustico*, *diacronia*, *diurese*. [Equiv.: *-di(a)-*: *epidiascópio*, *paradiafonia*.]

54) **-di(a)-**
1. Equiv. de *di(a)-*.

55) **dis-[1]**
1. V. *di-*[2].

56) **dis-[2]**
[Do gr. *dys-*.]
Prefixo.
1.= ‘mau estado’, ‘defeito’, ‘dificuldade’: *disopia*, *dislalia*. [Equiv.: *-dis-*: *egodistonia*.]

57) **-dis-**
1. Equiv. de *dis-*[2].

58) **e-**[1]
1. Pref. = ‘posição interior’, ‘dentro’: [Equiv.: *em-*[1], *en-*[1]: *embrião* (q. v.), *enantese*.]

59) **e-**[2]
[Do lat. *e* e *ex*.]
1.Pref. = ‘movimento para fora’; ‘separação’; ‘transformação’; ‘intensidade’; ‘ausência’; ‘negação’: *emarar-se*; *eglanduloso*. [Equiv.: *es-*, *-es-*, *ex-*[1]: *esbagaçar*, *esfolhar*; *resguardar*; *resmuda*; *exalviçado*, *expropriar*. Unido por um hífen aos substantivos que designam estado, profissão ou emprego, *ex-* indica o que alguém foi, ou o lugar ou o posto que ocupou: *ex-tuberculoso*, *ex-deputado*, *ex-combatente*. V.*des-*.]

60) **e-**[3]
1. V. *em-*[2].

61) **ec-**
[Do gr. *ék, éx*.]
Prefixo.
1.= ‘movimento para fora’: *ectipografia*. [Equiv.: *ex-*[2]: *exarticular*. *Ec-* é us. antes de consoante, e *ex-* antes de vogal.]

62) **ecto-**
[Do gr. *ektós*.]
Prefixo.
1.= ‘fora’, ‘exterior’: *ectoderma*, *ectozoário*, *ectoparasito*.

63) **em-**[1]
1. V. *e-*[1].

64) **em-**[2]
[Do lat. *in*.]
Prefixo.
1.= ‘movimento para dentro’; ‘guarnecer’; ‘prover’, ‘encher’; ‘transformar’, ‘transformação’, etc.: *embarcar*, *embelezar*. [Equiv.: *e-*[3], *en-*[2],*-en-*[1], *i-*[1], *im-*[1], *in-*[1], *ir-*[1]: *emalhar*, *emalhetar*, *engarrafar*, *encruar*, *enfitar*, *desentolher*, *ilutar*; *implantar*; *impeticar*; *infiltrar*, *irromper* (< lat.). Às vezes, com função pleonástica: *embaralhar*, *empiorar*; *encalcar*, *enfitar*[2]; *infingir*.]

65) **-em-**
1. V. *em-*[2].

66) **en-**[1]
1. V. *e-*[1].

67) **en-**[2]
1. V. *em-*[2].

68) **endo-**
Quím.
Prefixo.
1.Indica substituinte ou molécula endo: *endo-diciclopentadieno*. [Cf. *exo-*.]
2.Significa ‘que se situa dentro da mesma molécula’, ‘interno’: *endoperóxido*.

69) **end(o)-**
[Do gr. *éndon*.]
Prefixo.
1.= ‘movimento para dentro’, ‘posição interior’: *endartério*, *endoérgico*, *endoparasito*.

70) **ent(o)-**
Prefixo.
1.= ‘posição interior’, ‘dentro’: *entoptoscopia*. [Equiv.: *-ent(o)-*[2]: *sinentógnato*.]

71) **-ent(o)-** [2]
1. Equiv. de *ent(o)-*.

72) **entr(e)-**
1. Equiv. de *inter-*.

73) **ep(i)-**
[Do gr. *epí*.]
Prefixo.
1.= ‘posição superior’; ‘sobre’; ‘movimento para’; ‘posterioridade’: *epicarpo*, *epífito*, *epigenia*.

74) **es-**
1. V. *e-*[2].

75) **-es-**
1. V. *e-*[2].

76) **eso-**
[Do gr. *ésσ* (*eísσ*).]
Prefixo.
1.= ‘para dentro’, ‘interior’: *esoforia*, *esoderma*.

77) **et-**
[Do lat. *aether* < gr. *aithér.*] Quím.
Prefixo.
1.Indica cadeia de 2 átomos de carbono, em grupamento ou substância: *etil*, *etano*. [Ocorre, tb., como infixo: *-et-*: *azetidina*.]

78) **-et-**
V. *et-*.

79) **eu-**
[Do gr. *eu-* < adv. gr. *eû*.]
Prefixo.
1.= ‘bem’; ‘de boa constituição’: *eucinesia*. [Em *Quím.,* ‘derivado aprimorado de uma substância específica (ger. em vocábulos de farmacologia)’: *euquinina*.] [Equiv. (exceto em quím.): *ev-*: *evemia*.]

80) **ev-**
1. Equiv. de *eu-*; a pronúncia consonântica decorre do gr. bizantino ou moderno, e principalmente de empréstimos latinos, como *evangelho*.

81) **ex-**[1]
[Do lat. *ex*.]
1. V. *e-*[2].

82) **ex-**[2]
[Do gr. *ex-*, var. de *ek-* à frente de vogais.]
1. Equiv. de *ec-*.

83) **exa-**
Prefixo.
1.Anteposto ao nome de uma unidade de medida, forma o nome de unidade derivada 10^{18} vezes maior que a primeira [símb.: *E*]. Ex.: 1 *exâmetro* = 1 *Em*.
2.Inform. Anteposto ao nome de uma unidade empregada em sistemas binários, indica multiplicação dessa unidade por 2^{60} [símb.: *E*]. Ex.: 1 *exabyte* = 1 EB = 2^{60} *bytes*.

84) **exo-**
(z) Quím.
Prefixo.
1.Indica substituinte ou molécula exo. [Cf. *endo-*.]

85) **ex(o)-**
[Do gr. *exσ-* < gr. *éxσ,* adv. e prep.]
Prefixo.
1.= ‘para fora’: *exógamo*.

86) **extra-**
[Do lat. *extra*.]
Prefixo.
1.= ‘posição exterior’, ‘fora de’: *extramural*, *extra-uterino*. [*Extra-* é seguido de hífen, quando anteposto a palavra iniciada por vogal, *h*, *r*, ou *s*. E, em tais casos, por tratar-se de prefixação, apenas o 2º elemento é flexionado na formação do plural: *extra-abdominal*: *extra-abdominais*; *extra-humano*: *extra-humanos*; *extra-regulamentar*: *extra-regulamentares*; *extra-sístole*: *extra-sístoles*.]

87) **giga-**
Do gr. *gígas, gígantos* (ĭ).]
Prefixo.
1.que, anteposto ao nome de uma unidade de medida, forma o nome de uma unidade derivada 10^9 vezes a primeira. Ex.: gigâmetro = 10^9m, ou 1.000.000.000 de metros.
2.Inform. Anteposto ao nome de uma unidade empregada em sistemas binários, indica multiplicação dessa unidade por 2^{30} (ou seja, 1.073.741.824) [símb.: *G*]: *1 gigabyte = 1 GB = 2^{30} bytes*.

88) **hiper-**
[Do gr. *hypér*.]
Prefixo.
1.= 'posição superior'; 'além'; 'excesso': *hiperemia*; *hiperpiese*; *hiperstílico*. [Equiv.: *-(h)iper-*: *batiperestesia*.]

89) **-(h)iper-**
1. Equiv. de *hiper-*.

90) **hip(o)-** **1**
[Do gr. *hypo-* < gr. *hypó*.]
Prefixo.
1.= 'posição inferior'; 'escassez': *hipanto*, *hipoderme*; *hipoacusia*. [Em Quím., como antepositivo, indica combinação de (determinado) elemento em sua mais baixa valência: *hipoclorito*.] [Equiv. (exceto em quím.): *-(h)ip(o)-*: *batipestesia*.]

91) **-(h)ip(o)-**
[Do gr. *hypo-* < gr. *hypó*.]
Prefixo.
1.= 'posição inferior'; 'escassez': *hipanto*, *hipoderme*; *hipoacusia*. [Em Quím., como antepositivo, indica combinação de (determinado) elemento em sua mais baixa valência: *hipoclorito*.] [Equiv. (exceto em quím.): *-(h)ip(o)-*: *batipestesia*.]

92) **i-** **1**
1.V. *em-* **2**.

93) **i-** **2**
1.V. *em-* **2**.

94) **im-** **1**
1.V. *em-* **2**.

95) **im-** **2**
1.V. *in-* **2**.

96) **in-** **1**
1.V. *em-* **2**.

97) **in-^{2}**
[Do lat. *in*.]
Prefixo.
1.= ‘negação’, ‘privação’: *inigualável*. [Equiv.: *i-*^{2}, *im-*^{2}, *ir-*^{2}: *ilimitável*; *impalpável*; *irredutível*.]

98) **infra-**
[Do lat. *infra*.]
Prefixo.
1.= ‘posição abaixo’, ‘inferioridade’: *infra-hepático*, *infravermelho*. [*Infra-* é seguido de hífen, quando anteposto a palavra iniciada por vogal, *h*, *r*, ou *s*. E, em tais casos, por tratar-se de prefixação, apenas o 2^{o} elemento é flexionado na formação do plural: *infra-axilar*: *infra-axilares*; *infra-hepático*: *infra-hepáticos*; *infra-renal*: *infra-renais*; *infra-som*: *infra-sons*.]

99) **inter-**
[Do lat. *inter*.]
Prefixo.
1.= ‘posição intermediária’; ‘reciprocidade’: *intercostal*; *interação*. [Equiv.: *entr(e)-*: *entrededo*, *entrescolher*; *entrechocar-se*. *Inter-* é seguido de hífen, quando anteposto a palavra iniciada por *h*, ou *r*. E, em tais casos, por tratar-se de prefixação, apenas o 2^{o} elemento é flexionado na formação do plural: *inter-helênico*: *inter-helênicos*; *inter-relação*: *inter-relações*.]

100) **intra-**
[Do lat. *intra*.]
Prefixo.
1.= ‘posição interior’: *intra-ocular*, *intrapulmonar*. [*Intra-* é seguido de hífen, quando anteposto a palavra iniciada por vogal, *h*, *r* ou *s*. E, em tais casos, por tratar-se de prefixação, apenas o 2^{o} elemento é flexionado na formação do plural: *intra-abdominal*, *intra-abdominais*; *intra-hepático*, *intra-hepáticos*.]

101) **intro-**
[Do lat. *intro*.]
Prefixo.
1.= ‘movimento para dentro’: *introduzir* (< lat.), *introverter-se*.

102) **int(u)-**
1.Equiv. de *intu(s)-*.

103) **intu(s)-**
[Do lat. *intus*.]
Prefixo.
1.= ‘movimento para dentro’, ‘posição interior’: *intuspectivo*. [Equiv.: *int(u)-*: *intina*.]

104) **ir-^{1}**
1.V. *em-*^{2}.

105) **ir-^{2}**
1.V. *in-*^{2}.

106) **justa-**
[Do lat. *juxta*, adv. e prep.]
Prefixo.
1.= ‘posição ao lado’: *justafluvial*, *justapor*.

107) **m-**
Quím.
Prefixo.
1.F. red. de *met(a)-* (1): *m-xileno*. [Sempre us. com hífen posposto.]

108) **mega-**
Prefixo.
1.que, anteposto ao nome duma unidade de medida, forma o nome de uma unidade derivada, um milhão de vezes maior que a primeira [símb.: *M*]. Ex.: Megahertz.
2.Inform. Anteposto ao nome de uma unidade empregada em sistemas binários, indica multiplicação dessa unidade por 2^{20} (ou seja, 1.048.576) [símb.: *M*]: Ex.: 1 megabyte = 1 MB = 2^{20} bytes.

109) **met-**
Quím.
Prefixo.
1.Indica cadeia de um átomo de carbono, em grupamento ou substância: *metil*, *metanol*.

110) **meta-**
Quím.
Prefixo.
1.Designa ‘um isômero meta’: *meta-xileno*. Tb., como f. red.: *m-* [q. v.].) [Sempre us. com hífen posposto.]
2.Indica o ácido obtido de um ortoácido por perda de uma mólecula de água por molécula de orto ácido; é tb. us. para os sais e ésteres derivados desse ácido: *ácido metafosfórico*, *metabissulfito*.

111) **met(a)-**
[Do gr. *metá*, adv. e prep.]
Prefixo.
1.= ‘mudança’; ‘posterioridade’, ‘além’; ‘transcendência’; ‘reflexão crítica sobre’: *metafonia*, *metamórfico*, *metacronismo*, *metapsíquico*, *metalinguagem*.

112) **micr(o)-** [2]
Prefixo.
1.Anteposto ao nome duma unidade de medida, forma o nome de uma unidade derivada um milhão de vezes menor que a primeira [símb.: m (v. mi^2)]: *micrômetro*, *microssegundo*.

113) **mili-** [1]
[F. red. de *milésimo*.]
Prefixo.
1.Anteposto ao nome de uma unidade de medida, forma o nome de uma unidade derivada mil vezes menor que a primeira: *milímetro*, *miligrama* [símb.: *m*].

114) **miri(a)-** [2]
Prefixo.
1.Anteposto ao nome de uma unidade de medida, forma o nome de outra unidade derivada dez mil vezes maior que a primeira: *miriâmetro*, *miriare*.

115) **n-**
Quím.
Prefixo.
1.Equivale a normal (6): *n-butano*. [Sempre us. com hífen posposto.]

116) **nano-**
Prefixo.
1.que, anteposto ao nome de uma unidade de medida, indica uma unidade derivada igual a 10^{-9} vezes a primeira: *nanômetro*. [Símb.: *n*.]

117) **nonil-**
Quím.
Prefixo.
1.que indica presença do grupo nonila.

118) **nor-**
[F. red. de *normal*.] Quím.
Prefixo.
1.Designa a ausência de um ou mais átomos de carbono, ou a contração de um anel, em relação ao composto original: *norpinano*.

119) **o-** [1]
[Do lat. *ob*.]
Prefixo.
1.= ‘posição em frente’, ‘diante’; ‘oposição’: *ocorrer* (< lat.), *opor* (< lat.). [Equiv.: *ob-: obcláveo*, *obstar* (< lat.).]

120) **ob-**
1. Equiv. de *o-* [1].

121) **omeg(a)-**
Quím.
Prefixo.
1.Indica, numa molécula, átomo ou grupo ômega: *ômega-aminoácido*. [Tb. é us. a letra grega, ω.]

122) **p-**
1. Quím. F. red. de *para-*: *p-xileno*. [Sempre us. com hífen posposto.]

123) **para-**
Quím.
Prefixo.
1.Designa ‘um isômero *para*’: *para-xileno*. [Nesta acepç, tb., como f. red.: *p-* (q. v.).] [Sempre us. com hífen posposto.]
2.Indica ‘que está intimamente relacionado com’: *paraformaldeído*.

124) **par(a)-**
[Do gr. *pará*.]
Prefixo.
1.= ‘proximidade’, ‘ao lado de’, ‘ao longo de’; ‘elemento acessório, subsidiário’; ‘funcionamento desordenado ou anormal’; ‘semelhante’; ‘oposição’: *paramilitar*, *paramorfismo*; *parassimpático*, *parassimpático*; *parafrenia*, *parageusia*; *paragênese*; *paradoxo*.

125) **per-**
[Do lat. *per*.]
Prefixo. = ‘movimento através’; ‘proximidade’; ‘intensidade’, ‘totalidade’: *perfoliado*; *perpassar*; *perdurar* (< lat.). [Em Quím.:
1.Indica saturação, por um dado elemento, de todas as valências de uma substância, exceto aquelas que formam o esqueleto molecular desta: *peridrofenantreno*.
2. Indica presença de um elemento em seu estado de valência máxima: *ácido perclórico*.]

126) **peri-**
[Do gr. *perí*.]
Prefixo.
1.= ‘movimento em torno’, ‘posição em torno’: *pericondro*, *peridídimo*, *periscópio*.

127) **peta-**
Prefixo.
1.que, anteposto ao nome duma unidade de medida, forma o nome de uma unidade derivada 10^{15} vezes a primeira [símb.: *P*]. Ex.: 1 petahertz = 1 pHz.
2.Inform. Anteposto ao nome de uma unidade empregada em sistemas binários, indica multiplicação dessa unidade por 2^{50} (aproximadamente 1,125 quadrilhão) [símb: *P*]. Ex.: 2 petabytes = 2 PB.

128) **pico-**
[Do V.C.I. *pico-*, poss. do it. *piccolo*, ‘pequeno’, ou do esp. *pico*, ‘pequena quantidade’, ambos de uma raiz expressiva.]
Prefixo.
1.Anteposto ao nome de uma unidade, forma o nome de uma unidade derivada 10^{-12} vezes a primeira [símb.: *p*]. Ex.: *picofarad*.
2.Ocorre tb. em voc. científicos com a noção de ‘pequeno’, ‘ínfimo’: *picornavírus*.

129) **pos-**
[Do lat. *post*.]
Prefixo.
1.=‘posterioridade’, ‘após’: *poscéfalo*; *posfácio*. [Equiv., quando não aglutinado: *pós-: pós-dorsal*, *pós-glacial*. Por tratar-se de prefixação, as palavras com *pós-* flexionam apenas o 2º elemento na formação do plural: *pós-bíblico*: *pós-bíblicos*.]

130) **pós-**
1. Equiv. de *pos-*.

131) **pre-**
[Do lat. *prae*.]
Prefixo.
1.= ‘anterioridade’: *preexistir*. [Equiv., quando não aglutinado: *pré-*: *pré-história*. Por tratar-se de prefixação, as palavras com *pré-*, na formação do plural, flexionam apenas o 2º elemento: *pré-adolescente*: *pré-adolescentes*.]

132) **pré-**
1. Equiv. de *pre-*.

133) **pro-**[1]
[Do gr. *pró*.]
Prefixo.
1.= ‘movimento para diante’, ‘posição em frente’; ‘anterior, antecipado’: *próclise*, *prófase*, *profilo*. [Equiv.: *-pro-*: *pamprodáctilo*.]

134) **pro-**[2]
[Do lat. *pro*.]
Prefixo.
1.= ‘movimento para a frente’: *progresso* (< lat.).

135) **pró-**
[Do lat. *pro*.]
Prefixo.
1.= ‘a favor de’: *pró-socialista*, *pró-americano*. [Por tratar-se de prefixação, as palavras com *pró-*, na formação do plural, flexionam apenas o 2º elemento: *pró-britânico*: *pró-britânicos*.]

136) **-pro-**
1. Equiv. de *pro-*[1].

137) **prop-**
Quím.
Prefixo.
1.Indica cadeia de três átomos de carbono, em grupamento ou substância: *propil*, *propanol*.

138) **pros-**
[Do gr. *prós*.]
Prefixo.
1.= ‘junto de’; ‘na direção de’; ‘para’: *prosênquima*, *prosônimo*.

139) **quilo-**[3]
[Do V.C.I. *kilo-* < fr. *kilo-*, f. irreg. a partir do gr. *chílioi*, ‘mil’.]
Prefixo.
1.Anteposto ao nome duma unidade de medida, forma o nome duma unidade derivada 1.000 vezes maior que ela. Ex.: quiloton.
2.Inform. Anteposto ao nome de uma unidade empregada em sistemas binários, indica multiplicação dessa unidade por 2^{10} (ou seja, 1.024): *quilobit*, *quilobyte* [símb.: *k* (do fr. *kilo-*)]. V. *quilio-*.

140) **re-**
[Do lat. *re-*.]
Prefixo.
1.= ‘movimento para trás’; ‘repetição’; ‘intensidade’, ‘reciprocidade’; ‘mudança de estado’: *ressaca*; *recomeçar*, *relâmpago*; *reavivar*, *rebrilhar*, *revezar*; *refrescar*. [Equiv.: *-re-*: *arreatar*.]

141) **-re-**
1. Equiv. de *re-*.

142) **retr(o)-**
[Do lat. *retro*.]
Prefixo.
1.= ‘movimento para trás’: *retrotrair*, *retroversão*.

143) **s-**[1]
[F. red. de *secundário*.] Quím.
Prefixo.
1.Designa a presença, numa molécula linear, de grupo funcional ligado a carbono secundário: *s-butanol*. [Sempre us. com hífen posposto. Tb. us., mas não recomendada, a f. *sec-*.]

144) **s-**[2]
Quím.
Prefixo.
1.Designa átomo S ou substância que o contém.

145) **sec-**
Quím.
Prefixo.
1.O mesmo que *s-*. [O uso dessa f. não é recomendado.]

146) **sim-**[1]
1. V. *sin-*[1].

147) **sim-**[2]
[F. red. de *simétrico*.] Quím.
Prefixo.
1.Obsol. Indica 1 de 2 estereoisômeros de certos alcenos, compostos cíclicos e outras substâncias [cf. *as-*[4]]: *ácido sim-butenodióico* (= ácido *cis-butenodióico*).

148) **sin-**[1]
[Do gr. *sýn*.]
Prefixo.
1.= ‘reunião’, ‘ação conjunta’: *sinestesia*. [Equiv.: *sim-*[1], *-sin-*: *simbléfaro*; *hemissingínico*.]

149) **sin-**[2]
Quím.
Prefixo.
1.Indica isômero sin: *sin-benzaldoxima*.
2.Do (a), ou pelo(a) mesmo(a) lado (face). [Us. sempre com hífen.]

150) **-sin-**
1. V. *sin-*[1].

151) **so-**
1. V. *sub-*.

152) **-so-**
1. V. *sub-*.

153) **sob-**
1. V. *sub-*.

154) **sobr(e)-**
1. V. *super-*.

155) **stat-**
Eletr.
Prefixo.
1.Anteposto ao nome de uma unidade elétrica prática, forma o nome da unidade correspondente no sistema c.g.s. eletrostático.

156) **su-**
1. V. *sub-*.

157) **sub-**
[Do lat. *sub*.]
Prefixo.
1.= ‘posição inferior, inferioridade’; ‘movimento de baixo para cima’; ‘de novo’; ‘quase’, ‘um tanto’, ‘insuficiente’, ‘menor’; ‘posposição’: *subaquático*, *subestrutura*, *subnutrição*; *sublevar* (< lat.); *sublocar*; *subglabro*, *subarbusto*; *subtítulo*. [Equiv.: *so-*, *-so-*, *sob-*, *su-*, *sus-*: *sobraçar*; *assorear*; *sobgrave*; *súcubo* (< lat.), *sufixo* (< lat.); *suspender* (< lat.).]

158) **super-**
[Do lat. *super*.]
Prefixo.
1.= ‘excesso’, ‘aumento’; ‘posição acima, em cima ou por cima’; ‘superioridade’; ‘em seguida’: *superdotado*; *superpor* (< lat.); *super-homem*; *supervenção* (< lat.). [Equiv.: *sobr(e)-*, *supra-*: *sobrecarga*, *sobrejeção*, *sobre-restar*, *sobre-saia*; *supramundano*, *supra-renal*, *supra-sensível*. (Algumas dessas formas por vezes se alternam: *sobreexaltar*, *superexaltar*; *sobre-humano*, *supra-humano*.)] [*Super-* é seguido de hífen, quando anteposto a palavra iniciada por h ou r. E, em tais casos, por tratar-se de prefixação, apenas o 2º elemento é flexionado na formação do plural: *super-herói*: *super-heróis*.]

159) **supra-**
1. V. *super-*. [*Supra-* é seguido de hífen, quando anteposto a palavra iniciada por vogal, h, r ou s. E, em tais casos, por tratar-se de prefixação, apenas o 2º elemento é flexionado na formação do plural:
supra-esternal: *supra-esternais*.]

160) **sus-**
1. V. *sub-*.

161) **t-**
[F. red. de *terciário*.] Quím.
Prefixo.
1.Designa a presença, numa molécula, de duas metilas (e uma alquila linear) ligadas ao carbono alfa e a um grupo funcional monovalente: *t-pentanol*. [Sempre us. com hífen posposto. Tb. us., mas não recomendada, a f. *terc-*.]

162) **tera-**
Prefixo.
1.Anteposto ao nome duma unidade de medida, forma o nome de uma unidade derivada 10^{12} vezes maior que a primeira.
2.Inform. Anteposto ao nome de uma unidade empregada em sistemas binários, indica multiplicação dessa unidade por 2^{40} (aproximadamente 1,1 trilhão) [símb.: *T*]: *1 terabyte = 1 TB = 2^{40} bytes*.

163) **terc-**
Quím.
Prefixo.
1.V. *t-*. [O uso da f. *terc-* não é recomendado.]

164) **tra-**
1. V. *trans-*.

165) **-tra-**
1. V. *trans-*.

166) **trans-**
Do lat. *trans*.]
Prefixo.
1.= ‘movimento para além de’, ‘através de’; ‘posição para além de’; ‘posição ou movimento de través’; ‘intensidade’: *transumância*, *transecular*; *transplatino*; *transverso* (< lat.); *transfazer*. [Equiv.: *tra-*, *-tr(a)-*, *tras-*, *tre(s)-*: *tramontar*; *cístron*; *traspassar*; *trasvisto*; *trecheio*, *tresgastar*, *tresnoitar*, *tressuar*. Alternam-se, às vezes, entre si: *transbordar*, *trasbordar*; *transpassar*, *traspassar*, *trespassar*.]
2.Quím. Us. na formação de nomes de compostos que são isômeros do tipo trans: *ácido trans-butenodióico*. [Nesta acepç., usa-se ger. seguido de hífen, embora não canônico.]

167) **tras-**
1. V. *trans-*.

168) **tre(s)-**
1. V. *trans-*.

169) **tri(s)-**
Quím.
Prefixo.
1.Indica, numa molécula, a existência de três grupos (ger. formados por muitos átomos) iguais: *tris(hidroximetil)aminometano*.

170) **ultra-**
[Do lat. *ultra*.]
Substantivo de dois gêneros.
1.Partidário das idéias mais avançadas ou extremas; radical.

171) **um-**
1. V. *un-*.

172) **-um-**
1. V. *-un-*.

173) **un-**
Quím.
Prefixo.
1.Designa, na nomenclatura sistemática dos elementos transférmicos (q. v.), a presença do dígito 1 no número atômico do elemento. Ex.: *uniléxico*. [Antes de *p* e *b*, grafa-se *um-*: *umbiúnio*.]

174) **-un-**
1. V. *un-*. Ex.: *uniléxio*. [Antes de *p* e *b*, grafa-se-*um-*: *unúmbio*, *unumpêntio*.]

175) **yocto-**
Prefixo.
1. Anteposto ao nome duma unidade de medida, forma o de outra 10^{-24} vezes menor [símb.: *y*]. Ex.: 1 *yoctograma* = 1yg = 10^{-24}g.

176) **yotta-**
Prefixo.
1.. Anteposto ao nome duma unidade de medida, forma o de outra 10^{24} vezes maior [símb.: *Y*]. Ex.: 1 *yottahertz* = 1YHz = 10^{24} Hz.

177) **Z-**
Quím.
Prefixo.
1.Designa o estereoisômero *Z*.

178) **zepto-**
Prefixo.
1. que, anteposto ao nome duma unidade de medida, forma o de outra 10^{-21} vezes menor [símb.: *z*]. Ex.: 1 *zeptocoulomb* = 1 zC = 10^{-21} C.

179) **zetta-**
Prefixo.
1. que, anteposto ao nome duma unidade de medida, forma o de outra 10^{21} vezes maior [símb.: *Z*]. Ex.: 1 *zettajoule* =1 ZJ = 10^{21} J.

ANEXO B - PREFIXOS, FORMAS EQUIVALENTES E VARIANTES DO *DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA* (HOUAISS, 2001)

1) **[1]ab-**
■ prefixo
de orig. lat.; em lat. era prevérbio ou prep., ocorrendo como *ab-* diante de vogal, de *h-* e das consoantes *i-* (= *j-*), *d-*, *l-*, *n-*, *r-*, *s-*; *abs-* diante de *c-* (= *k-*) e *t-* (diante de *p-*, *abs-* se reduzia a *as-*); por fim, *abs-*, diante das labiais sonoras *m-*, *u-* (= *v-*) e *b-*, se reduzia a *a-*; diante de *f-*, o prevérbio lat. era de ordinário *au-*; o sentido de *ab-* (e variantes) era de 'distanciamento, a partir de, depois de'; em port., em cultismos, e, por isso mesmo, repete-se o regime lat.: *abacto*, *abactor*, *aberrar*, *abirritar*, *abortar*, *abusar*; *abdicar*, *abjurar*, *ablação*, *abnegar*, *ab-reação*, *absímile*; *absconso*, *abstrair*; *amover*, *amovível*; observe-se que *ab-* é seguido de hífen quando se lhe junta el. começado por *r* que inicie sílaba

2) **abs-**
■ prefixo
equiv. a [1]*ab-*(ver a este)

3) **ad-**
■ prefixo
culto, da prep.lat. 'em direção a, aproximação'; na ortografia usual lat. o *d* final fica inalterado diante de pal. ou rad. iniciados por vogal, *b*, *d*, *h*, *m*, *v* (*u*): *adbibo*, *adduco*, *adhibeo*, *admoveo*, *advenio*; é assimilado diante de *c*, *f*, *g*, *l*, *n*, *p*, *r*, *s*, *t*: *accipìo*, *afflígo*, *aggèro*, *allábor*, *annumèro*, *appello*, *arripìo*, *assúmo*, *attinèo*; diante de *g* e *s* desaparece às vezes: *agnosco*, *aspicìo*, *asto*; e diante de *qu* passa a *c*: *acquiesco*; essas regras flutuaram, com o tempo e com os critérios dos filólogos que fixaram os textos críticos lat.; por via popular, a prep. *ad* é a base de nossa prep. *a*; mas, como pref., se por via popular, o *d* se assimila à consoante seguinte ou cai ante vogal, enquanto, por via erudita, além da simplificação em casos de geminação das consoantes, ocorre já a assimilação, já a preservação das duas consoantes não geminadas, sempre em emprt. do sXVI em diante: *aceder*, *aceitar*, *acender*, *acessão*, *aclamar*, *acumular*, *acusar*, *adaptar*, *adepto*, *adequar*, *aderir*, *adição*, *adimplir*, *adjacente*, *adjetivo*, *adjungir*, *adjunto*, *adjurar*, *administrar*, *admirar*, *admitir*, *adnome*, *adolescer*, *adotar*, *adúltera*, *aduzir*, *advento*, *adversário*, *advogado*, *afetação*, *aflição*, *afinidade*, *africada*, *aglutinar*, *agnome*, *agressão*, *alegação*, *alegar*, *anexo*, *anunciar*, *aparato*, *aparecer*, *apelar*, *apreender*, *aquisição*, *arrogante*, *assentir*, *atender*; observe-se que este pref. é seguido de hífen quando se lhe junta, fonicamente distinto, el. começado por *r* ou *d*: *ad-digital*, *ad-referendor*, *ad-renal*, *ad-retal*, *ad-rogas*, *ad-rostral*

4) **af-**
■ prefixo
ver *ap(o)-*

5) **al-**
■ prefixo
do art.ár. *al* (invariável), que se assimila quando se lhe seguem as consoantes *r*, *z*, *c* e *d*: *acelga*, *açucena*, *adarga*, *aduana*, *alambique*, *alarde*, *albanil*, *albornoz*, *alfanje*,

alfavaca, *alguazil*, *armazém*, *arrabil*, *azeite*, *azimute*; é de notar que, das mais de 700 palavras port. oriundas do ár., cerca de 600 são das orig. da língua até o sXVI, e um número considerável começa por esse artigo, que perdeu tal caráter totalmente na nossa língua

6) **além-**
■ prefixo
do adv. *além* (ver), com forte representação na toponímia port. (já como pref., *Alentejo*, já como comp., *Além da Ponte*), está presente em advérbios (às vezes substv. tb.) de épocas várias (com tendência à esterilidade, por estar sendo superado por *trans-* e *ultra-*): *além-atlântico*, *além-eras*, *além-fronteira(s)*, *além-mar*, *além-mundo*, *além-túmulo*; opõe-se a ***aquém-***, ver

7) **alfa-**
■ prefixo
é a letra inicial do alfabeto gr., como equivalente, numa ordinalidade, a 'primeiro'; quando se faz uso da letra propriamente dita, é ela seguida de hífen; quando, porém, sem rigor terminológico ou por freqüência de uso corrente, se usa da pal. com seu significante escrito por extenso, este se aglutina ao el. verb. seg., inclusive com ocorrências de crase ou sinalefa: *alfaaglutinação*/*alfaglutinação*; *alfa-hemoglobina*/*alfa-emoglobina/alfemoglobina*; em química **1)** indica a posição relativa de um carbono em uma cadeia orgânica com um critério variável com a classe do composto; os carbonos adjacentes são designados pelas letras vizinhas do alfabeto gr.: beta, gama, delta etc.; utilizado na localização de radicais em compostos heterofuncionais; ex.: *ácido B-cloropropiônico*; **2)** discrimina compostos isoméricos cujas propriedades diferem pelo arranjo estrutural; ex. *A-glicose* e *B-glicose*; **3)** informa características estruturais; ex.: *B-propiolactona* derivada do *ácido B-hidroxipropiônico*

8) **amb(i)-**
■ prefixo
culto, do lat. *ambi-* (equiv. ao gr. *amphi-*, ver ***anf(i)-***) 'em torno, à volta, dos dois ou vários lados'; ocorre em compostos de todos os tempos da língua, a maioria dos quais como emprt. eruditos do lat. ou como form. congêneres dentro do port., incrementadas a partir do Renascimento: *ambages*, *ambagioso*, *ambianular*, *ambidéster*, *ambidesteridade*, *ambidestreza*, *ambidestria*, *ambidestridade*, *ambidestrismo*, *ambidestro*, *ambiesquerdo*, *ambifário*, *ambígena*, *ambigênico*, *ambigenia*, *ambigênia*, *ambígeno*, *ambilateral*, *ambilevo*, *ambíparo*, *ambisporangiado*, *ambisséxuo*, *ambissinistro*, *ambitendência*, *ambitendencial*, *ambivalente*, *ambiversão*, *ambiverter*, *ambívio*

9) **a(n)-**
■ prefixo
dito privativo, negativo, do gr., mas já generalizado para rad. outros, como em *amoral*, do lat., o que permite a tríplice oposição *moral*, *imoral* e *amoral*; chegou a ser us. em lat. - *anomalia*, em Varrão, *atomus*, em Cícero (106 a.C.-43 a.C.), p.ex.; sua ocorrência é rica no vocabulário culto mod. como em *abasia*, *abionarcia*, *abiotrofia*, *ablastia*, *ablefaria*, *ablepsia*, *abraquia*, *abulia*, *acalasia*, *acaleulia*, *acampsia*, *acanônico*, *acapnia*, *acardia*, *acatalepsia*, *acatólico*, *acefalia*, *acenestesia*, *acetonemia*, *acetonuria*, *acianopsia*, *acilia*, *acinesia*, *acistia*, *aclorofilia*, *acognosia*,

acolia, *acoluria*, *acomia*, *acondroplasia*, *acoria*, *acracia*, *acrania*, *acrasia*, *acrinia*, *acrisia*, *acromia*, *acronia*, *ada(c)tilia*, *adinamia*, *adipsia*, *afacia*, *afagia*, *afania*, *afasia*, *afemia*, *afonia*, *afrasia*, *afronesia*, *agalactia*, *agamia*, *agenesia*, *agerasia*, *ageusia*, *ageustia*, *aglossia*, *agnatia*, *agnosia*, *agrafia*, *alalia*, *alamia*, *alogia*, *amastia*, *ametria*, *amielia*, *amimia*, *amiostenia*, *amiotrofia*, *amixia*, *amorfia*, *amusia*; antes de vogal (que não seja historicamente precedida de uma consoante), assume a f. *an-*: *anaeróbio*, *analfabeto*, *analgesia*, *analgia*, *anarquia*, *anartria*, *anecumênico*, *anemia*, *anencefalia*, *anepigrafia*, *anesplemia*, *anestesia*, *aneuploidia*, *anipnia*, *aniria*, *aniridia*, *anisocoria*, *anisocotidia*, *anisofilia*, *anisogamia*, *anisomelia*, *anisomorfia*, *anisotropia*, *anisuria*, *anodontia*, *anopsia*, *anorquia*, *anorquidia*, *anosmia*, *anuria*; ver, ademais, os pref.gr. ***an(a)-***, ***anf(i)-*** e ***ant(i)-***

10) **an(a)-**
■ prefixo
culto, do adv.prep.gr. *aná* 'no alto, em cima; no alto de, sobre; de baixo para cima; por, através de; durante'; ocorre em grande número de voc. já orign. gregos, já formados subseqüentemente, segundo o padrão clássico; na composição em vern., exprime basicamente as acp. de: **1)** 'de baixo para cima, em ascensão', como em *anaglifo*, *anagogia*, *ânodo*, *anádromo*, *anáfase*; **2)** 'invertido, contrário', como em *anagrama*, *anagramatismo*, *anacrônico*, *anafilaxia*, *anafiláctico*; **3)** 'de novo, reiterado', como em *anabatista*, *anatocismo*, *anaplastia*; **4)** ocorre tb. como privativo em vocábulos já de form. gr., já da terminologia médica moderna como *anacloridria*, *anacoluto*, *anáfase*, *analogia*, *anaplasma* etc. (confundindo-se, assim, com ***a(n)-*** privativo, ver, presente em *analfabeto*, *anafrodisíaco*, *analgésico*, *anemia* etc.)

11) **anf(i)-**
■ prefixo
culto, da prep.gr. *amphí* 'em volta, de ambos os lados; em torno de; em meio a, entre; a respeito de; em conseqüência de; através de; perto de; cerca de' (conexo com o lat. ***amb(i)-***, ver; ocorre em grande número de voc. já orign. gregos, já formados subseqüentemente, segundo o padrão clássico; não poucas pal. gr. com este el. entraram em lat.cl. e em lat.tar.; na composição em vern., reveste as noções de: **1)** 'de ambos os lados': *anfacanto*, *anfiartrose*, *anfíporo*, *anfísmila*; **2)** 'dualidade': *anfíbio*, *anfibologia*, *anfiprosopo*, *anfissáurio*, *anfiteísmo*, *anfitério*, *ânfora* (< *amphí-* + v. *phéró* 'o que é carregado pelas duas asas'); **3)** 'em volta (de)': *anfanto*, *anfiderme*, *anfidromias*/*anfidrômias*, *anfigastro*, *anfímano*, *anfiodonte*, *anfispermo*, *anfiteatro*; em química orgânica, pref. introduzido em meados do sXX para assinalar que os substituintes estão em posição 2 e 6: *anfibenzildioxina*

12) **anfis-**
■ prefixo
culto, de uso raro, do adv.prep.gr. *amphís* 'dos lados, nas duas extremidades; em torno de; a respeito de; longe de'; ocorre em poucos cultismos da terminologia científica: *anfisbena*, *anfisbênida*, *anfisbenídeo*, *anfisbeníneo* e *anfísdromo*; ver ***anf(i)-*** e ***anfo-***

13) **anfo-**
■ prefixo
do gr. *ámpho* (com *o* breve), der. do num.gr. *ámphó* 'ambos, os dois juntos, os dois', conexo com o lat. *ambo* - ver ***amb(i)-***; ocorre em uns quantos cultismos da

terminologia científica, do sXIX em diante: *anfodiplopia*, *anfodiplópico*, *anfodiplopsia*, *anfodiplóptico*, *anfófilo*, *anfogênico*, *anfólito*, *anfolofótrico*, *anfolofotríqueo*, *anfopeptona*, *anfopeptônico*, *anfótero*, *anfotonia*, *anfotônico*, *anfótrico*, *anfotríqueo*, *anfótropa*, *anfotropina*, *anfotropismo*

14) **ant(i)-**
■ prefixo
da prep.pref.gr. *antí* 'em frente de, de encontro a, contra, em lugar de, em oposição a'; entra, de início, na língua em pal. já formadas em gr., a partir do sXVI, tornando-se já no sXIX extremamente fecundo (o V.O. registra cerca de 1.700 voc. com o antepositivo em causa), a ponto de ser informalmente us. como subst. (*é um ânti = é do contra*) e potencializar todo tipo de derivados *ad hoc* com a noção de oposição ou contrariedade (*esta mesa é uma antimesa*, *antiabraçar*, *antidança* etc.); suas ocorrências revelam: **1)** um adj. formado de um adj.: *antimarxista*, *anti-romântico*, *anticapitalista*, *anticatólico*, *anti-soviético*; **2)** com decorrência sobre o subst. der.: *antimarxismo*, *anti-romantismo*, *anticapitalismo*, *anticatolicismo*, *anti-sovietismo*; **3)** contra doenças em geral: *antibacteriano*, *antiaftoso*, *anticanceroso*, *antimicrobiano*, *antigripal*, *antálgico*; **4)** em tecnologia é 'o que aniquila os efeitos de': *antiasfixiante*, *anticorrosivo*, *antidetonante*, *antinuclear*, *antioxidante*, *antitérmico*, *antigeriátrico*; **5)** é tb. form. para fins apositivos (isto é, quase-adjetivos, mas sem concordância gramatical): *anticalor*, antidoping, antidumping, *antiguerrilha*, *antifadiga*, *antigripe*, *antiferrugem*, *anti-radiação*; **6)** com concordância possível: *antiácido*; **7)** em química orgânica: **a)** indica a posição de substituintes na ponte molecular z de um alcano biciclo; **b)** indica a posição de grupos ligados a uma dupla ligação carbononitrogênio ou nitrogenionitrogênio; p.ex.: *sódioantibenzenodiazoato*; **8)** em medicina, em pal. simétricas de efeitos contrários recíprocos: *antifermento*, *anti-hormônio*, *anticínase*, *antituberculina*, *anti-soro*, *anti-sérum*, *antivitamina*, *anticorpo*, *antienzima*, *antitoxina*; **9)** donde a negatividade pura e simples: *anticomédia*, *antidrama*, *antipoema*, *antipoesia*, *anti-retrato*, *anti-romance*; **10)** com extensão simétrica em geografia: *anticiclone*, *antimeridiano*, *anticlinal*; em matemática: *antilogaritmo*, *antideslocamento*, *antitransformação*; em física: *antibárion*, *anticapa*, *anticsi*, *antiférmion*, *antimatéria*, *antineutrino*, *antinêutron*, *antiômega-mais*, *antipartícula*, *antipróton*, tb. us. antes do nome de partículas para indicar que alguns ou a totalidade de seus números quânticos têm valores opostos; em lingüística: *antibáquico*, *anticlímax*, *antidáctilo*, *antimetátese*, *antiparáfrase*, *antônimo*; importa notar que as f. em *ant-* (*antalgia*, *antártica*, *antélio*, *antônimo*) são ger. de velha form., já que nas novas a forma de motivação de *anti-* é tal que preserva sua integridade (*antiaéreo* e não *antaéreo* etc.)

15) **ante-**
■ prefixo
da prep.lat. *ante* 'em frente de, antes de', em palavras de vária época na língua: *anteaurora*, *anteboca*, *antebraço*, *antecâmara*, *antemanhã*, entre outras

16) **ap(o)-**
■ prefixo
do gr. *apó*, como preposição, 'distanciado, separado, contrário a; proveniente, derivado de', quer em grande número de palavras de form. original gr., quer em form. da terminologia científica, do sXIX em diante; reveste as noções de: **1)** afastando-se, separando-se (como circunstante ao processo expresso pelo

formante que o segue): *apócope*, *apóstrofo*, *apótema*; **2)** o que está afastado de; o que está contrário a (o especificado pelo formante que o segue: *apogamia*, *apogeu*; **3)** proveniente ou derivado de (esp. em vocábulos da terminologia química): *apocrênico*, *apomorfina*, *apossórbico*; entre as orign. gr., há algumas em que *apó*, antecedendo vogal com espírito rude, passa o *pi* para *phi* (*fi*), donde *aférese*, *aferético*, *afetéria*, e, daí, *afélio*, *afeliotrópico*, *afeliotropismo* etc.; corresponde ao lat. [1]***ab-***(ver); ocorre no vern. em vocábulos como *apoaconina*, *apoastro*, *apocafeína*, *apocalíptico*, *apocalipse*, *apocarpo*, *apocatástase*, *apocíntio*, *apócito*, *apocopado*, *apocopar*, *apocrifia*, *apócrifo*, *apocromático*, *apofonia*, *apofônico*, *apogâmico*, *apogístico*, *apomeiose*, *apomíctico*, *apomixia*, *aponeurologia*, *aponeurológico*, *aponeurose*, *aponeurótico*, *apopétalo*, *apoplético*, *apoplexia*, *apóstase*, *apostasia*, *apóstata*, *apostatar*, *apostrofar*, *apotega*, *apoteose*, *apoteótico*, *apótese*, *apótomo*, *apózema*, *apozemático* etc.

17) **aquém-**
■ prefixo
do adv. *aquém* (ver), com alguma representação na toponímia port., está presente em alguns advérbios, às vezes substv. ou apositivamente empregados (como se fossem adj. de dois gêneros e dois números), ger. modernos e contrastantes com as f. de ***além-*** (ver): *aquém-fronteira(s)*, *aquém-mar*, *aquém-oceano*, *aquém-pireneus* etc.; ver ***cis-***

18) **[1]ar-**
■ prefixo
1) equivalente de *a-* < lat. *ad-* 'aproximação', antes de rad. iniciados por *r-*: *arrepolhado*, *arretirar*, *arrevessar*, *arrevezar*, *arriscar*, *arrobustar*, *arrolar*, *arrombar*, *arruar*, f. esta que por vezes não se distingue da seguinte; **2)** *ar-* protético, isto é, sem outra motivação morfológica que a de 'arredondar' um voc. em face de outra f. sua sem o el. protético: *arrecuar* (*recuar*), *arremedar* (*remedar*), *arruinar* (*ruinar*), *arromper* (*romper*) etc., inclusive **3)** naqueles poucos casos em que o *ar-* parece provir da aglutinação do art. *a* à pal. em causa, como em *arruda*, *arruela* (como em *amora*)

19) **[2]ar-**
■ prefixo
do art. ár. *al*, ver ***al-***

20) **ato-**
■ prefixo
do SI, ver ***atto-***

21) **atto-**
■ prefixo
do SI, simbolizado por *a*, adotado convencionalmente do dinam. e nor. *atten* do SI, simbolizado por *a*, adotado convencionalmente do dinam. e nor. *atten* 'dezoito', pela resolução nº 8 da 12ª Conferência Geral de Pesos e Medidas de 1964, equivalente a um multiplicador 10^{-18}, seja, *um trilionésimo* da unidade indicada, p.ex., *attometro*/*attômetro* = *um trilionésimo do metro* (= *um quintilionésimo*, na nomenclatura numérica tradicional brasileira); o V.O. ainda não registra a presença desse pref., que, como no caso de *femto-*, será tb. grafado como *ato-*; são, assim,

virtuais f. como *attofarad*/*atofarad*, *attocurie*/*atocurie*, *attossegundo*/*atossegundo* etc.; fechando o círculo dos pref. do SI; ver ***exa-***

22) **bi-**
■ prefixo
vern. por generalização de uma das duas f. assumidas por *bi(s)-*, pref. lat. 'duas vezes', equivalente ao gr. *di-* (= *dis-*), os três com sentido de 'dois, duas vezes, dúplice'; a interação entre *bi-* de *bi(s)-* pertence à morfofonologia lat., mas entre esse *bi-* de *bi(s)-* e o *bi-* vern. medeiam alguns séculos, pois *bi-* como pref. numeral introduzido por químicos ing. para traduzir na nomenclatura as teorias atomísticas então recentes de Dalton (*Chemical Philosophy*, 1808) sobre "a combinação das moléculas elementares" e sobre "os múltiplos simples" levou Wollaston a propor *binoxalato* e *quadroxalato* (1810, *Monthly Report*, extratado no *Bulletin de Pharmacie*, t. II); em 1816, Thompson empregou *bichloride*, *biodide* etc.; Gay-Lussac interpretava assim esse novo morfema: "Por *bisulphite* [*bissulfeto*] entendemos um *sulfite* que contém duas vezes mais ácido sulfuroso que o precedente (*sulfite*), ou dois átomos" (*Ann. de Ch. et Phys.*, 1820, t. XIII); em conseqüência, *bi-* (que entrará em concorrência com *di-*) poderá indicar, segundo a evolução das teorias químicas, como os restantes outros pref. numerais, a presença de dois volumes equivalentes, funções etc. (*apud* DVSav, *s.v.* 2.Bi-); a interação referida de início ocorreu tb. entre *bi(s)-* lat. e *di-* gr., como o lat. *dígamo*, do gr., que alterna com o lat. *bígamo*, ambos 'casado duas vezes', variando apenas o pref.: assim, o pref. *bi-*, embora de inovação tardia (em ing., fr., port. etc.), criou fundas raízes (ademais da química), ocorrendo num forte número de prefixados com ele - o V.O. registra cerca de 500 voc. com esse pref.; relembremos que o uso em química de *bi-* com a mesma função de indicar 'dois, duas vezes, dúplice', independentemente da orig. da base mórfica a que se ligue, gera um bom número de hibridismos terminologicamente aceitos (*biacetenilcarbônico*, *biacetenilo*, *biacetilo*, *biácido*, *biacromial*, *bibásico*, *biborato*, *bicarbonado*, *bicarbonato* etc.), só se podendo afirmar se essa hibridação é anterior ou posterior à que se verificou em outras áreas temáticas pela cronologia dos voc. integrantes (p.ex., *bianterífero*, *biartrose*, *biatômico*, *bifonêmico*, *bifosfito* etc.); ver ***bi(s)-*** e ^{1}***di-***

23) **bi(s)-**
■ prefixo
do advérbio lat. *bis* 'duas vezes', de que se fez o pref. *bi-* 'dois, duas vezes', os quais já em lat. concorrem, por vezes, sem possível distinção morfossemântica; ocorre em: *biarco*, *biarquia*, *bíceps*/*bicípite*, *bicínio*, *biclínio*, *bicolor*, *bicolóreo*, *bicorne*, *bicorníger*o, *bicorpóreo*, *bidental*, *bidente*, *bíduo*, *bienal*, *biênio*, *biface*, *bifário*, *bífero*, *bífido*, *bifilo*, *bífora*, *bifronte*, *biga*, *bígamo*, *bigário*, *bigêmeo*, *bigênere*, *bíjugo*, *bilice*, *bilíngüe*, *bilocular*, *bímare*, *bimembre*, *bimensal*, *bimestre*, *bimo*, *binário*, *binome*, *binômio*, *binubo*, *bipartição*, *bipartido*, *bipartir*, *bipedal*, *bipene*, *bipenífero*, *bípede*, *bíplex*/*bíplice*, *biplicado*, *birrefringente*, *birreme*, *bírrota*/*bírota*, *bis*, *bisavó*, *bisavô*, *bissílabo*, *bissulco*, *bissultor*/*bisultor*, *bitemporal*, *biunívoco*, *bivalve*, *bívio*, *bívira*; em química orgânica, *bis-* indica que um grupo de átomos ou um radical se apresenta duas vezes na mesma molécula, p.ex., *bisfenol A*, de fórmula $(CH_3)_2C(C_6H_5OH)_2$ onde C_6H_5OH é o grupo fenólico; ver ***bi-***

24) **carbamoil-**
■ prefixo
em química orgânica, indica a presença do radical -$CONH^2$ (amido) em um radical orgânico; p.ex.: *carbamoilcarbâmico*, *carbamoilmaleâmico* etc.; ver ***carbon-***

25) **carbonil-**
■ prefixo
em química orgânica, indica a presença do grupo =CO em um composto orgânico; p.ex.: *carbonilemoglobina*, *carbonildiamida* (uréia) etc.; ver ***carbon-***

26) **carbox(i)-**
■ prefixo
em química orgânica indica a presença do grupo -COOH (carboxila) em um composto orgânico; p.ex.: *carboxamida*, *carboximetilcelulose*

27) **cata-**
■ prefixo
culto, do adv.prep.gr. *katá* 'embaixo, para baixo, no fundo, atrás, sobre, cerca de, através de, de um extremo a outro, completamente'; p.ana. com simples idéia de direção: 'diante de', de hostilidade: 'contra'; de intenso emprego em gr. apesar ou por causa de sua multiplicidade de sentidos e funções, representa-se no lat.vulg. *cata* (e foi us. por são Jerônimo, 340-420 d.C.), donde o cat.esp.port. *cada*, fr. *chacun*, *chaque*, it.ant. *caduno*, *catuno*, it. *cadauno*; em gr., ocorre na f. *kat-* antes de vogal não aspirada e na f. *kath-* antes de vogal aspirada, f. sob as quais, como pref., se aglutina a der. assim cunhada; há presença deste antepositivo, já em palavras de form. orign. gr., já em palavras analogicamente formadas na nomenclatura científica: *catábase*, *catabibasmo*, *catabolismo*, *cataclismo*, *catacrese*, *catádromo*, *catadupa*, *catáfase*, *catáfora*, *catalepsia*, *catalisar*, *catálise*, *catalogar*, *catálogo*, *catamênio*, *cataplasma*, *cataplexia*, *catapulta*, *catatimia*, *catatonia* etc.; ver ***cadastr-*** e ***cato-***

28) **centi-**
■ prefixo
do lat. *centum*, adotado em 1793 como equiv. a 'centésima parte' no SI, por proposta de Claude Antoine Prieur-Duvernois (1763-1832) - símbolo *c* e valor 10^{-2}; cumpre notar que *centi-*, do SI, foi deduzido do fr. *centime* 'centésima parte do franco', segundo o modelo de *décime* 'décima parte do franco', segundo o padrão do lat. *decìmus* 'décimo'; ver ^{1}***mili-***; ver tb. ***cent(i)-***

29) **circo-**
■ prefixo
ver ***circum-***, *in fine*

30) **circum-**
■ prefixo
culto, do lat. *circum-* da prep.lat. *circum* 'em torno de, em volta de; por (com idéia de movimento); ao pé de, perto de, nas imediações de'; *circum* é o acus. de *circus,i* 'círculo', tomado adverbialmente, cog. do gr. *kírkos,ou* 'anel' ou talvez ant. emprt. deste [ver ***circ(ul)-***]; em vern. *circum-* apresenta uma ocorrência talvez do sXIV (*circuncidar*) e, daí em diante, com ocorrências em número crescente até o sXIX, quando se marca por um sem-número de prefixados; no Brasil, é seguido de hífen

quando se lhe junta el. começado por vogal ou *h*, contraindo-se com o *n* ou *m* em casos de el. começados por *n* ou *m*: nestes dois casos, em Portugal, ocorre a duplicação com hífen intermediado (*circumurado*/*circum-murado*, *circunavegação*/*circum-navegação*): *circumediterrâneo*, *circumpalpebral*, *circumpercorrer*, *circumpercorrido*, *circumpercurso*, *circumpolaridade*, *circumposição*, *circumurado*, *circum-uretral*, *circunavegação*, *circuncelião*, *circuncélio*, *circuncêntrico*, *circuncidar*, *circuncircular*, *circuncírculo*, *circuncisão*, *circuncisfláutico*, *circunciso*, *circuncluso*, *circuncrescência*, *circuncrescente*, *circundar*, *circundenudação*, *circundenudado*, *circundução*, *circundutar*, *circundu(c)to*, *circuneutro*, *circunfarigiano*, *circunferência*, *circunflexão*, *circunflexo*, *circunfluir*, *circungirar*, *circunlabial*, *circunlocução*, *circunlóquio*, *circunlunar*, *circunrevolto*, *circunscrever*, *circunsessão*, *circunséssil*, *circunspecionar*, *circunspe(c)to*, *circunstância*, *circunstanciar*, *circunstante*, *circunstar*, *circunterrestre*, *circuntornar*, *circuntropical*, *circunvagar*, *circunvicinal*, *circunvizinhança*, *circunvoar*, *circunvolver* etc.; as f. em *circo-* (*circotelúrico*, *circoterrestre*) são tentativas modernas de vernaculização do el. prefixal, mas sem repercussão ou aceitabilidade, por ora

31) **circun-**
■ prefixo
→ ***circum-***

32) **cis-**
■ prefixo
da prep. lat. de ac. *cis* 'aquém, da parte de cá de' (p.opos. a *trans*), já de emprego prefixal em lat., de progressiva divulgação em port., a partir do sXVI, com preservação do seu caráter de eruditismo: *cis*, *cisalpino*, *cisandino*, *cisatlântico*, *cisbalcânico*, *cisbáltico*, *cisbordo*, *ciscarpático*, *ciscaspiano*, *ciscaucasiano*, *ciscaucásico*, *ciscaucásio*, *ciscudano*, *cisdanubiano*, *cisfretano*, *cisgangético*, *cisjordano*, *cisjurano*, *cisleitano*, *cislunar*, *cismontanismo*, *cismontano*, *cisnetuniano*, *cispacífico*, *cispirenaico*, *cisplatense*, *cisplatino*, *cispolar*, *cispontino*, *cisrenano*, *cisserrano*, *cistagano*, *cistiberino*, *cistibrino*, *cistigrino*, *cistigritano*, *cisuraliano*, *cisurálico*, *cisuraniano*, *cisurânico*

33) **cloril-**
■ prefixo
em química, indica a presença do radical -ClO; p.ex.: *clorileno*

34) **co-**
■ prefixo
do lat., prep. *cum* 'com' - numa das suas f. *co-*, *com-*, *con-*, *col-* -, em eruditismos do sXVI em diante; tanto a regra bras. quanto a port. recomendam que, com relação a *co-*, seja escrito com hífen, se a pal. seg. tiver existência autônoma e o sentido de *co-* for de 'a par de' (regra que, diga-se criticamente, cria muito embaraço, freqüentemente, ao usuário): englobando todas as f. anteriormente referidas deste pref., o V.O. registra cerca de 7 mil pal. assim prefixadas

35) **col-**
■ prefixo
lat. 'com', ver ***co-***

36) **com-**
■ prefixo
lat. 'com', ver *co-*

37) **[1]con-**
■ prefixo
lat. 'com', ver *co-*

38) **contro-**
■ prefixo
culto, do lat. *contro*, forma de abl. masculino, var. do lat. *contra-* , ver

39) **[1]cor-**
■ prefixo
do pref.lat. *cum* 'com', ver em *co-*

40) **[1]cos-**
■ prefixo
lat. 'com', ver em *co-*

41) **de-**
■ prefixo
der. da prep.lat. *de* 'de cima de; de, fora de, procedente de; em, sobre, no alto de, debaixo de; depois de; do meio de; à custa de; feito de; em vez de; por causa de; acerca de; contra'; ocorre em grande número de voc. formados no próprio lat., muitos dos quais introduzidos desde as orig. da língua, como *declarar*, *declinar*, *decorrer*, *defeito*, *defender*, *definido*, *defunto*, *deleitar*, *demais*, *demitir* etc.; na composição em vern., reveste as noções de: **1)** movimento de cima para baixo, descida: *decurso*, *defluxo*, *dejeção*, *devolver*; **2)** afastamento, separação, repulsa: *demover*, *deprecação*, *derivar*, *detestar*; **3)** diminuição, redução: *decapitar*, *decrescer*, *dedução*, *deduzir*; **4)** privação, negação: *decompor*, *deforme*, *delir*, *demente*; **5)** acabamento, consumação: *debelar*, *depauperar*, *determinar*; **6)** intensidade: *dearticular*, *dessudação*, *detonar*; **7)** progressão, continuação: *decair*, *deperecer*; há casos em que o sentido de *de-* se enfraqueceu, servindo o pref. apenas para renovar uma f. simples: *dealbar*, *deambular*; o V.O. consigna grande cópia de pal. com este antepositivo, dos mais prolíficos da língua port.; por sua função, confunde-se com o pref. *des-*, embora seja um cultismo, em face do vulgarismo *des-*; em conseqüência, na neologia mais recente, ocorrem voc. em Portugal preferentemente em *de-* ou *des-*, em contraste com formas brasileiras em *des-* ou *de-*, correspondentemente (*descodificar*/*decodificar*, *descolar*/*decolar*)

42) **de(s)-**
■ prefixo
em química, indica remoção de átomo, radical, molécula de água etc.: *deaminação*, *deoxirribose*, *desoxirribonucléico* etc., ou remoção do anel terminal (simbolizado por uma letra) de uma estrutura policíclica; p.ex.: *des-A-androstano*; ver *de-* e *des-*

43) **deci-**
■ prefixo
adotado pelo SI em 1793, na França, cujo valor é 10^{-1}, símbolo *d*, para indicar a décima parte de uma unidade métrica determinada; a f. foi deduzida do fr. *décime* 'décima parte do franco', pal. calcada no lat. *decìmus,a,um* 'décimo,a', *décime* que serviu de padrão para o fr. *centime*, em lugar de *centesime* (postulado pelo lat. *centesìmus,a,um*); o tipo de prefixação fr. prevaleceu internacionalmente: *decibel*, *decibelímetro*, *decígrado*, *decigrama*, *decilitro*, *decímetro*, *decimotor*, *decinormal*, *decistério* etc.

44) **des-**
■ prefixo
de form. vern., extremamente prolífico, sobre o qual comenta J.P. Machado: "De indubitável origem latina, não se esclareceu ainda definitivamente de que palavra ou locução; há duas sugestões: *dis-*, para uns; *de ex* para outros (...)"; exprime sobretudo: **1)** oposição, negação ou falta: *desabrigo*, *desamor*, *desarmonia*, *desconfiança*, *descortês*, *desleal*, *desproporção, dessaboroso*; **2)** separação, afastamento: *descascar*, *desembolsar*, *desenterrar*, *desmascarar*; **3)** aumento, reforço, intensidade: *desafastar*, *desaliviar*, *desapartar*, *desferir*, *desinfeliz*, *desinquieto*; ver o que é dito *in fine* de ***de-***, sem conexão com este *des-*

45) **[1]di-**
■ prefixo
do gr. *di-* <gr. *dís-* 'duas vezes', redução ocorrida no próprio gr.cl.; aparece a partir do sXIX, em palavras como *diadelfo*, *diandria*, *diandro*, *diarquia*, *dibásico*, *dibranquiado*, *dibrânquio*, *dicarboxílico*, *dicarpelar*, *dicatalé(c)tico*, *dicéfalo*, *dicetona*, *diclamídeo*, *dicloreto*, *dicotilédone*, *dicotiledônea*, *dicotiledôneas*, *dicotiledônio*, *didáctilo*, *didínamo*, *diecia*, *dieco*, *diédrico*, *diedro*, *difásico*, *difilo*, *difiodonte*, *digástrico*, *dígono*, *dígrafo*, *digrama*, *diidroxilado*, *dilobulado*, *diodo*/*díodo*, *dióico*, *diperiantado*, *dipétalo*, *diplegia*, *dipnóico*, *dipterígio*, *dispermático*, *dispérmico*, *dispermo* etc.; em química, *di-* marca que se trata de 'duas moléculas' ou 'dois átomos' ou de uma 'dupla função', introduzido em química orgânica por Laurent, com *diamida* (1848); mais tarde, o pref. será empregado para nomear compostos bissubstituídos

46) **[2]di-**
■ prefixo
do vocabulário comum, presente em numerosos e antigos cultismos tomados do lat., em que é mais integrado com a base (*diverso*, *disputa*, *divórcio* etc.), mas que intervém tb. na form. de alguns cultismos (*difração*, *distorção*, *distratado* etc.), em que se mantém o valor dos pref. lat. *di-*, *dif-*, *dis-*, que marcam em geral a separação (*dissuasão*) ou, às vezes, a negação (*difícil* < lat. *difficìlis,e*)

47) **di(a)-**
■ prefixo
culto, do adv. prep. gr. *diá* 'através; através de, ao longo de, durante, por meio de, por, por causa de'; ocorre em grande número de voc. já orign. gregos, já formados, subseqüentemente, segundo o padrão clássico; na composição em vern., reveste as acp. de: **1)** 'separação, dissociação, dispersão': *dialética*, *diálise*, *diérese*; **2)** 'movimento ou passagem através de': *diacústico*, *diáfano*, *diafragma*, *diâmetro*;

3) 'relação entre pessoas': *dialogar*, *diálogo*; **4)** 'negação': *dialétrico*, *diamagnético*; ocorre interpositivamente em vocábulos como *acristalodiafania*, *eletrodiafania*, *eletrodiagnóstico*, *eletrodiálise*, *eletrodialítico*, *eletrodiapasão*

48) **-dia-**
■ prefixo
culto, us. interpositivamente, ver *in fine* de ***di(a)-***

49) **[1]dis-**
■ prefixo
culto, do lat. *dis-* (partícula us. apenas como primeiro termo de der.); reveste as noções de: **1)** 'separação, disjunção': *discernir*, *dissidência*, *dissolver*; **2)** 'dispersão': *difluir*, *difração*, *difundir*, *dimanar*, *discorrer*, *dissipar*, *distender*, *divulgar*; **3)** 'negação, oposição': *difamar*, *difícil*, *discordar*, *díspar*, *dissentir*, *dissociar*, *díssono*, *dissuasão*; **4)** 'intensidade, aumento, reforço': *disquisição*, *dissimular*, *dissolver*, *distenso*; **5)** 'ordem, arranjo, seriação': *dispor*, *distribuir*; observar que o *-s-* sofre síncope diante de consoante que não *c*, *j*, *p*, *q*, *s* e *t*, e sonoriza-se (rotacismo, fenômeno ocorrente no próprio lat.) diante de vogal ou *h*: *dirigir*, *dirimir*; o pref. *dis-* é tb. fonte, pelo vulg., de ***des-*** (ver)

50) **[2]dis-**
■ prefixo
do gr. *dús-* (por contraposição a *eû-* e *a-*), de grande vitalidade no próprio gr.cl., abundantemente representado na terminologia científica, o pref. exprime as idéias de: **1)** 'dificuldade, perturbação': *disartria*, *díscolo*, *disenteria*, *dispepsia*, *dispnéia*, *distanasia*, *distocia*, *disúria*; **2)** 'enfraquecimento': *dismnesia*, *disogmia*, *disopia*, *distaxia*; **3)** 'falta, privação': *disbulia*, *dissimetria*, *dissimétrico*

51) **[3]dis-**
■ prefixo
ver [2]***di-***

52) **ec-**
■ prefixo
de *ek-*, var. do pref.prep.gr. *eks-* 'fora de' (ver ***ex-***); empregada diante de consoante, como no gr. *eklesiastikós,ê,ón* (< lat. *ecclesiastìcus* > *eclesiástico* [sXIV]), *ekletikós,ê,ón* (> *eclético*); tal f. prefixal aparece, entre outros, nos segg. cultismos: *écbase*, *ecblastese*, *écbola*, *ecbólade*, *ecbólico*, *ecbolina*, *ecbólio*, *ecdêmico*, *ecdora*, *ecdótica*, *ecfiadite*, *ecfilaxia*, *écfora*, *ecforia*, *ecfrase*, *ecletismo*, *ecletista*, *eclipsação*, *eclipsado*, *eclipsal*, *eclipsamento*, *eclipsante*, *eclipsar*, *eclipsável*, *eclipse*, *eclíptico*; *eczema* e der. - ver ***eczem(at)-***; notar que a consciência do pref. é inexistente nos usuários em geral; ver [1]***exo-***

53) **ecto-**
■ prefixo
antepositivo, do adv.prep.gr. *ektós* 'fora, fora de, por fora, de fora', na terminologia científica do sXIX em diante; o V.O. registra, entre *ectoantígeno* e *ectozoário*, cerca de 150 comp. com este antepositivo; notar que em *ectomia* (e derivados) não há este *ecto-*, mas seu conexo ***ec-***, ver

54) **ef-**
■ prefixo
por *epi-* do gr. *epí* 'em cima; muito perto; além de etc.' ver ***ep(i)-***

55) **em-**
■ prefixo
do pref. lat. *in-*, ver [1]***en-***

56) [1]**en-**
■ prefixo
var. vern. *en-* do pref. *in-* (lat.) 'em, a, sobre; superposição; aproximação; introdução; transformação etc.', este, da raiz indo-européia **en-* 'no interior de; em', que, à frente de voc. iniciados por *p* e *b*, passa a *em-*; em curso no vern. desde as orig. da língua, tal pref. ocorre em voc. de vária época, formados já no próprio lat. (*encetar* [< *inceptare*], *encruescer* [< *incrudescere*], *encurvação* [< *incurvatione*], *ensinar* [< *insignare*], *enviar* [< *inviare*], *envolver* [< *involvere*] - em geral por via erudita), já nas modernas línguas de cultura (*empatar* [<it. *impattare* < *in-* + *patta* 'empate no jogo' + *-are*], *engrenagem* [<fr. *engrenage*, 1709], *engrenar* [< fr. *engrener*, 1195]), já no próprio vern. (*embotijar*, *encaramelar*, *encharcar*, *endireitar*); de larga expressão no port., esta f. prefixal apresenta sentidos registrados no próprio lat. e alguns outros que se desenvolveram nas línguas modernas; no vern., o pref. *en-*, que ocorre em voc. verbais e nominais, em geral pode ser visto em pal. com as idéias de: **1)** 'movimento sobre; justaposição', esp. em verbos com as noções de 'colocar ou pôr (palavra base) em', ou 'adornar, ornar ou guarnecer com (palavra base)': *embonecar*, *embotilhar*, *embrincar*, *empanar* 'passar na farinha de trigo e no ovo', *empavesar*, *encabrestar*, *encangalhar*, *enchocalhar*, *encordoar*, *encravelhar*, *enfiar* etc.; **2)** 'penetração em determinado espaço', em verbos com a noção de 'meter ou colocar em (palavra base)': *embolsar*, *emboscar*, *emprisionar*, *encaixar*, *encaminhar*, *encarcerar*, *encarretar*, *enclausurar*, *enfornar*, *enfrascar*, *engaiolar* etc.; **3)** *p.ext.* 'cobrir com (palavra base)': *encapuzar* etc.; **4)** 'aproximação; em direção a (palavra base)': *encarar*, *encostar* etc.; **5)** 'aquisição de uma qualidade ou de um estado novo; transformação', em verbos, com as noções de 'tornar(-se) (palavra base)', ou 'converter em (palavra base)', ou 'dar forma de (palavra base)': *embodegar*, *embodocar*, *embolar* 'reduzir a bolo', *embrandecer*, *embranquecer*, *empastar*, *empavonar*, *empedrar*, *emperrar*, *emplumar*, *empobrecer*, *encalmar*, *encaramelar*, *encarvoar*, *encharcar*, *endireitar*, *endurecer*, *enfraquecer*, *engrandecer*, *engravidar*, *enobrecer* etc.; **6)** 'transformação' ligando-se à de 'superposição, justaposição', em verbos com a noção de 'formar (palavra base)': *encadear*, *encadernar*, *encadurmar* etc.; **7)** 'movimento sobre, justaposição', donde a de 'colocação em excesso', daí a noção, em alguns v., de 'encher(-se) de ou com (palavra base)': *embostelar*, *encarapichar*, *endinheirar*, *enfumaçar* etc.; **8)** ainda da idéia de 'superposição', ligando-se à de 'penetração', a noção de 'prender ou firmar com (palavra base)', em verbos como: *encravar*, *enganchar* etc.; **9)** 'dar ou criar (palavra base)': *enflorar*, *enfrutar*, *enfrutecer* etc.; **10)** em substantivos, a noção de 'ato ou efeito de (verbo base)': *embalagem*, *empobrecimento*, *encarceramento*, *encardimento*, *encastramento*, *enfatuação*, *enlaçamento* etc.; **11)** nos adj. (part.), em geral, as noções referentes aos v. dos quais tais voc. advêm ('transformado ou convertido em', 'colocado ou posto em' etc.): *endurecido*, *enfraquecido*, *enfumaçado*, *engaiolado* etc.

57) **[2]en-**
■ prefixo
culto, do gr. *en*, prep. e adv. 'em, dentro'; em gr., **1)** como prevérbio, significa **a**) 'em': *enoráó* 'ver em ou sobre, observar em ou sobre; fixar os olhos sobre', *endéó* 'ligar em ou a'; **b**) 'diante': *endeíknumi* 'mostrar diante, designar; explicar, expor'; **2)** associado a um adj., significa **a)** 'um pouco' (com um sentido de atenuação): *énsimos* 'com nariz um tanto achatado'; **b)** 'nos limites de, na medida de, de acordo com': *énnomos* 'de acordo com a lei, legal, legítimo; que se conforma às leis, justo; bem regulado, harmonioso'; em vern., ocorre quase que exclusivamente em cultismos já cunhados no próprio gr. (apresentando, a par da f. *en-*, tb. as f. *em-* e *e-*): *elipse* (< gr. *élleipsis*), *emblema* (< gr. *émbléma*), *empiema* (< gr. *empúéma*, propriamente 'abscesso interno'), *emplastro* (< gr. *émplastron*), *enálage* (< gr. *enallagê*), *enantema* (< gr. *en-* + *-anthema*, der. do v. *anthéó* 'florescer'), *encéfalo* (< gr. *egképhalos*), *energia* (< gr. *enérgeia*), *entusiasmo* (< gr. *enthousiasmós*), *enzima* (< gr. *en-* + gr. *zúmé* 'fermento')

58) **end(o)-**
■ prefixo
do adv.prep. gr. *éndon* 'dentro, interiormente; no interior de'; este da prep.gr. *en* 'em; em direção a; ao lado de etc.', proveniente de uma raiz i.-e. **en* 'em, no interior de', ver [1]*en-*;ocorre já em voc. orign. grego, como *endógene/endógeno (endogenês),* já em cultismos, ger. das biociências, do sXIX em diante, entre os quais: *endabdominal, endadelfo, endameba, endaneurismorrafia, endaortite, endartéria/endoartéria, endartrite, endenergética, endestésico/endestético, endobacilar, endobiose, endoblasto, endobrânquio, endocárdio, endocárpio, endocéfalo, endocelular, endocímio, endócito, endocolite, endocório, endócrimo, endoderma/endoderme, endofauna, endófito, endogamia, endoglobular, endognatia, endolinfa, endometamórfico, endomiceto, endomorfia, endoneuro, endoparasita/endoparasito, endopatia, endorradiografia, endorréia, endoscopia, endoteca, endovenoso, endozoário;* é freqüente, neles, o contraste *endo-* 'dentro'*: ex*(*o*)- 'fora' (*endógeno: exógeno*) e, com o mesmo valor, *end*(*o*)-*: ecto-* (*endoderma: ectoderma*)

59) **entre-**
■ prefixo
correspondente à prep.port. *entre* < lat. *inter* 'entre, no meio de', caracterizado na língua já no port.medv. (onde coexistiram as f. *antra-*, *antre-* e *ontre-*, daí *antralinhar*, *antrecambar*, *antrecorrer*, *antremeter* e *ontretanto*), e sobretudo a partir do Renascimento (*entrecostado*, *entrecosto*, *entredia*, *entredizer*, *entreforro*, *entremez*, *entretenimento*, *entreter*, *entretimento*, *entrever*); reveste precipuamente as noções de: **1)** 'interposição no tempo': *entreato*, *entrecena*, *entremesa*; **2)** 'interposição no espaço': *entrecasca*, *entrecovo*, *entreforro*, *entrenó*, *entresseio*; **3)** 'reciprocidade (às vezes com idéia de oposição)': *entreamor*, *entrebater*, *entrechocar*, *entreligar*, *entrematar*, *entreunir*; **4)** 'quase, um pouco, ligeiramente': *entreabrir*, *entreadivinhar*, *entrebranco*, *entreconhecer*, *entrefechar*; **5)** 'início de ação': *entreluzir*; o V.O. registra cerca de três centenas de termos com este pref., observando que só é seguido de hífen quando se lhe junta voc. começado por *h* (*entre-hostil*); ver ***inter-***

60) **ep(i)-**
■ prefixo
do gr. *epí* 'em cima; muito perto; depois, a seguir; além de, e também; sobre, em cima de; em; no meio de; segundo, conforme a; por, por causa de, em vista de; com respeito a; ao alcance de, no poder de; contra etc.'; do ponto de vista morfológico, como pref. de voc. orign. gregos, apresenta-se como *ef-* antes de rad. aspirados (com espírito rude), como *ep-* (por elisão, isto é, antes de rad. começados por vogal sem espírito rude); em port., aparece quase que só em cultismos tirados diretamente do gr. (ou via lat.), apresentando, em conseqüência, baixo índice interno de fecundidade; suas ocorrências começam a manifestar-se, em port., a partir do Renascimento, com as acp. de **1)** 'sobre, por cima de': *epiblema*, *epicarpo*, *epicentro*, *epiderme*, *epífito*, *epígino*, *epiglote*, *epipétalo*; **2)** 'a mais, somado a': *epanalepse*, *epêntese*, *epifania*, *epifenômeno*, *epifonema*, *epigênese*; em química: **3)** indica molécula (ou radical) relacionada, de alguma forma, a outra, tomada como referência: *epicolesterol*, *epiramnosa* (epímeros do colesterol e da ramnosa); **4)** indica molécula que se distingue de outra pela presença de uma ligação em ponte entre átomos não vizinhos de uma cadeia (esp. em anéis aromáticos): *epicloridrina*, *epidioxifenantreno*

61) **es-**
■ prefixo
de form. vern. do lat. *ex-* (ver ***ex-*** [**2**]); exprime: **1)** 'movimento para fora': *escodear*, *esgorjar*, *espraiar*, *estender*; **2)** 'privação, extração': *escarrar*, *esmiolar*; **3)** 'oposição': *esconar*; **4)** 'iteração': *esmurrar*; **5)** 'transformação': *esfriar*, *esquentar*; **6)** 'redução a fragmentos': *esboroar*, *esfiapar*, *esfrangalhar*; *p.ext.*, reveste sentido freqüentativo (*escabrear*, *espernear*, *esbracejar*) ou intensivo (*esgoelar*, *esturrar*); observar que, em alguns casos, *es-* equivale ao pref. ***des-*** (ver): *escabelado*/*descabelado*, *esfazer*/*desfazer*, *esperdiçar*/*desperdiçar*; observar tb. que, freqüentemente, *es-* é um falso pref., resultante da prótese de um *e-* em voc. gregos (*esfíncter*, *esfragístico*, *esfacelo* etc.), lat. (*escama*, *escrever*, *escrutínio*, *espelho*, *estrela* etc.), it. (*esfumar*, *esmaniar*, *esmarrido*, *espadachim*, *escorraçar*, *estafar*, *estafermo*, *espaguete* etc.), ing. (*escuna*, *esnobe*, *espiche* etc.), al. (*escuma*, *espalto*, *espato* etc.), fr. (*estágio* etc.), e outros, iniciados por *s* (*absconder* > *esconder*, *absconsus* > *esconso* e *escuso*, *obscuro* > *escuro*)

62) **eu-**
■ prefixo
do gr. *eu-*, el.comp. de *eús* (adj.) 'bom, bravo, nobre'; (subst., no genit. pl. épico) 'bens, riquezas', na f. neutra *eû* (como adv.) 'bem, nobremente; regularmente; bondosamente, felizmente', muitíssimo expressivo no gr., tal el. chega ao port. como pref. através do idioma de orig. e do lat., no qual se apresenta sob as f. *eu-* e *ev-* - quando antes de vogal (donde *evangelho*, ver *infra*, e a divg. *evemia*) -, ou, ainda, através da linguagem científica internacional (lat.cien.) do sXVI em diante; ocorre em vocábulos da terminologia científica em geral (da mineralogia, arquitetura, química [ver *infra*] e, sobretudo, das biociências), cujos significados podem ser relacionados, a partir do pref., com as idéias de: **1)** 'bem': *eucalipto* (< fr. *eucalyptus* [1796] < lat.cien. < *eu-* + gr. *kaluptós* 'coberto'), *eugenina*, *euglipto*, *euglosso*, *êugrafo*, *eumolpo* (< fr. *eumolpe* [1839] < gr. *eúmolpos* 'que canta bem'), *euplero*, *euritmia*/*eurritmia*, *eurítmico*/*eurrítmico*, *eutermia*; **2)** 'bom': *eudiômetro*, *euemia*, *euexia*, *eufemia*, *eufêmico*, *eufemismo*, *euforia*, *eufórico*, *eugenesia*, *eugeógeno*,

eulalia, *eulogia*, *eupepsia*, *eussemia* (< gr. *eusémía* 'sinal favorável' <*eúsémos* 'bom sinal, bom agouro; evidente, claro, significativo' + *-ía*, ver *–ia*), *eustesia*, *eutéria*, *eutério*, *eutimia*, *eutrofia*; **3)** 'belo': *eucnemo*, *eucômia*, *eucroíta* (< fr. *euchroïte* < *eúkroos* 'de cor bela' + *-ite*, ver *-ita*), *eudêndrio*, *eufonia*, *êufono*, *eugleno*, *eupépida*, *eupétala*, *euplócamo*, *eustomia*; **4)** 'fácil, facilmente': *eubiótica*, *eucamptita*, *eucinesia*, *eudialita* (< fr. *eudialyte* < gr. *eudiálutos* 'de fácil dissolução'), *eudiapneustia*, *euforia* (< gr. *euphoría* 'capacidade de sustentar; produzir; fecundidade' < *eúphoros* 'fácil de carregar etc.'), *eulitina*, *eumatia*, *euplástico*, *eupnéia*, *eutanásia* (< fr. *euthanasie* < gr. *euthanasía* 'morte doce e fácil'), *euté(c)tico*, *eutrepistia*; **5)** 'belo e regular': *eustilo* (< gr. *eústulos* 'de belas colunas; cujas colunas têm disposição regular'); **6)** 'agradável': *eupatia*, *euquimo*, *eutrapelia* (< gr. *eutrapelía* 'gracejo espirituoso'); **7)** 'equilibrado; regular, regularidade, precisão': *eucrasia*, *eumetria*, *eunômia* (< gr. *eunomía* 'ordem bem regulada; modulação correta'), *êustata* (< gr. *eustathês* 'firme, sólido; regular'), *eutaxia*; **8)** 'nobre': *eupátrida* (< fr. *eupatride* < gr. *eupatridês* 'de nascimento nobre'), *eupatório*; **9)** 'feliz': *eutocia* (< fr. *eutocie* < gr. *eutokía* 'parto feliz'); **10)** 'propriamente dito' (antes de um nome designativo de uma classe): *eucopépode* (*copépode* propriamente dito); **11)** em química, indica sucedâneo (quimicamente aparentado) dotado de características mais adequadas ao uso que o produto original, um fármaco, p.ex., com menores efeitos colaterais: *eucodeína*, *eumorfina*, *euquinina*, etc.; a f. consonantizada *ev-*, não teve a mesma sorte que *eu-* no port., aparecendo nos segg. voc. vern.: *evadno*, *evangelho*, *evangeliário*, *evangélias*, *evangelical*, *evangélico*, *evangelismo*, *evangelista*, *evangelistense*, *evangelístico*, *evangelização*, *evangelizado*, *evangelizador*, *evangelizante*, *evangelizar*, *evangelizável*, *evaniócera*, *evanioceríneo*, *evemérico*, *evemerismo*, *evemerista*, *evergeta* (< fr. *evérgète* < gr. *euergétés* 'benfeitor'), *evonímea*, *evonímeo*, *evônimo* (< fr. *evonyme* < gr. *euônumos* 'que tem um belo nome, de nome honrado'), *evônimo-da-américa*, *evônimo-da-europa*, *evônimo-do-japão*, *evótomis*, *evzona*/*evzone* (do gr.mod.)

63) **ev-**
■ prefixo
de orig. gr., ver ***eu-***

64) **ex-**
■ prefixo
1) da prep.lat. *ex*/*e* 'movimento para fora, tirado de, acabamento', em port. tb. apenas *e-*, às vezes criando oposições do tipo *exportar*/*importar* 'movimento para fora'/'movimento para dentro' ou do tipo *exumar*/*inumar* 'tirar (da terra)'/'pôr dentro (da terra)', *excluir*/*incluir*, *egresso*/*ingresso*; desde os começos do sXIX, este pref. tem sido empregado, com hífen sempre, para indicar que uma pessoa deixou de ser algo (função, cargo etc.) - *ex-amigo*, *ex-presidente*, *ex-deputado*, *ex-noiva*, *ex-marido* etc. **2)** do pref.prep.gr. *eks-* 'fora de', conexo com ***ec-***, ver, em geral com os sentidos coincidentes em lat. e em gr. (e, em ambos os casos, em pal. em que a consciência da prefixação é nula para o comum dos usuários); sem distinção de orig., o V.O. registra cerca de 1.500 pal. com esses pref., numa proporção de 3:1 entre latinas e gregas; notar, por fim, que, em f. muito popularizadas lat., há *es-* (*escusar*, p.ex.); ver ***¹exo-***

65) **exa-**
■ prefixo
do SI, simbolizado por *E*, adp. arbitrária do gr. *héks* 'seis', prefixalmente *heksa*, adotado na 15ª Conferência Geral de Pesos e Medidas (resolução nº 10), em 1975, equivalente a um multiplicador 10^{18}, ou seja, *um trilião* (de vezes a unidade indicada, p.ex., *exatonelada* = *um trilião de toneladas* [na nomenclatura moderna da numeração, correspondente à tradicional, não recomendada, *um quintilião*]); *exaare*, *exabel*, *exagrama*, *exalitro*, *exalux*, *exametro*/*exâmetro* (não confundir com *hexâmetro*), *exastilb*; *exatonelada*, ver ***peta-***

66) [1]**exo-**
■ prefixo
corresponde ao adv.prep.gr. *éksó* 'fora, de fora, por fora, afora', que ocorre em cultismos port. do sXIX em diante, muitos em áreas das ciências em geral; morficamente conexo com os pref. gr. tratados em ***ex-*** e ***ec-*** (vê-los), cumpre levar em conta a form.: p.ex., em *exoftalmia* há *ex-* enquanto em *exocrânia*, *exoplasma* há este *exo-*; o V.O. registra entre *exoácea* e *exouvir* cerca de 300 pal. iniciadas com *exo-*, das quais mais de 270 têm o pref. *exo-* aqui considerado; o V.O. indica, como pronúncia do *-x-* em causa, quer /z/ quer /cs/, não encampando o valor de /gz/, que ocorre por vezes como ultracorreção em falantes de ing. ou fr.

67) **extra-**
■ prefixo
culto, do adv.prep.pref.lat. *extra* 'na parte de fora, externamente; fora de, além de, à exceção de' (< *extera*, ver ***ex-***, ***-ter-*** e ***-a***); de divulgação tardia na língua (sXV, *extraordinário*), mas aos poucos desenvolvendo sua fecundidade, maior do que a do seu antônimo ***intra-*** (ver), tal pref. ocorre em voc. formados já no próprio lat. (*extramundano* < lat. *extramundánus* 'que está fora do mundo terráqueo'), já no vern. à feição erudita (*extrajudicial*, *extraviar*), já sob influxo de outra língua (*extravagância* < fr. *extravagance*); vale notar a ocorrência deste pref. como superlativizante, tal como em *extra-agudo*, *extrabobo*, *extracanalha*, *extrachato*, *extracurioso*, *extradoce*, *extraduro*, *extralento*, *extraleve*, *extrapuro*, *extra-rápido*, *extra-rígido*, *extra-rijo*, *extra-seco*, *extra-sublime*; deste lat. *extra* deriva o adj. *extranèus,a,um* 'que é de fora; não pertencente a uma família; estrangeiro', ver ***estranh-*** e ***estrangeir-***

68) **femto-**
■ prefixo
do SI, simbolizado por *f*, adotado convencionalmente do dinam. e nor. *femten* 'quinze', pela resolução nº 8 da 12ª Conferência Geral de Pesos e Medidas, de 1964, equivalente a um multiplicador 10^{-15}, seja, *um milésimo bilionésimo* da unidade indicada, p.ex., *femtowatt* = *um milésimo bilionésimo do watt* (= *um quatrilionésimo*, na nomenclatura numérica tradicional brasileira); o V.O. apenas registra *femto*, *femtometria*, *femtométrico*, *femtômetro*/*femtometro*, remetendo para a var.gráf. em *fento-* (cuja validade é óbvia, retirando porém a universalidade a que aspira a primeira f.); são assim virtuais *femtofarad*, *femtocurie*, *femtossegundo*, *femtowatt* etc. e correlatos gráficos *fentocurie*, *fentofarad*, *fentossegundo*, *fentowatt* etc.; ver ***atto-***

69) **fento-**
■ prefixo
do SI, ver ***femto-***

70) **giga-**
■ prefixo
do SI, simbolizado por *G*, adaptação arbitrária do gr. *gígas,gígantos* 'gigante' [ver ***gigant(o)-***], adotado na 11ª Conferência Geral de Pesos e Medidas (resolução nº 12), em 1960, equivalente a um multiplicador 10^9, ou seja, mil milhões (de vezes a unidade indicada, p.ex. *gigagrama = mil milhões de gramas*, na nomenclatura moderna da numeração, correspondente à tradicional, não recomendada, de um *bilião* - cf. *regra dos 6N)*; *gigaare*, *gigabel*, *gigabit*, *gigaciclo*, *gigagrama*, *gigalitro*, *gigalux*, *gigâmetro*, *gigatonelada*, *gigastilb* etc.; ver ^{1}***mega-***

71) **hal(o)-**
■ prefixo
em química, indicando a presença ou referência a um halogênio: *haloidrina*, *halotano*

72) **hidrazino-**
■ prefixo
em química, indica o radical H_2N-NH-; p. ex: 1-*hidrazinoftalazina*

73) ^{1}**hip(o)-**
■ prefixo
pref. culto do gr. *hupó* (adv. e prep., orign.) 'sob, debaixo de, embaixo' - morfologicamente conexo pelo i.-e. (raiz **ub-* [*sup-* e *sub-*] 'movimento de baixo para cima; ver ***super-***) com o lat. ***sub-*** (ver); já no próprio gr.cl. formava vocábulos com a idéia de: **1)** 'estar sob' (sem movimento): *hipogástrio* (*hupogástrion*), *hipogeu* (*hupógaion*); **2)** 'subordinação': *hipoestratego* (*hupostrátégos*); sua divulgação na língua, começada em casos episódicos a partir do sXIV, ampliou-se consideravelmente no sXIX, a tal ponto que é hoje de curso cada vez mais freqüente em várias áreas temáticas, inclusive da terminologia científica em geral, como *hifalmiroplancto*/*hifalmiroplâncton*, *hipabissal*, *hipepeno*, *hipesoforia*/*hipoesoforia*, *hipinótico*, *hipo*, *hipozóico*, *hipulina*, *hipúrgico*, dentre mais de 600 der. e comp. com este pref.

74) **hipo-**
■ prefixo
us. na terminologia química para designar composto onde o átomo central possui menor número de oxidação ou está ligado a menos átomos de oxigênio, p.ex.: HCLO, *ácido hipocloroso*; $HCLO_2$, *ácido cloroso*

75) **hiper-**
■ prefixo
culto do gr. *hupér* (adv. e prep., orign.) 'acima; acima de, sobre; por cima, superiormente, muito, demais, para lá de' - morfologicamente com a raiz indo-européia **ub-* (*sup-* e *sub-*) 'movimento de baixo para cima; elevação', com o lat. ***super-*** (ver), de que representa, modernamente, um nível quantificador acima, inclusive nos usos *ad hoc*, reverentes ou pilhéricos (*supermulher*:*hipermulher*; *supersensível*:*hipersensível*, *superexcitável*:*hiperexcitável*); sua divulgação na língua, começada em casos episódicos a partir do sXVII, foi muito ampliada no sXIX, a tal ponto que é hoje de curso cada vez mais freqüente em várias áreas temáticas, inclusive da terminologia científica em geral; o V.O. registra, entre *hiper-* (com o

lembrete, aí, de que é us. com hífen antes de pal. iniciadas por *h* ou *r*) e *hiperxerofitia*, nada menos que 800 voc. com este pref.

76) **[1]i-**
■ prefixo
ver em ***in-*** ; em química indica 'inativo', p.ex.: *i-2,3-butanodiol*

77) **ig-**
■ prefixo
equivalente a ***in-*** (ver); ocorre antes de *n*, em voc. já orign. latinos: "o *g*", como observa Carlos Góes, "é um resquício das formas arcaicas *gnotus* (por *notus*), *gnarus* (por *narus*), *gnavus* (por *navus*), *gnobilis* (por *nobilis*), e o *i* forma sincopada do prefixo *in-*, em virtude da obliteração do *n*"

78) **im-**
■ prefixo
equivalente a ***in-*** 'privativo' (ver); ocorre antes de *b* ou *p* (*imbatível*, *imbele*, *impoluto*, *imperdoável* etc.)

79) **in-**
■ prefixo
com duas fontes no lat.: **1)** do pref.lat. *in-* 'privação, negação' - tb. sob. as f. var. *il-*, *im-*, *ir-* (por assimilação total, antes dos voc. iniciados por *l*, *m* e *r*, e por assimilação parcial, antes de *b* e *p*) e *i-* (por dissimilação, antes de pal. iniciadas por *gn-*) -, oriundo da f. i.-e. **n* (fonte tb. do gr. *a-*/*an-*, ver ***a‿n‿-***), grau zero da raiz i.-e. **nè* 'não; privação'; é cultismo que começa a ser empregado na língua do sXIV em diante, prosperando em fecundidade até os dias de hoje, conformando-se aos padrões lat. originais, como pref. em adjetivos, em particípios passados e/ou supinos, em substantivos, em advérbios e em der. de tais pal. assim formadas; são raras as ocorrências populares ou popularizadas antigas (*inimicu-* > *eimigo* > *iimigo* > *imigo*); são incorporados ao léxico port. alguns latinismos com apofonia (*inimigo*, *imberbe*, *inerme*, *iníquo*, *inerte* etc.) e outros com f. arcaicas lat. (*ignoto*, *ignorante*, *ignaro*); eis algumas seqüências de exemplificação: *feliz*: *infeliz*, *lícito*: *ilícito*, *válido*: *inválido*, *polido*: *impolido*; *felicidade*: *infelicidade*, *licitude*: *ilicitude*, *validade*: *invalidade*, *validez*: *invalidez*, *polidez*: *impolidez*; *felicitar*: *infelicitar*, *validar*: *invalidar*; *felicitável*: *infelicitável*, *validação*: *invalidação*, *validante*: *invalidante*; *variavelmente*: *invariavelmente*; tais constelações morfossemânticas não presumem, desde o lat., que todos os elos tenham de existir necessariamente, assim ocorre tb. em port., que pode registrar *irrazoável*, *inumerável*, *incriável* (como antônimos de *razoável*, *numerável*, *criável*), sem obrigar a existência de **irrazoar*, **inumerar*, **incriar* - por ausência de necessidade semântica; a rigor, ocorrem por vezes usos de tal tipo, algo pedantescos: *inobstante*, *inocorrer*, *inacidente*; importa, por fim, considerar que o pref. ***des-*** , de orig. popular, é o negativo popular (*infeliz*, em certas áreas, divulgado, mas sentido como pouco negativo, se faz *desinfeliz*) na língua: assim, quando ocorrem duas f. negativas concorrentes (p.ex., *impedir*: *despedir*, *impronunciar*: *despronunciar*, *invalidar*: *desvalidar*, *inanimante*: *desanimante*), as f. com *in-* ger. correspondem a uma negação prévia, enquanto as com *des-* tendem a corresponder a uma negação do já em curso, já havido, já iniciado (*invalidar-se um concurso ainda não validado*; *desvalidar-se um que tenha sido validado*); **2)** do pref. e prep.lat. *in-* 'em, a, sobre; superposição; aproximação; transformação', de uma raiz i.-e. **en* 'no

interior; em', ver [2]*en-*; tem, em port., valor intensivo, de movimento para dentro, de repouso, de permanência, de direção, de tendência; além de ocorrer como populismo, quando em geral passa a *en-*, ocorre em eruditismos sob formas puramente lat. ou equiparáveis: *imergir*, *imigrar*, *imitir*, *impelir*, *inalável*, *inaugurar*, *incender*, *incindir*, *incitável*, *incorrer*, *incriminar*, *indigitar*, *inferência*, *infibulação*, *informar*, *inoscular*, *inspirar*, *intumescer*, *inundação* etc.

80) **infra-**
■ prefixo
culto, do lat. *infra* (adv. e prep., orign.) 'abaixo, embaixo, em posição inferior'; sua divulgação na língua é do sXIX em diante; o V.O. registra, entre *infra-* (com o lembrete, aí, de que é us. com hífen antes de pal. iniciadas por vogal, *h*, *r* ou *s*) e *infravioleta*, para mais de 90 voc. com este pref.

81) **int(us)-**
■ prefixo
culto, do lat. *intus* - adv. e prep., orign. - 'interiormente, dentro de' (< prep. e pref. *in* 'em, a, sobre; superposição; aproximação; introdução, transformação etc.', ver *in-* [**2**]), conexo com o gr. *entós* (< prep.gr. *en* 'em; movimento, em direção a etc.', da raiz indo-européia **en* 'em, no interior', ver [2]*en-*); ocorre em voc. formados no próprio lat., como *intestínum* e *intestínus* (port. *intestino*, subst. e adj., respectivamente); sua divulgação na língua (à parte *intestino*, que é do sXVI) deu-se do sXIX em diante: *intina*, *intestinal*, *intestinar*, *intestino*, *intuscepção*/*intussuscepção*, *intuspe(c)ção*, *intuspe(c)tivo*, *intuspe(c)to*; ver *ento-*

82) **inter-**
■ prefixo
culto, da prep. e prevérbio lat. *inter* 'no interior de dois; entre; no espaço de', formado pela prep. e pref. lat. *in(-)* 'em, a, sobre; superposição; aproximação; introdução; transformação etc.' (ver *in-* **[2]**) + o suf.lat. *-ter* (ver *-ter-*); ligam-se ao lat. *inter*: **1)** o adv.lat. *intèrim* 'no intervalo; entrementes' e o adv. *intrinsècus* (de **intrim* [*inter*] + *secus*) 'da parte de dentro, interiormente', ver *interi(m/n)-* e *intrínseco*; **2)** um adj. **interus* 'de dentro, do interior' [paralelo ao gr. *énteron*, ver *enter(o)-*], de que se tem conhecimento a partir do comparativo *interìor,ìus* 'mais interior; recôndito; mais íntimo; interior etc.' e do sup. *intìmus,a,um* 'o mais profundo; o mais interior; completamente interior'; ver *íntero-*, *interior-* e *intim-*; **3)** o adj. *internus,a,um* 'intérior, que está dentro', oposto a *extérnus,a,um*; ver *intern-*; **4)** o adv. *intro* 'dentro (esp. de casa)' (com verbos que expressam movimento), donde 'para dentro; para o interior; dentro de; internamente', ver *intro-*; **5)** a prep. e adv. *intra* '*prep.* dentro de (expressando posição), no interior; dentro de (período de tempo; um limite); *adv.* dentro de (uma construção); próximo ao centro; para dentro', ver *intra-*; o pref. *inter-* ocorre no port. em voc. formados já no próprio lat. (*interdição* [< lat. *interdictìo,ónis*], *intermédio* [< lat. *intermedìus*], *interpelar* [< lat. *interpelláre*], *intermitência* [< lat. *intermittentìa*] etc.), já no vern. à feição erudita (*interescolar*, *intercâmbio* etc.), já nas demais línguas modernas (*internacional* [< ing. *international*], *interferência* [< ing. *interference*], *intermediário* [< fr. *intermédiaire*] etc.); notar a existência no próprio lat. de uma rara var. *intel-* por assimilação (port. *inte-*, graças à simplificação ortográfica), ocorrente no v.lat. *intelligère* 'alcançar mentalmente, compreender; discernir; deduzir etc.' (< *inter* + *legère* 'colher; recolher etc.' [ver *leg-*]) e em seus der.

lat. (donde, no port., *intelecto*, *inteligência*, *inteligente* etc.); o lat. *inter* tb. é fonte da prep. port. *entre*, ver ***entre-***

83) **intra-**
■ prefixo
culto (seguido de hífen antes de *vogal*, *h*, *r* ou *s*), do pref./prep. e adv. lat. *intra* '(prep.) dentro de (expressando posição/período de tempo/um limite); no interior; no intervalo de, durante, no recinto de'; (adv.) dentro de (construção); próximo ao centro; interiormente', este de *inter* 'no interior de dois, entre' (< *in-* + *-ter*, ver ***in-*** [2] e ***-ter-***) + *-a* (suf. formador de adv. e f. adverbiais tb. us. como prep.); embora de introdução tardia sob a f. erudita *intra-* (sXVI em diante), o pref./prep. e adv. lat. *intra-* introduz-se no vern. já no sXII, através do v.lat. *intrár*e (< *intra* + *-are*), que, por via popular, veio a dar *entrar* (ver ***entr-***); de grande fecundidade na nomenclatura científica internacional, tal pref. ocorre em vocábulos da: **1)** astrofísica, astronomia: *intragaláctico*, *intramercurial*; **2)** biologia e medicina: *intra-alveolar*, *intra-articular*, *intrabucal*, *intracardíaco*, *intracerebral*, *intracortical*, *intra-específico*, *intraglandular*, *intralaríngeo*, *intralingual*, *intramedular*, *intranuclear*, *intra-ocular*, *intra-orgânico*, *intrapélvico*, *intrapulmonar*, *intratorácico*, *intratraqueal*; **3)** química, física: *intra-atômico*, *intramolecular*, *intranuclear*; **4)** geologia: *intratelúrico*; **5)** lingüística: *intra-seqüencial*; **6)** economia, sociologia: *intracomunitário*, *intracontinental*, *intra-individual*, *intra-silval*, *intra-social*; **7)** filosofia, psicologia: *intraconsciencial*, *intra-estrutural*, *intragrupo*, *intramental*, *intramodernismo*, *intramundano*, *intrapsíquico*, *intra-subjetivo*, *intratemporal*, *intravital*; em quaisquer casos, a extensão de uso de *intra-* é correlata (explícita ou implicitamente) com a de ***extra-***, ver; ver tb. ***intro-***

84) **intro-**
■ prefixo
culto, do adv.lat. *intro* 'dentro (esp. de casa)' (com v. que denotam movimento), donde 'para dentro, para o interior; dentro de, internamente', este de *inter* 'no interior de dois' (< *in-* + *-ter*, ver ***in-*** [2] e ***-ter-***) + *-o* (suf. formador de adv., orign. indicador do caso abl. de subst.), por contração; tal pref. ocorre no port. em voc. formados já no próprio lat. (*introduzir*, *intróito*, *introdutório*, *introrso* etc.), já nas modernas línguas de cultura (*introjeção* < ing. *introjection*), já no vern. à feição erudita (*introprimitivo*, *introvertido* etc.); a divulgação deste pref. na língua deu-se pelo sXV em diante: *introdução*, *introdutível*, *introdutivo*, *introdutor*, *introduzir*, *introduzível*, *introflexão*, *introgressão*, *introgressivo*, *introje(c)ção*, *introje(c)tar*, *intrometer*, *intrometidiço*, *intrometido*, *intromissão*, *intropatia*, *intropunitivo*, *introspe(c)ção*, *introversão*, *introverter*, *introvertido*, *introvisão*, *introvisionário*, entre outras; ver ***inter-***, ***intra-*** e [1]***en-***

85) **ir-**
■ prefixo
ver ***in-***

86) **just(a)-**
■ prefixo
do adv.prepos. lat. *juxta* 'logo depois, contíguo, junto, paralelo a' (ver ***jug-*** [**12**]); a cognação reduz-se a *justaepifisário/justepifisário*, *justafluvial*, *justaglomerular*, *justaglomérulo*, *justalinear*, *justalinearidade*, *justamarinho*, *justamarítimo*, *justamédico*, *justampular*, *justapor*, *justaposição*, *justapositivo*, *justaposto*, *justar*,

justarticular, *justaspinal*, *justatropical*, *justatubular*, *justavertebral* (a mudança do *-x-* lat. para *-s-* é devida ao caráter român. assumido pelo orign. adv. e prep. tornado pref.)

87) **[1]mega-**
■ prefixo
do SI, simbolizado por *M*, adaptação do gr. ***megal(o)-*** , ver, 'grande', adotado na 11ª Conferência Internacional de Pesos e Medidas (resolução nº 12), em 1960, equivalente ao multiplicador 10^6, seja, *um milhão* (de vezes a unidade indicada, p.ex., *megagrama = um milhão de gramas*); *megabaite*, *megabar*/*megabária*/*megábaro*, *megacíclico*/*megaciclo*, *megacurie*, *megadina*/*megadínio*, *megaerg*/*megaérgio*, *megafarad*, *megahertz*, *megajoule*/*megajúlio*, *megalinha*, *megametro*/*megâmetro*, *megampère*/*megampere*, *megaohm*, *megaparsec*, *megarad*, *megaton*/*megatonelada*, *megavolt*, *megawatt*; ver [1]***quilo-***

88) **met(a)-**
■ prefixo
culto, do gr. *metá* (adv. e prep., orign.) 'no meio de, entre; atrás, em seguida, depois; com, de acordo com, segundo; durante'; já no próprio gr.cl. formava vocábulos com as idéias de: **1)** 'comunidade ou participação'; **2)** 'interposição ou intermediação'; **3)** 'sucessão (no tempo ou no espaço)'; **4)** 'mudança de lugar ou de condição'; em gr., ocorre na f. *met-* antes de vogal não aspirada e na f. *meth-* antes de vogal aspirada, formas sob as quais, como prefixos, se aglutina a derivados assim cunhados; há presença deste antepositivo, já em voc. orign. gregos, como *metábole*, *metáfora*, *metáfrase* e *metamorfose*, já em cultismos da terminologia científica, mais especificamente química, do sXIX em diante; **5)** para designar compostos derivados, como *metabórico*, *metacelulose*, *metacloral*, *metagelatina*, *metalumina*, *metamorfina*, *metaoxibenzóico* etc.; **6)** em benzenos isoméricos biderivados, assim como em alguns nomes de minerais; a cognação vern. inclui para mais de 700 der. e comp. com este pref., cuja fecundidade é viva, até mesmo informalmente, como quantificador

89) **[1]micr(o)-**
■ prefixo
do SI, simbolizado por µ, do gr. *mikrós,á,ón* 'pequeno, curto; em pequena quantidade; pouco importante' (com antônimos *macro-* ou *mega-*, este do SI), adotado na 11ª Conferência Internacional de Pesos e Medidas (resolução nº 12), em 1960, equivalente a um multiplicador 10^{-6}, seja *um milionésimo* (da unidade indicada logo a seguir): *microampère*/*microampere* e derivados, *microangstrom*, *microbar*, *microcaloria*, *microcoulomb*, *microcurie*, *microdina*, *microfarad*, *microgilbert*, *micrograma*, *micro-henry*, *microhm*, *microinch*, *microlux*, *micrômetro*/*micrometro*, *micromicrofarad*, *micromilímetro*, *microohm*, *micropolegada*, *microvolt*, *microwatt*; ver ***nano-***

90) **[1]mili-**
■ prefixo
do SI, lei de 1793 na França, e no Brasil por lei de 1833 e de 1862, com o valor de 10^{-3}, isto é, 'um milésimo', símbolo *m* (forma depreendida do fr. *millième* [e não do lat. *millesìmus*]); o SI, desde o início, fixou que as f. *mili-* (e *centi-* e *deci-*, cada uma

em seu lugar) eram aplicáveis apenas em fracionários milesimais (centesimais e decimais) das unidades principais (metro, litro, are, grama); a cognação vern. inclui, entre outros, os segg. voc.: *miliampère*/*miliampere*, *miliangstrom*, *miliare*, *milicaloria*, *milicoulomb*, *milicurie*, *milifarad*, *miligal*, *miligilbert*, *miligrado*, *miligrama*, *mili-henry*/*milihenry*, *milikelvin*, *mililambert*, *mililitro*, *mililux*, *milímetro*, *milimicro*/*milimícron*, *milimicrocurie*, *milipoise*, *milissegundo*, *milissiemens*/*milisiemens*, *milísteno*, *milistere*, *milivolt*, *miliwatt*

91) **miria-**
■ prefixo
do SI, como 'dez mil' (do gr. *muríos,a,on* 'muito numeroso'), adotado por lei na França, em 1795: *miriagrama*, *mirialitro*, *miriâmetro*; ver [1]*quilo-*

92) **nano-**
■ prefixo
do SI, simbolizado por *n*, do gr. *nánnos,é,on* 'de excessiva pequenez' ou *nânos* 'anão', adotado na 11ª Conferência Geral de Pesos e Medidas, de 1960 (resolução nº 12), equivalente a um multiplicador 10^{-9}, seja, *milésimo milionésimo* (na nomenclatura tradicional brasileira *bilionésimo*) da unidade indicada, p.ex. *nanograma = um milésimo milionésimo do grama*: *nanoampère/nanoampere*, *nanocurie*, *nanofarad*, *nanograma*, *nano-henry*, *nanolitro*, *nanômetro/nanometro*, *nanomole*, *nanovolt*, *nanowatt*; ver [1]*pico-*

93) **nuper-**
■ prefixo
culto, do adv.lat. *nuper* 'há pouco, recentemente'; ocorre em der. já orign. latinos, como *núpero* e *nupérrimo*, já em comp. eruditos, como *nuper-falecido* e *nuper-publicado*; observa Rebelo Gonçalves que este pref. está "sujeito às mesmas normas gráficas que regulam o emprego de *hiper-*, *inter-* e *super-*"

94) **[1]o-**
■ prefixo
equiv. a prep.lat. *ob-* (ver); ocorre antes de *c*, *f* ou *p*, em voc. já formados no próprio lat., como *ocidente*, *ocorrer*, *oferecer*, *opor* (em que o *-b* de fato se assimilava ao *c-* ou *f-* ou *p-* inicial, donde, em lat., *occìdens* (genit. *occidentis*), *occurrère*, *offerre*, *opponère*, duplicação simplificada no vulg. e, no caso do port., em cultismos vulgarizados), ver *oc-*; em química orgânica, abreviatura de *orto-*, em nomes de comp. benzênicos; ver *ort(o)-*

95) **ob-**
■ prefixo
culto, da prep.lat. *ob* 'diante de; para; por causa de; em troca de, por', morfologicamente conexa pelo i.-e. com o gr. *epí* [ver *ep(i)-*], ocorre em vocábulos de orig. erudita, doc. na língua do sXVIII em diante (salvo*obducto*, que é do sXVII); nas composições em vern. reveste as noções de: **1)** 'posição fronteira, movimento para a frente': *obducente*, *obstruir*, *obtemperar*, *obviar*; **2)** 'oposição, hostilidade': *obstar*, *objurgação*, *obsidiar*; **3)** 'envolvimento, cobertura': *obnubilar*, *obumbrar*; **4)** 'fechamento, oclusão': *obturar*; **5)** 'intensidade': *obcecar*, *obstringir*; o V.O. registra para mais de duas centenas de pal. com este pref. (observando que é seguido de hífen quando se lhe junta el. começado por *r-*); ver [1]*o-*, *oc-* e *os-*

96) **oc-**
■ prefixo
equiv. a prep. lat. ***ob-*** (ver); ocorre antes de *-c-* seguido de *-i-* (em uns poucos cultismos): *occipício*, *occipital*, *occipitovertebral*; ver tb. ***o-***

97) **os-**
■ prefixo
equiv. à prep.lat. ***ob-*** (ver); ocorre antes de *-t-*: *ostender*, *ostentar*

98) **pam-**
■ prefixo
de orig. gr., por 'todos, totalidade'; ver ***pan-***

99) **pan-**
■ prefixo
do adj.gr. *pâs,pâsa,pân*, genit. *pantós,pásés,pantós* 'cada, cada um(a), todos, inteiridade, totalidade, todo o possível, tudo possível' (representado em lat. tanto por *pam-* como por *pan-* em voc. gregos em que é pequena ou nula a consciência prefixal); em gr. ocorrem f. como *pámphónos,os,on* 'que faz ouvir toda espécie de sons', *panalethês,ê,es* 'de todo verdadeiro, totalmente verdadeiro', *pantárkhas,ou* (= *pant-árkhas*) 'senhor de tudo, chefe supremo', *pantoergós,ós,ón* (= *panto-ergós*) 'que cumpre, executa, tudo', padrões esses seguidos nos eruditismos port. com este pref., predominantemente do sXIX em diante, sob as f. *pan-*, *pam-*, *pant-* ou *panto-*: *pambabilonismo*, *pambiotismo*, *pamprodáctilo*, *pampsiquismo*, *panacéia*, *panacronismo*, *pan-africanismo*, *pancalismo*, *pancontinental*, *pandemia*, *pandinamismo*, *pangéia*, *pangermanismo*, *pan-helenismo*, *panléxico*, *panlogismo*, *panteísmo*, *pantofagia*, *pantogamia*, *pantopelágico*, *pantóptero*, *pantropical* etc.; o V.O. registra o pref. *pan-* com a seg. cota: "(é seguido de hífen, quando se lhe junta elemento com existência prévia começado por vogal, *h*, *m*, bem como com elemento com existência prévia começado por *b* ou *p*)"; Rebelo Gonçalves, no seu vocabulário, consigna a seg. cota: "el. nom. compos. Seguido de hífen quando o elemento imediato tem vida à parte e começa por vogal ou *h*: *pan-americano*, *pan-eslávico*, *pan-helénico*, *pan-islâmico*, etc. De contrário, aglutinado a elemento imediato: *pampsiquismo*, *pangermanismo*, *panléxico*, *pansofia*, etc. Reduzido a *pa-* quando o elemento seguinte, sem vida à parte, começa por *m* ou *n* (etimologicamente, *nm* > *mm* > *m* e *nn* > *n*): *pamastite*, *paniquismo*, etc.)"

100) **pant-**
■ prefixo
de orig. gr., por 'tudo, totalidade'; ver ***pan-***

101) **panto-**
■ prefixo
de orig. gr., por 'tudo, totalidade'; ver ***pan-***

102) **par(a)-**
■ prefixo
culto, do adv.prep. gr. *pará* 'junto; ao lado de; por (com agente da passiva); em, em casa de; durante; para; ao longo de; exceto, salvo; para além de'; ocorre quer em grande número de voc. orign. gregos, quer formados subseqüentemente, segundo o

padrão clássico; sua composição em vern. reveste as noções de: **1)** 'proximidade': *parágrafo*, *paraninfo*, *paratireóide*, *parenteral*, *parêntese*, *parótico*, *parótida*; **2)** 'oposição': *paranomia*, *paradoxo*; **3)** 'para além de': *parapsicologia*, *parapsíquico*; **4)** 'defeito': *parafasia*, *paralexia*, *paramimia*, *paramnésia*, *paraplegia*; **5)** 'semelhança': *parastaminia*, *parastêmone*, *parastilo*; o V.O. registra para mais de mil pal. - muitas das quais verdadeiros subcompostos - com este pref. (com a observação de que se liga sempre ao el. seguinte, duplicando consoante ou eliminando *h* inicial); para contraste, ver ***pára-***

103) **[1]per-**
■ prefixo
da prep.lat. *per* 'através de; por entre; por intermédio de; por meio de; por causa de; em nome de'; ocorre em grande número de voc. formados no próprio lat., muitos dos quais introduzidos na língua desde as orig., como *perceber*, *percutir*, *perecer*, *permanecer* etc.; na comp. em vern. reveste as noções de: **1)** 'movimento através de, travessia': *perambular*, *percorrer*, *percutâneo*, *perfurar*, *perspirar*; **2)** 'duração, continuidade': *perene*, *pernoitar*, *perpétuo*, *pervígil*; **3)** 'movimento do princípio ao fim': *perorar*, *perseguir*; **4)** 'conclusão, complementação': *perfazer*, *permutar*, *perpetrar*; **5)** 'movimento para todos os lados': *perquirir*, *perquisição*, *pervagar*; **6)** 'desvio, morte, destruição': *pérfido*, *perjuro*, *perversão*; *perempto*; **7)** 'reforço, aumento, intensidade': *persentir*, *perturbar*, *peramigo*, *persemelhante*; **8)** formante de comp. químicos, exprimindo 'o mais alto grau de oxidação ou um excesso, em relação à quantidade normal', do el. de base do comp.: *peroxidação*, *peroxidar*, *peróxido*, *persulfato*, *persulfureto*, *persulfúrico* etc.

104) **peri-**
■ prefixo
culto, do adv. e prep. gr. *perí* 'em torno; acima de tudo; em volta de, ao redor de; a respeito de, por; em vista de; perto de; contra; em relação a, para com'; ocorre em grande número de voc. já orign. gregos, já formados subseqüentemente, segundo o padrão cl.; na comp. em vern., exprime as noções de: **1)** 'proximidade': *periélio*, *perigeu*, *periglaciário*, *perissístole*; **2)** 'movimento ou localização em torno de': *perianal*, *pericárdio*, *peripatético*, *periscópio*, *peristalse*, *peristilo*, *peritônio*; **3)** 'aumento': *periergia*, *periérgico*, *perífrase*

105) **peta-**
■ prefixo
do SI, simbolizado por *P*, adp. arbitrária do gr. *penta-* 'cinco' em f. prefixal, adotado na 15ª Conferência Geral de Pesos e Medidas (resolução nº 10), em 1975, equivalente a um multiplicador 10^{15}, seja, *mil biliões* (de vezes a unidade indicada, p.ex., *petagrama* = *mil biliões de gramas* [na nomenclatura moderna da numeração, correspondente à tradicional, não recomendada, *um quatrilião*]); *petaare*, *petabel*, *petagrama*, *petalitro*, *petalux*, *petametro*/*petâmetro*, *petastilb*, *petatonelada*; ver ***tera-***

106) **[1]pico-**
■ prefixo
do SI, simbolizado por *p*, adotado convencionalmente do it. *piccolo* 'pequeno' pela resolução nº 12 da 11ª Conferência Geral de Pesos e Medidas, em 1960, equivalente a um multiplicador 10^{-12}, seja, um bilionésimo da unidade indicada, p.ex., *picowatt* 'um bilionésimo do watt' (= um trilionésimo, na nomenclatura numérica

tradicional brasileira); ocorre em: *picofarad*, *picocurie*, *picômetro*/*picometro*, *picossegundo*, *picowatt*; ver ***femto-***

107) **pós-**
■ prefixo
culto, do adv.prep.lat. *post* 'atrás de; depois de (no espaço e no tempo); atrás, depois, após, em segundo lugar; em seguida, pouco depois'; ocorre em voc. formados no próprio lat., como *pós-meridiano* (doc. na língua desde o sXV) e *pós-escrito* (sXIX), e em vários cultismos introduzidos a partir do sXIX; nas composições em vern., reveste as noções de: **1)** 'posterioridade': *pós-datar*, *pós-diluviano*, *pós-exílio*, *pós-homérico*; **2)** 'posposição': *pós-abdome*/*pós-abdômen*, *pós-boca*, *pós-hipófise*, *pós-palatal*; observar que este pref. admite ainda as f. aglutinadas *pos-* e *post-*: *poscéfalo*, *poscênio*, *posfaçador*, *posfaçar*, *posfácio*, *posfaço*, *poslimínico*, *pospor*, *postorbital* etc.

108) **[1]post-**
■ prefixo
culto, do adv. e prep.lat. *post* 'atrás (de); depois (de)'; ver ***pós-***, f. não aglutinada

109) **pre-**
■ prefixo
de orig. lat., *prae-*, que ocorre em lat. como preposição de abl., como adv. e como pref. propriamente dito, com a noção de 'anterioridade, antecipação, adiantamento, diante, superioridade comparativa' - e conexo, por conseguinte, com o pref. ***pré-*** (ver) de cultismos; também *pre-* é cultismo, tanto assim que os poucos casos do sXIII são de ostensiva influência eclesiástica (*pregar* e derivados, *premer* e *premudo*), isto é, pioneira da entrada de cultismos na língua; há nos sXIV e XV um número reduzido desses cultismos precoces, mas a partir do sXVI eles se multiplicam, de tal modo que, hoje em dia, o V.O. registra pelo menos 800 pal. com ele; é de presumir que, desses, não poucos terão tido entrada como *pré-* (raro assim grafado), acentuação e abertura que logo desapareceriam com a freqüência de uso da pal. em causa; há, por conseguinte, uma forte relação de continuidade entre *pré-* e *pre-*, convindo a leitura cotejada de ambos os verbetes conexos

110) **pré-**
■ prefixo
de orig. lat., *prae-*, que ocorre em lat. como preposição de abl., como adv. e como pref. propriamente dito, com a noção de 'anterioridade, antecipação, adiantamento, diante, superioridade comparativa', base, no vulg. e em prefixados orign. lat., do pref. *pre-*; na f. aqui registrada, é, no V.O., objeto da observação "é seguido de hífen" - o que, noutros termos, quer dizer, no padrão culto, que, se for pronunciado com o *-e-* aberto (o que normalmente não ocorre com *pre-*), deve ser seguido de hífen; Rebelo Gonçalves, no seu vocabulário, faz o seg. registro: "Normalmente seguido de hífen: *pré-clássico*, *pré-histórico*, *pré-romano*, *pré-socrático* etc. Dispensa, porém, o hífen, se, fazendo as vezes de uma palavra composta, se liga a um comp. de *pós-* ou *proto-*: *pré* e *pós-socrático*, *pré* e *proto-histórico*" (esta sub-regra não é objeto de recomendação, no sistema gráfico brasileiro); em ambos os casos, porém, não se explicita que o uso de *pré-* deriva de situação neológica e não consuetudinária: é que, em verdade, na medida em que um emprego de *pré-* tende a vulgarizar-se, na mesma medida tende a passar a *pre-*: o V.O. consigna o fato com registros dúplices:

pré-contração/*precontração*, *pré-cordilheira*/*precordilheira*, *pré-forma*/*preforma*, *pré-formar*/*preformar* etc.; de outro lado, o caráter fortemente livre do pref. *pré-* em situações *ad hoc* é tal que, na prática, fica aberto ao usuário decidir empregá-lo: ao acaso, vão aqui alguns ex.: *pré-capaz*, *pré-datilografia*, *pré-indisposição*, *pré-preparar*, *pré-prender*, *pré-ressurreição*, *pré-restaurar*, *pré-santo*; uma análise temática dos voc. passíveis, mais ordinariamente, da prefixação com *pré-*, revela que ela ocorre freq. com designativos de períodos, fases, estágios, estádios, espaços escalonados, situações espaciais relativas e afins: *pré-abdominal*, *pré-ação*, *pré-adamismo*, *pré-adivinhar*, *pré-amplificador*, *pré-anestesia*, *pré-antepenúltimo*, *pré-basilar*, *pré-bizantino*, *pré-câncer*, *pré-carente*, *pré-consonântico*, *pré-digestivo*, *pré-diluviano*, *pré-fabricado*, *pré-glaciário*, *pré-genital*, *pré-humano* etc.; ver ***pre-***

111) **preter-**
■ prefixo
culto, da prep.adv.lat. *praeter* 'ao longo de, junto a; além de, em oposição a; acima de; exceto, salvo; além disso'; ocorre em vocábulos já orign. lat., como *preterir*, *preterição*, *pretérito* e *pretermitir* (este, introduzido no vern. desde o sXVII, e o primeiro, no sXVIII), já em cultismos do sXIX em diante; na comp. em vern. reveste as noções de 'transposição, transferência, transcendência': *preterdolo*, *preterdoloso*, *pretergramatical*, *preteribilidade*, *preteridade*, *preterido*, *preterintenção*, *preterintencional*, *preterintencionalidade*, *preterir*, *preterismo*, *preterista*, *preterístico*, *preterital*, *preterível*, *pretermissão*, *pretermisso*, *pretermitido*, *preternatural*, *preternaturalidade*, *preternaturalismo*, *preternaturalista*, *preternaturalizar*; ver ^{2}***i-***

112) ^{1}**pro-**
■ prefixo
der. da prep.lat. *pro* 'diante de; em cima de, sobre; por, a favor de; à maneira de; em lugar de; pelo preço de; segundo, conforme; durante, em, dentro de (exprimindo tempo)'; ocorre em grande número de voc. formados no próprio lat., alguns dos quais introduzidos, como cultismos ou semicultismos, desde cedo na língua: *procuração*, *procurador*, *progênie*, *promessa*, *prometer*, *propor*, *prover*; na composição em vern., reveste as noções de: **1)** avanço, movimento para a frente: *progredir*, *promover*, *propelir*, *propender*, *prosternar*; **2)** manifestação, publicação: *proferir*, *prolóquio*, *pronunciar*; **3)** prolongamento, adiamento: *procrastinar*, *prolatar*, *prorrogar*; **4)** descendência, origem: *progênie*, *promanar*, *provir*; **5)** substituição: *procônsul*, *procuração*, *pronome*, *proquestor*; observar que este pref. apresenta por vezes um *-d-* antes de pal. iniciadas por vogal, fenômeno esse já ocorrente em lat.; exemplos: *prodígio*, *pródigo*

113) ^{2}**pro-**
■ prefixo
do adv.prep. gr. *pró* 'diante de; para a frente de; antes; em defesa de; de preferência a; por causa de', conexo pelo indo-europeu com o *pro* latino; ocorre em vários voc. quer orign. gr., quer formados subseqüentemente, segundo o padrão clássico; na composição em port., reveste as noções de: **1)** antecedência (no espaço ou no tempo): *pródromo*, *proêmio*, *prognóstico*, *prólogo*, *proscênio*; **2)** movimento para a frente: *problema*, *próclise*, *prógnata*

114) **pró-**
■ prefixo
da prep.lat. *pro* (ver [1]***pro-***), nas acp. de **1)** 'diante de, adiante, antes de', ocorre raramente: *pró-homem*, *pró-homínida* e *pró-hominídeo*, apenas (são f. do fim do sXIX; esse emprego parece ter sido abandonado, pois se prestaria a ambigüidades em face do emprego seg.); **2)** 'por, a favor de, em prol de'; trata-se de um uso potencialmente aplicável a qualquer nome da língua (p.ex., *sou pró-satisfação*, *vamos fazer campanha pró-redução de*, *tudo pró-chope*); alguns casos mais empregados: *pró-americano*, *pró-britânico*, *pró-germânico*, *pró-germanismo*, *pró-hidrotropia*, *pró-hidrotrópico*, *pró-hidrotropismo*

115) **pros-**
■ prefixo
culto, do adv.prepos.gr. *prós* 'perto, ao lado, além disso; de, proveniente de, da parte de, pela vontade de, em nome de, em favor de, contra, para'; ocorre quer em vários voc. orign. gregos, quer formados subseqüentemente, segundo o padrão clássico; na comp. em vern., reveste as acp. de: **1)** 'movimento para': *proselitismo*, *prosélito*, *prosênquima*; **2)** 'proximidade': *prosapotlipse*, *proscólio*, *proscolo*; **3)** 'acréscimo, conexão': *próstese*, *prostético*; para contraste, ver ***proso-***

116) **[1]quilo-**
■ prefixo
do SI, simbolizado por *k*, do gr. *khílioi,ai,a* 'mil, milhar', adotado arbitrariamente como *kilo-* pela lei de 7 de abril de 1795 na França, e, no Brasil, por lei de 1833 e de 1862, equivalente a um multiplicador 10^3, seja, *mil*; *quiloampère*/*quiloampere*, *quiloamperímetro*, *quiloapostilb*, *quilobarn*, *quilocaloria*, *quilocandela*, *quilociclo*, *quilocoulomb*, *quilocoulômbio*, *quiloerg*, *quiloesteno*, *quiloestéreo*, *quilofarad*, *quilofot*, *quilogauss*, *quilogilbert*, *quilograma*, *quilohenry*, *quilohertz*, *quilojoule*, *quilojúlio*, *quilolambert*, *quilolitro*, *quilolúmen*, *quilolux*, *quilomaxwell*, *quilometrado*, *quilometragem*, *quilometrar*, *quilométrico*, *quilômetro*, *quilomícron*, *quilonewton*, *quilooersted*, *quiloohm*, *quiloparsec*, *quilopiezo*, *quiloponcelet*, *quilosiemens*, *quilosteno*, *quilostilb*, *quiloton*, *quilotonelada*, *quilovar*, *quilovátio*, *quilovolt*, *quilowatt*, *quiloweber*; ver [1]***hect(o)-***

117) **re-**
■ prefixo
do lat. *re-*, port. *re-* (vulg. e culto), antes de pal. iniciadas por consoante, inclusive *-i-* e *-u-* consonânticos (mais tarde grafadas *-j-* e *-v-*); do lat. *red-* > port. *red-* em cultismos, só antes de pal. lat. iniciadas por vogal ou *h-*, que no aport. não é grafado; em vern. reveste as acp. de: **1)** 'retrocesso, retorno, recuo': *recidir*, *recorrer*, *recumbente*, *refugir*, *regredir*, *replicar*; *retroagir*, *retroceder*, *retrogradar*, *retrógrado*; **2)** 'repetição, iteração': *recantar*, *recitar*, *remorder*; **3)** 'reforço, intensificação': *realçar*, *recontente*, *refulgir*; **4)** 'oposição, rejeição, repulsa': *reagir*, *recusar*, *redarguir*, *relutar*, *repelir*; o V.O. consigna, de *retroação* a *retrovisor*, quase 150 termos com este pref. *retro-*; quanto a *re-*, o V.O. consigna copiosíssimo número de pal. com este pref. (dos mais prolíficos da língua), sem contar, é claro, as óbvias, virtuais e potenciais; A.G. Cunha, *s.v. redor*, do sXIII, admite-lhe o étimo *retro-* 'detrás', com os der. *arredor*, sXIII, *derredor*, sXIII, e nas locuções *ao redor*, *ao redor de*, *de redor*, *de redor de*, *em redor*, *em redor de* e, no port.medv., ainda *aderredor de*; Ernout e Meillet, *s.v. reciprò̀cus,a,um* 'que vai atrás como avante', 'alternante, recíproco',

dizem ser der. de *re-* e *pro-*: *reciprocação*, *reciprocado*, *reciprocante*, *reciprocar*, *reciprocável*, *reciprocidade*, *recíproco*

118) **res-**
■ prefixo
segundo Aulete, “partícula reduplicativa que entra na composição de muitas pal., tais como *res*guardar, *res*valar, etc., e é o mesmo que *re”*; deriva, prov., pelo menos em alguns casos, de *re* + *ex*: *resgatar* < *re* + *ex* + *captare*; *resguardar* < *re* + *ex* + *guardar*; ver *re-*

119) **retro-**
■ prefixo
ver *re-*

120) **[1]se-**
■ prefixo
do pron.refl.lat. *sé*, do i.-e. **se*, **swe-*, **swo-*, **sewe-*, **sewo-*, pron.refl. us. para indicar 'o que é próprio de um indivíduo ou grupo', donde 'o que é posto à parte, desviado, separado', assumindo, ainda em lat., as segg. f.: **1)** *séd-*, de um antigo abl. de *sé*, antes de pal. iniciadas por vogal: *seditìo,ónis* 'sedição, revolta, sublevação, motim', *seditionarìus,ìi* 'autor de sedições', *seditiósus,a,um* 'sedicioso, amotinador, revoltoso'; **2)** *sé-*, *sè-*, diante de pal. iniciadas por consoante ou *i* e *u* sonânticos: *secédo,is,éssi,éssum,dére* 'afastar-se, retirar-se, refugiar-se', *secérno,is,crévi,crétum,cernère* 'separar, pôr à parte', *secessìo,ónis* 'ação de se retirar, de se separar, retirada; secessão', *secipìo,is,éssi,éssum,père* 'receber à parte', *seclúdo,is,clúsi,clúsum,dère* 'encerrar, prender separadamente', *seclúsus,a,um* 'fechado à parte, retirado, solitário', *sèco,as,cui,éctum,áre* 'cortar, separar cortando', *secretarìum,ìi* 'lugar recôndito; conselho privado; sacristia', *secretìo,ónis* 'separação (das partes), dissolução', *secréto* 'à parte; em segredo; sem ruído, sem barulho', *secrétum,i* 'lugar retirado', *secrétus,a,um* 'separado, afastado; secreto, oculto; guardado em segredo', *securìtas,átis* 'tranqüilidade, sossego; segurança', *secúrus,a,um* 'tranqüilo, plácido, seguro', *segrègo,as,ávi,átum,áre* 'separar, apartar, segregar, afastar', *segrègus,a,um*, *ségrex,égis* 'separado, segregado, posto à parte', *semótus,a,um* 'separado, apartado, distante, remoto', *semovèo,es,óvi,ótum,ére* 'apartar, afastar', *separatìo,ónis* 'separação, divisão', *separátor,óris* 'o que separa', *separátus,a,um* 'separado, colocado à parte', *sepàro,as* 'separar, dividir', *severìtas,átis* 'severidade, austeridade', *sevérus,a,um* 'severo, sério, grave'; **3)** *só-*, var. atestada apenas em *sóbrius* (< **sóebrius*), *a,um* 'sóbrio, não ébrio'; **4)** *sò-*, vindo de *sè-*, us. antes de pal. iniciadas por consoante: *sócors* ou *sécors,dis* 'apático; indolente, desleixado', *sodális,is* 'companheiro, amigo; companheiro de dissolução', *sodalìtas,átis* 'companhia, sociedade', *solútus,a,um* 'desunido, aberto; que tem pouca consistência, mole; dissolvido, derretido, fundido; dado à dissipação', *solitarìus,a,um* 'isolado, separado, solitário', *solìtas,átis* 'solidão, desamparo, abandono', *sólvo,is,i,solútum,solvère* 'decompor, dissolver; libertar (alguém); saldar (uma dívida)'; podendo assumir as noções de: **a)** 'separação, afastamento': *secretar*, *sedição*, *segredo*, *segregar*, *separar*, *solver*; **b)** 'privação': *seguro*, *sóbrio*; as f. lat. *séd* e *sé* empregadas como preposição, com o mesmo sentido da prep.lat. *sine* 'sem', foram depois substituídas por esta, sobrevivendo apenas como pref.

121) **semi-**

■ prefixo
culto, do lat. *semi-*, com equivalente morfossemântico no gr. ***hemi-***, ver; ocorre em lat. tb., por razões fonéticas, como *sem-*, *sim-*, *sin-*, *se-* e mesmo *ses-*, com os sentidos de 'meio, metade', 'um meio a mais, uma vez e meia, mais metade'; seu emprego em port. começa no sXVI (com pal. já formadas em lat.), principiando apenas no sXIX a ocorrer em pal. formadas em port., à medida que vai assumindo certa autonomia morfossemântica lexical, com o sentido de 'quase', de 'metade' e de 'um tanto', que às vezes se acumulam numa só pal.; o V.O. registra: "*semi-* pref. (é seguido de hífen, quando se lhe junta elemento começado por vogal, *h*, *r* ou *s*)", fórmula que no essencial é a de Rebelo Gonçalves (1966); o espectro de emprego deste pref. é potencialmente aberto: *semidelirante*, *semideserto*, *semidramático*, *semilimpo*, *semilógico*, *semimatemático*, *semimole*, *semi-sujo*, *semiverdadeiro*, *semivolátil* são exemplos, ao acaso, não averbados; note-se que com nomes (adjetivos e substantivos) a form. é muito mais freqüente que com verbos (tipo *semicerrar*, *semidevorar*, *semidivinizar*, *semidomesticar*, *semi-erguer*, *semifechar*)

122) **[1]si-**
■ prefixo
gr. por 'ajuntamento, reunião', ver [1]***sin-***

123) **sim-**
■ prefixo
gr. por 'ajuntamento, reunião', ver [1]***sin-***

124) **[1]sin-**
■ prefixo
culto, do adv.prep.gr. *sún* 'juntamente; ao mesmo tempo; além disso; com; do lado de, em favor de; de acordo com; por meio de'; ocorre em grande número de voc. já orign. gregos, já formados subseqüentemente, segundo o padrão clássico; na composição em vern., reveste as acp. de: 'ajuntamento, associação, reunião, companhia, simultaneidade'; ocorre em algumas centenas de voc., entre os quais: *sinartrose*, *sincronia*, *sinergia*, *sinfonia*, *sinônimo*, *síntese* (com a f. *sin-*); *sílaba*, *silepse*, *silobismo*, *simaquia*, *simetria* (com a f. *si-*); *simbiose*, *símbolo*, *simpatia*, *simpétalo* (com a f. *sim-*); *sissarcose*, *sissítia*, *sissoma*, *sissomático*, *sissomia* (com a f. *sis-*)

125) **sine-**
■ prefixo
culto, da prep.lat. *sine* 'sem'; ocorre nos voc. *sinecura*, *sinecurismo*, *sinecurista*, *sinecurístico*, do sXIX em diante; tem como equivalente vern. ***sem-*** , ver a este

126) **sis-**
■ prefixo
gr. por 'ajuntamento, reunião', ver [1]***sin-***

127) **so-**
■ prefixo
ver ***sob-***

128) **sob-**

■ prefixo
correspondente à prep. port. *sob* < lat. *sub* 'sob, embaixo de, por baixo de, abaixo de; segundo, em conseqüência de; perante, em presença de; perto de; imediatamente antes de; durante, no tempo de; para, em direção a; depois de', caracterizado na língua já no port. medv. (*sôbdito*, *sobgigar*, *sobjecto*); o V.O. registra que *sob-*, como pref., é seguido de hífen, quando se lhe junta el. começado por *r* ou *b*, relacionando entre outros os segg. voc.: *sobalçar*, *sob-bosque*, *sobcapa*, *sobcavar*, *sobcessor*, *sobcopo*, *sobdominante*, *sobescavar*, *sobestar*, *sobfretar*, *sobgrave*, *sobjegar*, *sobmediante*, *sobnegar*, *sobpear*, *sobpor*, *sob-reptício*, *sob-roda*, *sob-rojar*, *sobsaia*, *sobtensão*, *sobterreno*; é de notar que *sob-* apresenta a var. *so-*, em vocábulos como *socapa*, *soentrar*, *soerguer*, *solevantar*, *somergulhar*, *sonegar*, *soterrar*; ver ***sub-***

129) **sobre-**
■ prefixo
correspondente à prep. port. *sobre* < lat. *super* 'em cima de, por cima de, acima de, mais do que, além de, sobre etc.', caracterizado na língua já bem no curso do sXIV (*sobrancelha*, *sobrebico*, *sobrecéu*, *sobrecopa*, *sobredito*, sXIII, *sobreguarda*, *sobreguisa* etc.); o V.O. registra que *sobre*, como pref., é seguido de hífen, quando se lhe junta el. começado por *h*, *r* ou *s*, relacionando, de *sobreabundância* a *sobrexposição*, cerca de 630 palavras assim formadas; ver ***super-***

130) **sota-**
■ prefixo
culto, do adv. lat. *subtus* 'debaixo' (a f. *sota-* provém, talvez, de **sùbta*); ocorre em voc. atestados na língua a partir do sXV, traduzindo a idéia de 'subordinação, inferioridade, subposição'; o V.O. consigna, entre outros, os segg. termos com este pref. (observando que é sempre seguido de hífen): *sota-almirante*, *sota-capitânia*, *sota-capitão*, *sota-comitre*, *sota-embaixador*, *sota-general*, *sota-ministro*, *sota-piloto*, *sota-proa*, *sotavento*/*sota-vento*, *sota-voga*, *soto-almirante*, *soto-capitão*, *soto-mestre*, *soto-piloto-mor*, *sotopor*/*soto-pôr*, *sotoposto*/*soto-posto*, *soto-soberania*; em *sotavento*, a omissão do hífen é por conta do catalanismo de orig.; em *sotopor*, a omissão é por harmonia com todos os der. prefixais de *pôr*

131) **soto-**
■ prefixo
→ ***sota-***

132) **sub-**
■ prefixo
culto, da prep.lat. *sub* 'sob, embaixo de, por baixo de, abaixo de; segundo, em conseqüência de; perante, em presença de; perto de; imediatamente antes de; durante, no tempo de; para, em direção a; depois de' - morfologicamente conexa pelo i.-e. com o gr. *hupó* - ver [1]***hip(o)-***; ocorre em vários voc. já orign. lat., como *subalpino*, *subalterno*, *subdiácono*, *subdivisão*, *subir*, *subjugar*, *sublevação*, *submergir*, *submissão*, *sub-rogar*, *subscrever* etc., já em muitíssimos outros, de caráter erudito, semi-erudito ou mesmo popular, introduzidos na língua desde as orig.; na composição em vern. reveste as acp. de: **1)** 'sotoposição': *subaquático*, *subaxilar*, *subcutâneo*, *subjazer*, *subsolo*, *substrato*; **2)** 'ascensão, elevação': *sublevar*, *sublime*; **3)** 'subordinação, inferioridade': *subchefe*, *subdelegado*,

submeter, *subserviente*; **4)** 'substituição': *substituir*, *substituto*; **5)** 'proximidade, aproximação': *sublunar*, *subseqüente*, *subtropical*, *subúrbio*; **6)** 'transmissão': *subarrendar*, *sublocar*, *substabelecer*; **7)** 'abrandamento, diminuição, incompletude': *subarqueado*, *subdelírio*, *subglabro*, *subinflamatório*, *subluxação*; **8)** 'ação furtiva, oculta': *subornar*, *sub-reptício*; observar que o *-b-* ora é assimilado (*surribar*, *surripiar*), ora sofre síncope (*suceder*, *sucumbir*, *súdito*, *suficiência*, *sufocar*, *sugerir*, *sujeito*, *sustância*); o V.O. registra que *sub-*, como pref., é seguido de hífen quando se lhe junta el. começado por *r* ou *b*; ver ***sob-***

133) **subter-**
■ prefixo
der. do adv.prep.lat. *subter* 'debaixo, por baixo; debaixo de, abaixo de, no fundo de'; ocorre já em voc. orign. lat., como *subterfugir*, já em uns poucos cultismos do sXIX em diante; na composição em vern. reveste as acp. de: **1)** 'ação por baixo': *subterfluente*; **2)** 'ação furtiva, sub-reptícia': *subterfúgio*, *subterfugioso*, *subterfugir*

134) **super-**
■ prefixo
culto, da prep.adv.lat. *super* 'sobre, em cima de, por cima de; além de, acima de; durante; a respeito de, por causa de, por meio de; em cima, por cima; além disso; sobremodo, demais' - morfologicamente conexo pelo i.-e. com o gr. *hupér* - ver ***hiper-***; ocorre já em vários voc. orign. latinos, como *superar*, *superfície*, *superior*, *supérstite* etc., já em outros, de caráter erudito, semi-erudito ou mesmo popular (estes, postos em grande voga pela linguagem publicitária), introduzidos no port., sobretudo a partir do Renascimento; na composição em vern. reveste principalmente as acp. de: **1)** 'superposição': *superaxilar*, *supercílio*, *superfusão*, *superlaríngeo*, *superpor* etc.; **2)** 'abundância, excesso': *superabundar*, *superativar*, *supercivilizado*, *supérfluo*, *super-homem*, *superinfecção*, *superlotar*, *supermodelo*, *superpovoar* etc.; o V.O. consigna, de *superabdução* a *supervulcanizável*, para mais de quinhentos termos com este pref., observando que é seguido de hífen quando se lhe junta el. começado por *h* ou *r*; ver ***sobre-***

135) **supra-**
■ prefixo
culto, da prep.adv.lat. *supra* 'sobre, acima de, por cima de; além de; antes de; à testa de; por cima, no alto; mais acima, mais além; acima, antes'; na composição em vern., reveste as acp. de: **1)** 'superposição': *supra-axilar*, *supracitado*, *supraclavicular*, *supradito*, *supra-esternal*, *supramaxilar*, *supra-renal* etc.; **2)** 'superioridade': *supradivino*, *supramundano*, *supra-racional*; **3)** 'excesso': *supraconsumismo*, *supranormal*, *supranumerário*; **4)** 'aumento, intensidade': *supracondutividade*, *supracondutor*; o V.O. consigna cerca de duas centenas de termos com este pref., observando que é seguido de hífen quando se lhe junta el. começado por vogal, *h*, *r* ou *s*

136) **tera-**
■ prefixo
do SI, simbolizado por *T*, adaptação arbitrária do gr. *tetra-* 'quatro' na sua f. prefixal (ver, nas mesmas condições arbitrárias, ***peta-*** e ***exa-***), adotado na 11ª Conferência Geral de Pesos e Medidas (resolução nº 12), em 1960, equivalente a um multiplicador 10^{12}, seja, *um bilião* (de vezes a unidade indicada, p.ex., *teragrama* =

um bilião de gramas [na nomenclatura moderna da numeração, correspondente à tradicional, não recomendada, um trilião]); *teraare, terabel, terabit, terabyte, teradomelada, teragrama, teralitro, teralux, terametro/ terâmetro, terastilo*; ver ***giga-***

137) **tra-**
■ prefixo
ver ***trans-***

138) **trans-**
■ prefixo
da prep. lat. *trans* 'além de, para lá de; depois de'; na composição em lat., apresenta apenas as f. *trans-* e *tra-* (esta, antes de *d*, *l*, *m*, *n* e *i* e *u* sonânticos); na composição em port., com as f. *trans-*, *tra-*, *tras-* e *tres-*, reveste as acp. de **1)** 'situação ou ação além de': *transalpino*, *transatlântico*, *transfundir*, *transgredir* etc.; **2)** 'travessia, transposição': *transmigrar*, *transpassar*/*trapassar*/*traspassar*/*trespassar*, *transportar* etc.; **3)** 'transferência, cessão': *traduzir*, *transcrever*, *transferir*, *transplantar* etc.; **4)** 'mudança, transformação': *transfigurar*, *transformar*, *transmudar* etc.; **5)** 'negação': *transcurar*; o V.O. consigna para mais de 800 termos com este pref., extremamente prolífico, observando que se liga sempre sem hífen à palavra derivadora; em química orgânica caracteriza um estereoisômero em que os átomos, cuja posição é mutável, estão situados transversalmente a um plano de referência; p.ex., *de-trans-1cloro-2metilciclopropano*; ver ***cis-***

139) **tras-**
■ prefixo
ver ***trans-***

140) **tres-**
■ prefixo
ver ***trans-***

141) **u-**
■ prefixo
culto, introduzido por Thomas More (1478-1535) em 1516, latinizando o gr. *ou-* (do adv. de negação *ou*) para formar o voc. *utopia*; a cognação vern. inclui ainda: *ucronia*, *ucrônico*, *utópico*, *utopismo*, *utopista*, *utopístico*, *utopização*, *utopizado*, *utopizante*, *utopizar*

142) **ultra-**
■ prefixo
culto ou semiculto, da prep.adv.lat. *ultra* 'para além de, adiante de, fora de; além, mais longe'; ocorre em voc. formados no próprio lat., como *ultramontano* (lat.medv.) e *ultramundano*, e em vários outros, cunhados sobretudo a partir do sXIX (salvo *ultramar*, *ultramarino* e *ultrajar*, atestados desde o sXIII - aquele - e desde o sXVII - estes); na composição em vern., reveste as acp. de: **1)** '(para) além de': *ultra-existir*, *ultra-oceânico*, *ultrapassar*, *ultra-solar*, *ultratumular* etc.; **2)** 'extremamente, em excesso': *ultracompetente*, *ultraconfiança*, *ultrademocrático*, *ultragigantesco*, *ultraliberal*, *ultra-radical* etc.; observar que, nesta última acp., o pref. *ultra-* adquire um cunho quase popular, com certo matiz pej., quando empregado antes de adjetivos; o V.O. consigna, de *ultra-alto* a *ultrazodiacal*, para mais de duas centenas

de t. com este pref. (observando que é seguido de hífen, quando se lhe junta el. começado por vogal, *h*, *r* ou *s*); como interpositivo, *-ultra-*, o el. ocorre, p.ex., em *pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiose*; ver ***ultraj-***

143) **ve-**
■ prefixo
de orig. lat., *ve-* 'não', de que só se tem consciência metalingüística, ocorre em pal. orign. latinas, na área da linguagem culta, como *vesânia*, *vesano*, *vecorde*, *vegrande*, *vefaba* (= *vefava* 'fava pequena'); *veemente* - ver ***men(t)-*** - e *vepálido* são casos em que o pref. tem valor aum.

144) **vice-**
■ prefixo
do lat. *vice*, abl. de um subst. fem. *vix* 'vez, sucessão, alternativa', só empregado em dois outros casos do sing.: ac. e genit. (*vicem* e *vicis*), apresentando, no pl., todos os casos, à exceção do genit.; o abl. *vice*, que figurava a princípio em locuções adverbiais (*vice versa*, *mutùa vice*), tornou-se depois, no b.-lat., um verdadeiro pref.: *vicequaestor*, *vicequaestura* e *vicepraefectus*; na composição em vern., *vice-* é atestado desde o sXIV (com as f. *bis-* e *biz-*), ocorrendo ainda *viz-* e *viso-*; em geral, com a acp. de 'em lugar de, que substitui a, abaixo de': *vice-almirante*, *vice-campeão*, *vice-comandante*, *vice-diretor*, *vice-intendência*, *vice-morte*, *vice-prefeitura*, *vice-presidente*, *vice-rei*, *vice-reinar*, *vice-secretaria*, *vice-tutela*, entre outros; este el. se emprega sempre seguido de hífen; ver ***vez-***